

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

WELLINGTON ROGÉRIO DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO NA LITERATURA MAGREBINA
CONTEMPORÂNEA**

DA LITERATURA ARGELINA À LITERATURA-MUNDO

Juiz de Fora
2015

WELLINGTON ROGÉRIO DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO NA LITERATURA MAGREBINA
CONTEMPORÂNEA**

DA LITERATURA ARGELINA À LITERATURA-MUNDO

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da faculdade de letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito obtenção de título de Doutor em Letras.

Professor-Orientador: Professora Doutora Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves

Juiz de Fora
2015

RESUMO

Esta tese toma por objeto obras de três escritores argelinos de língua francesa, a saber, Kateb Yacine, Assia Djebar e Anissa Mohammedi, inseridas na literatura contemporânea do Magrebe. Esses autores percorrem o espaço da própria terra e encontram na expatriação da sua literatura o motivo de sobrevivência. Eles nos fornecem a dimensão duma nova espacialidade como fruto do *spatial turn*, e do incontornável fenômeno migratório na Argélia desde muito tempo, notadamente durante o período colonial e pós-colonial. Escrevendo atualmente na França ou noutras partes do mundo, mostram, nessa condição, possibilidades novas de inserção da literatura argelina escrita na língua deste que foi o seu antigo colono. Assim, eles se inscrevem numa inter-relação com o mundo, noção desenvolvida por Édouard Glissant pela Poética da Relação. Como rizomas, indo ao encontro do outro, trazem para a problemática segundo a qual as relações entre a literatura e a geografia se tornam essenciais para se pensar a ancoragem da literatura no espaço. Apoiamo-nos nalgumas noções desenvolvidas por alguns pensadores, dentre quais enfatizamos Édouard Glissant e Michel Collot. Por isso, considerando essas relações, concebemos a existência duma Geografia Literária como uma variante para a nossa abordagem. Como tratamos de escritores contemporâneos, dialogamos com os processos globalizadores, considerando-os como projetos e não como uma constante na vida humana, ao mesmo tempo em que espaços continuam vazios, na contingência e, por isso mesmo, cheios de encantamento. Desenvolvemos então as noções como a de espaço e espacialidade, relacionando-as às obras escolhidas, que permanecem o nosso principal objeto em relação à espacialidade magrebina: o espaço da mulher árabo-muçulmana, das línguas e da poesia, esta última responsável pela formação da literatura argelina e sua inserção numa literatura-mundo. Concluimos a nossa tese com aportes sobre as possibilidades nossos escritores nos espaços encarnados, e considerando-os como andorinhas costeiras, razões de sobrevivência do sujeito num mundo cada vez mais fragilizado e incerto.

Palavras-chave: Magrebe, Espacialidade, Geografia Literária, Pós-Colonial, Migrações.

RÉSUMÉ

Cette thèse prend pour objet des oeuvres de trois écrivains algériens de langue française, à savoir, Kateb Yacine, Assia Djebar et Anissa Mohammedi, insérées dans la littérature contemporaine au Maghreb. Ces auteurs parcourent l'espace de la propre terre et trouvent dans l'expatriation de leur littérature la raison même de survie. Ils nous fournissent la dimension d'une nouvelle spatialité comme résultat d'un *spatial turn* et de l'incontournable phénomène migratoire en Algérie depuis longtemps, notamment durant la période coloniale et post-coloniale. Écrivant actuellement en France ou ailleurs, ils démontrent dans cette condition des possibilités nouvelles d'insertion de la littérature algérienne écrite dans la langue de celui qui fut son ancien colon. Ainsi, ils s'inscrivent dans une interrelation avec le monde, notion développée par Édouard Glissant à partir d'une poétique de la Relation. En les considérant comme des rhizomes, nous avons développé la problématique selon laquelle le rapport entre la géographie et la littérature devient fondamental pour penser les rapports entre la littérature et l'espace. Nous avons cherché quelques notions étudiées par des théoriciens, dont Édouard Glissant et Michel Collot. De ce fait, considérant les rapports entre la littérature et la géographie, nous concevons l'existence d'une Géographie Littéraire comme une variable dans cette approche. Puisque il s'agit d'écrivains contemporains, le dialogue avec les processus de mondialisation devient aussi important, sachant qu'il ne s'agit pas d'un processus naturel, mais d'un projet majeur, alors que des espaces restent en friche, dans la contingence et, en l'occurrence, pleins d'échantement. Nous avons donc cherché les notions d'espace et de spatialité et ses rapports aux ouvrages sélectionnés, qui restent notre principal objet sur la spatialité maghrébine: l'espace de la femme arabomusulmane, des langues et celui de la poésie, celle-ci responsable pour la formation de la littérature algérienne et son insertion dans une littérature-monde. Pour conclure, nous proposons des apports sur les possibilités de nos écrivains dans les espaces incarnés, en les considérant comme des hirondelles de rivage, seule raison de survie du sujet dans un monde de plus en plus fragilisé et incertain.

Mots-clé: Maghreb - Spatialité – Géographie Littéraire – Post-colonial – Migrations.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1 INTRODUÇÃO: ANDORINHAS COSTEIRAS	11
2 ANTES DO TEXTO, O TEXTO: PRESSUPOSTOS PARA UMA ABORDAGEM SOBRE O ESPAÇO EM LITERATURA.	24
2.1 Do exercício de certa disciplina para a vida: por que estudar e escrever sobre literatura?.....	24
2.2 O exercício sobre o exercício do imaginário poético.....	33
2.3 Os irmãos Goncourt e a Argélia: o exercício da escrita numa outra espacialidade: um exemplo da Argélia criadora.	44
2.4 As representações do espaço na literatura: em direção a uma Geografia Literária.....	49
3 ESPAÇO, ESPACIALIDADE, (N) AÇÃO: O ESPAÇO ENCARNADO NA GESTAÇÃO E NASCIMENTO DUMA LITERATURA ARGELINA DE LÍNGUA FRANCESA.	64
3.1 Introdução : espacialização e invenção	64
3.2 Espaços encarnados.....	67
3.3 A lógica do Estado-Nação europeu segundo Benedict Anderson e a lógica do argelino migrante.	73
3.4 Por que afirmar que os “muros caem”: da criação do Ministério da Imigração ao texto de intervenção de Édouard Glissant.	91
3.5 A espacialidade argelina	97
3.6 Da língua como (uma) problemática à nova literatura.	104
3.7 Geo-história da imigração argelina na França	117
3.8 Espaço de enunciação da literatura argelina de expressão francesa.....	127
3.9 A França conquistadora, a França invasora.	134
4 TRÊS ABORDAGENS DA ESPACIALIDADE NA LITERATURA ARGELINA....	138
4.1. Abordagem geográfica. Terra tomada: nação bastarda?	138
4.1.1 Nedjma, a estrela em várias dimensões.	145
4.2 Abordagem geocrítica: das expatriações.....	153
4.2.1 Introdução.....	153
4.2.2 Da expatriação à escrita expatriada	156
4.2.3 O espaço feminino da mulher árabo-muçulmana na Argélia.	162
4.2.4. O espaço entre línguas: Literatura encarnada.....	195
4.2.5 O desaparecimento da língua francesa: o aflorar das línguas e o flerte com a França.	202
4.3. Abordagem geopoética: da Argélia para o mundo, a voz da poesia (ou do poeta?)	214
4.3.1 Introdução: Esquecer as nações é possível? Por uma literatura-mundo.....	214

4.3.2 Anissa Mohammedi: da adoção da língua à adoção do mundo.....	221
O FIM NECESSÁRIO: CONCLUSÃO	241
Anexo: Tradução do discurso de entrada de Assia Djebar na Academia Francesa.	255

APRESENTAÇÃO

Na década de 1990, num sebo de nome "Beta de Aquarius", no Catete - Rio de Janeiro - encontrei um livro, cujo nome *Dicctionnaire de littérature française contemporaine* me chamara a atenção pelos verbetes, acompanhados de suas respectivas fotografias de escritores e críticos literários, alguns dos quais eu jamais ouvira falar. A busca inicial era, naquele momento, por escritores franceses do século XX, visando descobrir algo sobre uma eventual literatura contemporânea produzida naquele país. Entretanto, nomes, tais como Jean Amrouche, Rachid Boudjedra, Léopold-Sédar Senghor, Aimé Césaire e outros que eram até então absolutamente desconhecidos causaram-me certo espanto e, com esse livro, um estranhamento, cuja força centrípeta levava o sujeito para dentro dum universo novo, pude então perceber o negro, o árabe e outros povos que escreviam em francês: havia, pode-se afirmar, uma necessidade recalcada de conhecer as bordas do mundo e o mal-estar que produz literatura. Mais tarde, viria a descobrir que me o que atraía a minha atenção eram os novos espaços de escritas, de escritores e de edições, ainda que não estivesse verdadeiramente inclinado pelas questões que dizem respeito à espacialidade e perceber, ainda sem muito conhecimento de causa, que os que permaneceram "franceses" nessa plêiade de escritores e críticos, eram os autores brancos, do Norte, enquanto os negros do Sul se cristalizariam pelo estatuto de "escritores francófonos". Além do mais, havia ali, até aquele limite de observação, os escritores árabes, pelos quais passei imanentemente, pois pensava que autores tunisianos, marroquinos e argelinos eram apenas franceses por naturalização.

Por princípio, o pensamento caminhava no melhor sentido que o termo "alteridade" poderia oferecer para então, posteriormente, estudar também as questões ligadas aos estudos pós-coloniais na Argélia, que continuam suscitando questões relevantes para os tempos atuais, dentre as quais os processos migratórios se destacam.

Desse modo, como o *Harmattan*, vento quente do Sahel, na África do Norte, algo soprava no espírito que se incomodava e que ironicamente guardou até hoje o verossímil *Dictionnaire*, publicado em 1977 por Claude Bonnefoy (1929-1979), Daniel Oster (1938 - 1999) e Tony Cartano (1944). Esse material se tornou algo emblemático para se repensar as relações, desta vez entre a França e a Argélia: o já velho e empoeirado livro teve de ser resgatado de seu estado durante a escrita deste texto, mas um novo olhar sobre ele se impõe, desta vez sob as lentes mais cuidadosas da pesquisa. Em primeiro lugar, essa enciclopédia assume o lugar de dicionário de literatura francesa contemporânea e, publicado em 1977, ou seja, 15 anos após o fim das guerras de independência da Argélia, traz uma plêiade de escritores francófonos e franceses, todos fazendo parte duma suposta "literatura francesa contemporânea". Percorrendo as suas páginas, em nenhum momento o dicionário faz referência ao espaço da edição e de leitura e não menciona qualquer contexto histórico-social, restringindo-se ao registro do lugar de nascimento desses escritores e intelectuais, desses "não franceses" amalgamados por esse livro. Ao mesmo tempo, a obra parece ter sido concebida a partir duma pesquisa séria e completa para uma enciclopédia. O título parece guardar pedaços do colonizador, e também manter o caráter de apropriação da literatura do outro, o que nos remete a algumas questões que discutiremos nesta tese, tais como: existiria de fato uma literatura argelina, pelo menos num primeiro momento de afirmação nacional? Que espaços são evocados nos textos que analisamos? Que relações entre esses espaços podem ser discutidas, tendo em vista os escritores que escolhidos para esta pesquisa, que já não escrevem - ou nunca escreveram - dentro das imaginárias fronteiras nacionais da Argélia? Haveria uma relação de guerras intermináveis, de ódio mútuo entre franceses e argelinos que se manifestariam não só pelo encontro entre essas culturas, mas pela manifestação do texto literário? Ou, ao contrário, uma intensa relação de amor, cujo desfecho final ainda parece estar longe de acontecer, pelo menos diante dos nossos olhos? Tais questões perpassam o nosso estudo, por considerarmos que estamos nos distanciando no tempo e nos aproximando dos espaços encarnados de escritores que lançam as suas apostas no extremo cuidado

que possuem em manipular, polir e dizer na língua, que a princípio pertence ao outro, aquilo que têm de si, do seu povo e do novo mundo que se configura e entra em cena.

Trazer, portanto, ao conhecimento, essa nova plêiade de escritores, transtorna de certo modo a nossa compreensão sobre o fenômeno literário pós-colonial em língua francesa e, à luz de Kateb Yacine, enxergamos a língua francesa como um botim de guerra, como algo que se leva para si apesar das dores das tantas guerras, sejam elas civis, internacionais ou existenciais a que nos expomos a cada dia. Ao mesmo tempo, como leitores de Kateb Yacine, Assia Djebar e Anissa Mohammedi, poderemos perceber que somente a invasão dos espaços e a violência dos textos podem mostrar as representações do espaço na literatura produzida na Argélia, considerando a espacialidade existente dentro do próprio processo geo-histórico, na escrita, certamente, e até mesmo a espacialização das edições.

Esta tese, poderíamos então dizer, é fruto dum percurso, a um só tempo, prazeroso e árido. O prazer aqui é da ordem do próprio texto, que encontra o seu leitor e vice-versa e do amor à língua que se concretiza pela análise e crítica literárias; a aridez é fruto da dor que sentimos ao decidir traduzir a todo tempo, para lá e para cá, culturas de modo pendular, para conceber as relações entre a literatura e o espaço na África do Norte. Há ainda que se pensar nos desencontros entre o mundo islâmico e o assumidamente laico, a França, entre o Oriental e o Ocidental, pelo viés da leitura literária e sua pesquisa, sem a intenção de repetir a velha estratégia sobre a qual ainda reina o jogo de forças entre culturas.

Esperamos, com isso, que este estudo tenha dado conta do cuidado necessário para o cultivo desses "terrenos", por vezes pouco irrigados pela crítica, o que se realizou a cada escolha teórica para o debate com as obras escolhidas. Assim procedendo, superaremos talvez uma a cultura literária para tomarmos frente a um trabalho de jardinagem literária para que a literatura floresça, organicamente.

Quando transitamos pela língua e a cultura francesas e por uma literatura produzida no Magrebe, temos de levar em conta a necessidade de certo abandono do "eu": frequentar o espaço francês é também confrontar-se com argumentos

que muitas vezes vão de encontro ao que acreditamos serem os problemas vividos pela Argélia colonial e pós-colonial. Além disso, há o perigo que corremos ao estudarmos escritores não muito conhecidos por uma parte dos leitores brasileiros e, aliás, por uma considerável parcela de franceses. Necessário nos foi então controlar as influências exógenas provenientes das relações históricas entre o Brasil e a França e do imaginário do brasileiro em relação a esse país, evitando atitudes políticas e culturais que reforçam a visão do colono, o que criaria uma espécie de “Orientalismo de segunda mão”. Foi preciso, na medida do possível, evitar “falar” no lugar desse sujeito pós-colonial, mas permitir que a própria literatura assumisse esse lugar, guardando assim a distância necessária para uma pesquisa acadêmica que contemple dois lados duma mesma problemática: o nascimento duma literatura, cujo caráter é construído a partir da especificidade de certo povo e de certa cultura que se insere num determinado lugar, a partir duma língua herdada dum outro povo, duma outra cultura e dum outro lugar. O método, no entanto, não é simples, nem tampouco confortável, já que a abordagem do Oriente Islâmico deve levar em conta os anos gastos na construção dum discurso e dum imaginário orientais pela relação de poder exercida pela Europa sobre a cultura oriental. Por isso, foi também preciso despir-se do imaginário inocente que nos é dado sobre certo Oriente, como única saída para que a visão se ampliasse na mesma medida do movimento de inclinação sobre as obras selecionadas e as teorias que investigadas. Nesses aspectos, surgiu a opção de desenvolver uma parte do trabalho por um viés teórico-crítico como pressupostos para compreendermos os fenômenos colonial e pós-colonial, as bases da formação do argelino e seu engajamento no século XX, para que a literatura pudesse entrar em cena mediante conceitos e noções fundamentais, sem os quais não seria possível uma análise mais contundente. Por isso, este trabalho traz, ao mesmo tempo, uma pesquisa crítica, geo-histórica e literária.

O terreno é um pouco movediço. Mas ele nos motiva a trazer contribuições que consideramos importantes para se discutir literatura em tempos tão incertos e, estranhamente, tão motivadores, pois o mundo, incondicionalmente, parece se voltar para os seus quatro cantos.

Estamos no calor da hora: a mídia parece nos transformar em reféns de tantos acontecimentos, com a fabricação de inimigos, com tentativas de estabelecimentos dum novo regime de terror pela fórmula do próprio terrorismo e pela retórica artificialmente construída da existência de regimes sectários, fundamentalistas e intolerantes. Parece que retornamos, sem perceber, a uma nova prática medieval de manutenção dum mundo, desta vez, supostamente globalizado, pois a intolerância parece se tornar cada vez mais algo que se julga por poucas mentes: poderes vestidos de bondade, paz e justiça social, como o são as potências políticas, econômicas e religiosas, que se unem no utópico jogo de globalização da humanidade. Por isso veremos que a literatura magrebina, que também se volta para o mundo, ainda possui a espada que fere alguma tentativa de massificação da vida, dentro dessa nova dança que chamamos de espacialidade.

1 INTRODUÇÃO: ANDORINHAS COSTEIRAS

L'hirondelle de rivage, plus sédentaire, s'arrête souvent aux lieux où ele a goûté les plaisirs de l'amour, et s'atroupe l'hiver avec sa famille et les oiseaux de son espèce, dans les carrières et des trous profonds, où ele demeure engourdie à la manière de plusieurs animaux. ¹ (CASTEL, 1843, p. 139)

Esta não é uma tese sobre a literatura francesa, nem tampouco sobre o que chamamos de literaturas francófonas ou sobre certa francofonia, pelo menos nos seus enfraquecidos sentidos que serão, esperamos, ultrapassados, para oferecer novas molduras fora dos limites da esfera política e quaisquer outras centralizadoras embora, no escopo desta pesquisa, contemplemos escritores cuja língua de expressão literária é o francês. O nosso trabalho permeia as relações entre a literatura e a espacialidade pelo viés da geografia literária sem, no entanto, abandonar o vetor histórico, que não se constitui exatamente por uma história literária, mas pelo que chamaremos de geo-história. O escopo deste estudo encontra, portanto, na literatura escrita em francês no Magrebe, uma via que levou-nos a acreditar numa escrita que se faz mundo e que o refaz pela poética e pelo franquear dos espaços regidos pela lógica das velhas nações.

Tais razões nos levaram a caminhar pelos sentidos que necessitaram primeiramente da observação da realidade socioespacial e geo-histórica para que, em seguida, pudéssemos retornar ao nosso principal objeto de pesquisa, a literatura, buscando pensar alguns pontos que nos fizeram acreditar nas possibilidades e limites que apontam para o seu futuro e o seu diálogo com o mundo. A Argélia é, nesse sentido, guardando as proporções que lhe são próprias, um conjunto de povos que nos ensinaram a perceber como a capacidade de afirmação duma comunidade linguístico-cultural, pela via literária, pôde ser reconstruída a partir dum implante linguístico e obrigada,

¹ Proposta de tradução: A andorinha costeira, mais sedentária, pousa frequentemente nos lugares em que ela saboreou os prazeres do amor, e se junta no inverno com a sua família e os pássaros de sua espécie, nas pedreiras e nos buracos profundos, onde ela permanece entorpecida, à maneira de vários animais.

posteriormente, a se expatriar, para que o diálogo com o mundo resguardasse a sua relevância. Caso contrário, a literatura argelina teria sido enfeudada numa lógica nacional tardia, correndo o risco de desaparecimento, já que veio à existência pela língua francesa, que por sua vez é uma língua incerta no Magrebe. Nesse sentido, a literatura argelina é uma metonímia das transformações espaciais no século XX.

Para que esse percurso não se transformasse num “trabalho de sísifo”, cujo périplo nos teria levado à deriva, tivemos de acreditar na sinapse que buscou ligar os pontos de que não prescindimos para darmos forma à nossa investigação, a saber, uma reflexão sobre o próprio trabalho de pesquisa, algumas noções sócio-históricas, geopolíticas e, como já dissemos, geo-históricas, para as quais se voltam a espacialidade na literatura. Essas considerações funcionaram como uma primeira parte da problemática que buscamos desenvolver. Em seguida, a análise das obras escolhidas funcionou como mecanismo de confirmação dos nossos pressupostos. Consideramos essa uma maneira de perceber o quanto as questões em torno dos fenômenos coloniais e pós-coloniais são complexas no espaço argelino, cujos reflexos ainda permanecem latentes na sociedade francesa até os dias atuais.

Após certo período de digestão dessas leituras, um fator que nos interpelou foi descobrir que era possível teorizar sobre a análise de obras produzidas em francês, sem necessariamente a obrigação de nos inclinarmos sobre a literatura francesa, e por isso iniciamos este trabalho com uma negação, apesar das classificações por vezes confusas em torno da existência duma literatura argelina, até mesmo pelo diálogo que os escritores mantêm com a França. Aliás, percebemos que não necessitamos do impasse por meio do qual permaneceríamos numa matriz única, já que o texto literário em francês possui doravante lugares outros donde emana a palavra, e isso independe até mesmo da língua materna do escritor. Noutra momento, ele é elaborado por línguas: perceberemos que o trabalho sobre a escrita é, para alguns escritores, um recurso à memória e, portanto, a uma pluralidade linguística sem a qual ele não poderia escrever. De qualquer maneira, a língua não é mais uma referência necessariamente vernácula, mas uma decisão do autor: alguns autores se servem de determinada língua porque nela foram modificados culturalmente, e outros porque aprenderam a pensar e a repensar o

mundo por razões subjetivas que somente a obra poderá revelar. Portanto, a língua não é mais o símbolo duma nação, mas um veículo que transporta o imaginário à palavra. Esse processo de pesquisa é esclarecido pelas teorias que percorrem esta tese, fazendo com que isso se torne necessário a todas as culturas do mundo, o que recai muito bem sobre o que chamamos de Estudos Literários. Faltava, por fim, o conhecimento da existência da geografia literária, ou pelo menos da abordagem espacial para o estudo da literatura, já que só conhecíamos, até então, a sua história e crítica. Tudo se alinhou para que um pedaço desses corpos e mentes que produzem literatura pudesse então ser visto mais de perto.

Esta é, portanto, uma tese sobre andorinhas. Tratando de espaços, as andorinhas costeiras nos inspiram a pensar, nos dias atuais, o caráter migrante dos povos que criam movimentos que superam quaisquer tentativas de soberania, de lutas de poderes, de argumentos nacionalistas e identitários, por mais que se tente erigir muros invisíveis, já que muitos outros de concreto ruíram desde o início dos anos 1990 com a real, simbólica e emblemática queda do muro de Berlim.

Andorinhas costeiras. Para nós, a metáfora encontra os escritores que buscam abrigo onde possam se aquecer das frias ondas de integrismo nos seus países de origem, assim como os povos migram cada vez mais diante do drama que vivem na atualidade. Esses pássaros de dorso acinzentado, de ventre branco, são por excelência uma mistura sem coloridos, que embelezam por sua capacidade migrante, que procuram o calor entre os dois lados do Mediterrâneo e é uma espécie colonial. Obviamente, essa condição não existe por um jogo de força entre elas, mas por viverem em colônias, sem as quais elas não teriam o sentido de viver. Quando esses pássaros migrantes acostam dos dois lados desse mar, encontram pouso em lugares fixos, em terras que se olham. A transumância aqui é uma consequência, quando pensamos no destino esfolado até as vísceras, dos inúmeros argelinos que viveram as terríveis guerras para obterem o estatuto de homens e mulheres livres.

Ao percorrer pelo viés da sua escrita poética o Mar do Caribe, Glissant insiste: “Eu sempre digo que o mar do Caribe se diferencia do Mediterrâneo à

medida que aquele é um mar aberto, um mar que difrata, ao passo que o Mediterrâneo é um mar que concentra”.² (GLISSANT, 1996, p. 14).

Para observar com cuidado o caráter migrante desses escritores que parecem tentar reconstruir os traumas vividos pelo drama do passado colonial por meio da literatura, superar as dores das guerras de libertação da Argélia e do integrista ainda reinante naquele país, foi preciso buscar refúgio na terra daquele que foi o seu último colono. Em seguida, a expatriação dos escritores e de suas escritas permitiram por fim o reencontro com o todo no mundo sem, obviamente, quaisquer pretensões de experiência com o absoluto, mas, ao contrário, catando os pedaços de vida que ainda restam no planeta. Apesar do jogo de forças argumentativas entre a França e a Argélia, acreditamos que é pela literatura que muitas questões são esclarecidas, e o imaginário do escritor não se limita a construir a beleza dos seus textos, pois é uma espécie de estética permeada de conhecimento, mais contundente do que as próprias narrativas de guerras ideológicas entre velhas e novas nações, entre povos que parecem não se compreender. Eles se confrontam com novos espaços, encarnando-os, e essa encarnação não ocorre sem conflitos. Assim, não poderíamos agredir os espaços em que as suas escritas encarnam, nem tampouco os seus sujeitos. Partindo dessa ética humana, que pretendemos praticar em tempos globais, globalizados e, sobremaneira, globalizantes, percebemos que a França, para além do processo colonial, parece ter aberto novas fendas para a criação doutros lugares de enunciação do texto literário. E então afirmamos que essa criação se torna adulta, e como se espera dos filhos da colonização, ela se torna também independente e tenta, hoje, percorrer o mundo. Essa corrida não se alinha necessariamente ao espaço editorial, pois ainda possuímos colônias editoriais. Mas a elaboração o faz por si, pela própria literatura. Ou seja, a cultura francesa parece ter estabelecido antes uma relação de afetos entre alguns povos, o que se constitui dentro dum paradoxo, durante e posteriormente às guerras de descolonização. Todo esse processo de difícil análise parece proporcionar novas apostas à criação literária dos

² Je dis toujours que la mer Caraïbe se différencie de la Méditerranée en ceci que c'est une mer ouverte, une mer qui diffracte, là où la Méditerranée est une mer qui concentre.

escritores argelinos que enxergam os efeitos da dominação francesa e a afeição pela língua da qual agora se tornam sujeitos e agentes. Por isso mesmo, percorreremos um caminho que, buscando as representações do espaço na literatura magrebina contemporânea, levar-nos-á, esperamos, à crença na existência duma literatura argelina de expressão em língua francesa, que parte da própria terra e se expatria, ganhando o mundo, tornando-se, com isso, uma literatura-mundo. Essa mesma língua, uma vez recriada, não ausente de confrontos - no mais excelente sentido que esse termo possa nos oferecer - cunha a letra, inscreve uma literatura e ameniza as dores da guerra, dos massacres, das perdas e dos fracassos. Além do mais, a nossa abordagem deve colocar em relevo as questões espaciais inerentes a esse processo, já que ela não funcionaria fora da espacialidade. Por isso, esse lugar que renasce, a Argélia, apropria-se da sua herança, traduzindo dores e alegrias, vitórias e derrotas, em direção a uma literatura que tanto poderia interessar ao mundo por sua permanência, insistência, certo engajamento e riqueza histórico-espacial e estético-literária. É bem evidente que todas essas questões e entre o nosso imaginário de leitor, o que resulta na nossa missão enquanto pesquisadores.

Com isso, longe de querer se limitar a um estudo historiográfico ou, por outro lado, escrever um atlas da literatura argelina contemporânea, este estudo considera a necessidade de análise de saberes que, como veremos, são inerentes ao próprio fenômeno literário quando visto a partir duma perspectiva espacial, que ao mesmo tempo não abandona a abordagem interdisciplinar, mas, ao contrário, convoca-a, para que sejam enriquecidos os saberes que circundam essas escritas e esses escritores. Revisitamos, portanto, o passado colonial e pós-colonial, buscando transpor uma barreira cuja lógica, ainda binária, cria tensões que tendem a certo maniqueísmo. Todavia, isso não nos impediu de acrescentar elementos políticos na nossa análise, sempre a partir duma visão ética para que pudéssemos chegar ao estético.

Essa língua, veiculada por seus escritores, passará a ser arma de guerra ideológica, um desejo de liberdade possível e um veículo para a entrada na modernidade e, conseqüentemente, de diálogo com o Ocidente. Esse diálogo se tornou necessário, já que o próprio Ocidente os ensinou a contemplar um mundo moderno. Desse processo,

surgirá uma literatura cuja contemporaneidade será um vetor que apontará para a nossa própria instabilidade enquanto sujeitos lançados no mundo globalizado. O argelino, portanto, recria e nutre esses novos espaços que lhe fornecem condições de pensar e repensar a própria história. A língua de Molière se torna então a língua do “eu” argelino ao atravessar o Mediterrâneo, para ganhar novos contornos que apresentam uma espacialidade que supera a imposição colonial. Sobre os sujeitos, atores nesse processo, interessamo-nos menos pelos problemas de assimilação cultural do que pela recriação, pela nova espacialização que é dada à língua, entendendo esta como germe que se disseminou nos espaços ultramarinos. Ao mesmo tempo, esse novo sujeito, falante e, sobretudo, escritor nessa língua que consideramos com novas roupagens, permanecem até certa medida estrangeiro diante da antiga metrópole, ou, ainda, do mundo que cerca e que o cerca. Do lado do ancestral linguístico, o antigo colono, veremos o movimento em que estiveram ou estão presentes os atos de colonizar e de rejeitar o ex-colonizado, de integrá-lo em sua cultura por meio da literatura e de hostilizá-lo por seus hábitos religiosos e, sobretudo, culturais, tradicionais. Nesses aspectos, o sujeito pós-colonial argelino é, na mesma medida, repulsivo e atraente.

Na urdidura dos textos dos romances e da poesia que analisamos, percebemos o espaço como uma categoria - colocada à prova ou sonhada pelos personagens, passando por uma análise que destaca o espaçamento do texto poético e a visão do poeta dum espaço-mundo cada vez mais incerto e vulnerável, destacando o que ainda resta dessa nova dinâmica.

Longe de quaisquer tentativas de singularidade, propomos, num trabalho que seguiu o caminho da análise literária aliada à sua dimensão espacial, um estudo que traz para a discussão o caráter impuro dum povo que se fez nação em plena crise dos valores espaciais tradicionais, que transgrediu a ordem do colono desde os primeiros escritores e que adotaram essa língua madrasta como língua de expressão literária. Por isso, encontramos em Glissant (2010) uma nova maneira de ver o país, não mais como um corredor por onde passa a economia local e mundial, a política e o político como gestores da vida humana, mas como uma poética. Felizmente, é por meio dos espaços que se pleiteia uma poética da relação e da diversidade, dentro da qual

todos nós faríamos parte, não por artifícios duma retórica, mas pela criação de novos e possíveis discursos. Em face disso, acreditamos que a Argélia é tornada uma região de domínio estrangeiro e um território nascido do imaginário nacional tardio em pleno século XX e, por isso mesmo, produziu tantos escritores em tão pouco tempo. Além das tentativas de libertação do domínio colonial, esse país ainda passou por um processo de arabização, ou seja, de integrismo, na década de 1990, fazendo com que forças internas tentassem retroceder o botim ganho pela nova configuração linguística que fez nascer uma nova literatura. Graças ao processo de expatriação, como veremos, a língua fugiu com o seu escritor, fazendo nascer, de fora das terras, uma literatura ainda mais amadurecida esteticamente. Ao mesmo tempo, essa língua tomada e recriada não deixa de trazer de volta as guerras banhadas de sangue e o mundo simbólico dum povo *a priori* distante da modernidade ocidental. Aliás, as guerras e batalhas na Argélia foram as mais trágicas de todo o período colonial francês. Por isso mesmo, tivemos de acreditar que a espacialidade, enquanto construção desse espaço, deve ser pensada levando primeiramente em conta o processo histórico do domínio colonial, o território e a tentativa de regionalização e as lutas de resistência externas e internas. Tivemos, portanto, de considerar as questões geo-históricas e, de maneira mais leve, geopolíticas, a fim de esclarecer algumas estratégias que de certo modo ajudaram a construir a Argélia contemporânea. O espaço ganha forma textual e, por tais razões, colocamos a geografia à disposição da literatura, não necessariamente a geografia como ciência em sua integralidade, limitando um objeto ao outro, mas concebendo um método de análise que levou em conta a epistemologia necessária ao estudo do que chamaremos de Geografia Literária (COLLOT, 2014). Por essa perspectiva, foi possível realizar a ideia do espaço textual-geográfico em que situamos a nossa pesquisa, a espacialidade como construção desse espaço, chegando à abordagem geocrítica e geopoética, neologismos que nos levaram a perceber a espacialidade que ainda brota e floresce no mundo pelo romance, que se torna um gênero conturbado, e também pela poesia.

Ao trilharmos novamente os caminhos do colonial e do pós-colonial, conceitos já tão trabalhados na academia e, ao mesmo tempo objetos de desejo dalguns de nós pesquisadores, buscamos promover um diálogo que trouxesse uma nova

perspectiva e um novo olhar. Essa preocupação, obviamente, estaria na tensão em não pretender repetir formas já instituídas, sabendo que também talvez não seja mais possível criar algo inédito sobre o referido tema. No entanto, ainda apostamos que a ausência desse inédito possa nos conduzir a um olhar renovador, uma vez que os processos colonial e pós-colonial correm em nossas veias, fazem-nos senti-los na condição de atores, pois tivemos durante esta pesquisa a estranha sensação que deles parecemos nunca ter saído. Nesses aspectos, levantamos questionamentos que estão diretamente ligados às produções do século XX e do atual contexto. Essa escolha se dá por considerarmos que as atuais produções, contra uma literatura autotélica, dialogam com contornos que melhor expõem conceitos que consideramos rigorosos metodológica e epistemologicamente, uma vez que revisitam esse passado, o tempo das guerras de libertação da Argélia e ainda atravessam o período de integrismo e de lutas intestinas, sempre levando em conta os aspectos espaciais, ou seja, geográficos, de conquistas, para a produção duma nova literatura que se impõe.

No inevitável diálogo com a França, pudemos então perceber certa inversão na chamada “esfera de influência”, na relação entre a França e o Magrebe, anos após o fim das guerras pela descolonização, tendo em vista os movimentos migratórios após 1960, que por sua vez foram impulsionados a partir dos acordos bilaterais entre o Magrebe e países da Europa. Isso revelará no romance e na poesia que analisamos o caráter fragmentário do Magrebino, um deslocado por excelência, pelas tentativas de aculturação pelo processo colonizador e por uma literatura ainda jovem, nascida justamente em tempos de crise das fronteiras nacionais. Esses textos literários, atravessando praticamente toda a história da literatura argelina a partir da segunda metade do século XX até o período atual, concedem-nos, por meio duma trama histórica e política, o ciclo de tendências e de evoluções, inscrevendo-se num novo espaço geográfico-cultural de criação literária. Pela via poética, poderemos sentir tanto os traumas dos processos passados quanto a espacialização duma Argélia em constante devir. A via poética seria ainda a única capaz de permitir o exame da Argélia enquanto espaço em mutação, muitas vezes no jogo de construções e de destruições, e ainda enquanto uma invenção do Ocidente, ou uma invenção francesa. De qualquer modo, ao

manifestar-se por sua literatura, a Argélia passa também a ser uma construtora de si própria, sem limites em se desnudar, pela poética, todos os conflitos que a constituem. Tudo isso apesar do perverso processo de globalização, fenômeno pelo qual somos todos, inevitavelmente, atravessados.

Para um estudo que pretende estabelecer bases teóricas sólidas, ao mesmo tempo em que reconhece a necessidade da crítica pertinente à leitura das produções dos escritores, considerando ainda o caráter a um só tempo resistente e aberto a discussões, enxergamos a inevitabilidade de valorizar sobremaneira o debate teórico-metodológico com base numa Geografia Literária, termo utilizado por Michel Collot (2014), capaz de dar conta duma epistemologia dos estudos que relacionam a literatura ao espaço. Buscamos ainda, nesse percurso, certa “liberdade de expressão”, contra uma censura que nos invade e nos faz vítimas do passado escolar ocidentalizante, embora com ele estejamos sempre em diálogo, pois é ele que, de certa maneira, constitui nosso pensamento.

Assim, esse duo - colonial e pós-colonial - fez-nos ver de modo real e concreto esse outro, pelo imaginário e, portanto, pelo mundo abstraído dos escritores que habitamos durante as leituras, que não se fazem necessariamente vítimas do processo colonial, mas são ainda, de qualquer maneira, mal compreendidos, pois são um complexo e um mosaico ou, muitas vezes, um afresco.

O argelino que agora parecemos conhecer melhor é então esse deslocado, expatriado, diaspórico e estrangeiro, dentro e fora de casa. Do outro lado do Mediterrâneo, a França, não necessariamente vilã, parece ainda tentar superar o mal-estar que se segue ao processo de descolonização, sobretudo na relação com a Argélia que, das três comunidades do chamado pequeno Magrebe, parece ser a mais profícua em produção de escritores francófonos, o que consideramos não ser um mero acaso, mas uma consequência. Felizmente, encontramos muitos abrigos, na busca de saída para expressar essas questões.

Aproximando o texto literário das noções de espaço, buscamos fugir das aplicações afetuosas, obsessivas e obstinadas da geografia ao texto literário, o que o transformaria em objeto de estudo subserviente a uma disciplina que lhe é

particularmente estranha. Por isso, apostamos em reflexões sobre as razões que nos fizeram acreditar na necessidade de investigar o fenômeno literário na Argélia, lançando mão de ferramentas teóricas para uma abordagem do espaço nas obras escolhidas.

Este trabalho possui uma divisão em três capítulos. Ao longo do primeiro capítulo, veremos, por exemplo, que o labor sobre a escrita sobrevive à massificação dos paradigmas em que reina o excesso de informação. Consideramos que essa abordagem nos servirá de moldura para demonstrar a atitude do pesquisador diante da escolha do referencial teórico. Exploramos o campo epistemológico das relações entre o texto literário e as teorias pertinentes ao nosso estudo, incluindo a defesa duma geocrítica e duma geopoética (WESTPHAL, 2005). Em seguida, trataremos dos pressupostos que nos levaram a abordar o espaço em literatura, trazendo para a discussão os diálogos entre a nossa escolha e os pensadores que consideramos mais pungentes para que se estabeleçam tais relações. Apresentamos também a importância de retornar ao nosso objeto, destacando o imaginário poético, questão já bem discutida, mas que encontra em Édouard Glissant (1996; 2010) elementos que contribuem fortemente para o campo dos nossos estudos. Por fim, apresentamos o que seria da ordem das representações do espaço na literatura destacando os estudos de Michel Collot.

No segundo capítulo, dedicamo-nos a pensar o espaço e a espacialidade para conceber a ideia do nascimento da literatura argelina em língua francesa. Neste capítulo, buscamos refletir sobre a espacialização a partir dum recorte brasileiro, partindo da obra de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), o Nordeste, uma vez que ele nos leva a um pensamento vindo “de dentro”, pensando no leitor que, por vezes, acaba por se sentir distante das realidades norte-africana e magrebina, sobretudo em tempos de produção de sentidos mal intencionados pela mídia. É nesse sentido que caminhamos para pensar a lógica da criação dos Estados-Nação europeus, revisitando o texto de Benedict Anderson (2008), já que ela será perseguida até o fim do nosso estudo. Ao mesmo tempo, esses “muros” que cercam a soberania das nações até os dias atuais estabelecem fronteiras cada vez mais frágeis, pelo caráter migrante do sujeito na atualidade, enquanto outros muros são erguidos para estabelecer o controle

das massas, pois os diálogos se tornam cada vez menos locais. Dentro desses aspectos, estudamos a espacialidade argelina, estabelecendo uma relação com a problemática linguística, que será o gatilho para que se compreenda a peculiaridade duma língua herdada do colono, transformada pelo imaginário poético dos escritores, que caminham desde o início da criação da literatura argelina para o diálogo com o mundo. Nesses aspectos, não pudemos deixar de trazer o problema da imigração argelina na França, o engajamento do homem magrebino que se (re) constrói politicamente do espaço do outro (STORA, 2009), ao mesmo tempo em que escritores começam a escrever a partir da necessidade de urgência para que, posteriormente, amadureçam a forma, fazendo nascer uma estética literária que lhe é peculiar (GAFÄITI, 2005). Consideramos, portanto, a necessidade de revisitação da história da colonização na Argélia no século XIX. Pretendemos, no entanto, apropriarmo-nos de estudos críticos, embora não excessivamente lineares, dos fatos e traumas que dizem respeito à Argélia, por considerarmos que as guerras ideológicas, mais do que o processo colonizador, são uma constante entre a Argélia e a França, o que demanda um intenso diálogo entre passado e presente. Tentando ir mais além, consideramos juntamente com Glissant que as colônias nunca morreram. Aliás, elas estão cada vez mais presentes nas multinacionais que escravizam não só o sujeito trabalhador, mas todo consumidor atraído pela sedução do produto, compreendendo-os aqui como os que nos escondem do imaginário poético, que é vida, pelo que comemos, vestimos e usufruímos para o lazer: a federação do futebol, como multinacional do esporte, as indústrias alimentícias como as multinacionais da falsa saúde e, portanto, da vida falsificada, as religiões globalizadas como as multinacionais da fé e da esperança e as multinacionais da formação e da informação, que extorquem o pensamento e a diversidade da opinião e do conhecimento individual.

No terceiro e último capítulo, propomos uma análise das obras selecionadas para a tese, pelo diálogo com textos teóricos que apontem para as noções de espaço e espacialidade em Kateb Yacine, Assia Djebar e Anissa Mohammedi. Trabalhamos com as noções que priorizam a abordagem geográfica, geocrítica e geopoética, por meio das obras desses três escritores que apontam para essas noções

como signos de evolução da literatura nascida na Argélia e por fim levada, por seu último caráter transgressor, a uma literatura-mundo.

Em anexo, optamos por traduzir o discurso de Assia Djébar na ocasião da sua entrada na Academia Francesa. Essa escolha se deu, primeiramente, pelo acesso que o leitor terá a esse discurso em língua portuguesa, já que o texto da autora nos auxilia a refletir sobre algumas questões pinceladas nesta tese, como a tragédia transformada em literatura, na Argélia, a função da língua do outro na escrita literária do argelino, dentre outras. Além disso, esse texto apresenta alguns aspectos que abordamos no capítulo dedicado à escritora. Com isso, o trabalho de tradução se alia ao trabalho crítico, buscando a divulgação de textos por vezes desconhecidos pela comunidade lusófona.

De modo geral, discutimos teorias que consideramos pertinentes, a partir de textos de teóricos, críticos literários, historiadores, ouvindo as vozes ocidentais e orientais para que o debate teórico-metodológico passe pelo rigor necessário a uma pesquisa que já não encontra potência sem o trânsito entre disciplinas, entre campos do saber que dialogam entre si. Pretendemos com isso pensar o imaginário dessas andorinhas costeiras, que habitam e encarnam espaços múltiplos, que adentram novos lugares e, por isso mesmo, que evocam a necessidade do ser-no-mundo, ou ainda, da necessidade do “sendo”, como veremos a partir da discussão do texto glissantiano.

Vale ressaltar que os textos dos autores foram lidos em francês, de modo que as traduções de todos os fragmentos citados são de nossa inteira responsabilidade. Da mesma maneira, uma modesta parte dos teóricos e críticos que utilizamos traz à baila autores magrebinos e franceses que se lançaram em abordagens pertinentes sobre o fenômeno colonial e pós-colonial, e foram igualmente por nós traduzidos. Quanto aos pensadores magrebinos, consideramos que essa era uma meta a cumprir, já que o olhar de dentro é tão importante quanto o nosso, que contempla, um pouco de fora, este lugar.

Esperamos com isso ter dado conta de desenvolver uma pesquisa, cujo objeto se move de lugar em lugar, e encontra o mundo que se torna, doravante, obra poética ou, ainda, obra de recriação do pensamento do homem da atualidade.

2 ANTES DO TEXTO, O TEXTO: PRESSUPOSTOS PARA UMA ABORDAGEM SOBRE O ESPAÇO EM LITERATURA.

Aurais-je le temps d'écrire et de pleurer, Aurais-je la vie de l'âme et le temps de créer, Aurais-je encore la force d'agir et de donner ?³

(Jean Amrouche, *Angoisse de la Jeunesse*)

[...] ainda é preciso, entre nós, uma nova exploração: a miscigenação entre o poético e a teoria, entre o poético e a crítica, entre o poético e o filosófico.

(Alberto Pucheu)

2.1 Do exercício de certa disciplina para a vida: por que estudar e escrever sobre literatura?

Há que se pensar, para iniciar uma tentativa de escrita, explicar que a escolha do referencial literário que aqui apresentamos é fruto do trabalho de leitura, de leitores. Primeiramente, num sítio qualquer da Internet, encontramos o seguinte poema: Há olhos/ que não choram/ e olhares/ que não enganam/ Há histórias/ que não se contam/ e memórias/ que não se esquecem/ Há palavras/ que não falam/ e males/ que não se calam/ e depois há eu/ que não compreendo.⁴ A Internet com seus infinitos espaços-rede e, portanto, diferentes dos espaços habitados do texto, possui terrenos baldios para muitos de nós, espaços ignorados e, por isso mesmo, inabitados, e ainda lugares perigosos, desconhecidos, que muitas vezes se limitam ao virtual e por isso mesmo permanecem efêmeros. Tivemos, no entanto, a chance de nos emocionarmos,

³ Proposta de tradução: Teria eu o tempo de escrever e de chorar,/ Teria eu a vida da alma e o tempo de criar,/ Teria eu ainda a força de agir e de doar?

⁴ Il y a des yeux/ qui ne pleurent pas/ et des regards/ qui ne trompent pas/ Il y a des histoires/ qui ne se racontent pas/ et des mémoires/ qui n'oublient pas/ Il y a des mots/ qui ne parlent pas/ Et des maux/ qui ne se taisent pas/ Et puis il y a moi/ qui ne comprends pas...

não sem uma grande dose de espanto, e por essa razão, de desejarmos, nesse início do processo, a poetisa Anissa Mohammédi, ou ainda, a sua poesia, a primeira da escolha pouco ortodoxa dentro do conjunto de escritores magrebinos contemporâneos, já que tratamos duma poetisa, até o momento, pouco ou, nalguns contextos espaciais, de modo algum conhecida. O desejo aqui não recai sobre o texto isoladamente, mas por sua espacialização, desde a página, passando pela palavra e atingindo os olhos da alma do leitor, misturando-se com a vida. Neste contexto, até a Internet se fez vida, ou pelo menos apontou para ela. Felizmente, embora não compreendamos tudo, alguns, como Deleuze, ainda em sua voraz carta (DELEUZE, 1992, p. 17), ajuda-nos a pensar a escolha do “livro”, assumi-la e sustentar a sua viabilidade quando afirma que

Um livro é uma pequena engrenagem numa maquinaria exterior muito mais complexa. Escrever é um fluxo entre outros, sem nenhum privilégio em relação aos demais, e que entra em relações de corrente, de redemoinho com outros fluxos, fluxos de merda, de esperma, de fala, de ação, de erotismo, de dinheiro, de política, etc.

Eis aqui a primeira razão para sustentar a ideia da perenidade do texto literário, pois o encontramos fora das páginas tradicionais, adquiridas, investidas nas estantes das bibliotecas. Nessas máquinas de engrenagem, felizmente, podemos sentir fluxos. E quanto mais fluxos, mais circulação, mais refluxo, mais disciplinas, mais indisciplina, enfim, mais vida, pois é nela que se recria. Não se trata, portanto, da vã tentativa de mostrar a insurgência do novo que se buscou exaustivamente nos escritores, mas do velho que se faz ainda novo em seus textos, justamente porque estes permanecem. Tampouco se pensou em desnudar os textos e a poesia de que agora fazemos parte, trabalho impossível, pois os escritores que escolhemos permanecem um devir, cujo movimento está no fluxo da própria palavra. Inclusive, o nosso primeiro olhar sobrevoa diretamente a poesia que analisamos onde, no primeiro conjunto de poemas, "Em nome da minha palavra" (*Ao nom. de má parole*), (2003) Mohammédi afirma: “Quando o meu verbo/não suportar mais/ o orgasmo extremo/ meus olhos dirão/

sem permissão/ o não de minha palavra" ⁵. Essa palavra é para o poeta uma intriga, uma trama que se tece a partir duma língua adotada, e enfrenta uma tradição e uma tentativa de hegemonia de séculos. Se não pesquisamos literatura francesa, não é porque ela tenha perdido a sua potência face aos novos escritores, mas a estrutura que a alimenta, que muitas vezes se torna uma política perversa pode ser questionada, como veremos pelo pensamento glissantiano, e colocada à prova, diante do surgimento de novas urdiduras que, no fim das contas, implodem dentro do próprio sistema, ou seja, são indisciplinadas ou transgressoras, e sobrevoam os quatro cantos da terra, anunciando que a poética tem abandonado as velhas nações, pois, mais do que nunca, a tentativa de manutenção de sua soberania exclui, constrói muros ideológicos e mantém o forte nas suas fortalezas e o fraco nos seus burgos modernizados, contemplando as maravilhas operadas pela dita “era digital”. Por isso afirmamos que os nossos novos escritores e poetas parecem cuidar e remodelar essa estrutura, recriando-a, considerando as inferências sobre a escrita como um ato de violência, pois nos trazem sob o seu registro, que está longe de ser a sua língua materna aprisionada na matriz do colono, um polimento, uma nova instalação dentro duma velha estrutura. Assim, essa indisciplina, como exercício duma nova disciplina, é o botim de guerra, a língua pilhada, refeita, reelaborada pelo escritor magrebino. Ela é, portanto, especializada, ganha novos contornos e formas e se permite ser criada em novas instâncias geográficas do atlas.

Por isso, ao escolhermos a epígrafe deste capítulo, percebemos que Amrouche e Pucheu aqui se encontram, embora nunca tenham se encontrado de fato. Encontram-se, não porque partilham exatamente dum mesmo princípio de reflexão, na relação entre teoria e literatura e vice-versa, nem tampouco dum mesmo objeto específico de análise. Mas, em suas diferenças espaço-temporais e laborais, compartilham de certo modo da mesma angústia: a do trabalho do crítico criativo e do criador crítico. A angústia do criador é imanente ao seu texto e, portanto, é poética; ou seja, aqui a *poïesis* dá conta do sentimento do qual não escapamos, pois somos vida

⁵ Lorsque mon verbe/ ne supportera plus/ l'orgasme extrême/ mes yeux diront/ sans permission/ le non de ma parole. Nota: em francês, "nom" (nome) e "non" (não) possuem a mesma pronúncia.

antes de sermos homens. Já a angústia do crítico é um lamento. O paradoxo é interessante: nas linhas de Pucheu há poesia, mas ela apela para onde ela não existiria, lamenta pelo cinzento da crítica e, talvez por isso, muitos dos que produzem trabalhos críticos terminam por ver seus textos tornarem-se cinzas pelo fogo da avidez do seu leitor. Sim, o texto do crítico é, por vezes, cinzento, mesmo que esta não seja a sua intenção, já que não é só o pessimismo que o acinzentava, mas outros excessos inerentes ao universo acadêmico: o rigor exacerbado ou o rigor pelo rigor, a técnica, a fortuna crítica que acaba empobrecendo o Outro, a teoria, a análise. Enfim, a defesa da miscigenação necessária para Pucheu em 2010, entre o poético, a teoria, a crítica e o filosófico era, em certa medida, uma ânsia dum dos poetas fundadores das literaturas francófonas do Magrebe, em 1928, à medida que o poeta moço, em sua angústia, desvia-nos a colocar dúvidas no tempo: o de escrever e de chorar, o de agir e o de empenhar-se diante de outrem.

Tentar, portanto, passar de certa “escrevência” ao Texto, no potente sentido barthesiano do termo, é um empreendimento, no mínimo, arriscado, pois é o que gera o acontecimento da continuidade da escrita. Para que esta continue a existir, os olhares da crítica são inevitáveis e ainda tentam, muitas vezes, justificar-se por retroação. Se permanecermos na inércia, morreremos; se correremos o risco porque pensamos que somos suficientemente corajosos, restarão ainda os medos: o medo de errar ou de não ter compreendido com eficácia o processo (se bem que a eficácia pode também ser uma má compreensão desse movimento), o da entrega ao desejo, enfim, o de assumirmos este desejo pelo Texto. Entretanto, temos percebido que têm sido cada vez mais intensas e recorrentes as demandas de maior esforço intelectual para que ele, o desejo, seja consumado naquele que escreve, o que recai no seu leitor, pois parece que todos nós passamos pela mesma crise de falta de inventividade. É como se vivêssemos num ritmo religioso de recebimento de informação liquefeita que nos atravessa inteiramente, sem permissão para a mastigação da palavra, da digestão dos fatos e da excreção do inútil. O perigo já fora apontado por Flusser (2010), pois o filósofo já afirmava com toda precaução que esse empreendimento, sendo arriscado, é um objeto, pois está de frente para algo, e uma arma que aponta para esse próprio objeto

(FLUSSER, 2010, p. 19). Com isso, tem-se comumente apostado, pelo menos teoricamente, em perspectivas interdisciplinares, o que até certa medida parecem fornecer reflexões interessantes para a pesquisa, já que o caráter de solidariedade entre disciplinas deixa de determinar escalas de valores de certos saberes em detrimento doutros. Enquanto método, uma abordagem interdisciplinar tornaria então horizontais quaisquer saberes que se avizinham a um objeto. Reconhecemos na via interdisciplinar a sua fundamental importância, até porque não vemos outra maneira igualmente solidária e aberta de pensar para escrever nos dias atuais. Mas concordamos que esse cuidado não pode evoluir a uma preocupação excessiva, de modo a nos fazer mais atentos ao método do que ao desejo que pode caminhar paralelamente a ele. E então concluímos que o nosso esforço se inclina sobre uma prática que chamaremos de indisciplinada. De qualquer modo, o trabalho de escrita crítica, ainda que não isento de alguma dor que o precede, toma-nos por uma espécie de fulgor: é o cruzamento de endorfinas - o prazer e o desejo - e adrenalinas - o método e o medo – que se liberam na construção textual investigativa. E se essa dor existe de fato, deveria pelo menos existir uma *Recherche*, no sentido proustiano do termo, que já opera por si, com certo júbilo, o medicamento para a saúde que titubeia quando se pensa no objeto que se deseja expor e, sobretudo, ao qual se expõe. Mais ainda, ele toma forma, pouco parecendo querer limitar-se ao impotente sentido dos “objetos” envelopados nos métodos com os quais estamos acostumados a lidar na academia.

O nosso caso é o seguinte: debruçamo-nos sobre os escritores argelinos que escrevem em francês. É quase automático ouvirmos muito regularmente que, quando tratamos das literaturas ditas francófonas, não poderíamos deixar de passar pelos estudos coloniais e pós-coloniais e por pensadores tais como Édouard Glissant, Franz Fanon e alguns outros. Em nosso caso, esses pensadores não deveriam ser dispensados e não o fizemos nesta tese. Ao contrário, eles foram aqui, esperamos, tocados, abordados e discutidos. Todavia, pensando justamente no caráter de solidariedade, ou seja, interdisciplinar, devemos considerar, em primeiro lugar, que nos é impossível deixar de convocar outros pensadores, inclusive alguns que viveram as guerras de descolonização e de independência da própria Argélia. Esses críticos e

pensadores estão inseridos dentro do processo. No caso da Argélia, essa necessidade se origina numa peculiar condição do magrebino, que precisou expurgar a própria história através dos seus primeiros romances, antes mesmo de poder imaginar o mundo poeticamente.

Ao mesmo tempo, já que corremos o risco, vale ressaltar que a nossa escolha não se esvai no objetável, embora alguns eventualmente o possam dizer. Mas consideramos essa outra moldura teórica, num primeiro momento, um passo a mais nas discussões que julgamos apropriadas para questionar as razões da existência de *loci* de enunciação dos autores que escolhemos, os consequentes impactos dos textos que são analisados, invariavelmente, dentro jogo da globalização e, portanto, dentro das novas problemáticas espaciais oriundas de mudanças desde o século XX. Em segundo lugar, o ato de extrema obediência seria, dentro da nossa perspectiva de análise, a mutilação do desejo, e este se rebaixaria à condição de neurose, diminuindo (mais?) a possibilidade de apresentar algo que ultrapasse o que já vem sendo discutido. Temos a dizer, enfim, que este trabalho não pretende ganhar quaisquer rótulos que apelem para especialidades já consagradas pela academia, mas apresentar uma contribuição que seja relevante para os estudos literários em constante mutação epistemológica, que agora se alia à espacialidade para a compreensão dos fenômenos migratórios e diaspóricos na literatura.

Algo semelhante afirma Roland Barthes, em seu texto “Jovens pesquisadores” (1988), que vê que o estudante - e pensemos aqui em todo aquele que produz pesquisa e crítica – que, enquanto intelectual, permaneceria vítima de trabalhos sempre hierarquizados, participando do que ele chama “luxo especulativo”, ao mesmo tempo em que dele [*do luxo*] não pode usufruir. O semiólogo então diferencia o “discurso da cientificidade” - que seria o discurso da Lei - e o “discurso do desejo” - ou escritura⁶. (BARTHES, 1988, p. 96/97). Esses dois terrenos, para ele, estão postos à

⁶ Não utilizaremos a tradução “escritura”, do francês, “écriture”, mas sim “escrita”. No entanto, quando se tratar de textos que utilizamos, já traduzidos para o português, respeitaremos a tradução do autor. O mesmo o faremos em relação à alguma tradução feita para a norma de Portugal antes do novo acordo ortográfico.

mesa, e a eles nos entregamos facilmente, num dilema que se alimenta de sua própria grandeza: sonhamos com o desejo, mas cumprimos a Lei, sendo essa "Lei", para nós, o fechamento quase indecoroso do discurso da ciência. Felizmente, o autor não nos deixa órfãos em nossas tentativas de libertação dessas amarras quando diz que “o trabalho [*de pesquisa*] deve ser assumido no desejo” (BARTHES, 1988, p. 97). E nesse desejo, esperamos, permaneceremos. Tal via, para nós, propõe diálogos que apontam, no final, para uma tese, ou no sentido barthesiano, para um Texto.

Assim considerando, acrescentamos que o desejo não corre o risco de se tornar lei, pois é plural. O fato é que não é sempre que escrevemos para leitores, mas para uma equipe de “auditores de crítica”, que geralmente pesam as vantagens e os inconvenientes das nossas escolhas, segundo cada perspectiva de análise e, porque não dizer, de técnicas de escrita e de análise: imanente, cultural, social, psicanalítica... E voltamos mais uma vez ao semiólogo que afirma que o desejo se insinuará no trabalho escrito desde que “seja *pedido* não por uma coletividade que pretende garantir para si o meu labor (a minha pena) e contabilizar a rentabilidade do investimento que faz em mim, mas por uma assembleia viva de leitores em quem se faz ouvir o desejo do Outro” (BARTHES, 1988, p. 97). Noutro texto, cujo gênero epistolar tenta atingir diretamente o “crítico criticador”, uma terceira categoria mais perversa, preso ao hábito, ou pior, dentro dele, Gilles Deleuze escreve a um “plural” que ele chama de “vocês”. A “Carta a um crítico severo” (1992) é uma resposta às críticas recebidas pelo filósofo, sobretudo após o lançamento de “O anti-Édipo”, mas ao mesmo tempo parece ser endereçada aos que esperam que o texto seja realizado segundo padrões tradicionais, com respostas prontas e *formatado*. O texto de Deleuze deixa transparecer a leitura de Nietzsche, que pensa a escrita a partir da liberdade que a própria vida, fator tão simples, pode proporcionar. Pensando nos dias de hoje, alguns críticos parecem ainda, ou pelo menos algumas vezes, preocupar-se com as fórmulas mágicas na tentativa inocente de desvendar algo, como se a literatura contivesse territórios inexplorados. Deleuze então afirma, peremptoriamente, por meio do seguinte paradoxo: “[*Nietzsche*] me dá um gosto perverso [...] o gosto para cada um de dizer coisas simples em nome próprio, de falar por afectos, intensidades, experiências, experimentações”. E assim pensa que se

deve “[...] tratar a escrita como um fluxo, não como um código” (DELEUZE, 1992, p. 15). Como não queremos pecar por excesso de cores, não estamos isentos dos paradoxos que preenchem o nosso trabalho. Por isso mesmo, muitos traços do nosso percurso permanecerão cinzentos, pois faltam, e sempre faltarão, muitas cores, assim como sempre restarão brechas irreparáveis no maravilhoso e degradante mundo imaginado e habitado pelos nossos escritores.

Adentrar então o terreno da escrita crítica hoje. O que fazer? Ou ainda poderemos perguntar: porque ler, estudar e escrever sobre literatura num mundo cada vez mais voltado para a liquefação do fluxo de informações e ameaçado pelos muitos eventos políticos e pelos fenômenos naturais? Podemos afirmar que vale à pena repensarmos sobre algumas medidas no ato de escrever cientificamente sobre literatura? No lugar da “Lei” de que fala Barthes, deveríamos talvez pensar mesmo nesse desejo que a pesquisa possa vir a provocar naquele que investiga e, conseqüentemente, no seu leitor. Pelo menos é o que se espera. Para além do que Barthes chama de “controles regulares”, o desejo daquele que pesquisa deveria vir em primeiro lugar, antes mesmo do desejo pela pesquisa. Com isso, retornamos ao campo da “disciplina”, que aqui é vista mais próxima do “disciplinar-se” e não do “compartimentar-se”. Por um desejo de escrita que supera a obrigação, tornamo-nos então “indisciplinados”, no melhor sentido que o termo pode nos oferecer e, dentro do sistema que invariavelmente nos contém, atrapalhamos a ordem até, quem sabe, a sua implosão, para que os estilhaços nos façam pensar noutras possibilidades de construção, pelo menos enquanto há tempo para novas construções, pois o discurso da Lei é também o paradigma do mundo da realidade, dos espaços geográficos reais, hoje em desequilíbrio geopolítico e ecológico. Como bem afirma André Monteiro,

Disciplinas (...) não são categorias, são pousos, repousos provisórios para o indisciplinado texto da vida. E a cada vez que a vida pede pouso em nós, e ela sempre pede, é preciso, com ela, precisamente, arrumar, re-arrumar, concertar, desconcertar nossas moradas disciplinares. Portanto, é preciso indiscipliná-las, para melhor discipliná-las. (MONTEIRO, 2014).

Felizmente, na contramão da dura realidade, a possibilidade de exercício da indisciplina é possível quando ela encontra a razão da sua permanência, ou ainda de sua premência, pelo exercício da criação. Uma vez que este exercício passa, invariavelmente, pelo rigor, resolveria quaisquer necessidades de esforço intelectual. Talvez assim possamos ser vistos um dia como criadores de novas disciplinas, ou seja, como agentes disciplinados de "(in) disciplina (s)". Voltando ao filósofo tcheco-brasileiro, encontramos nele também guarida: “escreve-se para colocar os pensamentos nos trilhos corretos” (FLUSSER, 2010, p. 20). Essa primeira sentença faz descansar as mentes que buscam a lógica científica que faz suportar a dor de informar e de ser informado. Mas Flusser nos deixa essa primeira impressão como algo enfileirado na escrita. Portanto, “todo escrever é um escrever correto, e isso provoca indiretamente a crise atual da escrita” (FLUSSER, 2010, p. 20). O paradoxo presente nessa afirmação nos faz pensar duas vezes: nos vetores flexíveis do escrever e nos paradigmas imutáveis do escrever corretamente.

Ao descrever o processo da escrita crítica tradicional, Barthes aposta num pesquisador que parece mergulhar no “imaginário” do cientista. Este, por seu turno, crê que permanece fora do seu objeto de estudo e, por isso mesmo, acreditando, inocentemente, numa escrita “ao mesmo tempo original e exterritorializada” (BARTHES, 1988, p. 97). Ou seja, na inocência da singularidade, alguns ainda esperam que os seus objetos de pesquisa se mantenham como fortalezas e fora das fronteiras em que são construídos. Da mesma maneira, o exercício da (in) disciplina encontraria em Alberto Pucheu o que ele chama de “zonas de confraternização”, contra o que ele afirma a respeito da prioridade na produção de trabalhos críticos, que comumente permanecem na construção de referências conceituais, para uma análise do texto que se pretende objetiva. Para Pucheu, o texto seria encarado como realidade autônoma, que se organizaria na suma multiplicidade de maneira interna e formal. Pucheu, assim como Barthes, reflete sobre a “suposta isenção ou imparcialidade do crítico como se, desde sempre, ele já não estivesse refletindo-se com ele” (PUCHEU, 2010, p. 13). Dentro deste prisma, haveria ainda lugar para o clássico texto de Barthes, “Aula” (1978), sobre o qual o autor percorre o sentido indisciplinado que a literatura pode proporcionar. Nele,

a literatura não seria classificada a partir da produção massiva e nem mesmo a partir das suas edições ou da sua suposta utilidade para ensinar pura e simplesmente, mas na complexidade do que ela possa vir a imprimir a partir da prática de escrita. Mas essa afirmação não seria contraditória para o nosso estudo, já que afirmamos a importância do espaço de edição? Asseveramos que não, pois considerar o (s) lugar (es) donde se produz o texto literário argelino é para nós um dado particular e inerente à dimensão espacial e não um critério de classificação do valor desses textos, até mesmo porque o que entra no jogo é a aceitação/rejeição do texto escrito na língua dum outro. Por isso, o autor visa nessa prática o texto, que seria “o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é instrumento, mas pelo jogo de palavras de que ela é o teatro”. (BARTHES, 1978, p. 17). A aposta então estaria em escrever, segundo Barthes, um Texto (com “T” maiúsculo mesmo), princípio pelo qual o pesquisador entraria no jogo do significante por meio do “escrever”, que não se limitaria necessariamente ao “escrever bem”: retira-se o “eu” que protege e que engana e lança-se o sujeito através do branco da página, não para exprimi-lo, mas para dispersá-lo. A isso Barthes chama de transbordamento. Fazer-se entender pela construção do texto, esse “barulho” ou “rumor” que se faz ver pelo Texto, aniquilaria a supremacia da Lei do discurso científico. Barthes então afirma que “ao contestar o discurso do cientista, a escritura não dispensa em nada as regras do trabalho científico” (BARTHES, 1988, p. 98).

Em face disso, podemos inferir que, antes mesmo de projetar a obra literária e colocá-la sob as nossas lentes, é preciso que haja relevância. Para isso, é necessário uma dose de transgressão do já dito. Mas essa transgressão não anula o espetáculo na literatura, que deve continuar sendo o nosso principal foco, pois dela vivemos e sobre ela divagamos.

2.2 O exercício sobre o exercício do imaginário poético.

Tomemos para nós esse transbordamento de que fala Barthes para pensarmos em duas palavras até aqui mencionadas, ou ainda, transbordadas, já que o exercício da escrita passa invariavelmente pelo sujeito que deseja: imaginário e poética. Desse transbordamento, nasceriam, respectivamente, o desejo de escrita, o de leitura e o de análise. Por isso, acreditamos que pelo menos uma dose de *indisciplina* seja necessária, para que teorias sejam pensadas e repensadas, e para que alguma leitura seja válida, ou que validem o labor sobre a pesquisa. Assim, se tais palavras transbordam e são recorrentes, tomam-nos de certo modo e levam-nos a pensar na única maneira que encontramos de aproximarmos a literatura da espacialidade, sobretudo por meio de escritores que transgridem, eles mesmos, a ordem da própria forma literária. Além disso, essas palavras nos levaram à escolha dum corpus e de teorias, pensados primordialmente sob a ótica duma espacialidade que se manifesta tanto na postura do sujeito diaspórico que escreve quanto nas suas produções, que são igualmente Textos.

Recorremos então a Édouard Glissant. Como um dos pensadores mais pungentes das literaturas pós-coloniais, e por isso de fundamental importância para o nosso trabalho, o autor nos atrai, dentre outras razões, pelo cuidado em não exagerar na escala de cinzas da sua própria escrita, trazendo algum colorido que nos tome fora do *topos* disciplinar autoritário donde geralmente se decretam o discurso da lei e da ciência. No livro intitulado *L'imaginaire des langues* (2010), o autor concede uma série de entrevistas à pesquisadora Lise Gauvin. Essas entrevistas partem das obras, tanto as de ficção quanto as ensaísticas do próprio Glissant, e trazem noções já abordadas em estudos anteriores e outras novas, que colocam em relevo a fragilidade do gênero e o papel da língua de escrita, que é imaginada e que, por consequência, realiza-se poeticamente. A poética seria então para Glissant uma possibilidade de percepção e de recriação do mundo, e nos envolve numa possibilidade de transgressão de qualquer discurso científico que prime pela manutenção de tradições perenes, de bases sólidas. Embora os desdobramentos do autor tenham se baseado na realidade antilhana, suas

noções encontram neste estudo um abrigo ou, se preferirmos, uma parceria, pois colocam destacam as cores que surgem da literatura que chamamos de argelina, modeladas pelas cinzas do vivido da sua própria gente.

Percorrendo tais hipóteses, identificamos inicialmente a importância que o autor dá à Relação, que se estabeleceria dentro duma cadeia rizomática onde se entrecruzam todas as culturas e que se realizaria numa infinita variância dessa Relação (GLISSANT, 2010, p. 11). Vemos dessa maneira que a Relação não abdica do encontro com o outro. Porém, ela deve se tornar horizontal entre as partes que se encontram, pois não haveria mais lugar para quaisquer pretensões de dominação como o fora durante séculos. Bem ao contrário, a vida só teria sentido se alimentada pelo desejo de enriquecimento mútuo. A palavra, neste contexto recuperaria toda a sua potência. Quanto ao aspecto da “variância”, que está por sua vez relacionada à expressão escrita, a sua infinitude não seria sustentada necessariamente pela poliglossia, mas o próprio ato de escrever ocorreria “na presença de todas as línguas”. Poderíamos com isso pensar que o escritor é aquele que realiza uma performance, fazendo reverberar um Texto, não como uma política, mas como uma poética, considerando que a língua é o objeto de paixão e de desejo daquele que faz literatura, seja ele criador ou crítico.

Cada vez que ligamos propositalmente o problema da língua ao problema da identidade, em minha opinião, cometemos um erro porque, precisamente, o que caracteriza o nosso tempo é o que eu chamo de imaginário das línguas. Ou seja, a presença de todas as línguas do mundo. (GLISSANT, 2010, p. 14).⁷

Não é por acaso que o autor coloca o “nosso tempo” como marcador, apontando para mudanças de praticamente todos os paradigmas modernos em que uma suposta identidade linguística apontava para a identidade da nação. Fechada por suas muralhas ou, pelo menos, por seus governos soberanos nacionais, nacionalistas, a nação

⁷ Chaque fois qu'on lie expressément le problème de la langue au problème de l'identité, à mon avis, on commet une erreur parce que, précisément, ce qui caractérise notre temps, c'est ce que j'appelle l'imaginaire des langues, c'est-à-dire, la présence de toutes les langues du monde.

pregava o desejo de certa soberania também literária, à medida que se fazia porta-voz de povos que se identificavam dentro de fronteiras fixas, ao mesmo tempo em que se colocavam como objetos, como servos da história das nações ocidentais modernas.

Ao buscarmos compreender essa noção em Glissant, a da existência duma variância, não acreditamos na ideia dum mundo globalizado cujas fronteiras, estando em crise, necessitariam duma poética com poderes de se expressar em vários idiomas, mas da “presença” das línguas numa língua de escrita, ou seja, por um imaginário em que todas as línguas estariam presentes. A literatura, portanto, não mais se preocuparia em representar os ideais nacionais, mas se deixaria atravessar por todas as culturas do mundo: o escritor, hoje, ainda que não conheça nenhuma língua além da sua língua materna, teria a capacidade de reconhecer a presença de várias línguas em sua própria língua de escrita, quebrando o monolinguismo da expressão literária. Para Glissant, os meios pelos quais esse imaginário lhes chega estariam ligados, sobretudo, ao audiovisual, à rádio e à televisão. Nesse caso, a própria paisagem levaria à compreensão dessa língua, a princípio desconhecida pelo “gestor duma poética” (GLISSANT, 2010, p. 14). Empiricamente, o autor infere sobre a paisagem como elemento que nos forneceria as medidas de percepção desse mundo de línguas que se imaginam dentro doutras línguas.

Quando se vê uma paisagem africana, mesmo que não se conheça a língua banta, por exemplo, há uma parte dessa língua que, através da paisagem que se vê, nos atinge e nos interpela, mesmo que não se tenha jamais ouvido uma palavra em banto. E quando se vê essa paisagem do platô australiano, mesmo que não se conheça uma palavra da língua dos aborígenes da Austrália, somos impregnados por alguma coisa que vem de lá. (GLISSANT, 2010, p. 15)⁸

⁸ Quand on voit un paysage africain, même si on ne connaît pas la langue bantoue par exemple, il y a une part de cette langue qui, à travers le paysage que l'on voit, nous frappe et nous interpelle, même si on n'a jamais entendu un mot de bantou. Et quand on voit les paysages du plateau australien, même si on ne connaît pas un mot de la langue des Aborigènes d'Australie, on est imprégné par quelque chose qui vient de là.

Indo mais além, podemos cotejar esses aspectos com a abordagem do autor na *Introduction à la poétique du divers*⁹, segundo a qual as literaturas seriam produzidas por uma estreita ligação com o que ele chama de “caos-mundo” (*chaos-monde*), que levaria à superação duma escrita monolíngue. Ou seja, a língua aqui é deportada e trabalhada fora do sistema, em aberturas linguísticas que permitiriam conceber relações entre elas. As semelhanças poderiam então estar ligadas às relações de dominação, convivência e opressão dum drama e duma tragédia, dos quais a língua não passaria incólume. Todos esses e outros aspectos aproximariam as línguas, ainda que os registros se diferenciem (GLISSANT, 1996, p. 40). Já nos áureos tempos da modernidade, o conhecimento doutras línguas não era algo necessariamente escasso, mas a escassez estaria antes no fechamento dentro das fronteiras do Estado-Nação, pois a língua vernácula fechava cada um dentro da sua própria moldura identitário-nacional.

Eu penso que na Europa dos séculos XVII e XIX, ainda que um escritor francês conhecesse a língua inglesa ou a língua italiana, ou a língua alemã, ele não se dava conta do que se passava em sua escrita. As escritas eram monolíngues. (GLISSANT, 2010, p. 14)¹⁰

Durante a modernidade, cada unidade linguística nacional era exaltada e funcionava como enviesamento, ou como um elo que ligava o indivíduo ao seu meio. Diante disso, esse monolingüismo impunha também alguma superioridade ou domínio sobre o outro. Havia então a ânsia duma totalidade, e os antigos centros de poder e de produção literária eram quem estabeleciam as regras, por um realismo¹¹ que propagava

⁹ Proposta de tradução do título: “Introdução à poética do diverso”. Observação: propomos a referida tradução porque consideramos que o “diverso” expressa melhor o seu contrário, que seria o “igual” e o “fundante” (dentro da perspectiva glissantiana). Essa tradução não possui, entretanto, qualquer pretensão de melhoria do termo “diversidade”, tão bem proposto pela tradução de Enilce Albergaria da Rocha.

¹⁰ Je pense que dans l’Europe du XVIIe et du XIXe siècle, même quand un écrivain français connaissait la langue anglaise ou la langue italienne ou la langue allemande, il n’en tenait pas compte dans son écriture. Les écritures étaient monolingues.

¹¹ O termo realismo é aqui utilizado num sentido que consideramos mais amplo, embora a ideia de descrição escrupulosa da realidade, como na estética realista na francesa no século XIX, sobretudo entre os anos 1850-1890 seja de fundamental importância para, inclusive, compreendermos certas

uma dita unidade e identidade nacionais. Entretanto, como não poderíamos descartar toda uma história literária, responsável pelas magníficas obras que produziu, não podemos afirmar que as literaturas repartidas em suas línguas vernáculas negavam de todo o mundo, e por isso Glissant afirma que “a literatura, de qualquer maneira, sempre fez questão, é evidente, duma concepção do mundo. Sob o poema mais claro em aparência bate em surdina uma visão do mundo” (GLISSANT, 1996, p. 33) ¹². Essas grandes literaturas, como são conhecidas, eram obviamente legítimas, assim como o era a sua influência. Por isso Glissant, ao trazer para a discussão o que ele chama de “identidade-raiz única”, na formação de “culturas atávicas”, reconhece essa legitimidade: “a noção de identidade-raiz única, que nem sempre foi uma noção mortal, que produziu obras magníficas da história da humanidade, está ligada à própria natureza do que eu chamo de culturas atávicas”. ¹³ (GLISSANT, 1996, p. 58-59).

No jogo de dominação, porém, outra noção que o autor chama de “pensamento de sistema” (*pensée de système*), esclarece que todas as literaturas organizavam, estudavam e projetaram essas repercussões lentas e insensíveis entre as línguas vernáculas. Além disso, elas previam e colocavam em perspectiva ideológica o movimento do mundo que esse pensamento regia legitimamente. Em face disso, o seu contrário, ou seja, na contramão do pensamento de sistema, haveria o que o autor chama de “pensamento arquipélico” (*pensée archipélique*), que seria da ordem do que não é sistemático, explorando o indutivo da totalidade-mundo e concedendo na escrita a oralidade e a oralidade na escrita (GLISSANT, 1996, p. 43-44). Por conseguinte, não abandonamos, assim com Glissant, a existência do “lugar”, que compreendemos como uma espécie *site* donde a palavra é emitida. Desse foco de emissão da palavra, ao

características do romance realista que se perpetuaram durante o século XX, dentre as quais podemos mencionar: as marcas duma narrativa linear e cronológica, a descrição rigorosa e o aspecto documental e testemunhal sobre determinada sociedade.

¹² La littérature a quand même toujours tenu, c'est évident, à une conception du monde. Sous le poème le plus clair en apparence bat en sourdine une vision du monde.

¹³ La notion d'identité racine unique, qui n'a pas toujours été une notion mortelle, qui a produit des oeuvres magnifiques de l'histoire de l'humanité, est liée à la nature même de ce que j'appelle les cultures ataviques. (p. 58/59).

contrário da fixidez dada pelo pensamento de sistema, produz-se uma literatura que, provinda invariavelmente dum lugar, estabelece uma relação com o que ele chama de totalidade-mundo (*totalité-monde*).

A Relação é, portanto, uma poética, de acordo com o seguinte raciocínio do autor:

Parece-me que é somente uma poética da Relação, ou seja, um imaginário, que nos permitirá “compreender” essas fases e essas implicações das situações dos povos no mundo de hoje, que nos autorizará se cabe tentar sair do fechamento ao qual somos reduzidos.¹⁴ (GLISSANT, 1996, p. 24)

O período pós-colonial no Magrebe apresenta na literatura novas espacialidades, inclusive sem as noções de centro e periferia e a língua, desprovida dessa tradição ocidentalizante e centralizadora, estabelecendo novos imaginários, a começar pela própria estrutura linguística, recriada a partir da língua do colono, dando lugar prioritário ao imaginário tecido por essa língua, já que ela se retira do seu pedestal identitário nacional. Seu lugar de emissão permanece, mas a estrutura recriada permite a valorização duma poética que privilegia evocação de novos espaços, inclusive no interior da própria construção textual pelo escritor, constituindo narrativas que evocam tanto o espaço real quanto o sonhado. Por uma consciência da fragilidade de suas fronteiras, o magrebino parece utilizar essa dimensão como aporte para o diálogo com o outro nessa infinita variância. As representações desse espaço ocorrem em narrativas que desvelam o diálogo entre velhas e novas espacialidades, promovendo essa relação com a totalidade-mundo. Essas novas espacialidades não confirmariam, *à part entière*, a prevalência do romance ocidental. Glissant, desse modo, faz-nos refletir que o “ir ao encontro de” não passaria mais por uma relação de dominação cultural. De modo mais

¹⁴ C'est seulement une poétique de la Relation, c'est à dire un imaginaire, qui nous permettra de "comprendre" ces phases et ces implications des situations des peuples dans le monde d'aujourd'hui, qui nous autorisera s'il se trouve à essayer de sortir de l'enfermement auquel nous sommes réduits

simples, ela só pode se realizar pela Relação, que se apresenta de maneira peculiar até mesmo pelo próprio “R” em maiúsculo, marcando pela escrita a diferença e a potência desse termo.

A poética de que então necessitamos passaria pelo sentimento que encontra em certa medida a emoção que o outro nos provoca. Esse sentimento e essa emoção são frutos duma curiosidade em abraçar a causa e a cultura do outro. Assim, os povos africanos e antilhanos sobre os quais o autor se debruça em suas obras, dos quais a origem fora, de certo modo, arrancada pela imposição do colono, branco e ocidental, possuem culturas que nasceram fora da estrutura vertical, de raiz única, e por isso vão naturalmente ao encontro doutras raízes e são naturalmente rizomáticas. Esse rizoma possui centros diversos de irradiação e podem promover interconexões descentralizadas. Elas ainda se confrontam com a imutabilidade dos povos atávicos e das culturas que os acompanham, cuja fixidez e intolerância provocaram o aniquilamento dos considerados não pertencentes a uma suposta cultura superior. Quanto ao magrebino, podemos até perceber certo enraizamento, sobretudo no plano histórico-religioso. Contudo, sua elaboração poética, advinda da sua fragmentada história, da sua terra por séculos cobiçada e, após o processo colonial, da nação que nunca existira numa identidade verdadeiramente de raiz única, reinventa a língua, o local e o discurso impostos. Com isso, renasce também rizomaticamente, com desejo intenso de conhecer e de ser conhecido pelo outro. Ou seja, recriam-se pela própria poética. Assim, os seus escritores, conhecendo a dimensão do espaço do qual se apropriam, seja ele o próprio espaço geográfico como referente fragmentado, como em Kateb Yacine, na espacialização da linguagem, como em Assia Djebar e a própria espacialidade do texto poético, como veremos em Anissa Mohammedi, levar-nos-iam à compreensão dessa poética nascida das cinzas, tornando-se delas os seus “gestores”, como vemos em Assia Djebar em *L’amour, la fantasia* cujo passado, já distante apresenta, pela nova espacialidade que é dada, um presente que é desejado, sendo esse desejo a razão do grito que explode pela própria escrita: “Eu fiz explodir o espaço em mim, um espaço

incondicional de gritos sem voz, fixos há muito tempo numa pré-história do amor” (DJE BAR, 1985, P. 13).¹⁵ Mas para libertar-se pelo grito, fora preciso libertar-se do que permanecia preso na história em que se cruzam memórias de feridas que somente a literatura pode recolher para que, pela palavra, sejam amenizadas as dores do vivido do magrebino: “Uma vez que as palavras foram iluminadas – palavras estas que até o corpo sem véu descobre – eu cortei as amarras”.¹⁶ (DJE BAR, 1985, p. 13). Ou seja, é a dor, o não realizado que se torna elaboração poética. Desta vez, essa elaboração convoca os espaços imaginados pelo escritor, já que o espaço real aprisiona.

Nesses termos, o escritor magrebino fez compreender que a tragédia humana também cria, ao contrário do sonho moderno, que buscava na grandeza diante do mundo o sonho com uma totalidade jamais alcançada. Por essas razões, países como a França, de reconhecida literatura, berço de escritores de valor histórico e estético indiscutíveis parecem, segundo Glissant, permanecer numa espécie de estagnação. Ao ser questionado sobre uma possível sensibilidade a essa problemática, Glissant responde, e com ele concordamos, que poucos são, mesmo em toda a Europa e nos Estados Unidos, que se fizeram desconstrutores da língua, como Antonin Artaud e Samuel Beckett. Estes e alguns outros teriam feito um trabalho de errância e de criação duma língua, tal como exprime o autor ao dizer que “é preciso errar e criar-se uma língua” (GLISSANT, 2010, p. 16).¹⁷ O francês hoje, segundo ele, estaria ainda preso ao que é produzido para-exoticamente, o que empobrece o outro pela não aceitação da opacidade, não promove o encontro e nem tampouco a Relação. Mais do que nunca, os escritores contemporâneos seriam pelo menos capazes de compreender essa presença. Esse contexto não é generalizado, mas parte da necessidade ou não do escritor em

¹⁵ J'ai fait éclater l'espace en moi, un espace éperdu de cris sans voix, figés depuis longtemps dans une préhistoire de l'amour.

¹⁶ Les mots une fois éclairés – ceux-là déjà même que le corps dévoilé découvre – j'ai coupé les amarres

¹⁷ Il faut errer et se frayer une langue.

querer perceber a escrita para além do imaginário coletivo das fronteiras que lhe foram impostas pela nação.

Mesmo no plano teórico, as dificuldades em conceber as questões direta ou indiretamente ligadas aos processos coloniais e pós-coloniais se situariam numa língua “não globalizada”, que teria perdido o fio condutor para um pensamento fora do âmbito da verticalidade. Assim, na esteira de Glissant, encontramos essa perspectiva em Rada Ivekovic, num dos trabalhos desenvolvidos no livro *La situation postcoloniale* (2007), a partir dum olhar linguístico associado a uma visão sociopolítica: a autora escreve sobre os novos paradigmas pós-coloniais, merecedores de certo diálogo como mundo, que não poderiam mais ser associados a uma língua nacional. Ela afirma que, enquanto nação fechada em seus propósitos nacionalistas, a França permanece um espaço que possuiria uma língua “não-globalizada”, o que dificulta o processo de evolução e desenvolvimento dos próprios estudos coloniais e pós-coloniais.

O francês, não sendo uma língua globalizada, tem por vezes dificuldade em apreender os eventos que se passam nesse plano numa perspectiva global. Ora, a globalização – não que eu faça apologia à globalização – longe disso – funciona como um deslocamento. Ela desloca constantemente a cena sobre a qual as coisas se passam e, paradoxalmente, isso desloca as próprias plataformas da globalização.¹⁸ (IVEKOVIC, 2007).

É, porém, essa mesma estagnação que teria levado à criação duma literatura argelina escrita em francês, pois a própria França, no fim das contas, inspirou de certa maneira esses escritores que viam inicialmente a necessidade de questionar os valores do colono, utilizando a língua do opressor. De modo descontínuo, essa língua será aos poucos reorganizada dentro do imaginário poético do próprio magrebino, adquirindo contornos e matizes que o identificam. Longe de primar por uma ideologia que supervaloriza o escritor argelino, nossos argumentos são antes visíveis por uma

¹⁸ Le français n'étant pas une langue mondialisée a parfois des problèmes à saisir les événements qui se passent sur ce plan là dans une perspective globale. Or la mondialisation – non que je sois apologiste de la mondialisation, loin de là – fonctionne comme déplacement. Elle déplace constamment la scène sur laquelle les choses se passent, et paradoxalement, cela déplace les plate-formes mêmes de la mondialisation.

literatura que se estabelece perto e longe do imaginário nacional, mantendo-se num devir. Se há algum engajamento, este estaria ligado a qualquer força que traga conhecimento sobre a atual condição humana, que circula entre tentativas de estagnação da diversidade cultural em nome de processos de homogeneização da própria cultura, por um mal-estar que coloca o sujeito em situação de insegurança, ao mesmo tempo em que vive sob a necessidade de poderes supranacionais de controle das sociedades.

Nesse prisma, Glissant incita a pensar num mundo que teria na poética uma espécie de mola propulsora que o movimentaria, já que a política não daria conta de sustentá-lo e muito menos de imaginá-lo. Por isso, repensar o mundo seria trabalho da própria poética e da arte e não do escritor ou do intelectual, pois estes teriam a poética como objeto, sendo este o que recria. Por isso, a poética é o que está para além dum humanismo. O humanismo seria da ordem da confiança, ao passo que a poética é da ordem do imaginário (GLISSANT, 2010, p. 85). Nele, a poesia seria o gênero literário por excelência, porque não obedece às normas de elaboração do sistema, do sistema de raiz única, mas é por si só cheia de rizomas, de não ditos, de opacidade e de imaginário infinito. Podemos, a partir do encontro com o outro, notar essa opacidade que aborda o autor quando percebemos que é possível que ocorra a mudança dum “eu”, sem que este se desnature. Do mesmo modo, o “outro” não precisa de se moldar, de modo que não haveria a necessidade de transparência entre as partes, já que o encontro e a relação são mutuamente consentidos.

Dentro desse imaginário e dessa opacidade, contemplamos no trabalho poético certa dose de transgressão. O pensamento glissantiano então funciona porque encontra em nossa perspectiva matizes que se assemelham ao nosso desejo de escrever um Texto: ao ser interpelado por Lise Gauvin sobre a possibilidade de ter “feito escola”, Glissant nos apresenta finalmente o que seria da ordem dos trabalhos que buscam relevância para os atuais momentos em que se vive, de certa maneira, uma crise dos valores da literatura e em tempos em que tudo parece ter sido dito:

O que isso quer dizer, fazer "escola"? Isso quer dizer que há pessoas que lhe seguem. Em minha opinião isso não vai muito longe. (...) não existe então pensamento de sistema e ideologias, voltamos às velhas errâncias e nesse

caso não é preciso necessariamente dar importância a esse fenômeno de escola.¹⁹ (GLISSANT, 2010, p. 61)

Não haveria, portanto, razão para continuarmos o trabalho do outro, mas de irmos ao encontro desse outro, olhá-lo mais de perto para nos fortalecermos e tentarmos caminhar ao lado. Desse mesmo modo parece concluir Glissant a sua reflexão sobre o caráter necessariamente indisciplinado e transgressor de que devemos talvez lançar mão. “Que escritores se encontrem, que suas poéticas se toquem, que suas poéticas se entreatudem é uma coisa que é preciosa, mas eu não creio que se deva dar importância às escolas”.²⁰

Acreditamos que essas seriam algumas marcas para o investimento numa produção ou, pelo menos, de “ruídos”, para uma “escrita” e para um “Texto”. Se retirarmos os parênteses, o Texto crítico, acompanhando mais ou menos a transgressão do escritor, artífice de poéticas. Essa pode ser uma via de acesso a um texto interdisciplinar em que tentamos investir como, senão a única, uma das poucas maneiras de rever os paradigmas estagnantes da modernidade perdida, assim como se perdeu, um dia, o paraíso.

2.3 Os irmãos Goncourt e a Argélia: o exercício da escrita numa outra espacialidade: um exemplo da Argélia criadora.

Pensando nessas novas instâncias e considerando esses fluxos de que necessitamos para não deixar morrer o movimento necessário à perenidade dos estudos literários em que acreditamos, identificamos aqui algumas razões teóricas que nos

¹⁹ Qu'est-ce que cela veut dire, faire école? Cela veut dire qu'il y a des gens qui vous “suivent”, qui écoutent ce que vous dites. À mon avis cela ne va pas au-delà. (...) il n'y a donc pas de pensée de système et des idéologies, on en revient aux vieux errements et dans ce cas il ne faut pas tellement accorder d'importance à ce phénomène d'école.

²⁰ Que des écrivains se rencontrent, que leurs poétiques se touchent, que leurs poétiques s'entraident est une chose qui est précieuse, mais je ne crois pas qu'il faille accorder de l'importance à des écoles.

encorajaram a desenvolver um estudo que leve em conta a existência da geografia literária e o investimento nessa abordagem. Antes, porém, caminharemos nos passos de dois personagens que nos incitaram à curiosidade uma vez que, tendo se tornado dois grandes nomes que identificam o maior prêmio de literatura da França, começaram a sua carreira de escritor contemplando o movimento da sociedade, as tramas culturais e a paisagem dum povo que escolhemos para falar de literatura. Em seguida, desenvolveremos o princípio pelo qual uma “geografia literária” se torna a razão da nossa pesquisa.

São inegáveis, neste debate, as relações entre a Argélia e a França, sobre as quais emerge uma problemática espacial. Nessa busca, grande foi a nossa surpresa ao nos depararmos com fatos histórico-espaciais que nos fizeram pensar em como o olhar sobre outras espacialidades e paisagens pode transformar fronteiras, pensamentos, concepções e criações. Se insistirmos no papel do ex-colono para a criação duma literatura do ex-colonizado, a recíproca pode ser verdadeira.

Muitos leitores sabem muito bem que o mais prestigioso prêmio de literatura francesa, o conhecido “Prix Goncourt”, leva o nome dos irmãos Edmond Goncourt (1822-1892) e Jules Goncourt (1830-1870). O que talvez alguns desconheçam, por alguma ausência de fontes documentais, é que os irmãos, de vocação inicial para a pintura, sobretudo Jules Goncourt, consagraram-se à literatura após uma primeira e inesperada viagem à Argélia em 05 de novembro de 1849. Curiosamente, trata-se do mesmo ano em que o país passava, desde 1830, de simples possessão francesa ao status de colônia, tornando-se então afluência de homens de negócio da Europa. Encontramos esse documento histórico num pequeno e curioso livro organizado por Mohamed Médiène, em 2011, intitulado “*Alger: Notes au crayon, et autres textes*”, do qual é também o apresentador dos textos dos irmãos. Por se tratar de pequena edição, praticamente esgotada, o livro chegou às nossas mãos pela ocasião duma visita ao autor que, nos interpelou a pensar que o conteúdo do opúsculo poderia ser de interesse para muitos, por se tratar de referência pouco difundida. Em seguida, deparamo-nos com

outro trabalho do jornalista e etnólogo argelino Salah Guemriche, intitulado *Alger la Blanche: biographies d'une ville* ²¹ (2012), que propõe uma espécie de biografia da capital argelina, como o próprio título sugere, já que Argel permaneceu a cidade de entrada do colono, até mesmo por sua posição geográfica, e palco da maior parte dos eventos que marcaram o período colonial argelino. Cotejamos esses autores, com o intuito maior de esclarecer até que ponto os olhares curiosos levam o artista a querer franquear o próprio espaço, ao mesmo tempo em que o lugar de origem pode ser, para alguns, um retorno salutar.

Médiène e Guemriche apresentam de forma bem concisa o trajeto desses irmãos que, “numa incrível cumplicidade fraternal, vão como analistas sérios dissecar o seu mundo num número de romances e de ensaios, mas sobretudo, misturando grande e pequena história, no seu *Journal* de 1956-1958” ²² (MÉDIÈNE, 2011, p. 08). Pelo trabalho de criação em parceria, os irmãos são considerados como uma das duplas mais originais da literatura francesa. Amantes da arte, dedicaram-se inicialmente à pintura, mas acabaram desviando-se da arte pictural por uma via diferente, após uma inesperada viagem à Argélia. Os irmãos haviam percorrido cidades da França, onde tentavam realizar suas aspirações artísticas pelo desenho e a aquarela, mas o desejo de ir além os levava, até certo momento de suas vidas, a algum esgotamento das possibilidades dentro do próprio país. Por outro lado, o grau de atração de Argel parecia ser grande nesse período, a ponto de resultar em coincidências interessantes e, nesse mesmo contexto, o arquiteto Charles-Édouard Jeanneret ou, mais precisamente, Le Corbusier, partiu 24 anos mais tarde para a capital argelina com os mesmos objetivos de pintor e retornará como arquiteto (GUEMRICHE, 2012, p. 118).

Assim, o périplo dos irmãos foi uma iniciativa de inspiração em escritores, tais como Flaubert, Maupassant e alguns outros. Rendendo-se em Marselha,

²¹ Proposta de tradução do título: Argel, a Branca: biografias duma cidade.

²² Dans une incroyable complicité gémellaire, ils vont en analystes sérieux disséquer leur monde dans nombre de romans et d'essais, mais surtout, entremêlant grande et petite histoire, dans leur *Journal* 1851-1856.

os irmãos tomaram o barco de nome *Philippe Auguste*, que fazia o trajeto de Marselha a Argel, desembarcando no coração da capital. Nesse ano, Edmond contava com 27 anos e Jules com apenas 20. Havia da parte dos irmãos certa consciência e desejo orientalista, seguindo os passos de muitos escritores e artistas daquele período. Alguns, inclusive, como Balzac, jamais visitara qualquer país da África do Norte, ao mesmo tempo em que os menciona nalguns episódios das suas obras. Mas para Jules e Edmond Goncourt, a Argélia ainda era da ordem do desconhecido e, até o momento da primeira chegada à capital, eles nada poderiam esperar. O retorno dos irmãos, em 18 de dezembro do mesmo ano, é carregado de croquis e muitas impressões, como anunciou Jules numa de suas cartas. Em suma, essas funções foram exercidas entre os anos 1852 e 1853 com tentativas e insucessos. Mas isso não se deve somente ao esforço dos irmãos, pois a imprensa, durante o Segundo Império, sob o regime de Napoleão III, era regularmente vigiada, e produções que pudessem causar algum dano ao regime eram imediatamente censuradas. Ainda assim, por insistência, a carreira literária dos irmãos se iniciou entre os dias 1º e 3 de dezembro de 1852 (Médiène menciona o dia 1º, ao passo que Guemriche o dia 02, mesmo período do golpe de estado por Napoleão III, que segundo outras fontes, teria ocorrido na passagem do dia 02 para o dia 03), com o romance intitulado “*En 18...*”. Segundo Guemriche, o título do romance permanece enigmático, tendo sido confundido com o 18 Brumário, em 09 de novembro de 1799, ano em que Napoleão Bonaparte toma o poder, pondo fim à Revolução Francesa e ao regime até então vigente. A carreira dos irmãos terminou, pelo menos para Jules, em 26 de junho de 1870, data da sua morte e algumas semanas antes da queda do império napoleônico.

A viagem à Argélia certamente transtornou o olhar dos irmãos Goncourt, sobretudo por ter sido a ocasião das suas primeiras tentativas de escrita, embora tenham se decepcionado diante da rápida modernização do país que não mantinha mais a paisagem fantasmática de certa Argel árabe, com exceção da velha *Casbah*,²³ segundo testemunho dos irmãos. Ainda assim, embevecidos pela paisagem do

²³ Centro histórico de Argel, que ainda hoje guarda a tradição do velho país, seja pelo caráter arquitetônico, seja pela manutenção da vida sociocultural.

local, o extremo branco do Mediterrâneo oriental e o azul constante do céu, os irmãos desenvolveram finalmente a sua carreira de escritores, cujo principal gênero, além de alguns poemas, assemelha-se à literatura de viagem. Estranhamente, em 1869, com o precário estado de saúde de Jules, “uma espécie de desgosto e de desprezo” pela Argélia os toma, em detrimento, inclusive, da própria fascinação pelo Século XVIII, em que a elegância, o estado de espírito e a liberdade teriam tido maior força sobre os irmãos em detrimento dum Oriente que não mais podia permanecer na atualidade. Assim, eles revalorizaram a pintura e a escrita das antigas monarquias, cujos temas principais passaram a ser “a arte, o amor, as mulheres e os homens e a galanteria perdida do século das Luzes”. (MÉDIÈNE, 2011, p. 25).

A questão desse duplo sentimento, de atração e repulsa dos irmãos, é de certo modo uma questão recorrente e atravessa décadas na história do povo argelino diante, sobretudo, do Ocidente e, mais ainda, do francês, mesmo que este tenha sido o seu colono durante muito tempo. Ele pode nos auxiliar a observar mais de perto dois pontos para nós relevantes para pensarmos essa relação entre a França e a Argélia.

O primeiro diz respeito ao momento em que o orientalismo passa a dominar o pensamento ocidental, como afirma Edward Saïd em seu magistral estudo sobre o tema: o autor apresenta-o como algo que expressava e representava um discurso cujas bases são as instituições, possuindo um vocabulário próprio, exibindo ainda certa “erudição, imagens, doutrinas, burocracias e estilos coloniais” (SAÏD, 2007, p. 28). Num outro momento do seu texto, ele afirma que o projeto em torno do qual se organiza culturalmente o Orientalismo seria agenciado por um empreendimento britânico e francês. Assim, segundo Saïd, haveria uma disparidade nesse empreendimento, uma vez que ele engloba, por exemplo, tanto a Índia quanto o Levante (o oriente árabe), os exércitos coloniais, especialistas do assunto, enfim, todo um complexo de ideias e muitos outros elementos que passam pela religião, sociedade e cultura de modo geral, todos utilizados para uso próprio do europeu e dentro do próprio espaço. (SAÏD, 2007, p. 30). Com isso, percebemos que, apesar da atitude curiosa diante do inesperado, os irmãos Goncourt parecem ser um exemplo da força que a modernidade territorializadora tinha ao esconder o Outro em sua essência, pois Jules e Edmond Goncourt parecem não

ter suportado por muito tempo a diferença peculiar do povo des (coberto), embora a ideia inicial não tivesse sido exatamente a da pesquisa e da escrita literária orientalistas.

Em segundo lugar, paradoxalmente, o franquear a barreira da própria nação, sobretudo a França enquanto modelo de Estado-Nação moderno, em busca desse outro, mostra o quanto a dimensão espacial é relevante para construções e destruições de lugares imaginados. Na Argélia, esses movimentos – o de tomada da terra, das empreitadas coloniais, da imposição da língua e posteriormente das sangrentas guerras – eventos que podem ser vistos a partir da dimensão espacial, foi o que fez nascer uma literatura que se nutre de certo modo desse Outro, o próprio colonizador.

O que podemos perceber com esse histórico é que a Argélia atraía e afastava na mesma medida, pois o europeu, acostumado com a sua tradição, parecia não ver mais do que o exótico do outro lado do Mediterrâneo. Esse exótico atrai, mas pode permanecer com sendo um outro opaco que se confronta com um eu esclarecido e, portanto, verticalizado. De qualquer maneira, a Argélia não é uma nova conhecida dos franceses, fazendo alimentar esse diálogo entre mares, escritas e povos.

2.4 As representações do espaço na literatura: em direção a uma Geografia Literária.

Ainda que sintamos a necessidade de fugir, na medida do possível, duma reflexão prosaica sobre a dimensão espacial no que concerne à sua relação com o tempo, uma vez que essa dupla categoria é pesquisada desde décadas, não podemos negar que tal questão perpassa dalgum modo os nossos estudos, inclusive para que coloquemos com maior vantagem o próprio espaço em evidência. A existência duma noção não se dá, portanto, em detrimento doutra, mas na indissolubilidade da ligação entre elas. Embora a dimensão temporal tenha dominado por séculos nas ciências humanas, enquanto a noção de espaço, por consequência, permanecia subalterna, o caráter específico da espacialidade e a sua infinita divisibilidade, serão para o século XX de fundamental importância e levarão a mudanças que afetarão para sempre a vida no planeta.

Assim, de acordo com Bertrand Westphal (2005), a quem devemos a criação do neologismo “geocrítica” e “geopoética” como veremos posteriormente, a percepção do espaço tornou-se complexa, sobretudo nos tempos seguidos ao fim de Segunda Guerra Mundial, entre os anos 1939 e 1945, cujos horrores dos massacres transtornaram a história do homem. Segundo o autor, o ápice desse pesadelo teria sido a demarcação dos hectares de terra “cingidos de arame”. Num primeiro momento, isso teria levado a uma nova percepção do tempo, não tendo de imediato afetado a leitura do espaço, o que teria ocorrido mais substancialmente após os tratados de paz, algum tempo posterior ao fim da guerra. Assim, somente pela a necessidade de reconstrução das cidades destruídas é que surge uma primeira reflexão sobre o espaço metropolitano. Diante disso, o autor considera que a arquitetura e o urbanismo teriam contribuído fortemente para a elaboração dum pensamento contemporâneo (WESTPHAL, 2005).

Nesse novo complexo, surgiria ainda, segundo a visão do autor, desta vez sobre o plano político, a divisão do mundo, a partir dos acordos de Yalta²⁴, que para Westphal era um reflexo do Tratado de Tordesilhas de 1494. Desta vez, porém, não só os territórios ultramarinos foram demarcados, como no século XV, mas todo o conjunto dum planeta que passa a ser cartografado, transformado em blocos surgidos doutras fragmentações. Os acordos de Yalta, nestes aspectos, teriam de vez suplantado o Tratado de Tordesilhas (WESTPHAL, 2005).

O ponto sobre o qual nos apoiamos seria a problemática dos novos princípios de partilha doravante em vigor por meio do processo de descolonização. Para isso, concordamos com o autor e frisamos que o olhar colonialista era, durante o século XIX, monolítico, conquistando o espaço a partir duma única visão, a do próprio colono. Desse modo, apesar do caráter diferencial do espaço colonial, sua percepção estava sempre em referência ao centro. Assim, enquanto os acordos de Yalta bipartiram o

²⁴A conferência de Yalta, menos conhecida como conferência da Criméia, ocorreu entre os dias 04 e 11 de fevereiro de 1945, tendo dela participado três grandes nomes: Roosevelt, Churchill e Stalin. Algumas questões em torno das condições de retorno à paz haviam sido discutidas desde o dia 1º de fevereiro de 1942 no âmbito da Declaração das Nações Unidas. Nesses trâmites encontravam-se os três grandes poderes que dividiram o mundo em potências. Houve então o que chamaríamos de bipartição do mundo, criando centros de poder que se estabeleceram política e economicamente.

mundo, a descolonização trouxe a multiplicidade de olhares sobre o planeta (WESTPHAL, 2005). Na Argélia, uma espécie de questionamento do próprio passado, associado a essa multiplicidade, sobretudo na sua relação com a antiga Metrópole e um dos centros desse novo poder, a França, fez surgir uma literatura cujo espaço representado estaria longe de querer cartografar-se, em tempos já muito tardios em relação à criação dos Estados-Nação, mas representar espaços híbridos, que ora convoca a cultura tradicional, ora evoca a sua influência ocidental, e outras vezes ainda reivindica a palavra como única arma de guerra capaz de mostrar-se diante do mundo em plena virada espacial.

Uma vez percebidos os aspectos que introduzem o pensamento em torno da questão espacial, tanto no mundo bipartido pós-guerra quanto na multiplicidade dos espaços surgidos no período pós-colonial, discutiremos o caráter epistemológico da nossa abordagem, a partir dos estudos de Michel Collot (2014), considerando que o autor nos fornece uma leitura consolidada para o que nos interessa mais precisamente, ou seja, as bases geo-históricas e geográficas duma possível abordagem a que chamaremos, segundo o próprio autor, de “geografia literária”. Além disso, discutiremos as ferramentas metodológicas com as quais pudemos edificar um pensamento em torno das relações entre a literatura e o espaço. Lembramos que algumas questões serão aqui trazidas novamente, mas desta vez com o intuito de construir certa lógica do pensamento do autor, convocando inclusive pensadores dos saberes que se cruzam, tanto no que concerne à própria geografia quanto à literatura.

Trazendo a discussão para o nosso campo, consideramos primeiramente, segundo Collot, que a literatura, durante muito tempo, foi legitimada por sua história. Esse primeiro aspecto confirma, inclusive, a sobreposição do tempo ao espaço na perspectiva de Westphal, considerando o tempo e o espaço como matrizes da história e da geografia, respectivamente. É nesse sentido que o fluxo temporal prevalecera durante muitas décadas, tendo sido o principal aspecto observado na análise literária moderna, e levando à existência duma história da literatura. Isso se deve em parte à própria História como um dos grandes saberes da modernidade, sobretudo em tempos pós-Revolução Francesa, no século XIX, cujo modelo era fundado na ideia do

progresso linear e contínuo. Havia o que podemos chamar de obsessão pela história, pela necessidade ainda de registrar e de conservar certo passado: a história da arte, da música e da própria literatura, por exemplo, parecem ter sido aliadas à vontade de manter viva a chama dos áureos tempos da Modernidade.

Embora se tenha tratado do “fim da história”, o que parece ter ocorrido é o declínio desse modelo em que se exaltava o pensamento ultrarracional do homem do Iluminismo eurocêntrico. Assim, “as tragédias do século XX e o fim das ideologias dão então o golpe fatal nos velhos ideais modernos, obrigando a se repensar a história doutro modo” (COLLOT, 2014, p. 16). A partir de mutações no âmbito das ciências sociais e de novas demandas de olhar sobre o planeta, ainda a partir do século XX, os tradicionais paradigmas, que mencionaremos a seguir, transformarão de vez certos modelos até então vigentes. De qualquer maneira, não podemos esquecer que a própria geografia só teria se constituído enquanto disciplina universitária no início do século XX. (COLLOT, 2014, p. 07)

Collot explica que privilegiar o espaço e a inspiração geográfica parte inicialmente da forte tendência da própria criação contemporânea. Nesses aspectos, consideramos importante o esclarecimento sobre a terminologia que adotamos para adentrar o estudo e análise da literatura a partir da perspectiva espacial. Assim como a história literária, o nosso estudo tem como base metodológica a geografia literária. Sendo a geografia essa ciência relativamente recente, uma virada espacial, também conhecida como *spatial turn*, desde os anos 1970, teria também levado a uma virada especificamente geográfica, a partir dos anos 1980. Embora um pouco mais conhecida no âmbito das ciências sociais, ela será responsável por uma evolução dos gêneros literários e por uma espacialização das formas poéticas e narrativas. Mais uma vez, observamos uma espécie de “espaçamento do próprio espaço”, que se torna visível não por uma demanda, mas por uma mutação do modo de ver o mundo ou, se preferirmos, o próprio planeta, cujo sentido de habitat se torna primordial por razões que descreveremos adiante. De modo geral, esclarece o autor que

O crescente interesse que surge para o estudo das relações entre a literatura e o espaço reside numa mutação epistemológica geral que afeta o conjunto das

ciências humanas e da sociedade, cada vez mais atentas, desde pelo menos meio século, à inscrição das realizações humanas e sociais no espaço. (COLLOT, 2014, p. 15)²⁵

Diante do exposto, percebemos, em termos estatísticos, que a noção de geografia literária, segundo Collot, é, no entanto, ainda pouco conhecida do público francês, ao contrário da história literária, cujo domínio atravessa mais de um século de estudos (COLLOT, 2014, p. 07). Com isso, devemos às ciências humanas pesquisas no campo da geografia humana que dão conta da problemática espacial, e acreditamos que a literatura possua o seu papel de fundamentar esse processo por meio do imaginário poético, em que questões cada vez mais relevantes concernentes às representações do espaço surgem nos entornos das disciplinas que alimentam essa perspectiva. Dessa conclusão, podemos inferir que no Brasil a realidade é semelhante, pois ainda surgem estudos que, relativamente recentes, têm apontado para essa ponta de iceberg que ainda legitimará muitos estudos na interseção entre a literatura e o espaço.

Na relação entre o espaço e o tempo, percebemos a inserção da geografia dentro da própria história. Nesse caso, Collot esclarece que não poderíamos afirmar que o espaço geográfico tenha sido ignorado em séculos anteriores, mas foi inclusive levado frequentemente em conta pela própria História Literária, sobretudo em tempos anteriores à unificação da língua na França²⁶. Collot demonstra, por exemplo, que desde a Idade Média a noção de espaço geográfico não era necessariamente algo inexistente, mas ausente. Segundo ele, a literatura medieval evoluía de acordo com os dialetos e os lugares de produção. O indivíduo na Idade Média era identificado por seu local de nascimento, e isso incluía o escritor. E ainda, porque circulavam dum lugar

²⁵ L'intérêt croissant qui se fait jour pour l'étude des relations de la littérature avec l'espace se situe dans le cadre d'une mutation épistémologique générale qui affecte l'ensemble des sciences de l'homme et de la société, de plus en plus attentives, depuis au moins un demi-siècle, à l'inscription des faits humains et sociaux dans l'espace

²⁶ Uma abordagem sobre a língua atravessa de certo modo a nossa tese. Existe uma longa história da língua francesa, que consideramos altamente relevante para se compreender o francês como língua nacional. No entanto, como a nossa problemática diz respeito à instituição linguística como marca do imaginário das nações de modo geral, dedicaremos um capítulo específico sobre o assunto.

para outro, o conteúdo da obra do escritor não refletia necessariamente a sua origem, o que seria da ordem da história. (COLLOT, 2014, p. 40). Além disso, explica o autor, “a geografia literária, tal como eu a concebo e a pratico, não exclui a história literária nem o *close reading*”.²⁷

De qualquer maneira, o período que compreende os anos 1970 e 1980 é marcado por mudanças epistemológicas que viriam a transformar de vez alguns métodos de abordagem nas ciências humanas e sociais para que se pudesse repensar as relações entre o homem e o seu ambiente. A afirmação da potência geográfica nos estudos literários, colocando em relevo o espaço e/ou as suas representações nas ciências humanas e sociais e nas artes, teria surgido por uma necessidade de abrigo, numa era marcada por incertezas que permanecem até hoje e, por essa razão, o habitat humano se torna uma questão de extrema relevância: a insegurança sobre a possibilidade de futuro coletivo é agenciada por todas as questões ecológicas que passaram a fazer parte do nosso cotidiano por uma consciência ecológica, uma vez que o meio-ambiente é, ele próprio, o macro espaço de vida na terra. Em consequência disso, a virada espacial traz consigo novos olhares sobre o seu próprio tempo, não exatamente sobrepondo a problemática espacial à temporal num jogo de forças, mas considerando-a relevante à medida que ela mesma nos faz atentos diante da incerteza de sobrevivência futura. Em geral, questões, tais como a instabilidade da vida do planeta e, portanto, a vulnerabilidade cada vez maior do cotidiano e a suscetibilidade cada vez mais crescente às catástrofes naturais, relacionadas a fortes mudanças climáticas e os novos jogos geopolíticos entre as nações, afetam diretamente o olhar do homem sobre o seu presente e enfraquece para sempre alguma certeza sobre os dias que se seguirão. Em suma, a vida, tornada frágil sobre a terra, afetou para sempre o olhar do homem sobre o

²⁷ La géographie littéraire, telle que je la conçois et la pratique, n'exclut ni l'histoire littéraire ni le *close reading*.*

*Abordagem minuciosa dos elementos técnicos ou formais do elemento poético. Essa foi uma das grandes contribuições do *New criticism*.

espaço. Dentro dessa categoria, veremos ainda que a paisagem se torna o insumo de forte carga semântica, trazendo aos nossos olhares o que ainda nos resta a contemplar, pois seriam restos de paisagem.

Vimos com isso surgir o fortalecimento da proximidade entre a geografia e a literatura. Mas quais seriam as representações do espaço nos estudos literários e como seriam vistas essas representações? Em primeiro lugar, devemos situar algumas noções para em seguida compreendê-las dentro dos estudos literários. Assim fazendo, poderemos esclarecê-las, tendo em vista uma abrangência tanto sociocultural como preeminentemente textual, englobando-as na narrativa e na poesia.

No primeiro caso, Michel Collot abre uma perspectiva a partir das novas abordagens de estudo da geografia, segundo a qual o espaço geográfico não seria “o espaço homogêneo e abstrato da geometria, mas um espaço diversificado e concreto, que é o espaço da Terra” (COLLOT, 2014, p. 20).²⁸ O autor ainda afirma que o desenvolvimento dessa geografia a que chamamos de “humanista” teria se desenvolvido, como modo de reação contra certa tendência à abstração. Um de seus precursores seria Éric Dardel (1952) que, a partir dum pequeno ensaio filosófico, defende uma relação concreta que liga o homem à terra, o que para ele levava a uma “geograficidade” (*géographicité*) como condição espacial do homem nas sociedades. Ela traria o homem como modo de existência e se preocuparia com o seu destino. É então a partir dessa noção que as relações entre a geografia e a literatura se estreitam, uma vez que Dardel chega a afirmar que a linguagem do geógrafo seria também a linguagem do próprio poeta. (COLLOT, 2014, p. 20).

Há que se pensar, no entanto, no perigo que corremos ao mergulharmos na obsessão que pode tornar os estudos literários, segundo Collot “enfeudados”, à medida que a geografia permanece uma disciplina diferente e de certo modo distante da literatura (COLLOT, 2014, p. 09). Ao mesmo tempo, a existência do

²⁸ L'espace géographique n'est pas l'espace homogène et abstrait de la géométrie, mais un espace diversifié et concret, qui est celui de la Terre.

crescente interesse da geografia pela literatura é uma realidade. Isso poderia talvez esclarecer parte das incertezas sobre a possibilidade ou não do referente que interessa à pesquisa em literatura para que sejam percebidas as abordagens metodológicas diferenciadas de cada uma e, ainda, pensar na especificidade literária e suas obras para que não vacilemos – o que pode ser muito frustrante – transpondo leituras, conceitos, noções e abordagens, transformando a geografia literária numa espécie de anexo da geografia cultural (COLLOT, 2014, p. 10).

Para equacionar tal problema, investigamos alguns dados paralelos ao nosso campo epistemológico, primeiramente pelo viés da própria geografia e, em seguida, por algum estudo de Deleuze e Guattari (2005), ainda que guardando um pouco o caráter imanente dessas abordagens, pelo próprio limite que o nosso estudo nos impõe e com vistas a podermos estabelecer alguns parâmetros peculiares a cada área de estudo. Acreditamos que tal iniciativa evitaria a obscuridade da amplitude inerente à própria concepção de espaço.

Recorremos primeiramente às pesquisas de Rogério Haesbaert (2011), apontando as contribuições e os limites das ciências humanas na análise literária, conforme a visão de Michel Collot. Recorremos também ao conceito de desterritorialização²⁹ proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2005), sobretudo porque Haesbaert os convoca no seu trabalho. A reflexão que faremos nalguns parágrafos que se seguem parte da abordagem sobre o território, conceito fundamental para a geografia enquanto ciência, que teria levado, para os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari a essa complexa noção que os filósofos chamaram de “desterritorialização”.

Em seu livro, “O mito da desterritorialização” (2011), Haesbaert nos remete a uma análise que pontua a visão do geógrafo diante da dimensão espacial, com

²⁹ Esclarecemos que não adentraremos as análises pela noção de desterritorialização ao longo desta pesquisa, uma vez que a nossa abordagem busca representações do espaço a partir das noções desenvolvidas por Michel Collot. Mas buscamos esclarecer alguns pontos dessa noção, já que ela acabou se tornando objeto de estudos do geógrafo. Acreditamos ainda que ao passarmos por essa noção, estabelecemos critérios próprios aos estudos no campo literário, que se diferenciam da abordagem geográfica.

ênfase ao estudo do território. Ela, por sua vez, estaria, segundo o autor, subordinada aos processos de territorialização. Ou seja, nela, espaço e sociedade estão imbricados na territorialização, sendo o indivíduo, o grupo ou a comunidade, elementos inseridos dentro de determinado contexto geográfico, denominado pelo autor e pela geografia em geral como sendo “territorial” (HAESBAERT, 2011, p. 20). Assim, a consciência do próprio sujeito com o meio ambiente pela ocupação do espaço, seria para o geógrafo determinante para o estabelecimento do território. O autor esclarece também que tal concepção é igualmente adotada pelas ciências políticas, economia, antropologia, sociologia e, por fim, pela psicologia. À materialidade do território em suas múltiplas dimensões, estaria eventualmente incluída a interação entre a sociedade e a natureza. De modo geral, o território é enfatizado pelas ciências políticas a partir das relações de poder; no âmbito das ciências econômicas, como fator locacional ou base de produção; para a antropologia, por sua dimensão simbólica; dentro da sociologia, pelas relações sociais; e, finalmente, para a psicologia, pela construção da subjetividade. (HAESBAERT, 2011). Dessas noções, o autor caminha para uma reorganização desses parâmetros, resumindo o território enquanto político ou jurídico-político, cultural ou simbólico-cultural, e econômico e naturalista, visando as relações entre sociedade e natureza. No fim das contas, o autor indica uma perspectiva “integradora”, que englobaria todos esses elementos em conjunto.

Encontramos aqui um outro debate muito relevante: aquele que envolve a leitura de território como um espaço que não pode ser considerado nem estritamente natural, nem unicamente político, econômico ou cultural. Território só poderia ser concebido através de uma perspectiva integradora entre as diferentes dimensões sociais (e da sociedade com a própria natureza). (HAESBAERT, 2011, p. 74)

A partir dessa abordagem, o autor desenvolve todo um estudo que, tendo em vista o debilitamento da mediação espacial nas relações sociais, lavar-nos-ia a pensar no que ele que chama de “multiterritorialidade”. Porém, para o autor, essa noção se contrapõe, em certa medida, aos processos de desterritorialização desenvolvidos por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Haesbaert se apoia então no princípio pelo qual a

desterritorialização não seria jamais possível sob a ótica da geografia. Enquanto homem de ciência, Haesbaert deixa claro o seu posicionamento diante da ideia de desterritorialização, imprimindo inclusive o que seria da ordem do território dentro da própria noção de desterritorialização: “é interessante lembrar que mesmo a figura "desterritorializada" por excelência, o nômade, tão celebrada por Deleuze e Guattari, ela própria, em suas trajetórias costumeiras, possui um território” (HAESBAERT, 2011, p. 129).

Se a abrangência geográfica do espaço inclui a noção de território, para Deleuze e Guattari, a filosofia é quem os teria levado ao estudo dos processos de desterritorialização. Percorrendo um pouco dos autores, percebemos no livro *Qu'est-ce que la philosophie?* (2005) que, para se chegar ao conceito de desterritorialização, seria necessário conceber a própria ideia de conceito. Para os autores, não sendo simples, todo conceito estaria baseado na multiplicidade, apesar de não ocorrer necessariamente o inverso, já que nem toda multiplicidade gera um conceito. Assim, todo conceito leva a problemas, “sem os quais não haveria sentido e que só podem surgir ou ser compreendidos na medida de sua solução”³⁰ (DELEUZE & GUATTARI, 2005, p. 22). Ao mesmo tempo, para os autores, uma mudança repentina pode ocorrer, caso se descubra outro problema. Um conceito, embora recortado, possui também um *devenir*. Ou seja, leva a outros conceitos situados sobre o mesmo plano. Além disso, prevalece para Deleuze e Guattari a ideia da existência de “zonas de avizinhamento”, que são por eles esclarecidas a partir da seguinte constatação empírica: “O conceito de pássaro não está no seu gênero ou na sua espécie, mas na composição de suas posturas, das suas cores e dos seus cantos”³¹ (DELEUZE & GUATTARI, 2005, p. 26). Por fim, o conceito para os autores seria “incorporal”, apesar de encarnar-se ou de efetuar-se no próprio corpo. (DELEUZE & GUATTARI, 2005, p. 26).

³⁰ Sans lesquels il n'aurait pas de sens, et qui ne peuvent eux-mêmes être dégagés ou compris qu'au fur et à mesure de leur solution.

³¹ Le concept d'un oiseau n'est pas dans son genre ou son espèce, mais dans la composition de ses postures, de ses couleurs et de ses chants.

Esses aspectos em torno do conceito teriam então levado os autores a conceberem a ideia segundo a qual o ato de “pensar ocorre antes na relação entre o território e a terra”³². Assim, a própria terra faria um movimento constante de desterritorialização no próprio lugar e operaria um movimento de desterritorialização, ultrapassando o território. Ela então seria “desterritorializante” e “desterritorializada”. Isso porque a terra não seria um elemento dentre tantos outros, mas reuniria todos os elementos, servindo-se dum ou outro para desterritorializar o território. Os movimentos de desterritorialização não estariam separados dos territórios, e os processos de reterritorialização, na mesma medida, seriam inseparáveis da terra, que é quem traz de volta os territórios. Esses movimentos, em constante devir têm apoio ainda no princípio do “ritornelo” (*ritournelle*), que dá a dimensão de constante movimento. Trata-se, portanto, dum conceito que perpassa o mundo político, social e artístico. Sendo criativo, o conceito para os autores está inserido dentro duma reflexão filosófica, e por isso a própria noção de conceito, como afirmamos, estaria em jogo nesta definição, não sendo, portanto, da ordem da geografia ou das ciências humanas *tout court*. Ela seria ainda uma via de explicação dum “mal-estar” que inclui um “estar” no mundo em constante devir, e por isso mesmo nunca em sua fixidez.

Em face disso, percebemos primeiramente uma aporia entre tais abordagens, que nos interessa menos do que a nossa própria escolha. Como observaremos, algumas leituras de Deleuze e Guattari permanecem fundamentais para o nosso estudo. No entanto, não recorreremos necessariamente aos processos de desterritorialização, uma vez que a moldura teórica do nosso trabalho encontra outras noções em torno das representações do espaço na literatura.

Collot nos adverte sobre o eventual problema que pode ser causado pela parceria entre a geografia e a literatura: temendo uma geografia literária demasiadamente enfeudada no referente, e para manter a distância de que necessitamos entre a e a geografia real e a geografia literária, o autor nos leva a lançar esse olhar para

³² Penser se fait plutôt dans le rapport du territoire et de la terre”.

se pensar a análise das narrativas dos nossos autores, pelo princípio segundo o qual uma geografia literária seria mais imaginária do que real e, por consequência, é mais crítica e menos descritiva. Portanto, “trata-se menos de estudar os referentes dos quais o texto se inspira do que as imagens e significações que ele produz”³³ (COLLOT, 2014, p. 87). Por isso, essas imagens incluem a paisagem que não teria se perdido desde os tempos de urbanização e de crescimento das cidades, mas retornado a um estado de ligação entre o homem e o meio e, na literatura, a uma experiência com o sensível, ou seja, com a poesia. Em suma, a obra literária evoca espaços imaginados, enquanto a geografia se inclina sobre espaços reais. Em nosso caso, permanecemos no diálogo com os espaços encarnados pela imaginação poética, deixando os espaços reais como trabalho para a geografia e as ciências humanas e sociais.

Em relação à poesia, aliás, a perda do valor bruto do referente é ainda mais impactante, uma vez que a criação contemporânea questiona a própria distinção cartesiana entre a “coisa pensante” e a “coisa estendida”, além de violar o princípio estruturalista. Portanto, haveria na poesia contemporânea a continuidade da experiência humana e da linguagem (COLLOT 2014, p. 105). Nossa abordagem considera o espaço como uma dimensão que, aliada à geografia, estende-se ao texto literário em formas de representação e não de referentes.

Com isso, consideramos o desenvolvimento do método de pesquisa sobre uma geografia literária por meio dos termos surgidos mais recentemente, diante de alguns anos de contribuição posteriores à virada espacial: o estudo da geografia literária fez surgir neologismos como “geocrítica”, que se relaciona com o estudo da narrativa e “geopoética”, que daria conta da análise da poesia. Eles estabeleceriam alguns contornos específicos, e os veremos aqui organizados de acordo com a nossa análise literária.

A partir daí, uma última reflexão se torna aqui fundamental, considerando os reflexos que, ao que parece, puderam ser produzidos ao vasculhar

³³ Il s’agit moins d’étudier les référents dont s’inspire le texte littéraire que les images et les significations qu’il produit.

muito lentamente os escritores argelinos de língua francesa que nos interessaram nesta tese. Trata-se de apresentar uma escolha que levou em conta o diálogo entre a história espacializada da literatura argelina e, paralelamente, da colonização e da descolonização do país, do conjunto de conhecimentos geográficos aos quais forçosamente nos inclinamos e às obras literárias e seus escritores que, de acordo com a nossa escolha, representam, por meio de um corpus literário, três etapas de análise, realizadas na segunda parte desta tese. E como se realizaria esse método, uma vez que o terreno ainda é fértil, merecendo muitos outros olhares?

Collot apresenta em seu livro três abordagens que cobririam o termo “geografia literária”. A primeira delas é concebida a partir da própria geografia, que o autor chama de abordagem *geográfica*, a qual se inclina sobre “o contexto espacial no qual são produzidas as obras (a geografia da literatura)”³⁴; a segunda surge do neologismo conhecido como *geocrítica*, que analisa “as representações e as significações do espaço no próprio texto”³⁵; a terceira, a *geopoética*, concentra-se nas “relações entre a criação literária e o espaço, mas também sobre o modo pelo qual eles são realizados na forma”.³⁶ (COLLOT, 2014, p. 11). E ainda, defende a ideia segundo a qual

a esses três níveis de análise, que sobrepõem as três faces do signo linguístico (referente, significante e significado), são correspondentes a três dimensões diferentes do espaço literário: seus laços com lugares reais; a construção dum universo imaginário ou duma paisagem; a própria espacialidade do texto.³⁷

³⁴ Le contexte spatial dans lequel sont produites les œuvres (une géographie de la littérature) ou qui repèrent les référents géographiques auxquels elles renvoient (la géographie dans la littérature).

³⁵ Les représentations et les significations de l’espace dans les textes eux-mêmes.

³⁶ Les rapports entre la création littéraire et l’espace mais aussi sur la façon dont ils sont mis en forme.

³⁷ À ces trois niveaux d’analyse, qui recoupent les trois faces du signe linguistique (réfèrent, signifié, signifiant), correspondent trois dimensions différentes de l’espace littéraire : ses attaches avec des lieux réels; la construction d’un « univers imaginaire » ou d’un « paysage » ; la spacialité propre au texte.

A possibilidade de escrita dentro desses três aspectos da geografia literária pode nos fornecer um panorama de evolução do quadro que acabamos de perceber.

O percurso literário que realizamos, desconhecendo num primeiro momento essa possibilidade de leitura, a da (re) visão do signo linguístico pela tríade que une as três perspectivas de análise pelo viés da geografia literária, iniciou-se pela própria experiência, enquanto leitores, numa via contrária à de Collot, começando pela investigação da poesia de Anissa Mohammedi que, como já mencionado, consideramos naquele período relevante por sustentar uma produção literária de quem escreve no atual momento. Mais do que pura fruição estética, a sua poesia causou certo impacto, pelo paradoxo entre a objetividade que podemos encontrar na superfície dos seus versos curtos, e a complexidade e os contornos que se constroem na urdidura do poema. Em seguida, passando à leitura de Assia Djebar, as primeiras hipóteses giravam em torno dos constantes deslocamentos de seus personagens, dum espaço recriado pela construção de suas narrativas, dum paisagem que desvelava uma memória do país sonhado, ao mesmo tempo em que a escritora não mais se fixava na Argélia, e ainda uma forte obsessão pela língua de escrita e pelas tradições orais em forma de palimpsesto ou, como veremos, como rastros de vida, como substância que se inscreve no texto tornado concreto. Por fim, interessamo-nos por Kateb Yacine pela curiosidade suscitada, até mesmo por se tratar do primeiro escritor francófono moderno da Argélia. Em Kateb, perceberemos que o espaço é flexível no nível da escrita, mas limitado pela própria condição do colonizado, cuja terra tomada não admitiria tanto fluxo espacial. Assim ele seria pouco representado e pouco representável. Ainda assim, ele nos leva a pensar na existência dum geografia da literatura.

O nosso interesse está relacionado a certo “descolamento” da terra de origem nos três escritores. Mesmo Kateb Yacine, em período anterior, já era um sujeito que diríamos diaspórico, viajante e deslocado, na mesma medida em que exibia o seu ideal de homem argelino e pertencente a uma nação. Ao mesmo tempo, o lugar de emissão da palavra, no sentido glissantiano do termo, permanece, fazendo do lugar um campo onde essa palavra germina em forma de rizoma.

No fim das contas, pudemos perceber, a partir da abordagem de Michel Collot, que um processo de leitura desses escritores, embora de modo invertido, indica-nos o seguinte caminho que percorre esta tese: Kateb Yacine, em nossa análise, desenvolve a problemática do lugar tornado possessão estrangeira pela ocupação do colono, questiona a condição do sujeito argelino, ora a partir da própria noção de terra, de lar, ora a partir de comunidades tradicionais que se lá estabeleceram há séculos, ao mesmo tempo em que sofreram algumas tentativas de aculturação ao longo do tempo e, posteriormente, de assimilação pelo próprio colono. A narrativa fragmentada dialoga com a terra que é reivindicada, sendo o espaço geográfico um referente. A partir das obras de Assia Djebar, percebemos toda essa construção do universo imaginário, do lugar sonhado em vez do lugar dado, real, da geografia. Por último, a poesia de Anissa Mohammedi nos inclina a pensar a relação entre a criação literária e o espaço, e ainda a espacialidade do seu texto, que é metapoesia, ou seja, é pela forma que se deseja se exprime o mundo em devir, a ser recriado.

Se o conjunto de obras que reconstroem na visão de Collot os signos linguísticos faz parte do mero acaso, da coincidência ou da busca que não enxergamos concretamente, fato é que a teoria confirmou a leitura. São esses encontros, entre leitura, teoria e método, que parecem provar que o labor pelo qual se passa para se chegar a um Texto pode ser realizado pelas forças que unem o criador ao crítico. De certo modo, estes tentam deixar algumas brechas de criação como modo de contemplar a literatura em suas pequenas luzes que jorram no obscuro da humanidade.

3 ESPAÇO, ESPACIALIDADE, (N) AÇÃO: O ESPAÇO ENCARNADO NA GESTAÇÃO E NASCIMENTO DUMA LITERATURA ARGELINA DE LÍNGUA FRANCESA.

C'est dans ce monde tragique, artificiel, que naît l'extase. Sans aucun doute tout objet d'extase est créé par l'art.³⁸

Georges Bataille, "L'expérience intérieure"

3.1 Introdução : espacialização e invenção

A nossa proposta neste capítulo tem como base um estudo que nos leve a pensar numa dupla formação: a do povo argelino e, posteriormente, a da sua literatura. Todavia, não é possível considerar a formação desse povo com elementos puramente históricos e nem da sua literatura, meramente baseada na “história literária”. Portanto, essa formação se dá como num processo de intussuscepção, tomando para nós esse termo, considerando que esses dois lados do Mediterrâneo se alimentaram mutuamente, cada um dentro dos seus interesses. Nesses aspectos, a língua exerce um papel preponderante nessas formações. Se imposta ou adotada, a escolha linguística parece ampliar os espaços de enunciação e levar a literatura argelina a uma amplitude que supera as questões internas e territoriais, mesmo sem contar com tantos leitores dentro do espaço local e fora dele. As espacializações sofridas ao longo dos séculos na Argélia passaram por hibridizações que violaram a pureza de sua tradição, se é que esta pureza tenha existido nalgum momento. Em seguida, devemos considerar, ao final

³⁸ Proposta de tradução: É neste mundo trágico, artificial, que nasce o êxtase. Sem nenhuma dúvida, todo objeto de êxtase é criado pela arte.

do século XIX, que o processo colonial teria modificado ainda mais esse cenário, trazendo a língua imposta que se torna a língua de escrita literária. Ou seja, uma “tragédia argelina” seria para nós uma via de reflexão que melhor atenderia a uma demanda e a um desejo de luta por uma nação e uma literatura modernas em tempo tardio de modernidade, o que durou muito pouco tempo, acima de tudo por sua literatura, que hoje se encontra expatriada.

Para pensarmos as representações do espaço na literatura magrebina contemporânea, com a visibilidade da literatura argelina moderna em língua francesa, observaremos alguns aspectos relacionados à tradição europeia, em torno da qual a sociedade ocidental passa a existir legitimamente quando submetida à lógica do Estado-Nação. Da mesma maneira, a literatura passou a refletir essa mesma lógica, fazendo perpetuar até certo limite o romance realista. Concebemos, portanto, como primordial, um estudo da própria nação enquanto um produto imaginado para, posteriormente, pensarmos quais aspectos ocidentais dessa formação permanecem na Argélia e em sua literatura e quais outros se modificaram pela reconfiguração do espaço geopolítico, da escrita, dos escritores e mesmo das edições.

Ainda que alguma influência do modelo ocidental permaneça nessas literaturas que consideramos novas, escritores como Kateb Yacine carregam uma capacidade de reinventar essa forma. Discutiremos ulteriormente, no capítulo que analisa esse escritor e sua obra, *Nedjma* (1956), considerada fundadora da literatura argelina de língua francesa, que os pouquíssimos elementos ligados a uma estrutura ocidental estão longe de confirmar que a escrita desse autor se apoia em certa tradição europeia mas, ao contrário, faz prevalecer a necessidade de expor uma cultura, um povo e uma nação propensa ao nascimento que, embora violentada pela cultura francesa, não se desvencilha do árabe em sua essência.

Por essa razão, apresentaremos como teria se dado a espacialidade argelina como fenômeno que se torna determinante nas representações desse espaço imbricado historicamente e recriado pelo texto literário. Essa diferença, marcada por certa escolha linguística, não se realiza como simulacro mas, ao contrário, supera o

sonho de permanência numa suposta identidade única e exclusiva, seja por uma condição de orfandade, seja pela inexistência duma matriz, duma tradição literária fundante ou qualquer origem que permitisse a continuidade, e ainda pela própria virada espacial que coloca a geografia em lugar de prioridade nas discussões mundiais e, conseqüentemente, nas novas criações literárias.

Desenvolvemos então alguns pontos que aproximam a nossa investigação dalgumas reflexões de ordem geopolítica, ainda que o nosso objetivo não seja o de realizar uma revisão sistemática e intrínseca desses conceitos, que seriam aqueles ligados à função do Estado em expandir e defender o espaço territorial nacional ou à rivalidade entre poderes a partir do território. Por outro lado, a nossa abordagem é tecida pelo viés de determinado conjunto de saberes e discorrem dalgum modo no pensamento geopolítico. Apresentaremos em seguida uma Argélia dentro dessa rede, que reivindica o seu lugar no mundo, sobretudo desde os tempos de descolonização até os dias atuais, que por sua vez são atravessados por uma crise inicialmente identitário-nacional tardia. A literatura parece tratar dessas questões, revisitando o tempo histórico como modo de se fazer conhecer pela própria complexidade do espaço ocupado e reocupado. Por isso, a escrita argelina demonstra certo incômodo pela língua do colono, que por fim se torna a língua de sua expressão literária.

Propomos primeiramente a ideia do que seria um recorte espacial transformado em espacializações, a partir do olhar sobre o próprio Brasil. Tal perspectiva, inicial, além de promover um diálogo com o lugar de origem de boa parte desta pesquisa, é também para nós uma via facilitadora de conceitos que identificamos como sendo bastante complexos. Além disso, tentaremos trazer ao campo epistemológico do nosso estudo a noção de “espaço encarnado”, que valoriza a reinvenção e a recriação dos espaços do texto em diálogo com a realidade sociocultural. Em seguida, partiremos para algumas reflexões sobre o conceito de nação e de nacionalismo modernos como agrupamento de povos, mas nalgum momento controlados por uma soberania aristocrática hierarquizante e, posteriormente, por um Estado soberano moderno. A partir daí, apresentaremos certas marcas de origem do

povo argelino dentro de certo histórico de influências que remontam à Antiguidade, e em seguida a problemática linguística que permanece o ponto de debate até os dias atuais, no que diz respeito à criação do estado nacional argelino, diante dum passado colonial, por um lado, e para a escolha duma língua de expressão literária, como via de acesso e de diálogo com o ocidente e com o mundo, por outro. Perceberemos que as forças que levaram à modernização da estrutura política do país, inclusive pelo viés da literatura em língua francesa foram as mesmas que levaram à formação dessa literatura que propomos, a partir da segunda metade do século XX.

3.2 Espaços encarnados.

Durval Muniz Albuquerque Júnior, em seu livro “A invenção do Nordeste e outras artes” (2011), traz como reflexão o Nordeste brasileiro como uma invenção consolidada em certo momento da história do século XX. Esse autor nos fornece algumas reflexões que nos levam a compreender a necessidade de se imaginar uma espacialidade e de torná-la algo significativo para um determinado lugar. É bem certo que o contexto social brasileiro, nesse período que o autor chama de “invenção do Nordeste”, já era consolidado por herança, pelo conjunto de circunstâncias que levaram à criação dos estados nacionais europeus. Mas o autor é pertinente ao esclarecer alguns conceitos que consideramos essenciais, além, é lógico, ao nos mostrar, a partir do Brasil, o fenômeno que investigamos na Argélia, que também legitima a sua existência no mundo contemporâneo a partir duma linguagem e dum discurso ou, no sentido glissantiano, por uma poética. Afinal, estamos tratando de lugares e de espaço, e não exatamente de territórios, pelo menos na interseção entre literatura e geografia, segundo o método de abordagem que propomos.

Albuquerque Júnior parte da seguinte premissa: “Até meados da década de 1910, o Nordeste não existia. Ninguém pensava em Nordeste, os nordestinos não eram percebidos, nem criticados como uma gente de baixa estatura, diferente e mal adaptada. Aliás, não existiam”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 13). Pensar a não existência dum povo, num determinado momento da história de certo lugar como o

Brasil, já consolidado com nação, está bem longe de ser uma negação da vida desse povo, mas algo que o identifica de modo subjacente. Haveria então nesse olhar o paradoxo da invenção do lugar já que, apesar de existir *a priori*, não existiria no imaginário do seu povo. No caso do Nordeste brasileiro, esses nordestinos que não existiam, ou que pelo menos não existiam nesse imaginário, eram, escreve o autor, “um povo cheio de calor humano e de musicalidade; o espaço sociopolítico era diferenciado, contrastante e carente; a região, ensolarada e cheia de vida”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 13). Com isso, ele afirma que o Nordeste teria passado, entre a primeira e a segunda metade do século XX, pelo que ele chama “invenção”, haja vista inclusive que o Brasil era, até então, visto pelo contraste entre o Norte e o Sul. Ele então passaria a existir enquanto região, cuja identidade teria se dado pelo “surgimento de um recorte espacial, de um lugar imaginário e real no mapa do Brasil, que todos nós conhecemos profundamente, não importa de que maneira, mas que nunca pudemos imaginar com uma existência tão recente”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 14). Longe de ser um espaço dado pela natureza, como se cria até o século XIX pelos naturalistas, o Nordeste seria então desses lugares de existência duma prática e um discurso, que a um certo momento da história se identificariam regionalmente, pois limita-se de qualquer modo a um recorte geográfico. Por isso mesmo, o autor o percebe da seguinte maneira:

O Nordeste nasce onde se encontram poder e linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da espacialização das relações de poder. Entendemos por espacialidade as percepções espaciais que habitam o campo da linguagem e se relacionam diretamente com um campo de forças que as institui. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 33)

Esse lugar de poder e de linguagem é o que produz tal imagética, por meio dos veículos de comunicação, da literatura dita regionalista e de escritores que conhecemos na historiografia literária brasileira, como Euclides da Cunha, que se propôs a certa escrita do Nordeste em seu magistral ensaio literário “Os Sertões” (1902). Consideramos então que essa relação geradora de poder dá ao recorte espacial o seu caráter de espacialidade. No Nordeste, essa espacialidade seria então a percepção de

certa linguagem que se institui e que passa a ser conhecida, gerando esse “campo de forças” em relação ao resto do país. O autor considera com isso a existência dos elementos geográfico, linguístico e histórico que nela se complementam, construindo uma geografia mais humana e o que ele chama de distribuição espacial dos sentidos. Assim, o consórcio entre discurso, que estaria no campo da linguagem, e o próprio espaço, que se relaciona ao objeto histórico, encontram-se e se constituem juntamente, anulando o que inicialmente seria uma determinação natural, e assumindo-se como construção humana. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 33). Concordamos então com o autor, na mesma sequência de suas reflexões, que afirma que uma espacialidade estaria sujeita a um movimento de construção e de destruição de modo pendular, e também porque o espaço não preexistiria a uma sociedade que o encarna.

O espaço na literatura magrebina é também um espaço encarnado, tendo a sua espacialidade, ao longo de séculos, sofrido esse movimento pendular, entre construções e destruições. E ainda, porque a literatura que chamamos de argelina cria poeticamente novas espacialidades, que por sua vez se constrói dentro duma nova linguagem, ou ainda, pela adoção da nova língua, inicialmente imposta, que carrega a criação de novos sentidos. Assim, é interessante pensarmos que esse “lugar” a partir do qual uma poética encarnaria o espaço e que se torna encarnado, também, pela produção de sentidos, só seria possível pela presença do próprio homem, também encarnado, não no território, mas na mobilidade que o próprio espaço proporcionaria, recriando-o. Do mesmo modo, a narrativa dos escritores argelinos reinventa por vezes uma Argélia, considerando que, em certos contextos, somente o espaço da escrita torna possível qualquer verdade do autor ou do narrador como, por exemplo, na escrita feminista de Assia Djebar. Talvez por isso, pensadores como Édouard Glissant parecem reconsiderar todo o imaginário moderno que fixa fronteiras formando estados soberanos, e passa a considerar os espaços sobre o Globo como lugares (GLISSANT, 2010).

Christine Baron (2011), já diretamente de dentro do campo da crítica literária, fundamenta nos seus estudos, na interseção entre literatura e geografia, a necessidade de pensar na renovação desses espaços encarnados e na tentativa de reinvestir, habitar e se apropriar dos lugares, à medida que a geografia e a literatura

supõem uma vontade de inscrição do sujeito em suas coordenadas. Poderíamos assim pensar que, nos múltiplos espaços em que a literatura argelina se apresenta, as aproximações entre geografia e literatura só são possíveis pelas relações pluridisciplinares. Podemos observar pela análise que as zonas de representações socioculturais, por meio da poética de evocação do espaço em seu sentido mais amplo, não induzem ao risco de produzir fendas teóricas inapropriadas, como bem esclarece Michel Collot, uma vez que tratamos de elaboração poética. Considerar o espaço e convocar os saberes inerentes à geografia consistiria em demonstrar como afirma Pucheu, o colorido das relações entre o texto literário e as espacialidades que o contornam ou que o encarnam. E é por isso que os espaços encarnados dos nossos autores devem ser analisados pela ordem daquilo que não pretende ser refratado, quebrado por desvios, mas como colorido textual encarnado ou, ainda, como a encarnação da palavra no espaço do texto. Em suma, por uma Argélia recriada pelo imaginário poético.

Assim, a poética daria conta daquilo que o mundo político-econômico não alcança: a necessidade de questionamento e dos possíveis diálogos entre o Ocidente e o Oriente, levando-nos a pensar que a encarnação do espaço literário argelino é fruto de colonizações e de guerras banhadas de sangue. Embora tenhamos passado nos últimos anos pela opressão da mídia, não discutiremos os supostos diálogos posteriores à virada política mundial desde os eventos de 2001, nem tampouco da chamada “Primavera Árabe”, que seriam mais semelhantes às Cruzadas do que às revoluções no seu potente sentido, nem das soluções que se pensa em torno das apostas geopolíticas em torno das crises que se acentuam no planeta, pois, se assim procedêssemos, certamente perderíamos o foco no nosso objeto. Em nosso estudo, o reconhecimento da produção literária ali herdada torna-se fonte de diálogos e reflexões que, pelo viés da literatura, seriam verdadeiros legitimadores duma revisão dos paradigmas estabelecidos pelo Iluminismo, e que ainda ecoam nas sociedades ocidentais, apesar dos estilhaços que recebemos debaixo dos nossos olhos após a Segunda Guerra Mundial. Além disso, a literatura parece ser o único vetor que nos permite apontar para esses mesmos problemas, uma vez que a informação já não promove qualquer revolução. Em se

tratando de literatura, pela lente dos nossos microscópios, que é a teoria, trataremos aqui da escrita em língua francesa oriunda do magrebino, mais especificamente do argelino, como descendente e não como dependente das formas ocidentais: desde o seu nascimento, algo ainda recente, esse fenômeno literário espalha os seus filhos, muitos netos da colonização - novos romancistas e poetas - pela França Metropolitana ou alhures, fazendo assim germinar as sementes do bem e do (mal) dito, exaltando, invocando e constantemente, numa primeira instância, a tomada da sua própria terra transformada posteriormente em Estado-Nação e, finalmente, os muitos lugares habitáveis do planeta, por assim dizer, em tempos de crise de fronteiras, de territórios politicamente fixados, de nações, enfim, ainda que essa crise permaneça, pelo menos por enquanto, presa ao seu movediço conceito: a crise aqui não é o fim dos velhos paradigmas, mas o conhecimento da sua existência. Poderíamos então perceber que a cultura árabe teria a princípio adentrado o imaginário das nações, pelo viés da sua narrativa e da sua poesia, que por sua vez foram herdadas, queiramos ou não, das invenções ocidentais.

A narrativa e a poesia magrebina em língua francesa, desde suas primeiras produções, permitem fluxos migratórios e se realizam rizomaticamente, o que talvez elimine para sempre a tentativa de supervalorização duma língua ou de sua tradição como condicionante para a existência de qualquer literatura de caráter nacional, e muito mais duma literatura ou dum escritor que, em seu imaginário, esteja vinculado a essa língua dentro das velhas matrizes ocidentais. Mesmo alguns escritores já consagrados pela crítica e mais próximos da língua que escolheram para escrever, como Assia Djebar, colocam a dificuldade de circunscrição num imaginário linguístico e nacional, pois evocam uma memória outrora esquecida e em seguida reconstruída, promovendo por meio de suas personagens femininas deslocamentos que ultrapassam a

tentativa de afirmação do idioma, do local e do patriarcado. É o que afirma Soheila Kian, ao escrever sobre as escritoras Assia Djebar e Leïla Sebbar³⁹:

Nem uma nem outra se prende ao passado e na história. As duas mencionam o passado para melhorar o presente. Elas utilizam a história dum ponto de vista feminino, para subverter o orientalismo e os clichês que reinam nas sociedades ocidentais, dum lado, e as patriarcais do outro. (KIAN, 2009, p. 12)⁴⁰

Como podemos notar, o movimento pendular é necessário para a recriação dos dois campos habitados pelo escritor e por sua escrita. Esse espaço cultural, social e linguístico, todos obviamente plenos de carga política no melhor dos sentidos, é adentrado por relações que vão desde a necessidade vital de escrever até a relação demasiadamente amorosa com essa língua. Talvez por isso, o ofício da escrita tenha se tornado um misto entre desejo e necessidade. Felizmente, investigar literaturas em língua francesa ultrapassa o lastro duma literatura francesa, mantida por tanto tempo como oficial, olhando para o rastro duma língua que permite repensar a ilegalidade dos escritores-forasteiros. Pela noção glissantiana, o rastro supõe e carrega não o pensamento do ser, mas a divagação do existente. (GLISSANT, 1996, p. 69)⁴¹

³⁹ Leïla Sebbar é uma escritora franco-argelina que vive na França e que escreve em francês. Seus romances carregam reflexões sobre os imigrantes que vivem o legado das histórias entrelaçadas da França e das antigas colônias. (KIAN, 2009, p. 77)

⁴⁰ [Assia Djebar] ne s'emprisonne dans le passé et l'histoire. Toutes les deux mentionnent le passé pour améliorer le présent. Elles utilisent toutes les deux l'histoire d'un point de vue féminin, pour subvertir l'orientalisme et les clichés qui règnent dans les sociétés occidentales, d'un côté, et patriarcales de l'autre. (KIAN, 2009, p.12)

⁴¹ [la trace] suppose et porte non pas la pensée de l'être mais la divagation de l'existant.

3.3 A lógica do Estado-Nação europeu segundo Benedict Anderson e a lógica do argelino migrante.

Voltemos ao tempo europeu para delinear um pouco da história da formação dos estados nacionais, buscando não exatamente uma gênese dessas formações, mas uma parte dessa história, entre os reinos dinásticos sagrados e os estados soberanos, e para isso trazemos o estudo de Benedict Anderson por meio do seu livro *Comunidades imaginadas* (2008), considerando as nações e o nacionalismo como produtos culturais, e ainda reconhecidos como ‘específicos’”.

Revisitar Anderson significa, para nós, considerar que o Estado-Nação moderno é também uma invenção ou, ainda, da ordem da imaginação. As comunidades em torno do globo, consideradas como imaginadas, são ao mesmo tempo para o autor algo que adquiriu certa perenidade. Portanto, não poderíamos, segundo ele, compreender e muito menos decretar o fim das nações e nem tampouco dos territórios. Desses dois elementos, interessamo-nos mais pela nação enquanto organização consolidada pelo imaginário. Por isso, concordamos com o autor, afirmando que estudar a nação moderna é tarefa relativamente nova e de difícil abordagem. No entanto, apesar de nova, ela é também pautada em certa linearidade, como veremos adiante, ao refletirmos sobre as aproximações que o teórico britânico faz entre a nação e a produção romanesca, realista. Veremos ainda que o romance argelino se distancia dessa lógica. Além disso, não deixamos de pontuar ao longo dessas reflexões que os caminhos traçados pelo surgimento das nações europeias constroem paralelamente uma lógica por meio da qual vão surgindo aos poucos as expansões coloniais.

Lilian Moritz Swarcz, na apresentação da edição brasileira do livro de Anderson, propõe que nações não possuem exatamente uma data de nascimento identificada num registro oficial. Do mesmo modo, a morte da nação, quando ocorre, nunca tem uma causa “natural”. (ANDERSON, 2008, p. 09). Ainda que não defina essas causas, deixa aberta a questão, assim como Anderson, pois essas mudanças poderiam, segundo as nossas observações, beirar o intencional, sobretudo nos tempos atuais de revisão desses conceitos. Imaginadas, as nações se constituiriam como objetos

de desejos e projeções. Outro aspecto que nos chama a atenção nesse jogo é que o autor, segundo o texto de Swarcz, apresenta a nação a partir duma relação de parentesco ou de religião. (ANDERSON, 2008, p. 12)

Benedict Anderson, em sua incursão pelo frágil conceito de nação, expõe em seu estudo uma espécie de encaminhamento, passo a passo, para que se possa pensar os termos apresentados dentro dum longo processo histórico. A sequência dessas reflexões é dada partir do mote “nação”, que leva a uma primeira sentença que a princípio desanimaria o leitor: “nacionalidade, nacionalismo - todos provaram ser de difícil definição, que dirá de análise” (ANDERSON, 2008, p. 28). Contudo, com alguma sutileza, o autor tece algumas noções que nos levam a pensar o processo de estabelecimento do Estado-Nação moderno do Ocidente, lembrando que ele é aqui trazido e apresentado como aquele que, nalgum momento, agenciou conquistas em nome de certo ideal moderno, colonizando e estabelecendo em terras alheias o seu território, o que reconhecemos como período colonial.

A primeira afirmação que nos interessa em Anderson é que “tanto a nacionalidade - ou, como talvez se prefira dizer, devido aos múltiplos significados desse termo, a condição nacional [*nation-ness*] - quanto o nacionalismo são produtos culturais específicos” (ANDERSON, 2008, p. 30). Assim, enquanto produtos culturais, são fabricados pelo fio condutor das transformações históricas. Essas transformações, por um lado, levam em conta o espírito de pertencimento a um determinado lugar que não foi arbitrariamente construído por um povo, mas partem da conjugação entre a necessidade de pertencer e as forças soberanas que organizam essa necessidade. Dentro desses aspectos, tomemos alguns pares de palavras que são utilizadas pelo autor que, longe de estabelecer entre elas oposições binárias, utiliza-as antes para trazer à tona o que entraria em jogo para compreendermos o espírito de filiação a uma nação. O autor então propõe que a nação, dentro dum espírito antropológico, seria “uma comunidade política imaginada - e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.” (ANDERSON, 2008, p. 32). Neste caso, destacamos a parceria “imaginada”, que seria da ordem da necessidade de pertencimento, e “soberana”, controlada por uma ordem hierarquizante. A segunda tentativa do autor, que nos

interessa igualmente, é estabelecida quando afirma o seguinte: “penso que valeria à pena tratar tal conceito do mesmo modo que se trata o ‘parentesco’ e a ‘religião’, em vez de colocá-lo ao lado do ‘liberalismo’ ou do ‘fascismo’” (ANDERSON, 2008, p. 32). Esses pares de palavras “parentesco” – que compreendemos como a necessidade de pertencimento – e “religião” – que seria o princípio da soberania ou da organização dos pertencentes, é pelo autor, preferido, em vez de “liberalismo” e “fascismo”, pois o processo de construção das nações não passaria necessariamente por uma arbitrariedade diretamente ligada a um poder absolutamente vertical e político. Uma vez consolidada, a legitimação da nação e do nacionalismo pode tomar forma e construir bases para o estabelecimento de controles. Chamamos aqui de controles todos os movimentos de fabricação e de manutenção de ordens. De qualquer modo, a necessidade de pertencimento pode ocorrer sem a prerrogativa da ordem soberana ou mesmo por sua aceitação como modo de organização do grupo.

No entanto, segundo Anderson, nem sempre esse sentimento é construído por laços de fraternidade, por ligações culturais às quais se une um povo, mas por um processo de deliberação de órgãos que hoje, de certo modo, gerenciam os Estados-Nação oficiais no mundo. As “Nações Unidas” seriam hoje o órgão mais representativo desse agenciamento, estabelecendo de maneira sutil certa ditadura dos Estados por elas legitimados.

As Nações Unidas admitem novos membros praticamente todos os anos. E muitas “nações antigas”, tidas como plenamente consolidadas, veem-se desafiadas por “sub”-nacionalismos em seu próprio território - nacionalismos estes, claro, que sonham com algum futuro feliz, livres dessa condição de “sub”. A realidade é muito simples: não se enxerga, nem remotamente, o “fim da era do nacionalismo”, que por tanto tempo foi profetizado. Na verdade, a condição nacional [*nation-ness*] é o valor de maior legitimidade universal na vida política dos nossos tempos (ANDERSON, 2008, p. 28)

Curiosamente, em certo momento deste trabalho, mais especificamente em maio de 2013, certa ferramenta de busca decidiu que abandonaria o termo “território palestino” para dar espaço à busca por “Palestina”. Segundo os meios de comunicação de massa, essa legitimação pela rede auxiliaria no reconhecimento

daquele lugar como um país. No entanto A ONU, por sua vez, considera-o como um “país observador”, sem nenhuma relação como membro. Ou seja, as forças de deliberação de determinado Estado nacional, seja pela rede ou pelos órgãos como a ONU, mantêm a nação dentro dum imaginário que pode também ser criado artificialmente. Nesse caso, a condição nacional é agenciada como modo de legitimação da vida política. Temos aí um paradoxo, pois o político interfere onde as relações não se estreitam naturalmente.

Em suma, a nação seria um movimento, uma ligação, uma questão de crença e de fé, pois sentir-se pertencente a determinado grupo, no mundo religioso, não passa necessariamente pelas relações humanas, mas pela adesão comum aos símbolos que o identificam. É um imaginário que não se dissolve, porque liga vários indivíduos que, ainda que nunca se conheçam, mantêm em comum uma ligação de pertencimento. Consideramos então a existência duma comunhão entre os participantes de *comunidades imaginadas*.

Quanto à passagem da ordem divina a uma ordem humana, o autor esclarece, e com ele concordamos que: “imagina-se a nação *soberana* porque o conceito nasceu na época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico de ordem divina” (ANDERSON, 2008, p. 34, grifo do autor). Ou seja, todo o período de hierarquização do poder a partir dum reino de ordem divina, que perpetuava desde algum tempo anterior à Idade Média, e cujo lugar foi conquistado e mantido pela igreja e seu império, viu-se em ruínas somente depois do final da Revolução Francesa em 1789. A garantia e o emblema dessa conquista seria para o autor o Estado Soberano, pois organiza um novo modo de vida por unidades linguísticas em torno de comunidades na Europa, estendendo-se ainda para além da vida: “não existem símbolos mais impressionantes da cultura moderna do nacionalismo do que os cenotáfios e túmulos dos *soldados desconhecidos*” (ANDERSON, 2008, p. 34, grifo do autor). A ordem divina, uma vez chegada ao fim, deu espaço à criação da ordem dos estados soberanos, não divinizados, mas ao mesmo tempo necessitando de símbolos e de sentimentos que os unem em torno dum ideal. De todas as maneiras, o

enfraquecimento de algumas verdades teria levado o homem a um novo modo de ver o mundo.

A possibilidade de imaginar a nação só surgiu historicamente quando, e onde, três concepções culturais fundamentais, todas muito antigas, perderam o domínio axiomático sobre a mentalidade dos homens: a verdade ontológica oferecida por uma determinada língua escrita, a crença de que a sociedade se organizava naturalmente em torno e abaixo de centros elevados e a concepção de tempo-realidade em que a cosmologia e a história se confundem (ANDERSON, 2008, p. 69)

Mas como o autor parece tratar o assunto de modo mais dialético, não concebendo grandes rupturas nessa passagem, haveria para ele um jogo de influências e de heranças.

O grande mérito das concepções religiosas tradicionais (o qual, naturalmente, não deve ser confundido com o papel delas na legitimação de sistemas específicos de dominação e exploração) é a sua preocupação com o homem-no-universo, o homem enquanto espécie e contingência da vida. (ANDERSON, 2008, p. 36/37)

Para o autor, a razão da sobrevivência das grandes religiões como o budismo, o cristianismo e o islamismo estariam no fato de encontrarem respostas a questões ligadas ao sofrimento, à existência na terra e outras, ao passo que o marxismo, enquanto doutrina oriunda do próprio sistema estatal, encararia com silêncio essas mesmas questões. As grandes comunidades religiosas sempre se mantiveram como centrais, pelo viés duma língua sagrada e duma ordem que transcendente de poder. E por essas razões, seria pertinente considerar que uma nação se estabelece e se alimenta dos mesmos mitos que, de algum modo, são igualmente transcendentais.

Todavia, não podemos nos esquecer de que, na mesma proporção em que as nações surgiam, aumentava o desejo de conquistas, de territorializações. Assim, apesar do ritmo cada vez mais lento de coesão das comunidades religiosas desde o final da Idade Média, “o declínio do latim ilustrava um processo mais amplo, em que as comunidades sagradas amalgamadas por antigas línguas sacras vinham gradualmente se fragmentando, pluralizando, territorializando” (ANDERSON, 2008, p. 47). Indo um

pouco mais além, poderíamos dizer que essas territorializações foram levadas às últimas consequências fazendo aparecer o colono em terras alheias.

Por fim, outro fator que devemos considerar juntamente com o autor diz respeito à revolução dos modos de publicação. Consideremos, por exemplo, a Reforma Protestante, com a primeira tradução da Bíblia em alemão, seguida da criação da imprensa que, segundo Anderson, seria da ordem de certo “capitalismo tipográfico”. Assim, as línguas escritas teriam sido consolidadoras das comunidades, já que teria sido impossível a padronização de variantes linguísticas orais. Elas ainda alimentavam o espírito de cidadania, já que nesse período “a realeza organiza tudo em torno dum centro elevado. Sua legitimidade deriva da divindade, e não da população, que, afinal, é composta de súditos, não de cidadãos” (ANDERSON, 2008, p. 50). Por isso mesmo é que, em todo esse processo, não poderíamos permanecer numa concepção primária, a partir da qual teria havido uma substituição das comunidades religiosas, pois, “por sob o declínio das comunidades, línguas e linhagens sagradas estava ocorrendo uma transformação fundamental nos modos de apreender o mundo, a qual, mais do que qualquer outra coisa, possibilitou ‘pensar’ a nação”. (ANDERSON, 2008, p. 51).

Não é por acaso que o autor defende a ideia inicial do jornal e do romance como apostas para a escrita da nação, de nações que nascem pelo desejo humano e a partir de mudanças de paradigma. Isso não invalidaria nenhuma das etapas anteriores, mas é parte fundamental nesse percurso. A escrita em línguas vernáculas que então surgia ajudou definitivamente na representação de grupos que se sentiam de certo modo pertencentes a essas narrativas.

Esse aspecto nos interessaria sobremaneira, uma vez que Anderson, ao levantar a bandeira das mídias discursivas na construção da nação, sobretudo com o romance, a partir do século XVIII, propõe um modelo segundo o qual os traços de sua estrutura linear reproduziriam a ideia de nação europeia, também linear, pois o romance que se apresenta possui uma estrutura que se organiza em torno duma lógica realista. Ora, o modo de apresentação do romance realista é mimético e, portanto, apresenta uma nação que seria homogênea. Com isso, qualquer variante é anulada, e os limites dessa linearidade não seriam considerados. E ainda, quaisquer questões ligadas a uma possível

hibridação de gêneros, já que isso se tornou uma constante na escrita contemporânea, esbarraria na lógica do autor. Entretanto, o estudo de Anderson não invalida o princípio pelo qual o Estado-Nação europeu tenha sido imaginado a partir de todo esse processo apresentado, e mesmo o romance realista, mimético e metonímico, representa muito bem o que seria a sociedade europeia moderna. Além disso, mesmo os escritores francófonos magrebinos, do final do Século XIX e início do Século XX adotaram a forma romanesca europeia, abarcando as ideias do humanismo francês, tal como veremos mais adiante.

Resumidamente, o Estado-Nação moderno estaria associado a dois aspectos: à união quase necessária de povos e, por consequência, à sobrevivência de grupos que se identificam mutuamente, ou por um processo mais arbitrário, incontornável, cujas ações de órgãos dentro do próprio Estado se tornaram constantes desde o início do período pós-Iluminista.

Dentro do primeiro aspecto, trazemos como ilustração uma matéria publicada no jornal francês *Le Figaro*, datado de 27 de junho de 2014, período marcado pelos jogos mundiais da Copa do Mundo, que publicou uma entrevista concedida ao jornalista Ivan Rioufiol sob o título “O patriotismo argelino revela o fracasso da assimilação”.⁴² A reportagem ilustra de modo prático o que ocorre dentro da realidade sócio-política francesa atualmente. O nosso interesse em trazer à tona esses dados repousa primeiramente na necessidade que temos de ver povos e culturas em suas demandas de relação entre si e de consequente relação com o Outro. Em seguida, percebemos que eles ilustram tentativas de assimilação que ainda permanecem nos Estados-Nação de modo tão verticalizado e, por fim, trazem a própria temática que atravessa a nossa pesquisa, a saber, as questões que se ligam aos modos de representação do espaço, neste caso, o espaço urbano em suas relações socioculturais.

⁴² Le patriotisme algérien révèle l'échec de l'assimilation. Mis à jour le 27/06/2014 à 11:33. Publié le 27/06/2014 à 11:07

O jornal tem o próprio Rioufiol como um de seus redatores, ao mesmo tempo em que, na reportagem, coloca-se na posição de entrevistado, o que, de certa maneira, aponta para possíveis intenções políticas do jornal. A reportagem carrega um olhar específico sobre a reação dos *beurs*⁴³ na ocasião da vitória da Argélia sobre a Rússia: grandes movimentos se produziram nas ruas, bandeiras da Argélia eram estendidas enquanto algumas outras, da França, eram baixadas. Ora, para o Estado Nacional, esses cidadãos são franceses e não de argelinos, ao passo que essa população guarda, apesar da dupla nacionalidade (ou uma dupla condição nacional), um forte sentimento de parentesco e de pertencimento, de qualquer modo legitimado nacional e culturalmente, com a nação dos seus ancestrais: uma aporia então se estabelece, já que o franco-argelino guarda o seu sentimento mais próximo do rizomático pelo duplo pertencimento, e a França a tradição do enraizamento e do atavismo, cultuando o pertencimento a uma cultura baseada numa unidade nacional. Na matéria, o entrevistador então pergunta ao entrevistado sobre as “manifestações de júbilo” diante da vitória da Argélia sobre a Rússia e a possibilidade de existência duma indulgência diante do que ele chama de “transbordamento” (curiosamente, o mesmo utilizado por Roland Barthes, *débordement*, já citado em nosso primeiro capítulo). Rioufiol aponta primeiramente para as mídias, que teriam publicado essas “cenas de júbilo” como tendo causas incidentais, ao passo que, para o jornalista, não haveria nenhum incidente diante do que ocorreu (houve também algumas manifestações de carros incendiados e outros

⁴³ Segundo Michel Laronde (1993), o termo « beur » é utilizado para designar de modo específico certo « grupo » de jovens da região parisiense, tendo sido largamente difundido na mídia para identificar jovens magrebinos. Embora uma das explicações etimológicas mais recorrentes para explicar o vocábulo seja a de que ele tenha se originado pelo registro de linguagem surgido nos anos 1980 a que chamamos de “verlan” (que designaria a palavra “inversão” ou “ao inverso”, cuja formação da palavra se daria de forma metalinguística: l’envers > vers l’en > verlan, e que teria originado o termo a partir da palavra “arabe” em francês seguindo uma dupla inversão, ou uma “inversão da inversão” também possível nesse registro, “arabe” > “rebeu” > “beur”), o autor esclarece que essa definição é inconsistente e não daria conta da formação da palavra. Segundo as suas pesquisas, existiria de fato a palavra “arabe” pertencendo ao registro de linguagem padrão, a palavra “rebeu” no registro popular, que teria surgido por uma forma de evolução que não seria a da inversão e, finalmente a palavra “beur”, como a única inversão da palavra “rebeu”. Em suma, “beur” seria hoje o termo mais utilizado para designar os magrebinos da França. (Laronde, 1993, p. 52-53)

motins), mas uma nítida intenção. Rioufiol se pergunta, inclusive, se “um estrangeiro olhando para a França (...) podia se perguntar legitimamente: em qual país teria eu desembarcado? Estamos nós ainda na França?”. Não levando em conta a virada espacial nos tempos atuais, até mesmo por razões éticas compreensíveis para o leitor francês, Rioufiol parece expressar-se pelo jogo de oposições e apresenta também a impotência da república diante da perenidade de pertencimento do *beur* ao país que permanece no imaginário coletivo desses que, oficialmente, são franceses. De todas as maneiras, não é somente a língua que dá ao sujeito o estatuto de cidadão, nem seria o reconhecimento do Estado que geraria a sensação de pertencimento.

O que temos sob os nossos olhos são manifestações de pertencimento e de orgulho patriótico, singularmente por meio da exibição das bandeiras argelinas. Em certas prefeituras, a bandeira francesa foi baixada e substituída pela bandeira argelina. Não se trata de “fazer o jogo da Frente Nacional” de dizê-lo como o ouvimos. É a realidade. Não houve tais manifestações quando a França se qualificou para as oitavas de final.⁴⁴

Insistindo sobre o problema do pertencimento, o jornalista parece pelo menos, ainda que sem intenção direta, compreender que esse sentimento é construído dentro dum processo de ligação entre membros duma comunidade que, embora não se conheçam em sua totalidade, reconhecem-se como participantes duma mesma fratria: “A essa vontade de pertencimento, acrescenta-se uma busca de visibilidade. Esses jovens querem mostrar e fazer compreender que eles são Argelinos antes de serem franceses”.⁴⁵ Na sequência, pergunta-se se as manifestações de patriotismo argelino seriam o sinal do fracasso da política de assimilação. Mais uma vez o entrevistado demonstra certa frustração, afirmando que

⁴⁴ Ce que nous avons sous nos yeux sont des manifestations d'appartenance et de fierté patriotique, singulièrement à travers l'exhibition des drapeaux algériens. Dans certaines mairies, le drapeau français a été décroché et remplacé par le drapeau algérien. Ce n'est pas “faire le du du Front National” de le dire, comme on l'entend. C'est la réalité. Il n'y a pas eu de telles manifestations lorsque la France s'est qualifiée en huitième de finale

⁴⁵ A cette volonté d'appartenance, s'ajoute une recherche de visibilité. Ces jeunes veulent montrer et faire comprendre qu'ils sont Algériens avant d'être Français.

É claro, é um fracasso flagrante que nos é dado a ver. Se a assimilação funcionasse, esses jovens teriam descido às ruas para festejar a vitória da França! Nós assistimos hoje a um fenômeno de comunitarismo da sociedade francesa, à sua fragmentação, à sua explosão. Toda uma geração se comporta como se ela quisesse tomar a sua revanche sobre a França colonizadora. Com os seus pais, tendo recusado a Argélia francesa, eles querem a França argelina. As bandeiras agitadas nas ruas exprimem uma recusa do viver-junto, ou até mesmo uma vontade de “contra-colonização”. A questão que se coloca é: a França deve aceitar se assim chifrada ?⁴⁶

A entrevista termina apontando a República como permitindo essas derivas, sendo o Estado incapaz de desencadear um processo de identificação. Esse artigo de jornal, publicado na Internet, é mais um dos muitos que envolvem os argelinos franceses. Aliás, a próprio fato de serem chamados de *beurs* já apontaria para uma diferença desse grupo em relação aos franceses de várias gerações ou os que são totalmente assimilados, o que já é uma contradição se forem verdadeiramente considerados como franceses. Assim, podemos dizer que o lugar de memória dessa geração não se apagou diante da tentativa de assimilação pela República Francesa, primeiramente pelo vivido dos seus ancestrais durante o período colonial, o que o próprio jornalista, segundo o texto, reconhece. Poderíamos então perguntar se essa geração seria de franceses ou de argelinos diaspóricos. De qualquer modo, esse não é um fenômeno raro, pois algumas comunidades oriundas de diásporas são mais ou menos identificáveis de acordo com a força que estabelecem na relação de parentesco, como os judeus e muitas comunidades oriundas de países da África do Oeste e Central. Aliás, o próprio francês durante a colônia, manteve firme as suas raízes pela presença dos *pied-*

⁴⁶ Bien sûr, c'est un échec flagrant qui nous est donné de voir. Si l'assimilation fonctionnait, ces jeunes seraient descendus dans les rues pour fêter la victoire de la France! Nous assistons aujourd'hui à un phénomène de communautarisation de la société française, à sa fragmentation, à son éclatement. Toute une jeune génération se comporte comme si elle voulait prendre sa revanche sur la France colonisatrice. Leurs parents ayant refusé l'Algérie française, ils veulent la France algérienne. Leurs drapeaux brandis dans les rues expriment un refus du vivre-ensemble, voire une volonté de contre-colonisation. La question qu'il faut se poser est: la France doit-elle accepter de se faire ainsi cocufier?

noirs ⁴⁷ durante o período de existência da “Argélia Francesa”. Logo, não podemos negar que esses deslocamentos não automatizam necessariamente uma assimilação. E ainda, reconhecendo a riqueza e a tradição culturais do magrebino, não é para nós um caso de espanto vê-los à margem duma outra cultura, ainda que vivendo dentro dela.

O problema que levantamos em torno dessa lógica de criação das nações teria levado a países como a França a se ancorarem, até mesmo nos dias atuais, no imaginário sectarista pelo qual a tentativa de manutenção de aspectos tradicionais julgados relevantes pela nação revelaria uma passagem incólume pela situação pós-colonial. Mas a Argélia parece possuir outra lógica para a reconfiguração do seu povo, já que não vivera a mesma realidade europeia, ao mesmo tempo em que esse modelo lhes fora mostrado e ensinado desde o início do período colonial. Criou-se com isso o mosaico representado pela Argélia a partir do século XX, acima de tudo por sua ligação com a França, que teria alimentado o aspecto migrante do argelino. Por isso, retornamos a algum momento entre a colônia e a independência, buscando compreender alguns fenômenos, cotejando autores que abordam esse problema segundo a sua própria realidade e busca de verdades mais ou menos contundentes.

Yves Lacoste, em seu magistral trabalho intitulado *La question post-coloniale: une analyse géopolitique* ⁴⁸ (2010), busca desenvolver uma pesquisa que parte duma análise geopolítica que apontaria os paradoxos do fenômeno pós-colonial, sobretudo no que concerne a Argélia. Assim, as primeiras colônias começaram a sustentar a ideia de libertação dos países europeus ao fim da Segunda Guerra Mundial, tendo tido a Índia como a primeira dessas colônias “com o pleno acordo do governo britânico” ⁴⁹ (LACOSTE, 2010, p. 07). O autor explica, por meio da sua análise

⁴⁷ Este grupo será mais bem descrito durante a análise do romance *Nedjma*, de Kateb Yacine.

⁴⁸ Proposta de tradução do título: “A questão pós-colonial: uma análise geopolítica”

⁴⁹ Avec le plein accord du gouvernement britannique.

geopolítica, que a batalha de Diên Biên Phu ⁵⁰ teria produzido fortes ecos nos países colonizados. Seguidas essas reflexões, Lacoste busca levar a pensar nos “quarenta e oito anos que, depois de sete anos duma guerra cruel contra quase todo o exército francês, a Argélia se tornou independente” ⁵¹ (LACOSTE, 2010, p. 07). Em seguida, deixa transparecer muito claramente os objetivos da sua pesquisa, que se sustentariam nos argumentos sobre o que ele chama de “questão pós-colonial”, que ocorre de modo grave e particularmente complicado, segundo ele, “neste país que é o meu”. ⁵² E ainda, busca lembrar aos mais jovens que “a grande maioria da nação aprovou em 1962, por referendun e com *leveza*, a independência dessa Argélia que era ainda proclamada francesa quatro anos antes”. ⁵³ (LACOSTE, 2010, p. 09, grifo nosso)

A questão vai ainda mais longe: Lacoste afirma que depois da independência da maior parte das colônias, não se falava mais em guerra, mas, ao contrário, de ajuda humanitária aos países subdesenvolvidos, papel exercido, sobretudo, pela França (LACOSTE, 2010, p. 10). Por isso, ele demonstra que o próprio termo “pós-colonial” só teria surgido após aproximadamente quinze anos após o fim dos *impérios coloniais* (grifo nosso), assim como o termo *postcolonial*, de natureza britânica, espalhado entre os intelectuais mais ativos, e o termo *postmodern* pelas mesmas razões. Esses e outros termos surgidos, segundo o geógrafo, é reivindicado por aqueles que carregam um olhar filosófico sobre os tempos posteriores ao Iluminismo e ao pensamento europeu em seu conjunto, por suas pretensões universais. Mas o que ele chama de “questão pós-colonial” diria respeito aos anos posteriores aos motins de 2005,

⁵⁰ A batalha de Diên Biên Phu foi uma das mais marcantes da história das guerras em prol da libertação das colônias, ocorrida entre novembro de 1953 e maio de 1954, que decidiu finalmente o problema da Guerra da Indochina com a França.

⁵¹ Et nous voici quarante-huit ans qu’après sept années d’une guerre cruelle contre presque toute l’armée française, l’Algérie est devenue indépendante.

⁵² Dans ce pays qui est le mien.

⁵³ La très grande majorité de la nation a, em 1962, massivement approuve, par référendum et avec soulagement, l’indépendance de cette Algérie qui était encore proclamée française quatre ans auparavant.

cujas bases geopolíticas em torno da problemática questionam a imigração e a geração de argelinos nascidos na França (LACOSTE, 2010, p. 11), que seriam mal adaptados ao regime republicano francês justamente pelo caráter migrante de famílias que teriam escolhido voluntariamente a França como país depois da independência da Argélia. Nesse caso, a pobreza que concentra milhares de oriundos da Argélia é, para o autor, uma consequência grave dessa onda de entrada na França, cujas famílias buscavam, muitas ilegalmente, formas de sobrevivência num país para o qual não teriam sido convidados.

O autor ainda desenvolve uma interessante reflexão sobre a diferença que ele estabelece entre “dominação” e “colonialismo”. Lacoste defende que a sua experiência na geopolítica, sendo indissociável da história, ajudaria as pessoas a compreender com mais eficácia o problema do colonialismo. Para ele, a colonização e o colonialismo teriam inspirado, mais uma vez, vários filósofos, que por seu turno teriam feito desses fenômenos algo “supraterrestre” e “maléfico”, cujo alvo maior estaria centrado nos europeus, que são inclusive convocados nos estudos desde os tempos das Cruzadas e *até mesmo* (Grifo nosso) o Império Romano. Já a ideia de dominação teria de fato um conceito eterno, mas que é aplicado nas várias instâncias da sociedade, dentre elas as grandes famílias e as tribos. Assim, as formas de dominação dos homens sobre as mulheres, por exemplo, não deveriam ser confundidas, a menos que quiséssemos cultivar o que ele chama de “metáforas literárias”, com relações de força geopolítica entre os Estados (LACOSTE, 2010, p. 106-07). Por isso, confundir colonialismo e dominação traria, *ad aeternum*, uma concepção pela qual as relações jamais teriam tido fim e nelas permaneceríamos para sempre. Os sistemas coloniais seriam então para Yves Lacoste, marroquino de origem e tendo realizado os seus estudos de geografia em Rabat, formas de organização do controle dos territórios dessas colônias (LACOSTE, 2010, p. 108).

Não concordamos, portanto, com o autor, primeiramente por alguma postura integrista-nacionalista que nele encontramos em relação ao Estado-Nação francês, cujo olhar estaria centrado numa velha França pura e escolhida para os franceses *de souche*, ao mesmo tempo em que o fenômeno migratório, nos dias atuais, é

algo recorrente em todo o planeta. Além disso, alguns pontos da sua análise ignoram as violências cometidas contra os argelinos, tanto dentro da própria Argélia quanto na França, os casos de estupro de mulheres durante as guerras, como veremos no capítulo dedicado à literatura feminista de Assia Djebar, a resistência inicial em entregar de volta a Argélia ao seu povo, o interesse exploratório das riquezas do país durante a colônia e alguns outros aspectos que desenvolveremos nas linhas que se seguem.

Primeiramente, os primeiros anos da guerra não deixam dúvida sobre os conflitos que se tornaram cada vez mais tensos e difíceis de serem resolvidos em curto prazo, pois desde a proclamação do FLN (*Front de Libération Nationale*), em 1954, o decreto duma luta armada gerou atentados contra os franceses estabelecidos na Argélia. Mas no dia 05 de novembro do mesmo ano, o reforço militar do governo francês se tornou uma realidade e foi posteriormente apoiado pelo então ministro do Interior, François Mitterrand, que exalta a ideia do recurso à força. Devido aos conflitos que começam a se tornar mais tensos, a censura nas montanhas dos Aurès⁵⁴ e da pequena Cabília acaba sendo instaurada pelo francês Jacques Soustelle, que fora nomeado governador geral da Argélia para administrar esses novos recursos. Com isso, os efetivos do exército francês chegaram a contar com 10 000 homens (LAGARDE et al, 2011). Nesse cenário de guerra, houve milhares de mortes nos combates, entre 1954 e 1960, inclusive com a explosão no dia 13 de fevereiro da primeira bomba atômica francesa no Saara. (LAGARDE et al, 2011).

A formação de frentes para a proteção do estatuto de colônia na Argélia, contou, durante alguns anos, com o general Charles de Gaulle, uma das figuras mais complexas para se compreender dentro do contexto das batalhas: o retorno ao

⁵⁴ Sob a ótica da geografia física, os Aurès são maciços do leste argelino que culmina até 2 328 m na região de *djebel Chelia* que é, portanto, o ponto mais alto da Argélia não saariana, de relevo cheio de contrastes e relativamente húmido e pleno de florestas. Quanto ao espaço, essas montanhas são ocupadas pelos berberes denominados Chaouiás, que são tradicionalmente rebeldes às influências exteriores, à colonização, tendo sido o ponto de partida da insurreição de 1954. A população está associada à criação de ovíparos, cereais secos e possui também a agricultura de irrigação (Fonte. www.larousse.fr, acessado em 19/06/2015)

poder desse general em 1958, fez com que ele tentasse alguns balizamentos durante os anos que precederam aos acordos de emancipação da Argélia, mas que só deixaram marcas dum chefe de Estado em dúvida e fragmentado.

No cenário bélico e pleno de revoltas dos dois lados do Mediterrâneo, cinco anos foram dedicados à resistência e à insistência numa Argélia francesa por meio da guerra, ao mesmo tempo em que os soldados já se contentavam com um final denominado por eles mesmos dos “últimos quinze minutos”⁵⁵ da rebelião (STORA, 2010, p. 65).

Esse retorno de De Gaulle ao poder durante a chamada crise de 13 de maio de 1958 teria se dado pelo próprio cenário dos eventos que ganhavam corpo. Em 1956, o general francês Raoul Salan fora nomeado comandante-chefe na Argélia, e ele mesmo apelou, ao fim desses dois anos de mandato, pelo retorno de De Gaulle (LAGARDE et al, 2011, p. 13). Duas frentes então se formaram: a dos europeus que pediam por uma integração e a dos insurrecionistas que não cessavam de pedir pela independência. O que encorajou De Gaulle, segundo Benjamin Stora, teria então sido o isolamento internacional da França e os custos da guerra, mas da mesma maneira a assimilação dos muçulmanos, irrealizável aos olhos do chefe de Estado francês (STORA, 2011, p. 65). Nesse mesmo clima de tensões, De Gaulle teria num primeiro momento sido decisivo, saudando a “Argélia francesa”, tendo anunciado, no momento do seu governo, um programa quinquenal de desenvolvimento econômico para a Argélia em 1958, intitulado “Plano de Constantina”, nome da cidade majoritariamente muçulmana (STORA, 2011, p. 67). Mas o caráter fragmentário de De Gaulle partia da crença numa França essencialmente cristã, e os muçulmanos seriam para ele considerados como um corpo estrangeiro. E por isso mesmo pensava que os afluxos entre os dois lados do Mediterrâneo deveriam ser limitados, já que os orientais teriam durante um século e meio modificado profundamente a composição da população francesa. O próprio sistema de quotas de naturalização, para o chefe de Estado, deveria privilegiar os nórdicos: belgas, luxemburgueses, suíços, holandeses, dinamarqueses,

⁵⁵ Le dernier quart d’heure de la rébellion.

ingleses e alemães, por exemplo. (STORA, 2011, p. 70). Ainda assim, a violência não cessava.

Quanto à imigração, é preciso lembrar que entre os anos 1954 e 1962 ela teria dobrado por falta de emprego na Argélia, mas também pela demanda de mão-de-obra operária nos poucos polos industriais franceses. Stora admite que o paradoxo esteja justamente na busca dum povo por um país com o qual estava em guerra (STORA, 2011, p. 78-9). A exploração das terras argelinas, além dos conflitos que não tinham fim e uma demanda de trabalho naquela que não seria mais a “Metrópole” desse colonizados era um problema que não poderia ter sido resolvido doutra maneira. Daí o surgimento desses que se integrariam dalgum modo à República Francesa, e que posteriormente continuariam se destacando por um nível socioeconômico inferior em sua maioria, trazendo os reflexos para a atualidade desde 2005.

Percebemos com isso que a espacialização vista pela ótica da política pública da massa franco-argelina morando na França não se estabelece sem conflitos e diferenças sociais, pois o que parecemos ver nada mais é do que o discurso de De Gaulle perpetrado na nação, que por sua vez possui o seu histórico de fechamento em sua soberania nacional desde o esplendor da Revolução Francesa, e cujos reflexos mantêm a acepção do franco-argelino, ainda que de modo velado, os quais permanecem como “árabes” (*arabes*), ou seja, fora do contexto étnico e religioso europeu.

Com esses dados, vemos ainda que a passagem duma comunidade, cuja cultura local é forçada a adotar nova postura linguística, demonstrou que é possível manter um patrimônio e ainda enriquecê-lo, escrevendo na língua do outro (ou que, pelo menos, pertenceu, um dia, a esse outro): em anos anteriores, um esquecimento de todas as promessas fora necessário desde o momento em que os habitantes choravam pelos seus mortos após o chamado “Massacre de Séfit, Guelma e Kerrata” ocorrido em 08 de maio de 1945, na região de Constantina, cujos debates ainda suscitam questões não resolvidas sobre a humilhação sofrida pelo argelino, pois era o mesmo momento em que a Europa comemorava o fim da Segunda Guerra Mundial no chamado “Eixo”, ou o “Eixo Berlim-Roma-Tóquio”. A condição humilhante de tal repressão e a conseqüente frustração do argelino contribuiu para que surgisse uma nova geração de escritores que,

em língua francesa, poderiam ser ouvidos pelo Ocidente. Com esses dados, observaremos ulteriormente nos nossos escritores que as marcas do passado se mantêm quando se pretende pensar a renovação do presente. Quando não, a descontinuidade da história e a evocação dum presente controverso e dum futuro incerto apontam para as promessas que, definitivamente, obliteraram-se. A espacialização da escrita em língua francesa fora por isso mesmo a única saída para os escritores que decidiram sair do contexto regional.

Com a vitória obtida sobre o Eixo, o esquecimento das promessas esbanjadas pelas autoridades coloniais, assim como os traumatismos causados pela sangrenta repressão que explodiu em Constantina em oito de maio de 1945 levaram à consciência política e também literária toda uma geração que passou pela escola francesa que decidiu fazer com que fosse ouvida. (BOUGUERRA, 2010, p. 03)⁵⁶

Compreendendo que tais informações limitariam de certo modo o conhecimento da população francesa sobre a história colonial na Argélia, levando uma massa de pessoas a alimentarem inverdades, que conseqüentemente se tornam senso-comum, partilhamos o que Benjamin Stora (2007) chama de “necessidade de história”. O autor afirma que os estudos coloniais e pós-coloniais seriam hoje fundamentais por um desejo enorme da sociedade francesa atual em descobrir suas origens, notadamente a parcela que tem os pais oriundos dos territórios e departamentos ultramarinos e das ex-colônias. Mas essas interrogações, segundo Stora, não poderiam ser respondidas a partir do que ele chama de discurso unificador, republicano e assimilacionista, modelos que tocam diretamente o problema levantado por Rioufiol. Assim, essa busca viria justamente da crise do modelo republicano francês tradicional, e pelos fragmentos de história que reaparecem como fantasmas dentro da própria sociedade francesa. (STORA, 2007, p. 293). Essa necessidade, o autor chama ainda de “fenômenos de

⁵⁶ Une fois la victoire obtenue sur l’Axe, l’oubli des promesses largement prodiguées par les autorités coloniales durant la guerre pour des réformes visant plus d’égalité ainsi que les traumatismes causés par la sanglante répression déclenchée dans le Constantinois le 8 mai 1945 ont amené à la conscience politique mais aussi littéraire toute une génération passée par l’école française et décidée, maintenant, à se faire entendre.

continuidade”. Mas ele apela para uma prudência em relação a essa iniciativa, afirmando que as palavras e os Estados não seriam mais os mesmos. Ainda assim, não daria para permanecer nas discontinuidades e na ausência da relação, com o risco de não apreender o que permanece nas representações e na memória do que foi vivido, assim como nos sofrimentos e dores transmitidos no seio da própria família. Outro fato que chama a atenção é que nada disso se relacionaria diretamente ao saber acadêmico, mas é ele que o transmite. Caso contrário, o risco de atraso, duma guerra de memórias e ideológica tornam-se iminentes (STORA, 2007, p. 297). A via da produção acadêmica seria, nesse caso, uma das maneiras de fazer com que se perceba uma história que levou a uma espacialidade, que por sua vez colocaria em causa as partes, esses dois lados do Mediterrâneo, para que um dia, quem sabe, os fatos passem por uma virada, tornando-se somente uma memória superada.

Porém, vemos que, na esteira de Lacoste, alguns outros nomes têm se dedicado a questionar a mesma problemática, a saber, o pós-colonial, considerando que o caso da Argélia, até mesmo partindo da ideia dum *study case*, continua sendo o mais estudado de todos os outros fenômenos ligados ao colonial e ao pós-colonial. Temos, por exemplo, Éric Savarese, que defende a ideia que dá nome ao seu livro, *La rencontre postcoloniale* (2014). Esse recente trabalho tenta trazer a ideia dum encontro, uma vez que, para o autor, chegamos a um momento em que uma “situação pós-argelina” se impõe como uma espécie de máquina, pois ela teria transformado para sempre a França, por meio dum “retorno de conjunturas” (SAVARESE, 2014, p. 119). Isso se deve ao fato que a Guerra da Argélia, hoje, está incluída nas correntes históricas, como bem solicita Stora. O autor pretende em seu estudo, não necessariamente desconstruir as pesquisas em torno da questão pós-colonial, mas, segundo ele, trazer um “olhar oblíquo sobre a situação pós-colonial, na França, depois da independência da Argélia, ou seja, um olhar voluntariamente deslocado em relação aos estudos existentes”⁵⁷ (SAVARESE, 2014, p. 15). O problema é que, ainda que a sua pesquisa

⁵⁷ Un regard oblique sur la situation postcoloniale, em France, après l’indépendance de l’Algérie, c’est à dire un regard volontairement décalé par apport aux études existentes.

seja mais, diríamos, inteligente, trazendo elementos da história que revelam, certamente, esse jogo de forças entre esses dois lados, a França e a Argélia, fato é que o autor permanece na mesma lógica, ou seja, a de tentar esquecer o passado amargo, de mortes, estupros, violência moral, além de trazer para a pauta o fato de a Argélia ter sido um dia “francesa”. Indo mais além, acreditamos que os Estudos Coloniais e Pós-coloniais estão muito além de tentar fazer o jogo do colonizado no passado, mas como esse jogo se desenrola nos dias atuais. Além de tudo isso, os escritores-mundo já tentaram de alguma maneira superar as questões locais, nacionais e identitárias. Mas é bem certo que essas mesmas questões ainda retornam, pois são agora questões que dizem respeito ao mundo, e não mais a uma nação. Por isso, prosseguimos o nosso estudo pensando justamente no problema da dita “identidade nacional”, muito bem abordada por Glissant e Chamoiseau, que nos traz de modo simples essa faceta das sociedades ainda governadas por autoridades que insistem na soberania de suas nações por meio da exclusão.

3.4 Por que afirmar que os “muros caem”: da criação do Ministério da Imigração ao texto de intervenção de Édouard Glissant.

Antes mesmo dos eventos ocorridos, descritos na seção anterior, fora criado na França o “Ministério da Imigração, da Integração, da Identidade Nacional e do Desenvolvimento Solidário”, num primeiro momento chamado de “Ministério da Imigração, da Integração, da Identidade Nacional e do Co-desenvolvimento”, durante o governo do primeiro-ministro François Fillon, instaurado pelo decreto de 18 de maio de 2007 pelo então presidente da República da França, Nicolas Sarkozy. Naquele momento, a política de Sarkozy estava voltada para os anseios dos seus eleitores, sobretudo uma classe de franceses que, em surdina, viam-se insatisfeitos com a “invasão” dos estrangeiros no país, dos quais, como sempre, os argelinos eram uma espécie “exemplar” de todos os que transtornaram a pureza do sangue gaulês dos franceses, há tantos séculos cultivado, mantido e naturalizado. Ora, a França é um dos países europeus que mais se debateram, por décadas, em prol duma identidade nacional cristalizada dentro das suas fronteiras.

Dados estatísticos de 2005 mostram que a França possuía naquele ano, segundo o INSEE (*Institut National de la Statistique et des Études Économiques*), 71,9 milhões de habitantes, entre a França Metropolitana e os territórios e departamentos ultramarinos, dos quais 61 milhões estão na França metropolitana e 9 milhões são clandestinos, oriundos dos vários países do mundo, dos quais ainda devemos subdividi-los em portadores de título de residência provisória que, no fim, permanecem dentro do Estado, pelo menos numa condição provisória.

Tais dados reforçam a tese segundo a qual todos os cidadãos legalizados possuem os mesmos direitos e que os imigrantes legais também o possuem e que os portadores de título provisório que não deixam o país tornam-se coparticipantes do processo. Isso ilegítima a informação que geralmente circula no discurso, normalmente midiático, sobre a possibilidade dum determinada classe de pobres oriundos de etnias diferentes, tais como magrebinos ou os oriundos da África Negra já que, desde a crise de 2008, o empobrecimento atingiu não só a população francesa como toda a Europa e outros lugares do Globo.

Quando a questão da identidade nacional é abordada, os órgãos competentes e o mundo político costumam se esquecer dos chamados SDF⁵⁸, ao passo que o problema remonta aos conceitos estabelecidos de pobre, vagabundo e mendigo no século XIX, a partir do histórico do Antigo Regime (da Idade Média à Revolução Francesa) e posteriormente à mudança de significado que muito mudou há 58 anos. Sendo os SDF um dos grupos responsáveis pelo retrato da pobreza na França, deve-se dizer que se trata dum grupo que, segundo algumas pesquisas, dividem-se entre aqueles que o fazem por opção, alguns decadentes pelo vício da droga e do alcoolismo e outros sem perfil definido. Nota-se, por exemplo, que os SDF possuem um modo de vida completamente à parte, o que altera até mesmo a sua noção de tempo (comem quando encontram comida) e de espaço. No grupo dos SDF não serão visto somente os

⁵⁸ Sem domicílio fixo. A sigla provém dessa mesma sentença em língua francesa, *Sans Domicile Fixe*.

imigrantes ilegais, obviamente, mas uma parcela cada vez mais crescente de franceses. Em número aproximado, dos 100 mil, SDF, 8 mil se encontram na região parisiense.

Pode-se e deve-se, portanto, falar numa pobreza crescente da nação francesa. Isso estaria acontecendo menos por motivos étnico-culturais, mas por mudanças no cenário político-econômico nacional e no cenário internacional. Outra questão crucial é a separação necessária da análise da clivagem entre a periferia e o centro de Paris e a realidade do resto da França. De fato, a região parisiense não se assemelha às outras regiões do estado, já que os conflitos geopolíticos e sociais se diferenciam pela quantidade de habitantes (aproximadamente 13 milhões em *Île-de-France*, onde se encontra a capital) e pelas diferenças socioculturais. Nessa região, observamos um crescimento ativo de pobres, operários, desempregados, de famílias vivendo abaixo da linha da pobreza e de estrangeiros (40% na região e 25% no departamento). Em 1960, um projeto de inclusão das comunidades limítrofes a Paris, idealizado por Michel Debré, teve como tentativa o controle do crescimento da capital. Porém, o general Charles de Gaulle recusou a ideia (que havia sido posta em prática em 1870), pelo perfil esquerdista da população. Assim, Paris tornou-se uma região de conflitos especiais. Deve-se levar em conta ainda que, dos aproximadamente 13 milhões de habitantes, somente 3 milhões vivem no centro, fazendo de Paris um espaço habitado de superfície relativamente pequena para grandes capitais.

Há que se mencionar também parte da história da língua como algo relevante para a compreensão do fenômeno identitário. Assim, entre 1789 e 1815, a imposição do francês foi uma das decisões posteriores à Revolução Francesa, para a construção da escola republicana. O francês foi a língua do Antigo Regime, passou pelos nobres da Rússia, pelos príncipes da Alemanha e pelos reis da Espanha. No século XX, o decreto mais recente que indica do francês como língua nacional remonta a 1958, com a primeira alínea do artigo 2, onde se lê que permanece igualmente definido que o francês é a língua da república, ratificado ainda em 1992. Críticas ao sistema à parte, o fato é que a França possui aproximadamente 14 línguas faladas (ainda) não oficiais. Ora, uma vez que a língua é imposta, torna-se o seu uso mais escolar e, portanto, como elemento de identificação do seu povo, levando os novos falantes a certa adaptação a

uma norma, muito mais rigidamente do que num país onde há uma língua nacional e oficial desde a sua formação. Automaticamente, permanece impossível definir parâmetros semelhantes entre duas nações cuja língua é tratada diferentemente. O fato de se ter instituído o francês como a língua da república é atravessado logicamente pelos interesses políticos dentro da lógica do Estado-nação.

Convocamos aqui então um texto escrito por Édouard Glissant e Patrick Chamoiseau. Encontrado não por acaso, mas numa ansiosa busca que naquele momento se dizia engajada numa causa, *Quand les mur tombent: l'identité nationale hors-la-loi?*⁵⁹ (2009), escrito não muitos anos tempo antes da morte de Glissant, apresenta-se como um fio condutor para se pensar que a identidade, essa palavra por vezes tão desgastada e tornada impotente, pode ser ainda compreendida fora dos paradigmas políticos do Estado-Nação. O pequeno livro foi impresso por uma pequena editora, a Galaad, que por sua vez parece possuir pouco espaço editorial. O texto possui 26 páginas e traz uma séria reflexão acerca do tema, em torno do qual os autores retomam o mesmo princípio da Relação. Como existe uma forte influência ideológica por parte dos autores, que no contexto questionavam a “identidade nacional” tão proclamada pelo então presidente da República francesa, vale destacar que logo em seguida o poeta martinicano Monchoachi (1946) escreveu outro livro, como resposta aos autores, intitulado *Le monde tel qu'il est*⁶⁰ (2009), que tenta questionar o texto glissantiano, mas que por sua vez não apresenta nenhuma resposta contundente ao discurso dos autores, nem mesmo pelo termo *mondialité* que é comparado à abordagem marxista. O que podemos inicialmente afirmar é que Glissant e Chamoiseau se situam antes numa utopia, sonhando com uma espécie de salvaguarda do mundo que deriva à beira do colapso. A análise de Monchoachi (1946), por sua vez, aproxima-se duma outra poética, que no fim aponta para os mesmos dilemas dos autores.

⁵⁹ Proposta de tradução do título: Quando os muros caem: a identidade nacional fora da lei?

⁶⁰ Proposta de tradução do título: O mundo tal como ele é.

O texto de Glissant e Chamoiseau se inicia com uma retomada da ideia de identidade pessoal ou coletiva que, sendo preciosa, não existiria em sua fixidez, “nem saberia se assegurar a partir de regras, de editos, de leis que lhes fundariam de autoridade a natureza ou que garantiriam por força a sua perenidade”⁶¹ (GLISSANT & CHAMOISEAU, 2009, p. 01). Segundo eles ainda, “o princípio da identidade se realiza ou se desrealiza por vezes nas fases de regressão (perda do sentimento de si) ou de patologia (exasperação dum sentimento coletivo de superioridade)”⁶² (GLISSANT & CHAMOISEAU, 2009, p. 01). Ora, que seja uma ou outra, afirmam os autores, não existiria nenhuma ordem de aplicação mecânica para o estabelecimento duma ordem identitária. Por isso, eles afirmam a impossibilidade da existência dum “Ministério da Identidade”, que seria ingerível, haja vista que a identidade dos povos não pode passar por uma filtragem mecânica. Nesse caso, a identidade seria antes um “ser-no-mundo”, fornecendo uma relação com o outro e com o mundo, ao mesmo tempo em que ela resultaria dessa relação.

Em seguida, os autores refletem sobre a ideia de nação, primeiramente na Europa, cujas funções teriam sido a de exaltar os ditos “valores da comunidade”, defendê-los das agressões exteriores e exportá-los ao mundo. Por isso, ela seria um Estado-nação, que caminha juntamente com os seus habitantes e é estampada pelos seus símbolos (GLISSANT & CHAMOISEAU, 2009, p. 02). Para eles, portanto, os mesmos valores da nação foram os que teriam levado à resistência anticolonial e, portanto, resultando em desastres. Dos dados que citamos anteriormente, os autores mencionam a existência, no período de publicação, de trezentos mil imigrantes ilegais na França (GLISSANT & CHAMOISEAU, 2009, p. 04). Como podemos notar, todos esses dados confirmam a nossa própria análise. Nesse caso, não se poderia afirmar que esses “ilegais” seriam a pedra de tropeço da nação francesa, mas a necessidade de controle

⁶¹ Ne saurait s'établir ni se rassurer à partir de règles, d'édits, de lois que en fonderaient d'autorité la nature ou qui garantiraient par force la pérenité de celle-ci.

⁶² Le principe d'identité se réalise ou se déréalise parfois dans des phases de régression (perte du sentiment de soi) ou de pathologie (exaspération d'un sentiment collectif de supériorité).

desse pequeno grupo estaria mais ligada a uma “preocupação de ordem ideológica, mais do que o conforto econômico ou prático, ou de saúde social” (GLISSANT & CHAMOISEAU, 2009, p. 04). Como dissemos, os reflexos da crise desde 2008 tendem-se a se acelerar no nível econômico, mobilizando cada vez mais as nações em torno dum mundo desequilibrado e sem nenhuma solução política para o futuro. Não significa que pretendemos apontar qualquer solução, até mesmo porque as nações, ainda que rasuradas pelas suas ideologias, parecem cada vez mais caminhar para uma lógica bipolar, entre países mais ou menos favorecidos, com o mundo digital fazendo a sua parte num diálogo sem nenhum sentido, já que não se pode resolver os problemas que são externos às forças humanas e que alguns recursos e apelos, como o apelo religioso, têm afinado cada vez mais a linha tênue que liga o homem à vida. Por isso mesmo, os autores apontam a preocupação de ordem ideológica, pois essa preocupação se encontra no seio de cada nação em particular, cada qual tentando, paradoxalmente, proteger-se do declínio em que vive o planeta como um todo.

É então pensando por essa mesma via que Glissant e Chamoiseau apelam para um questionamento do espaço democrático, o qual os autores chamam de “antagonista”, já que “de todos os sistemas, este, menos pior, demanda uma atenção de todo instante, e como uma vigilância de guerreiro” ⁶³ (GLISSANT & CHAMOISEAU, 2009, p. 06). Esse seria então o liberalismo econômico reinante no século XXI, que em seus auspícios cristalizam a relação entre pobres e ricos, os que podem e os que nada podem (GLISSANT & CHAMOISEAU, 2009, p. 06).

Enfim, o que nos trazem esses autores são os muros, os mesmos alimentados pela identidade nacional, a partir da qual cada grupo era suposto de se manter diferente e distante do outro, pois distinguir-se sempre foi tema principal da identidade, e isso, sabemos, o ex-presidente Nicolas Sarkozy exerceu muito bem como discurso de frente em sua campanha e gestão política, até o momento em que os muros da estabilidade do planeta ruíram dentro do próprio país, causando uma virada radical

⁶³ Ce moins mauvais de tous les systèmes demande una attention de tout instant, e comme une vigilance de guerrier.

do processo eleitoral, que atualmente retorna à crise com o partido de oposição. Para Glissant e Chamoiseau, a imigração não ameaça nem empobrece, mas sim a rigidez dos muros identitários em que mergulharam as nações. Ressuscitando o passado da escravidão, dos genocídios, dos holocaustos, das guerras civis, das guerras de descolonização e talvez outros conflitos até então vividos, percebemos em todos eles a rigidez dos muros e a fixidez da identidade, que relutam em reconhecer "identidades" múltiplas que fazem o mundo.

3.5 A espacialidade argelina

Consideramos igualmente importante levarmos em conta a espacialidade argelina em seu caráter específico. Essa especificidade teria levado à criação do Estado nacional argelino, que invariavelmente acabou acompanhando a lógica moderna dos estados ocidentais. Sendo a Argélia e todo o Magrebe mais distantes geográfica e culturalmente doutros lugares como o Brasil, chamamos a atenção para certa tendência em considerá-los como um país árabe, de cultura e língua ligadas ao povo e ao Islã e ao árabe como população e língua locais. Esta pode ser uma verdade parcial dentro da realidade sociopolítica do país, à medida que enxergamos o processo que chamamos de arabização como um projeto que obteve êxito em várias partes do Oriente Médio e do Magrebe desde as primeiras invasões árabes. Mas isso não constitui de fato o que chamamos de Magrebe, nem tampouco corresponde à realidade sociocultural argelina, pois a espacialidade que resultou na formação do seu povo aponta alguns cruzamentos culturais determinantes para a sua constituição, o que inclui as línguas que lá permaneceram.

Em árabe, *al-Maghrib* significa “a terra do sol poente”, ou ainda, “a direção onde o sol se põe” (MORIN, 2012, p. 09). Trata-se dum conjunto de países do noroeste da África, que inclui o Marrocos, a Argélia e a Tunísia, que se situam entre o mar Mediterrâneo e o deserto do Saara. Estima-se, até 2013, que a população desse conjunto de países seja de 83 212 000 de habitantes. Apesar de sua acepção tradicional, de países berberes, a existência duma forte influência árabo-islâmica é indiscutível. Em

1989, criou-se para esse conjunto de nações o UMA – União do Magrebe Árabe - que passou a incluir, além dos três países, a Líbia e a Mauritânia, por razões de unidade geográfica, humana, religiosa e cultural (MORIN, 2012, p. 09). O nome “Argélia” foi dado ao território pelos franceses no momento da ocupação do país em 1830. Sua origem está no nome da própria capital, Argel, cujo significado se relaciona a “ilhas” (*al-Jaza'ir*), pela própria condição geográfica em que se encontra a cidade. Dentro do conjunto das apostas orientalistas, Argel se destacava como uma capital deslumbrante, imponente pelo seu recorte geográfico e por sua arquitetura peculiar, de imóveis brancos além, é claro, da posição estratégica, como a porta de entrada da África. (GUEMRICHE, 2012, p. 13). O caráter poético do texto de Guemriche nos permite então caminhar pela paisagem da capital da seguinte maneira:

A partir da bruma costeira levantada, o navegador era logo atraído por essa visão duma cidade-Babel cheia de terraços caindo em picos de frente para o mar. Visão apreendedora, com efeito, sobre a qual o invasor se lançava, para ali se perder de corpo e alma⁶⁴.

Por isso mesmo, esse autor lança um olhar sobre o conquistador que, como expressa em seu capítulo, torna-se também conquistado, em vista duma paisagem que o captura.

A Península Arábica, por sua vez, encontra-se no sudoeste da Ásia, cujos limites são o deserto da Síria, ao norte, o Golfo Pérsico e o Mar de Omã, ao leste, o Oceano Índico, ao sul, e o Mar Morto, a oeste. A península, segundo Ahmad Amin, “não é o único habitat dos árabes; eles possuíam outros habitats em torno, mas a Península Arábica era o habitat do maior número dentre eles e o mais importante”⁶⁵ (AMIN, 2013, p. 27). Por essas razões, portanto, a península só carregou o referido nome, “arábica”, pela força da grande população que ali habitava.

⁶⁴ Dès la brume côtière levée, le navigateur était aussitôt saisi par cette vision d'une ville-Babel toute en terrasses tombant à pic sur le front de mer. Vision saisissante, en effet, sur laquelle l'envahisseur se jetait, pour s'y perdre corps et âme.

⁶⁵ La Péninsule Arabique n'est pas le seul habitat des Arabes; ils avaient d'autres habitats tout autour, mais la Péninsule était l'habitat du plus grand nombre d'entre eux.

A Argélia, em sua origem, sempre foi um espaço constituído por Berberes, povo autóctone, e posteriormente por Árabes, pelas vias da invasão. Embora tenham deixado massivamente essa “terra do outro”, o francês e um pouco da sua cultura permanecem enquanto língua que, embora incerta socialmente, é a única capaz de dar conta, pela poética, da modernização do país, entre os períodos colonial e pós-colonial já que, de certo modo ocidentalizada e imposta pelo colono, passou a tornar imprescindível o desejo de criação dum Estado nacional. Além dessa modernização política, o francês também permanece a língua da literatura que igualmente trouxe ao país a modernidade, em seu diálogo com o Ocidente. Argélia legitimou uma literatura que soube e ainda parece saber reivindicar o seu lugar na atualidade e na alteridade, ainda que a escrita literária não seja mais, felizmente, a do francês ocidental, demonstrando certo descolamento da estrutura francesa tradicional. É bem verdade que o árabe mantém uma força de influência cultural, e isso se deve ao poder hierarquizante legitimado por uma elite que até hoje deixa a sua marca nessa sociedade.

Por meio desse pedaço de história, investigamos alguns autores argelinos, de edições magrebina a que tivemos acesso. Dentre eles, destacamos Rachid Ali Yahia e seu livro *Sur la question nationale en Algérie*⁶⁶ (2001), que nos chama a atenção pela sua extrema dedicação à causa berbere. Diante do desejo de expressar certo nacionalismo, o autor pelo menos permite identificar, mesmo que sem exatidão, as marcas da língua e da cultura argelinas, mesmo porque essa exatidão, simplesmente, não existe. Engajado no PPA⁶⁷, Rachid Ali Yahia é um berberista que considera que o país teria a sua tradição sedimentada na cultura berbere de língua berbere, e na cultura berbere de língua árabe, sendo a cultura “étnica” árabe pouco ou nada importante para a construção da Argélia. Além disso, insiste no caráter argelino do árabe, diferentemente dos árabes originários da Península Arábica. O estudioso parece, no entanto, engajar-se

⁶⁶ Proposta de tradução do título: Sobre a questão nacional na Argélia.

⁶⁷ Partido do Povo Argelino (*Parti du Peuple Algérien*), criado na França durante a imigração. Tanto o PPA quanto os outros partidos, assim como o processo de politização do argelino serão discutidos no capítulo dedicado às questões geo-históricas.

ao extremo à questão nacional, buscando argumentos que buscaram estabelecer fronteiras sólidas com a não inclusão do francês como uma das línguas do país. De modo interessante, o autor sustenta a rigidez dessas divisões pelo viés das línguas árabe e berbere, e sua concepção sobre essas línguas locais exclui o francês, que para o autor permaneceria em seu caráter colonialista. Apesar das interessantes reflexões, o aprisionamento do autor no imaginário nacionalista nega o caráter diverso da cultura magrebina e norte-africana. Mas isso não invalidaria a sua dedicação à causa local, considerando a impossibilidade de decreto do fim do Estado-Nação. Dialogamos também com outros autores que trazem materiais igualmente fartos, alguns mantendo certo caráter descritivo que nos interessou para tomarmos frente às questões mais sensíveis em relação ao passado e ao presente da espacialidade argelina.

Remontando à mais alta Antiguidade, Ali Yahia situa o seu leitor a partir do segundo milênio, período em que a Argélia era essencialmente composta por berberes, única população autóctone existente, que teria sobrevivido a todas as influências sofridas, permanecendo até os dias atuais, apesar das tentativas de assimilação, sobretudo pelos árabes (ALI YAHIA, 2001). Com isso, nenhuma supremacia conseguiu impedir “o nascimento e o desenvolvimento dos reinos berberes, conhecidos como ‘númidas’”⁶⁸ (MORIN, 2012, p. 19). Os fenícios foram os primeiros a desembarcarem no país, em seguida os cartagineses, que auxiliaram no desenvolvimento das atividades costeiras e algumas outras, enquanto os berberes permaneciam nas montanhas. Segundo Morin, o que se tornaria a Argélia nos tempos atuais, possuiu a sua primeira estrutura estatal no ano 332 a.C, no momento em que a cidade de Cartago que, ao emancipar-se dos fenícios, criara na África do Norte uma espécie de império regional (MORIN, 2012, p. 11). Com isso, temos aproximadamente 2300 anos que separam a fundação do espaço que se tornará a Argélia no século XIX. Em seguida, as terras argelinas conheceram a presença dos gregos, mas foram os romanos que ocuparam posteriormente toda a África do Norte. Curiosamente, suas

⁶⁸ La naissance et le développement de royaumes berbères, dits “numides”.

empreitadas político-religiosas não convenceram os berberes à latinização e ao cristianismo, uma vez que esse povo sempre guardou o seu caráter montanhês e distante de civilizações que chegavam a suas terras, embora alguns rastros de cristianismo tenham permanecido entre esse povo. Os vândalos, em 455, também fizeram parte do elenco conquistador, mas não deixaram muitas marcas desde a sua saída, em 533. Ao contrário, os que permaneceram foram assimilados pelos berberes da Cabília. Os bizantinos, que tentaram igualmente ocupar as terras, logo foram expulsos pelo Islã que ali se implantou rapidamente. Os otomanos, a partir do século XVI, que tornaram a Argélia seu território por mais de três séculos, foram os que limitaram as fronteiras do atual país com o Marrocos e a Tunísia, até o início da colonização francesa, em 1830.

No ano de 1830, a França conquistou a Argélia, retirando-a das mãos dos turcos. De acordo com os registros, a entrada da França nas terras argelinas ocorreu sem nenhuma necessidade de guerra, ao contrário dos grandes conflitos que precederam à sua independência mais de 120 anos depois, dos eventos da “primavera berbere” nos anos 1980 - embora nestes últimos as contestações tenham se limitado à região da Cabília - e dos sangrentos anos de conflitos ao final da década de 1990 que, como a primavera berbere, sofreram fortes repressões. Situando o contexto deste último período, percebemos que ele teria sido marcado pelo impasse econômico e pela instabilidade de vida do jovem argelino que, desconhecendo o processo de colonização, encontra-se num meio francófono que ele rejeita, por falta de adaptação (STORA, 2011, p. 89).

Movida pela necessidade pantagruélica de conquistas, a França se via como porta-voz da civilização, numa relação binária entre a “raça superior” que pensavam ser, como fruto do próprio Iluminismo, e a “raça inferior”, desprovida de civilização. É interessante notarmos que, para se criar uma publicidade em torno da conquista, fora necessário justamente o trabalho do geógrafo. Mas eles não se limitavam aos estudiosos das ciências humanas e sociais, pois muitos eram cronistas e artistas inseridos no calor da hora. Assim nascia uma Argélia imaginada pelo colono que, aos poucos, instalava-se nas terras que agora lhe pertenciam. Como discutimos o crescimento da imprensa nesse período, fato curioso é que começaram a surgir os

chamados *algérianistes*, como uma espécie de subproduto do orientalista. Este último, segundo escritores, passou a colocar como preocupação primeira a necessidade de criação da retórica dum povo que começava a habitar o imaginário coletivo da tradicional metrópole. Dentro dessa dinâmica, a dum do processo colonial que lançava mão da publicidade, outros europeus acabaram por dividir as fatias do território tomado. Assim,

devastada pela conquista, as revoltas e a repressão, sua população desapropriada pela colonização e confinada nas mais ingratas terras, a Argélia rural foi então reconstruída pelos colonos. Franceses, espanhóis, italianos e malteses, esses camponeses sem terra do Norte do Mediterrâneo, encontraram na Argélia, sobre aproximadamente a quarta parte do solo cultivável, um verdadeiro eldorado. (MORIN, 2012, p. 24)⁶⁹

Quanto aos árabes que se instalaram na Argélia, hoje em dia conhecidos por praticamente todo o mundo como os mais representativos em todo o Magrebe, pelo menos por uma estratégia midiática e pelo próprio caráter impositivo das aristocracias árabo-islâmicas, nunca foram, ao penetrar na Argélia, nem mesmo o grupo originário da Península Arábica, mas em boa parte já misturados a outros povos, como os iranianos e os egípcios, ou seja, passaram por um processo de africanização. Apesar dos elementos externos que varreram os clãs e outras formações tradicionais, outrora chamadas de tribos, permaneceram ali dois grupos predominantes: um grupo berbere, falante da língua de origem do próprio povo, ou seja, o berbere, e outro grupo, também berbere, falante do árabe. Com isso, o berbere e o árabe, este último comumente chamado de “árabe argelino”, seriam as línguas de todos os dias: do comércio, do sentimento e das trocas sociais (ALI YAHIA, 2001).

O francês, para o autor permanece a língua do antigo colono, ao mesmo tempo considerado como língua de saber e de conhecimento e como segunda língua ou como língua estrangeira para alguns falantes. De todas as maneiras, é a língua

⁶⁹ Devastée par la conquête, les révoltes et la répression, as population expropriée par la colonisation et refoulée dans les terres les plus ingrates, l'Algérie rurale fut alors reconstruite par les colons. Français, Espagnols, Italiens et Maltais, ces paysans sans terre du Nord de la Méditerranée trouvaient en Algérie, sur le quart environ du sol cultivable, un véritable eldorado.

da literatura que hoje dialoga com o país, com o mundo e com o homem, e também a língua de expressão dos escritores que consideramos como formadores da literatura argelina moderna.

Certo árabe, chamado de “árabe clássico”, é considerado como língua oficial no conjunto do país, pois é ensinado na escola, ao mesmo tempo em que é praticamente ausente na prática oral. Ali Yahia aponta o seu uso como sendo instrumento de opressão pertencente a uma elite e incompreensível. Navegando pelo histórico das elites que impuseram um árabe artificializado, também chamado de literário, encontramos no autor argumentos que favorecem uma reflexão pertinente sobre um registro de linguagem que seria realmente voltado para os interesses duma minoria.

Por fim, algo que igualmente nos chamou a atenção, diz respeito à língua de comunicação, seja da mídia, da imprensa e mesmo da escrita de intelectuais com Rachid Ali Yahia, realizadas em francês, demonstrando a ambivalência do discurso nacionalista pós-colonial, que ora lança mão do francês, ora do árabe. No caso de Yahia, seus livros são escritos em francês, assim como algumas entrevistas, que são realizadas em francês ou em árabe argelino. Longe da intenção de nos inclinarmos sobre uma análise do discurso, remetemo-nos antes a Glissant que afirma que a língua, seja ela qual for, pode funcionar de modo suficientemente diverso do seu eixo tradicional se for pensada a partir da relação. Ou seja, não acreditamos na existência de quaisquer intenções colonialistas por trás da existência, ainda que em menor escala nos dias atuais, do francês falado na Argélia. As máculas dos traumas do passado são lembradas independentemente da língua em uso. Além disso, a relação complexa entre a França e a Argélia parece ser tão alimentada de afetos que podem ser percebidos por seus próprios escritores. Não se trataria então de fechar-se numa suposta língua nacional, já que esse fechamento estabeleceria outras fronteiras, num jogo de oposições. Por isso, segundo Glissant,

ouvir o outro, os outros, é ampliar a dimensão espiritual da sua própria língua, ou seja, colocá-la em relação. Compreender o outro, os outros, é aceitar que a verdade de fora se opõe à verdade interna. E concordar com o

outro é aceitar acrescentar às estratégias particulares desenvolvidas a favor de cada língua regional ou nacional estratégias de conjunto que seriam discutidas em comum.⁷⁰

O que percebemos então, ao analisarmos esses aspectos, é que a dimensão do espaço argelino como um espaço de tentativas de conquistas já é uma questão que a própria história legitima. Por outro lado, constatamos a importância no reconhecimento dos berberes como os que permanecem como a única população nativa. Aliás, a riqueza cultural deixada e cultivada até hoje pelos cabilas da Argélia é objeto de muitas pesquisas: música, dança, literatura e a valorização da própria imagem são apenas alguns elementos e produções reconhecidas nesse meio. Isso nos faz pensar numa Argélia de caráter identitário ao mesmo tempo fragmentário e plural, de espacialidade complexa, e por isso como sendo uma terra que carrega como herança estilhaços que, felizmente, são resgatados por sua literatura. A língua e o imaginário poético que se constroem por ela, como pudemos identificar, são elementos que realizam esse trabalho, como veremos na seção seguinte.

3.6 Da língua como (uma) problemática à nova literatura

Poderíamos então afirmar a existência duma problemática das línguas na Argélia? Parece que sim, considerando como problemática um conjunto de problemas. E é dentro desse aspecto que discutiremos sobre a existência ou não duma língua nacional na Argélia e em seguida sobre a formação da sua literatura.

Em sua *Introduction à une poétique du divers*, Glissant (1996) afirma que “o sonho de toda humanidade, é que a sua língua seja a língua que lhe foi ditada por

⁷⁰ Écouter l'autre, les autres, c'est élargir la dimension spirituelle de sa propre langue, c'est à dire la mettre en relation. Comprendre l'autre, les autres, c'est accepter que la vérité d'ailleurs s'oppose à la vérité d'ici. Et s'accorder à l'autre, c'est accepter d'ajouter aux stratégies particulières développées en faveur de chaque langue régionale ou nationale des stratégies d'ensemble qui seraient discutées en commun.

um deus, ou seja, que a sua língua seja a língua da identidade exclusiva”⁷¹ (GLISSANT, 1996, p. 28). Essa noção leva em conta toda a formação da Europa em termos culturais e religiosos, desde o Império Romano até tempos anteriores ao final da Modernidade, cuja gênese estaria em certo cristianismo, inclusive pelos primeiros passos dados pela própria igreja desde o início da era cristã em direção a certo “poder temporal” acumulado por suas riquezas, exercido juntamente com o poder espiritual por intermédio dos seus pontífices até o final da Revolução Francesa. Sua literatura era fundante e tinha no romance o gênero por excelência para o trabalho de exaltação dos ideais nacionalistas. Como vimos, a formação dos Estados europeus reconfiguraram o espaço das línguas dessacralizando o latim e alimentando, igualmente, as línguas nacionais. Mas ao mesmo tempo, pedaços desse monolítico sagrado se transformaram em Estados-Nação. Por isso, esse “deus” glissantiano parece apontar para uma forte carga simbólica duas razões que destacamos: primeiramente, é claro percebermos nos textos do autor o olhar cúmplice e ao mesmo tempo recuado sobre as bases que edificaram a Europa, que é essencialmente cristã, menos no sentido puramente religioso e mais nas manobras políticas em torno dessa religião ao longo dos séculos, desde aproximadamente o ano 538 d.C, com as primeiras alianças entre a Igreja e o Estado. Ora, apesar dos primeiros decretos de laicidade, sobretudo na França a partir de 1905, esse jogo entre o político e o recurso ao religioso é uma constante, mesmo na atualidade, ainda que diante de todas as tentativas de neutralização desse fenômeno por parte da sua população. Diante disso, a língua se torna uma problemática, uma vez que, em sua identidade raiz-única, ela toma para si essa carga aparentemente identitária, reforçando os aspectos genéticos duma suposta tradição. Ao mesmo tempo, essas línguas, distribuídas em países, deixaram-nos como herança obras magníficas, de envergadura, muitas vezes questionando até mesmo um pouco do próprio sistema ou, pelo menos, abarcando uma visão extraordinária do mundo. Mas essas culturas,

⁷¹ Le rêve de toute humanité, c'est que sa langue soit la langue qui lui ait dictée par un dieu, c'est à dire que sa langue soit la langue de l'identité exclusive.

mergulhadas na identidade-raiz única e fechadas de alguma maneira em Estados-Nação por eles próprios criados, em nome dos quais foram tão longe na criação de seus valores ditos universais, colonizaram a terra alheia e pior, anularam de certo modo toda a cadeia de valores tradicionais, que de alguma maneira são religiosos. Nesse momento, a cultura que produzia a sua poética, oprimia por sua política. Posteriormente, retornaram ao estado de autoproteção para além da defesa do Estado jurisdicional pura e simplesmente, criando negativamente uma imagem do ex-colonizado, que por sua vez parece retornar a uma condição de estrangeiro.

Sobre essa condição, recorremos à abordagem de Julia Kristeva (1998) que afirma que esse estrangeiro, tendo passado por um inimigo desde os tempos das sociedades primitivas, já que ele se diferenciava pelo seu modo de viver numa organização peculiar, continua sendo uma ameaça às sociedades que passaram pelo crivo da Modernidade. Para a autora, o sonho duma sociedade sem estrangeiros é trabalho da religião ou da moral. Embora seja um projeto ainda utópico, esse sonho ainda perdura até os dias de hoje, em que se projeta uma sociedade de integração econômica e política em escala planetária. Por isso Kristeva se pergunta se seria possível viver com os outros e vivê-los, sem a barreira do ostracismo e sem nivelamento (KRISTEVA, 1998, p. 09-10). Suas reflexões em torno desse sujeito diferente responde a alguns questionamentos que têm na religião uma máquina de fabricação de homens e mulheres iguais, como medida para que se viva os tempos globalizados em torno duma unidade falsificadora dos valores universais, ainda que a roupagem do universal atraia uma enorme massa de indivíduos cada vez mais temerosos quanto às incertezas do futuro. Esse é um dos trabalhos, por exemplo, da própria Igreja Católica que, em seu ideário em torno do “universal”, parece de algum modo querer estabelecer um governo do religioso, com novos recursos ao religioso, projetando para o homem um habitat sem fronteiras ou estranhamentos. Mas o sentido que lhe confere é perverso. A literatura escrita pelo estrangeiro predica o princípio da liberdade, ainda que a língua adquirida e que se tornou expressão literária seja o seu exílio e de sua expatriação. Por isso, o estrangeiro, sendo “inimigo a ser abatido nos grupos humanos mais selvagens, [...] torna-se, na ordem as construções religiosas e Morais, um homem diferente que, desde

que aceite, pode ser assimilado pela aliança dos ‘sábios’, dos ‘justos’ ou dos ‘naturais’”.⁷² (KRISTEVA, 1998, p. 10).

Dessa maneira, o nativo, sujeito da própria terra, torna-se objeto em mãos alheias, é obrigado a se render às influências exógenas sob o controle do colono e, finalmente, torna-se inimigo do colono dentro da própria casa, levando-o à guerra para libertação do próprio povo e, por consequência, pagando alto preço com as mortes nos massacres que antecederam à libertação da Argélia. Nesse caso, o colonizado, tornado um estrangeiro dentro e fora de casa, acaba fazendo explodir a “violência”, pois “a violência do problema posto pelo estrangeiro hoje é devida, sem dúvida, às crises das construções religiosas e Morais”.⁷³ (KRISTEVA, 1998, p. 10)

Por tais razões, a literatura pós-colonial, a partir duma abordagem espacial, é na Argélia esse movimento pendular de construções e destruições na busca dum discurso e uma linguagem, que só são possíveis pela imaginação do escritor, que é também sujeito nesse processo.

A literatura ocidental seria então da ordem dum mundo estabelecido, cuja língua seria o modelamento dessa criação de caráter nacionalista que “se opõe às tendências universalistas (sejam elas religiosas ou racionalistas) e tende a identificar, e mesmo perseguir o estrangeiro”, pois, “o nacionalismo, por outro lado, não resultou em nada mais que no individualismo particularista e intransigente do homem moderno” (KRISTEVA, 1998, p. 110).⁷⁴

⁷² Ennemi à abattre dans les groupes humains les plus sauvages, l'étranger devient, dans l'ordre des constructions religieuses et Morales, un homme différent qui, pourvu qu'il y adhère, peut être assimilé à l'alliance des “sages”, des “justes” ou des “naturels”.

⁷³ La violence du problème posé par l'étranger aujourd'hui tient sans doute aux crises des constructions religieuses et Morales.

⁷⁴ [Le nationalisme] s'oppose aux tendances universalistes (qu'elles soient religieuses ou rationalistes) et tend à cerner, voire pourchasser l'étranger, le nationalisme n'en abouti pas moins, par ailleurs, à l'individualisme particulariste et intransigeant de l'homme moderne.

Quanto Magrebe, não podemos nos esquecer de que uma unidade fora mantida em torno duma língua também sagrada durante séculos posteriores às invasões árabes por certo árabe clássico ou, para os fiéis, pela “língua de *Allah*”, o que impedia quaisquer formas de espacialização de línguas de expressão literária. Ou seja, uma hierarquia era mantida, mantendo-se também a supremacia doutra temporalidade, a do mundo árabo-islâmico. Com a adoção do francês, essa nova espacialidade linguística não carrega consigo toda a tradição francesa, obviamente. Ao mesmo tempo, sendo escrita em francês, não se nutre integralmente do árabe enquanto língua sagrada, mas de sua cultura, o que parece óbvio. O francês seria então uma espécie de enxerto que trouxe ao Magrebe uma língua ocidental, responsável pela quebra do sagrado, trazendo o “eu” para a escrita. Quanto a essa questão, Mohamed Kacimi, em seu livro *l’Orient après l’amour*⁷⁵ (2008), teria oposto a “língua de Deus” à “língua do eu”, o que nos esclarece que o francês teria sido o único meio de infiltração de certo humanismo na criação literária do magrebino e de consequente interrupção do sagrado imposto politicamente. O texto explica que o autor, quando opta por outra língua que não seja mais o árabe, não abandona uma língua materna, mas uma língua divina, a do Corão, que por sua vez não deixava lugar à expressão do “eu”. Ele então afirma que é pelo francês que ele nasce enquanto indivíduo, pela emergência do “eu”, e em seguida que não escreve em francês, mas “nele mesmo” (KACIMI, 2008).

Podemos então confirmar a existência duma “escolha linguística”, segundo Bouguerra, pelo escritor argelino, por uma espécie de necessidade de reaparecimento duma cultura subjugada durante séculos, que agora busca a sua espacialização diante do próprio apagamento e também pela necessidade superar o etnocentrismo para atingir o universalismo, ou seja, para buscar a familiarização com o mundo : “nós abordamos [...] o problema da escolha linguística dos primeiros autores magrebinos, assim como os debates que fornecem ao longo do tempo a continuação da

⁷⁵ Proposta de tradução do título: O Oriente após o amor.

escrita na língua do antigo colonizador posteriormente às independências.”⁷⁶ (BOUGUERRA, 2010, p. 04). Essa escolha seria, portanto, uma polêmica, pois

[...] o problema da nacionalidade literária não é nem uma questão de identidade nem de passaporte. Ele também não pode ser resolvido devido ao único fato do uso da língua nacional. O conteúdo da obra, e aqui ele é válido para as obras escritas tanto na língua nacional quanto em francês, é o critério decisivo.⁷⁷ (BOUGUERRA, Apud, LAÏBI, 2010, p. 04-05).

A literatura em língua francesa da Argélia teria então passado por um trabalho: era preciso reconhecer que, embora os critérios de elaboração do texto literário estivessem presentes desde o início, um despojo pode ser um tesouro, valorizado e valorado na mesma medida em que o tempo se desgasta e se esvai. O engajamento dos primeiros anos do período pós-colonial alimenta primeiramente o imaginário nacional, dada a condição em que se encontrava o Magrebe naquele momento de fortalecimento do Estado-Nação.

Hafid Gafaïti (2005), seguindo o mesmo raciocínio, diz que as obras dos primeiros escritores argelinos eram classificadas, sobretudo, em função de seus temas e discursos, ainda que nunca tivessem abandonado critérios tais como o de literalidade, da pesquisa formal e da escrita, esta já apontando para uma necessidade de elaboração estética. Por isso, o autor nos fornece uma dimensão espacial que se baseia no que ele chama de “diasporização”⁷⁸, referindo-se inicialmente à literatura pós-colonial e em seguida à literatura argelina francófona. Esse fenômeno, segundo Gafaïti, estaria ligado um processo dentro do qual a literatura argelina de expressão em língua francesa se torna, aos poucos, independente do Estado-Nação, ou seja, foi lenta e

⁷⁶ Nous abordons [...] le problème du choix linguistique des premiers auteurs maghrébins ainsi que les débats auxquels donne lieu de temps à autre la continuation d’écrire, après les Indépendances, dans la langue de l’ancien colonisateur.

⁷⁷ Le problème de la nationalité littéraire n’est une affaire ni d’identité ni de passeport. Il ne peut non plus être résolu du seul fait de l’usage de la langue nationale. Le contenu de l’oeuvre, et ceci est valable pour les oeuvres écrites aussi bien dans la langue nationale qu’en français, est le critère décisif.

⁷⁸ Termo original: “Diasporisation”

continuamente se transferindo da nação à dispersão pelo mundo, logo, espacializando-se.

Quanto ao termo “diasporização”, o autor parte primeiramente da reflexão sobre o grande número de pesquisas nas ciências humanas e na literatura que já se debruçou sobre a “diáspora” enquanto fenômeno inerente aos processos de deslocamentos, geralmente forçados, que geraram reterritorializações ao redor do mundo. Para os estudos literários, esse fenômeno visaria, sobretudo, analisar, pela via de escritores oriundos desse processo, as marcas do deslocado. Tendo sido utilizado pela primeira vez em 1908, o termo diáspora foi pela primeira vez conhecido e adotado na França, trazendo em si a carga de significados próprios aos sentidos relacionados à ideia de “dispersão”. O autor então propõe a evolução da palavra, considerando a carga semântica do termo diasporização para representar a criação literária.⁷⁹

Portanto, para dar conta do fenômeno literário, o autor defende o conceito de “diasporização dos indivíduos e das culturas” (GAFÄITI, 2005, p. 45). Para ele, a diasporização remodelaria a ideia do fenômeno diaspórico, abrangendo a sua dimensão criadora e o seu poder de transformação. Ao lembrar a adoção do termo *créolisation*, por Édouard Glissant, no lugar de *créolité* - que adotara Jean Bernabé, Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant - Gafaïti afirma que a “diasporização” dá conta da dimensão da experiência dos exilados, deslocados e desterritorializados que se tornaram os inúmeros magrebinos, escritores ou não (GAFÄITI, 2005). Concordamos então com o autor, pois a diáspora se apoiaria mais nos fatores históricos da dispersão, ainda que pensada em termos literários, enquanto a diasporização estaria antes ligada à dimensão espacial da criação literária. Diante disso, o autor parece evocar muito mais o processo e menos o objetivo, muito mais o movimento do que a palavra estanque, ou

⁷⁹ Para Gafaïti, o termo diáspora se limitava ao clássico fenômeno judeu, resultando no registro do dicionário francês *Nouveau Petit Robert*, em 1994, que lhe confere significado ligado ao conjunto de membros dispersos, aplicando-se por outro lado aos povos ou grupos, tais como os armênios, os libaneses ou os chineses, por exemplo. O autor ainda lembra que o termo se estende ao uso nas ciências humanas e sociais, mas parece apontar que a diáspora não seria de fato um fenômeno pertinente a certos fenômenos, como na Argélia, em que a dispersão numa escrita ocorre de acordo com a necessidade de criação poético-literária que se tornaria independente do Estado-nação e se lançaria no mundo.

ainda as eventuais mudanças em vez da possível tendência à cristalização do movimento diaspórico que o termo “diáspora” evocaria, se pensamos na especificidade do texto literário. Esse processo explicaria certo “descolamento” da escrita literária argelina do imaginário nacionalista.

Por essas razões, a literatura argelina em língua francesa e a sua espacialização linguística é aquela que se nutre de memórias em detrimento duma história entremeada por continuidades e descontinuidades, enxergando mais de perto os espaços de enunciação, de produção e de imaginação. A isso Glissant chama de “escrever na dificuldade”⁸⁰: o autor desenvolve essa noção observando a prática da oralidade do antilhano, contra a prática da escrita do europeu e, em nosso caso, do francês. Ao passar ao ato da escrita, um povo sem origem, sem uma gênese, não possuiria um *continuum* por detrás dessa nova língua, como os sete séculos de história e de constituição duma língua de escrita literária francesa (GLISSANT, 2010, p. 24-25).

Nesses termos, que gênese possuiria o escritor argelino, senão alguns fragmentos de origem, buscando certa libertação do obscurantismo islâmico tradicional e uniformizador do pensamento por uma nova língua adotada, embora ela tenha sido fruto do processo colonial? Como explicar ainda que esses séculos de tradição não são assimilados pela Argélia como num simulacro? Acreditamos que o pensamento glissantiano nos auxilia a pensar que o argelino é também um povo sem essa gênese na sua totalidade pré-concebida e inquestionável, ou pelo menos um povo cuja gênese fora perturbada, modificada, colocada no vazio para que novos começos pudessem brotar de sua nova literatura. Por isso, acreditamos que ele também escreve nessa dificuldade, que inclusive foi o que levou alguns escritores ao abandono do espaço nacional, já que o próprio Mediterrâneo permite esse fluxo migratório: “com a generalização e a arabização da Argélia, a onda islamista e sua pretensão em uniformizar o pensamento,

⁸⁰ écrire au difficile.

um novo dado vem à tona recentemente, forçando numerosos escritores ao exílio na França” (BOUGUERRA, 2010, p. 05) ⁸¹

Com essa tradição perturbada, a maneira de se expressar e escrever nessa língua se daria por sua recriação, a dum mundo ausente de origem por uma imaginação e criação poéticas, que automaticamente vai ao encontro doutros mundos que se permitem ser igualmente recriados. Esse movimento é visto por Glissant como um mundo “incriado” ⁸². Ele é também um mundo que existe sem que tenha sido criado, e que ainda é possível pelo que ele chama de intuição poética (GLISSANT, 2010, p. 63), ou seja, é um mundo em que as espacialidades se tornam mais flexíveis e legitimadoras da produção de novas literaturas. Como a gênese seria da ordem da teologia do território, do pertencimento e da estirpe, esse mundo não seria também atávico, mas compósito, diversificado e rizomático (GLISSANT, 2010, p. 62). O que o autor parece querer nos mostrar é que o espaço humano na África do Norte teria na figura do colono essa estirpe, pois é uma força, uma professa inteligência, superior, e por isso mesmo terrível e aterrorizante, razão pela qual ele não seria tampouco de ordem étnica. Aqui, a terra enquanto território parece perder o seu sentido, pois os lugares assim tornados eram cercados por seus muros ideológicos. Esses seriam então processos de territorialização. Essa noção nos leva ainda a outra, que seria a do “país como lugar” (GLISSANT, 2010, p. 63). Para o autor, o lugar é aquele donde se levanta a palavra. Portanto, uma língua de adoção é antes uma língua ligada ao país visto culturalmente, e ao lugar donde emerge essa palavra. A via de acesso a essa língua se dá pelo imaginário do poeta ou do escritor, que se liga ao que chamaríamos de “Terra-Mundo”, como insumo de sua abordagem sobre o “Todo-Mundo”, a partir do romance que porta o mesmo nome (*Tout-Monde*, 1993) e não aos territórios de dominação, à terra conquistada, cercada, tornada colônia. Por tais razões, ainda que imposto, o francês na

⁸¹ Avec la généralisation et l’arabisation de l’Algérie, la vague islamiste et sa prétention à uniformiser la pensée, une nouvelle donne s’est fait jour récemment a contraint de nombreux écrivains à l’exil en France.

⁸² Monde incréé.

África do Norte não se torna uma máquina de alienação, mas de engrenagem da produção de sua literatura, um lugar de enunciação da palavra imaginada e do mundo em devir, a ser criado, inventado por uma poética. Assim, se permanecêssemos na lógica estritamente colonial, sem considerarmos a espacialização da língua como um fator preponderante para novas aberturas da criação literária na Argélia, estaríamos negando a importância da sua espacialidade que renova a própria história. É bem certo que isso não anula a condição do sujeito pós-colonial, que é tomada como mote pelos primeiros escritores, nem tampouco a existência duma literatura que mantém as suas marcas pelo atravessamento do período colonial, sobretudo quando tratamos de escritas e escritores que se espacializam também pelo jogo da própria memória. Assim, a história não poderia prescindir do espaço geográfico, pois ela é constantemente perturbada. Consequentemente, a inserção das literaturas do Magrebe no contexto global se torna uma realidade que ultrapassa o sentido mais enfraquecido das fronteiras ideológicas do Estado-Nação moderno. Devemos então considerar a necessidade de evolução social e política da literatura argelina de língua francesa no século XX, cujos precursores são todos os escritores que se souberam dela se apropriar, manuseando-a de acordo com a necessidade que tinham em utilizá-la, tanto contra os aparelhos ideológicos uniformizantes quanto a favor do amadurecimento estético-literário que a inserisse dentro do contexto em que a presença doutras línguas, no sentido glissantiano, pudessem colocá-la em relação de igualdade com outras literaturas que emergiram no século XX. Assim, uma demanda de engajamento que se misturava ao conteúdo das obras se metamorfoseava no ritmo do surgimento de novos escritores até o seu amadurecimento estético.

Para então situar esse contexto, mais precisamente no surgimento duma “nova literatura”, devemos lembrar, mediante os fatos e fenômenos ligados ao período colonial, que a literatura argelina de expressão francesa possui somente pouco mais de sessenta anos. Ou seja, a conscientização literária dos primeiros escritores argelinos só se dá a partir de 1950. Os seus primeiros leitores, em sua maioria, ainda eram os franceses, que buscavam a descrição duma sociedade “diferente”. Essa reflexão é feita Charles Bonn (1990), cujo excelente trabalho de crítica percorreremos mais

amplamente na análise da obra de Kateb Yacine. O autor afirma que os três escritores que se destacaram na cena literária argelina teriam sido Mouloud Feraoun, com sua obra *Le fils du pauvre*⁸³, datada de 1950 e *La terre et le sang*⁸⁴, de 1954, Mohammed Dib, com *La grande Maison*⁸⁵, em 1952 e *L'incendie*,⁸⁶ em 1954 e finalmente Mouloud Mammeri, que publicou *La colline oubliée*⁸⁷ em 1952 e *Le sommeil du juste*⁸⁸ em 1955. Esses escritores teriam feito emergir uma corrente romanesca na Argélia ainda colonizada.

Nesse cenário, Bonn traz à discussão um ponto que atinge diretamente problema das primeiras edições, a saber, que o próprio princípio da descrição realista, apesar de eventualmente chocar o crítico mais militante, fazia parte desse momento editorial, e sua elaboração vai diretamente ao encontro do modelo da própria tradição romanesca ocidental. A ideia de mistificação, por exemplo, é mencionada por Bonn como algo que é destacado pelos teóricos do *Nouveau Roman*, tendo surgido na mesma época no Magrebe e, sobretudo, no Egito (BONN, 1990, p. 20).

Observamos com isso que o próprio fato de se tratar de romancistas já nos remete a uma tradição europeia, o que seria, segundo o crítico, um fenômeno que leva imediatamente a um elemento imperialista, pois, segundo o autor,

Esse gênero não possui tradição árabe, uma vez que ele só começou a se desenvolver no Egito no início do século XX, sob a pluma de escritores muito marcados pela cultura ocidental. E a descrição da sociedade magrebina

⁸³ Proposta de tradução do título: O filho do pobre.

⁸⁴ Proposta de tradução do título: A terra e o sangue.

⁸⁵ Proposta de tradução do título: “A Casa grande”.

⁸⁶ Proposta de tradução do título: O “incêndio”.

⁸⁷ Proposta de tradução do título: “A colina esquecida”.

⁸⁸ Proposta de tradução do título: O sono do justo.

se faz em Mammeri ou Feraoun segundo as normas que são as do humanismo francês⁸⁹ (BONN, 1990, p. 20).

Desse modo, a estrutura romanesca alimenta a ideia dessa reciprocidade entre a França e a Argélia na formação da sua literatura, embora saibamos que a peculiaridade no manuseio da língua tivesse sido uma constante desde o início.

Questionamos, nesse cenário, alguma origem, desta vez ligada à estrutura da obra literária, que tivesse levado o argelino, desde os primeiros escritores, a escolherem o francês como língua de escrita, bem como o romance como um dos gêneros principais, já que a poesia atravessa praticamente todas as eras de criação literária no Oriente e no Ocidente. A resposta estaria num período em que uma literatura, igualmente de expressão francesa, surgia na África do Norte, passando a difundir romancistas e poetas, geralmente intelectuais oriundos de famílias que tinham acesso a uma cultura francesa. Há que esclarecer que, dentro do contexto colonial do Século XIX, duas formas de controle tornavam distintos os sistemas políticos na África do Norte: o protetorado, como forma de controle mais indireto, como no Marrocos e na Tunísia, e a colônia, cuja intervenção era mais direta, gerando mais repressão e contrastes sociais. Neste período os escritores, sobretudo os oriundos dos protetorados, adotavam formas de expressão europeias como matrizes (SCANHOLA, 2013). Não há, portanto, nenhuma surpresa no fato da colônia, sobrevivente no meio de protetorados, seguir em frente no modelo romanesco, pois a língua que o escritor argelino coloca debaixo da pluma tinha algo a dizer, sendo a forma uma espécie de subsídio no conjunto dos elementos, como uma forma de linguagem. Doutro modo, não seria possível se fazer compreender pelo outro. Entretanto, por seu caráter político, a beleza desses contrastes é revelada no interior desse botim de guerra, que os colonizados “foram buscar 'na cova dos leões a fim de exprimir, primeiramente de modo tímido, o mal-estar

⁸⁹ Ce genre n'a pas de tradition arabe, puisqu'il n'a commencé à se développer en Égypte qu'au début du XX siècle, sous la plume d'écrivains très marqués par la culture occidentale. Et la description de la société maghrébine se fait chez Mammeri ou Feraoun selon des normes qui sont celles de l'humanisme français.

que lhes inspirava a situação social e política em seus respectivos países” (BOUGUERRA, 2010, p. 03) ⁹⁰. Esse “modo tímido” explica toda a trajetória de elaboração duma escrita que parte do engajamento motivado pelo vivido duma Argélia exposta e desnudada diante das tentativas de territorialização exógena durante séculos. A sua espacialidade linguística, que no século XX levou à escolha do francês como língua de expressão, sobretudo literária, é como um processo de fagocitose, por meio da qual a escrita foi se alimentando, nutrindo-se e reservando a energia criativa, desde a valorização do conteúdo até o amadurecimento da forma. Isso nos dá a dimensão do vivido que se fez verbo: as guerras pela tentativa de independência da Argélia foram das mais sangrentas na história do argelino, por um lado, e das mais marcantes na história da colonização francesa, por outro. Por isso, enxergamos a existência duma espécie de infiltração duma cultura dentro da outra, a argelina e a francesa. E se, como afirmado em nossa introdução, não podemos sentir a mesma dor pela via da experiência, do vivido, por uma distância espaço-temporal, temos nas obras analisadas, do escritor ou do poeta, o sentimento dessa dor, dessa ambiguidade. Quando não, uma inserção no mundo se torna uma necessidade, numa discussão entre o local (ou locais) e o global.

Em todo esse processo, por força do cuidado da língua saqueada, chegamos ao seguinte ponto: o da adoção do francês por escritores que se tornaram de certo modo francófonos sem que nem mesmo tivessem tido o francês como língua materna ou segunda língua, ou que se consideram expatriados, colocando-o à frente da sua condição de humana e, conseqüentemente, literária e poética. Essa dimensão espacial da língua se reserva, sobretudo, à literatura, pois para além da sua imposição, e ainda que passando por sua nutrição, a necessidade e o desejo poético-literário discorrem em novas representações do espaço nas obras e, por consequência, apresenta uma espacialidade que não se limita às suas fronteiras. O valor estético-literário dos primeiros escritores é indissociável das questões histórico-políticas a partir dos primeiros anos da Argélia pós-colonial, ao passo que essa mesma língua, para os

⁹⁰ [...] qu'ils ont été chercher jusque « dans la gueule du loup » afin d'exprimer, timidement d'abord, le malaise que leur inspirait la situation sociale e politique dans leur pays respectifs.

escritores mais recentes, é antes uma escolha quase voluntária e a serviço de novas espacializações da escrita romanesca e da criação poética.

Ao nos remetermos aos nossos escritores, podemos finalmente refletir sobre a espacialidade da escrita, considerando que sua criação poético-literária se realiza menos numa zona de influências e vantajosamente em vias de confluências. Num primeiro passo, nesses pouco mais de sessenta anos de existência, o conteúdo da escrita era um direito exercido, uma solução *à part entière*, para que as vozes dos que manifestavam o desejo de escrita pudessem ser ouvidas, e os autores que iam surgindo escreviam dentro do território ao qual já se sentiam pertencentes, portanto, dentro de casa. Lenta e continuamente, os fenômenos migratórios que visavam a mão de obra argelina na França deram também grande impulso à migração dos escritores, tanto no sentido humano quanto no da própria escrita, por um mundo imaginado, recriado, levando à sua expatriação. Uma vez modificando essa condição sedentária, a escrita passa a "trans-formar-se", deixando de lado, aos poucos, o mito do nacionalismo tardio. Afinal, deixar a terra, abandoná-la, exige o diálogo com o outro. Por isso, analisamos três autores que escrevem do outro lado, ou que pelo menos não voltaram mais, pelo menos literalmente, para a Argélia. Seus olhares, no entanto, estão vez e outra por lá, ou ainda à volta da própria tradição, fato incontornável. Noutros momentos, veremos que o diálogo se ampliou e ganhou mundo. Agora, o espaço de migração vai para o texto e ele aqui se torna o nosso objeto, tornando letras os territórios continentais, entre os dois lados das águas do Mediterrâneo. Isso apontaria para o que Glissant chama de "crioulização" do mundo, como fruto desse "resíduo amargo, incontornável", *àpre*, a partir do fenômeno que ele considera imprevisível, haja vista os exemplos dos povos da diáspora africana, que trouxeram os seus elementos heterogêneos com uma resultante imprevisível. Com isso, enquanto as culturas atávicas das línguas europeias se alimentam da tradição, essas culturas, sendo rizomáticas, recriam, já que delas toda origem fora arrancada (GLISSANT, 1996).

3.7 Geo-história da imigração argelina na França

Acreditamos ser necessário filtrar, pelo viés da história e, mais especificamente, da história política, as ligações específicas entre a França e a Argélia e ainda, nesse contexto, compreender algumas relações de trocas entre franceses e argelinos durante e após a colonização. Além disso, os movimentos políticos praticados dentro do espaço francês auxiliou também na formação dos primeiros escritores, fato que esclareceremos desta vez pela via histórico-política, pois esses migrantes se tornaram mais engajados na realidade política argelina. Em muitas de nossas linhas, (re) visitaremos esses que, assim como Franz Fanon, consideramos condenados. Em seu ensaio "Os condenados da terra" (1961), o autor esclarece bem a desgraça que se abateria sobre essas relações entre colonizador e colonizado, fruto da violação desses que são considerados indígenas para o mundo ocidental, habitantes de todos os lados da África. O próprio empreendimento colonial, ao contrário da Relação, sempre focalizou o encontro verticalizado. Isso porque a dimensão humana na colonização se limitava a um certo (e quase único) humano: o branco, ocidental, e por isso, superior. Pelo menos era o que se cria naquele momento. Do seu lado, desprovido de qualquer possibilidade duma dimensão humanizadora (de si próprio, inclusive), o europeu indigenizava com orgulho. Mas como bem disse Sartre, no prefácio à edição de 1961 de Fanon, o colonizador “[...] ainda não sabe que os indígenas são falsos indígenas” (FANON, 1961, p. 33). Não podemos negar, portanto, que Fanon tinha as suas razões ao perceber que “o colono e o colonizado são velhos conhecidos. E, na verdade, o colono tem razão quando diz que ‘os’ conhece”. Afinal de contas “foi o colono que *fez e continua a fazer* o colonizado. O colono tira a sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial” (FANON, 1961, p. 52, grifo do autor).

Em face disso, podemos enxergar mais um ângulo da questão colonial: na África do Norte e do Oeste o processo colonizador teria ocorrido pela rivalidade entre a França e a Inglaterra, que marcou uma divisão do mundo no século XIX: partindo do início da Revolução Francesa, em 1789, os fatos nos mostram que as contínuas tentativas de mudança do cenário político francês foram entremeadas por períodos marcados por tentativas de dominação, como foi o caso de Napoleão

Bonaparte, seguidas de movimentos populares, como a Revolução de 1830, fruto da Revolução Francesa iniciada em 1789. Após a queda definitiva de Bonaparte, ocorrida em 1815, a perda da supremacia francesa para a Inglaterra, que se tornara seu país inimigo por excelência, desencadeou uma reconfiguração do sistema político francês. Do outro lado do Mediterrâneo, a Argélia ainda vivia sob o domínio Otomano. Segundo Albert Hourani (2007), “o Império Otomano era uma das maiores estruturas políticas que a parte ocidental do mundo conheceu desde a desintegração do Império Romano” (HOURANI 2007, p. 287). Seu domínio se alastrou pela Europa Oriental, Ásia Ocidental e, o que mais nos interessa, pela maior parte do Magrebe. Sua supremacia durou cerca de quatrocentos anos nalguns lugares e até seiscentos anos noutros. Assim, segundo Hourani, o oeste argelino servia de base para deter a expansão espanhola. O Magrebe, abrangendo maior extensão territorial, foi “controlado primeiro pelo governador de Argel, mas a partir da década de 1570 houve três províncias, com capitais em Trípoli, Túnis e Argel” (HOURANI, 2007, p. 503). Essa capital, segundo o autor, era a sede da força naval otomana. Ela defendia os interesses desse império no Mediterrâneo Ocidental e ainda praticava pirataria contra todos os navios mercantes europeus em tempos de guerra. Hourani esclarece que, com essas forças de peso, o governador de Argel poderia então exercer influência sobre todo o litoral do Magrebe (HOURANI, 2007, p. 305). Percebemos então que já havia naquele lugar uma potência que interessaria aos novos exploradores.

Na França, a burguesia nascida da queda de Napoleão ocupou o país, investindo pesado na produção de bens de consumo, prevendo o máximo possível de lucro, e isso percebemos como tendo sido o fruto dos próprios paradigmas e paradoxos das revoluções. Ao desembarcarem na Argélia, em plena efervescência do século XIX, estabeleceu-se como discurso francês a ideia de libertação da dominação dos turcos, cujo império só terminará com o final da Segunda Guerra Mundial. No entanto, a retórica, mais do que discurso, não passava de intervenção militar, de modo que a colonização pode ser vista como um traumatismo histórico, e essas sociedades passaram por um processo de tentativas de aculturação.

Ora, reduzindo as línguas faladas por esses povos, o colonizador alterou em certa medida a identidade dos indivíduos que a praticavam, considerando a língua o instrumento de sobrevivência das sociedades. Portanto, no mesmo momento em que a Turquia conquistava a sua independência e deixava as terras do Magrebe, o argelino passava ao domínio europeu! O século XIX, tendo sido o de domínio colonial europeu em quase todo o mundo, tinha a sua base na mão-de-obra. Mas, quase sorratamente, começava a haver certa insistência para novas ligações entre a Igreja Católica e o estado, apesar de toda separação entre tais instituições ao longo da história pela soberania do Estado-Nação e posteriormente dos decretos de laicidade que se tornavam comuns nesse período. Ou seja, se não podemos falar de união, podemos pelo menos compreender as forças que tentaram, pelo menos, transtornar a cultura religiosa do magrebino. Ora, não havendo mais novos poderes religiosos como foram os impérios do passado, restava à sociedade europeia estabelecer vagarosamente acordos, cuja fachada era pintada de ideais de liberdades sociais e religiosas. O próprio Napoleão Bonaparte, durante as suas conquistas, concedia liberdade de culto aos católicos, judeus, muçulmanos e à minoria protestante da França. Além disso, compreendemos que o processo colonial tinha fortes ideais de certo cristianismo, cujas bases, alicerçadas em conquistas, incorporaram uma retórica liberal e falsas ideias de libertação. Assim parece ter enxergado Franz Fanon, que exprime ironicamente que “o recuo da febre amarela e os progressos da evangelização fazem parte do mesmo balanço” (FANON, 1961, p. 58). Por isso mesmo, o ensaísta não poupa o rigor e a potência de sua crítica: uma colônia carregando consigo a concepção da existência de certa indigência, as heresias, ou seja, os seus próprios mitos tornam-se o demônio que deve ser extirpado, como se os mitos duma facção de cristãos tipicamente brancos e ocidentais tivessem como missão a erradicação da cultura depravada. Fanon então sinaliza que fala

da religião cristã, e ninguém tem o direito de chocar-se. Uma igreja nas colônias é uma Igreja de brancos, uma Igreja de estranhos. Ela não chama o homem colonizado para o caminho de Deus, mas para o caminho do branco, o caminho do senhor, o caminho do opressor. E como sabemos, nessa história há muitos chamados e poucos escolhidos. (FANON, 1961, p. 58/59)

Por isso é que, no fim das contas, “nas colônias, a infraestrutura econômica é também uma superestrutura. Aqui, causa e consequência se encontram: alguém é rico porque é branco, alguém é branco porque é rico” (FANON, 1961, p. 56). Por sua transmissão colonial, a cultura e a língua passam ao novo modo de aquisição, proporcionando um processo inicial de homogeneização e de consequente degradação da história cultural desses povos: trata-se duma sociedade fragmentária e fragmentada por excelência, e submetida a uma condição colonial extensa.

Se o processo não é tão simples, é por isso mesmo enriquecedor, pois em meio a esse trauma histórico, que foi simultaneamente o gatilho do processo de imigração magrebina na França, surgiu a consequente discussão, há pouco mais de uma década, duma “literatura da imigração”, segundo o canadense Kasereka Kavwahirehi em seu livro *L’Immigration dans le Roman francophone contemporain*⁹¹ (2009). Do mesmo modo, Gafaïti considera no seu livro que o fenômeno migratório ligado à colonização e em seguida à descolonização tem sido uma realidade incontornável dos povos magrebins e, por consequência, dos seus escritores. O autor nos fornece ainda outra interessante prerrogativa para o nascimento da literatura escrita em francês na Argélia em pleno século XX: “para além das explicações sócio-históricas, do contexto econômico, do âmbito estratégico internacional e dos motivos ideológicos [...] somente a arte e a literatura podem dar a medida do traumatismo coletivo da Argélia contemporânea”⁹² (GAFÄITI, 2005, p. 15). Nesses termos, o próprio império colonial francês teria criado um espaço de migração entre a França e o Magrebe. O traumatismo, que consideramos fundamental para a compreensão do repertório que alimentou o conteúdo dos textos dos primeiros escritores e, na medida da evolução do tempo, das constantes tentativas de sua elaboração estética, seria da ordem dum fenômeno que, segundo alguns dos nossos pensadores, desencadearia um novo gênero literário.

⁹¹ Proposta de tradução do título: A Imigração no Romance francófono contemporâneo.

⁹² Au-delà des explications socio-historiques, du contexte économique, du cadre stratégique international et des motifs idéologiques (...) seuls l’art et la littérature peuvent donner la mesure du traumatisme collectif de l’Algérie contemporaine.

Perceberemos então que as relações entre esses povos se alicerçam nas complexas implicações entre dominantes e dominados, como em qualquer processo de colonização. Mas, como veremos, esse espaço de imigração não é mais unilateral. Tal olhar é o que nos faz conceber certo ponto de fuga: os escritores que apresentamos não mais se fixam, mas antes acostam e permanecem em constante desequilíbrio em relação ao seu espaço, dada a natureza da mobilidade desse espaço, inclusive do novo espaço dado à língua. Os fluxos geraram refluxos e, como andorinhas, colonizadores e colonizados acostaram enquanto puderam, deslocaram-se segundo a sua necessidade ou conveniência e adotaram novas culturas como consequência do próprio processo. Antes disso, consideramos a necessidade de esclarecer algumas outras brechas encontradas no desfilamento de tempos históricos de migrações. Em seguida, refletiremos sobre nomenclaturas, movimentos políticos mundiais em organizações culturais e no projeto moderno de nacionalização da cultura.

Benjamin Stora, em seu livro, *Les immigrés algériens en France: Une histoire politique, 1912-1962*⁹³ (2009), a quem devemos boa parte do conhecimento sobre os bastidores do fenômeno migratório entre a Argélia e a França, propõe uma séria, longa e exaustiva pesquisa, a partir da qual podemos penetrar na lógica das constantes idas e vindas do argelino, entre os dois lados do Mediterrâneo. Além disso, enquanto historiador, Stora nos fornece também a medida do espaçamento migratório entre a Argélia e a França. Em primeiro lugar, devemos considerar, assim como o autor, a delicadeza das discussões. Por não se discutir de modo sincero sobre as origens desse complexo trânsito, corremos o risco de discorrer em estereótipos que, infelizmente, ainda se mantêm alicerçados por um senso-comum e por uma história oficial.

Uma história política, que seria também uma geo-história, estende-se de 1912 a 1962, ou seja, durante cinquenta anos, dentro dos quais a Primeira e a Segunda Guerra mundiais serviram de parte do cenário, e cujo interlúdio - o período entre guerras - compôs momentos de sérias reflexões acerca do fluxo de magrebinos que

⁹³ Proposta de tradução do título: Os imigrantes argelinos na França: Uma história política, 1912-1962.

habitavam na França. Percorremos então a alguns tempos: tempo de necessidade da mão-de-obra magreбина dentro da Metr6pole, de perman6ncia do franc6s na Arg6lia durante o per6odo colonial e, portanto, de fluxos bilaterais.

Às v6speras da Segunda Guerra mundial, cerca de cem mil magrebinos, com idade aproximada de trinta anos ou mais, emigraram para a França, atendendo a uma demanda de industrializa66o do pa6s. Esse fen6meno pode ser compreendido a partir de nossa abordagem sobre o imagin6rio de certo nacionalismo que se perpetuava na Europa. J6 para o argelino, “o sentimento nacional vai nascer do ex6lio. Longe de sua terra, descobre-se o entre-si, uma conviv6ncia com outros exilados”⁹⁴ (STORA, 1992, p. 04). Dito doutro modo, um sentimento nacional p6de ser apreendido dentro duma matriz onde essa tradi66o existia, ou seja, na pr6pria França. Foi ent6o preciso organizar-se politicamente “fora de casa”, o que ajudou na cria66o do nacionalismo argelino que, al6m de tardio, 6 deslocado. Mesmo com a demanda de industrializa66o, pela for6a da m6o de obra oficializada pelo Estado nacional franc6s, a desigualdade j6 era algo reinante. Isso fez com que o magrebino se organizasse politicamente em ex6lio, envolvido pelo sentimento nacional que surgia, criando movimentos que levassem a um jogo de solidariedades, j6 que a injusti6a colonial criou uma rede de conviv6ncias entre o grupo 6tnico como um todo. Com isso, foram criadas organiza666es, tais como: o FLN⁹⁵, a ENA⁹⁶, fundada em 1926 por Messali Hadj, este tamb6m considerado como sendo o pai do nacionalismo argelino, o PPA⁹⁷, criado em 1937, diante da proibi66o do ENA, o MTLD⁹⁸, criado em 1946 tamb6m como

⁹⁴ Le sentiment national va na6tre de l'exil. Loin de sa terre, on d6couvre l'entre-soi, une connivence avec d'autres exil6s.

⁹⁵ Front de lib6ration nationale.

⁹⁶ 6toile nord-africaine.

⁹⁷ Parti du peuple alg6rien.

⁹⁸ Mouvement pour le triomphe des libert6s d6mocratiques.

sequência do PPA e o MNA ⁹⁹, criado após dissolução do MTLD em 05 de novembro de 1954. Para os que creem que esses movimentos tenham sido de fundo religioso, árabe-muçulmano, atentemos para o fato que a religião foi sim uma ligação de pertencimento entre os seus membros como em qualquer sentimento religioso, mas os movimentos nunca deixaram de demonstrar engajamento e consequente denúncia das injustiças cometidas pelo colonizador. Aliás, toda a identidade criada pelo imigrante se fundamenta no próprio modo de vida, cujo centro do cotidiano estava no exercício do trabalho, pois foi para isso que foram designados, e sem o qual morreriam. Além disso, fora da terra, descobriram justamente a necessidade de organização que os fazia sonhar com uma futura Argélia independente. Nesse caso, uma espacialidade política foi criada por fora dos muros do território argelino, que mais tarde viria, forçosamente, a constituir-se como Estado-Nação. Consideramos então que os próprios modelos ocidentais, paradoxalmente, incitaram ao engajamento político da população argelina, da mesma maneira que a escolha do francês como língua de escrita literária foi, a um só tempo, um veículo de transmissão dessa nova postura política e de abertura para uma vontade de modernização dos paradigmas ainda reinantes no povo argelino. Curiosamente, a cidade serviu de base para que se estabelecessem essas relações. Paris, apesar de grande capital, reunia mais do que espalhava, já que o estado desse imigrante era de confinamento.

Como o imigrante argelino tenta não trabalhar longe demais de seu lugar de habitação, ele permanece, desde a origem, confinado numa Paris muito estreita, o que impõe e reforça um conjunto de modos, de estilos de vida. O imigrante guarda o sentido e o benefício da comunidade local.¹⁰⁰ (STORA, 1992, p. 18)

Enquanto isso, na Argélia, cidades como Constantina e outras, passavam por graves períodos de fome, o que fez com que uma nova onda de

⁹⁹ Mouvement national algérien.

¹⁰⁰ Comme l'immigré algérien tente de ne pas travailler trop loin de son lieu d'habitation, il est, dès l'origine, confiné dans un Paris très étroit, ce qui impose et renforce un ensemble de moeurs, de genres de vie. L'immigré garde le sens et le bénéfice de la communauté locale.

imigrações ocorresse entre 1945 e 1954, sendo que o período compreendido entre 1950 e 1952 teve a família como foco desse êxodo. Com isso, esses intensos deslocamentos passaram a fomentar o enraizamento do colonizado em território francês, alimentando ainda mais uma nova espacialidade do argelino dentro da França. Isso inclusive desfaz a errônea imagem que se tem até os dias atuais, do colonizado norte-africano desprovido de memória, política e passado. Não nos esqueçamos, inclusive, que até o início dos anos 1970, posteriores às guerras de descolonização, incluindo as sangrentas perseguições policiais de 1961, o argelino ainda vivia noutra imaginário, o de retorno ao país. Significa afirmar que outra imagem, também latente, a do desejo de permanência na antiga Metrópole, cai igualmente por terra. Aliás, a França só descobre a imensa comunidade magrebina instalada na França a partir dos anos 1980. Esse é o fenômeno migratório deu origem à geração *Beur*. Assim, segundo Stora,

Com efeito, as ondas de imigração argelina se sucederam ao longo desses oitenta anos, fluxos e refluxos depositando suas camadas de sedimentos na sociedade francesa por intermédio de situações contraditórias: é, por exemplo, no auge da guerra de independência, que os imigrantes argelinos foram os mais numerosos a desembarcar nessa que ainda chamavam de “metrópole”!¹⁰¹ (STORA, 1992, p. 08)

Em suma, não poderíamos deixar de destacar a existência de 137 anos da “Argélia francesa”, da imigração esquecida, composta de árabes e berberes e a complexa e contraditória condição em ser argelino e francês pela qual passou toda essa massa de deslocados que, no fim das contas, parecem ter perdido duplamente o sentido de pertencimento. Consideramos que os espaços abertos do Mediterrâneo criaram, para além do corredor de demandas de mão-de-obra, um outro de migrações e ainda um corredor cultural, que levam em conta o “metropolitano” ocupando simultaneamente o

¹⁰¹ Les vagues d’immigration algérienne, en effet, se sont succédées tout au long de ces quatre-vingts années, flux et reflux déposant leurs couches de sédiments dans la société française au travers de situations contradictoires: c’est, par exemple, au plus fort de la guerre d’indépendance que les immigrants algériens furent les plus nombreux à débarquer dans ce qu’on appelait encore la “métropole”!

território argelino até a sua saída, posteriormente ao *Accord d'Évian*.¹⁰² Dentro desse contexto, ao mesmo tempo em que o francês retornava à França, o argelino se tornava francês.

Embora a questão que abordamos diga respeito à imigração e à atuação política do argelino dentro do espaço francês, não podemos nos esquecer de que, na Argélia, os rumores duma luta de libertação fizeram com que o cidadão argelino se movimentasse dentro de casa. Assim, Fanon traz em seu livro *L'an V de la révolution algérienne* (1959, 72, 2001) que o rádio teria sido uma primeira “arma” para trazer os motivos que desencadeariam uma guerra para a libertação da Argélia. É, portanto, por meio da informação, que o argelino se deu conta de que outros espaços, como o Marrocos e a Tunísia, já tinha tido a sua alforria. A migração da informação se torna, portanto, um meio de fazer com que o argelino estivesse a par da condição dos seus imigrantes na França. A *Radio-Alger* era transmitida na Argélia e na capital francesa, e tinha como objetivo principal difundir os valores do país. Devido à estratificação econômica, muitos acabaram, infelizmente, não aderindo ao aparelho de comunicação e, portanto, não havia uma organização por meio dessa técnica (FANON, 2011, p. 53). Além disso, a rádio não compactuava com os hábitos tradicionais de socialização e era ainda considerada como uma proibição, devido aos princípios morais da família (FANON, 2011, p. 54). No meio rural, a difusão era ainda mais difícil, dada a condição desses habitantes, longe dos grandes centros argelinos.

No entanto, entre 1951 e 1952, como os primeiros confrontos na Tunísia, a população argelina acabou sentido a necessidade de aumentar a sua rede de informação. Com a libertação do Marrocos em 1º de novembro de 1954, essas redes aumentaram na Argélia e o argelino se junta finalmente à Frente Magrebina Anticolonialista. Com isso, uma grande mutação nos modos de comunicação passa a ser uma realidade do Argelino, que agora veem como capitais todas as maneiras possíveis

¹⁰² Acordo de Évian: Nome dado pela imprensa à "delegação geral das duas delegações" - a França e a Argélia. O acordo foi promulgado em 18 de março de 1962 na França e em 19 de março do mesmo ano na Argélia, na cidade francesa de Évian. O acordo declarou o cessar fogo e o processo de criação do estado republicano argelino independente.

de conhecimento dos fatos que desencadeariam uma longa luta, por anos (ao contrário do Marrocos e da Tunísia) para a independência desse país (FANON, 2011, p. 59).

3.8 Espaço de enunciação da literatura argelina de expressão francesa

Embora estejamos concebendo a ideia de formação de novas formas literárias, consideramos que algumas questões de ordem conceitual em torno das literaturas de expressão em língua francesa estariam passando por um processo de envelhecimento. Justamente por isso, cabe-nos recorrer a essas abordagens. Não pretendemos com isso inventar um novo gênero. Mas não podemos negar certo descentramento de conceitos modernos. Muitos deles continuam presentes nos estudos literários e não cabe a nós questionar a sua existência. Contudo, para adentrarmos o universo dos novos escritores, necessitaremos de pensar num novo remodelamento que estrutura os textos dos autores que analisamos.

As literaturas, cuja forma de expressão escrita se realiza ao mesmo tempo em língua francesa e fora da França, parecem carecer de estatuto próprio. Desde as chamadas “literaturas de expressão francesa” (*littératures d’expression française*), passando pela então chamada “literatura francófona” (*littérature francophone*), “literaturas francófonas” (*littératures francophones*) e, mais atualmente, “literaturas no sul” (*littératures au Sud*), fato é que o francês continua agregando escritores, mesmo alguns que se arriscam em adotá-la como língua de expressão literária, ao passo que o francês seria, a princípio, uma língua estrangeira para esses novos escritores. Essa reflexão não traz *ex-nihilo* nenhuma força oposta à emancipação das literaturas do antigo mundo periférico, mas legítima, ao contrário, a produção cada vez mais emergente dessas vozes de certo modo caladas até o início do século XX. Em meio a essas tentativas de classificação, a mais impotente de todas surgiu com fim da Segunda Guerra Mundial, com a criação do termo “francofonia” (*francophonie*), a partir dum ideário e, por que não dizer, “imaginário”, das novas nações que surgiam, em torno da ideia da utilização do francês como língua materna, língua administrativa ou por aspectos culturais, e que mantinham, segundo a ordem da terminologia, a França como

o centro das aspirações e inspiração dos escritores. Dos problemas terminológicos, esse seria o pior e até o mais grave, pois tenta manter uma hegemonia cuja França, centro dessa lógica hierárquica, seria “democratizadora” da sua cultura ao redor do mundo.

Em 1962, a revista *Esprit*¹⁰³ publicou uma edição intitulada *Français, langue vivante*¹⁰⁴, cuja ideia foi a de comunicar uma “consciência francófona” (*conscience francophone*). A revista é dividida em três seções temáticas em torno do tema norteador, com artigos que vão desde as abordagens institucionais e metodológicas de divulgação do francês, até artigos versando sobre a busca dum eu pela linguagem. O poeta Léopold Sédar Senghor (1906-2001), publicou um artigo intitulado *Le français, langue de culture*¹⁰⁵, a partir do qual acabou se tornando um dos nomes que difundiram o referido termo, sobretudo nos países da África.

No artigo, o poeta leva o leitor a perceber que “apesar da independência política – ou a autonomia – proclamada há dois anos em todos os territórios ultramarinos, apesar do favor do qual goza a Negritude nos Estados francófonos no Sul do Saara, o francês não perdeu nada do seu prestígio”¹⁰⁶ (SENGHOR, 1962, p. 837). Nesse momento, cujo ano da publicação da revista é o mesmo da independência da Argélia, grande parte dos países africanos escolheu o francês como língua oficial ou de ensino, inclusive por razões diplomáticas, parecendo esperar “algo mais” dessa máquina linguística. O discurso de Senghor preconiza então a ideia da não separação entre a cultura e a política, inclusive mencionando a questão da independência argelina dentro desse “favor” que ele chama também de “fervor”.

Eu farei uma primeira observação. Essa dissociação é mais aparente do que real. A descolonização, seguida com constância pelo General De Gaulle,

¹⁰³ *Esprit*. Nouvelle série, 311, novembre 1962, Le français, langue vivante. 561-912.

¹⁰⁴ Proposta de tradução do título: “Francês, língua viva”.

¹⁰⁵ Proposta de tradução do título: “O francês, língua de cultura”.

¹⁰⁶ Malgré l’indépendance politique – ou l’autonomie – proclamée, depuis deux ans, dans tous les anciens États francophones au sud du Sahara, le français n’y a rien perdu de son prestige.

terminada brilhantemente na Argélia, não ocorreu à toa em relação a esse favor. Na África, o espírito não sucumbe à dicotomia. Nós não os separamos, como na Europa, a cultura da política.¹⁰⁷ (SENGHOR, 1962, p. 838)

Em seguida, Senghor disserta sobre a sua visão em relação ao francês, que seria para ele uma língua de riqueza vocabular, plena de riquezas discursivas, de estilo grandioso, pela simbiose entre a sutilidade grega e o rigor latino, portadora dum humanismo veiculado por essa língua que seria eminentemente poética e racional. (SENGHOR, 1962, p. 839-42)

No entanto, o movimento em torno da francofonia foi criado a partir da ideia duma “comunidade de interesse” (*communauté d'intêret*), ou seja, para designar indivíduos que partilham questões ligadas ao problema identitário, e, portanto, problemas ditos nacionais, pelo menos até esse momento. Dentro desses aspectos, Senghor escreve então que “a francofonia é esse humanismo integral, que se tece em torno da terra, essa simbiose das energias adormecidas de todos os continentes, de todas as raças, que despertam em seu calor complementar”¹⁰⁸ (SENGHOR, 1962, p. 844). No mesmo trecho do seu artigo, Senghor chega ainda a expressar que o francês seria “o sol que brilha fora do Hexágono”.

Num primeiro momento, a visão do movimento em torno de certa francofonia poderia ser vista como algo mais próximo do ideal de povos que, mais do que a adoção da nova língua de comunicação, pretendem manter, desde a criação do termo, no século XIX, uma relação de postura, de certo engajamento e de atitudes políticas em rede. No entanto, Senghor deixa nessa afirmação traços de sua vida política, dividida com a vida do escritor, e inscreve na história de sua carreira uma visão

¹⁰⁷ Je ferai une première remarque. Cette dissociation est plus apparente que réelle. La décolonisation, poursuivie avec constance par le Général De Gaulle, achevée avec éclat en Algérie, n'a pas été pour rien dans cette faveur. En Afrique, l'esprit ne succombe pas à la dichotomie. On n'y sépare pas, comme en Europe, la culture de la politique.

¹⁰⁸ La francophonie, c'est cet humanisme intégral qui se tisse autour de la terre, cette symbiose des énergies dormantes de tous les continents, de toutes les races, qui se réveillent à leur chaleur complémentaire

um tanto quanto utópica e misturada a certo tom demasiadamente poético, apesar de certa urgência de reconhecimento identitário de povos esquecidos naquele contexto.

Diante dessa rede de terminologias, recorremos ao escritor argelino Rachid Boudjedra, em seu polêmico e desnudo livro intitulado “FIS de la haine” (1992)¹⁰⁹, que não poupa em nenhum momento não só a crítica como o ódio por um dos mais radicais grupos de promoção do integrismo político-religioso da Argélia, o FIS e situa o movimento em torno da francofonia como algo esboçado no mesmo momento da independência da Argélia, ou seja, no início dos anos 1960 para, segundo ele, “engrossar” e então implantar-se como núcleo politicamente duro, no início dos anos 1980. Considerando o conceito como tautológico e injusto, o autor afirma que o princípio da francofonia só contribuiu para a dominação colonial, elevando-a ao nível mundial. Ela seria ainda, segundo o autor, uma marca ideológica que mergulha nessa região ambígua da cultura em que alguma coisa de infalivelmente política impregna em tudo, destrói o mundo, assinala o patético, desfigura o sentido e destrona o consciente perfurando seus estratos, seu húmus e seus componentes (BOUDJEDRA, 1992). Nesse caso, apoiamo-nos na afirmação de Rachid Boudjedra em detrimento do conceito de Senghor, apesar de reconhecermos que as literaturas escritas em francês podem também ser oriundas de autores que o escolheram como língua de expressão por escolha individual, fora do processo colonial, como o escritor tcheco Milan Kundera ou o irlandês Samuel Beckett. Talvez para esses e outros escritores o termo “literatura (s) francófona (s)” seja bastante pertinente. Mais recentemente, o termo “literaturas no sul” teria como intento o desenvolvimento da pesquisa de escritores provenientes das Antilhas, da África e do Oceano Índico, na tentativa de amenizar as dificuldades de materialização e de reconhecimento de melhor produção científica na área. No entanto, todas essas nomenclaturas parecem opor uma literatura que insiste na existência dum

¹⁰⁹ BOUDJEDRA, Rachid. *Fis de la haine*. Saint-Armand, Denöel, 1992. O título desse livro não teria uma tradução possível porque o jogo de palavras ocorre estritamente em francês: FIS enquanto “Front Islamique du Salut” (Frente Islâmica da Salvação) é também a pronúncia de “Fils” (Filhos). Assim, o título Frente Islâmica da Salvação do ódio pode também ser lido como “Filhos do ódio”.

centro, a Europa, e as outras como oriundas desse centro, tornando-se assim periféricas. Devemos então deixar claro que, para a nossa abordagem, o termo "francofonia" é incipiente diante de nossa perspectiva de análise. Mesmo o excesso de classificação das literaturas escritas em francês não será levado ao seu esgotamento, já que os frutos das tensas relações entre a França e a Argélia predicariam o que se encontra no cerne deste estudo. Consideramos, enfim, que a adiposidade terminológica não seria verdadeiramente pertinente à qualidade do que se produziu e do que é produzido em literatura por Argelinos dentro e fora da Argélia, pois o que se tenta com tais terminologias, de fato, é a negação, a partir de saltos no passado, que parecem ainda se fazer presentes. Acreditamos então que o reconhecimento da existência da literatura argelina já carregaria por si só uma carga semântica que a liga a uma língua, a uma realidade pós-colonial e, mais recentemente, a uma espacialização.

Outro dado, desta vez interessante e na contracorrente desse fenômeno, é o fato termos justamente na Argélia uma comunidade que recusa desde o início essa terminologia para identificar o seu povo. É bem certo que parte dessa recusa encontra inspiração nos aparelhos de estado: Gafaïti afirma que os primeiros anos posteriores à independência da Argélia ditos de regime socialista alimentaram tão vorazmente a ideia do novo estado que até mesmo as publicações, enquanto aparelhos ideológicos, eram controladas segundo critérios dos setores estatais (GAFÄITI, 2005). Apesar da política de repressão desde os anos 1990, não podemos negar que, enquanto um dos países com maior número de falantes do francês no mundo, o caráter resistente da Argélia faz dessa comunidade um povo singular, forte e inteligente ao manusear uma língua sem nenhuma pretensão de devolvê-la a um suposto centro, a França. Aliás, para além da concepção de periférico, consideramos, segundo Glissant, a inexistência da dicotomia entre periferia e centro (GLISSANT, 2010), considerando antes o princípio dum pensamento arquipélico. Essa noção faria cair por terra tudo o que diz respeito ao regional (e seus regionalismos) e ao periférico: “Eu creio que os continentes se

arquipelizam para além das fronteiras nacionais” (GLISSANT, 2010, p. 46) ¹¹⁰. O autor afirma, por exemplo, que na Europa, as fronteiras, até então nacionais, tenderiam a um desaparecimento, e as regiões, nesse aspecto, seriam colocadas em evidência. Isso nos remeteria de imediato ao conceito de região como algo que supera o nacional. Além disso, essa noção nos levaria à justificativa que percorre a coluna vertebral deste trabalho, que seria o de considerarmos fundamental um olhar para dentro dessas regiões do mundo onde a relevância da produção literária desfaz a ideia de periferia. Ora, se uma periferia não se torna mais centro, pois, se assim o fosse, o centro se tornaria periferia, ao mesmo tempo em que não poderíamos considerar qualquer centro, pois ele implicaria forçosamente em periferia (s). O que nos resta é concebermos que o pensamento arquipélico daria conta do desaparecimento de fronteiras não só nacionais, mas as do valor estético entre dominante e dominado, e ainda de qualquer superioridade entre regiões, a saber, as originalmente atávicas em detrimento doutras essencialmente rizomáticas. O que nos cabe, portanto é a apresentar, por meio de nossa análise, que o valor estético-literário da literatura magrebina não se opõe necessariamente mediante um jogo de forças em relação à literatura francesa, mas surge da nova espacialização, tendo tido inclusive a própria França, obviamente, como participante nesse processo. Cabe aqui desvelar o que se fundamenta no interior do regional em seu sentido geográfico e não necessariamente sociológico (talvez, um pouco mais, social), no regional enquanto determinante de lugar, e não de condição desfavorecida, e nem mesmo de nova condição de superioridade que se insurge, pois seria uma lógica sem opacidade. Por isso mesmo, a nossa abordagem parte antes da ideia duma geografia literária, não somente a partir do mapeamento dessa nova literatura, mas apresentando as suas formas de espacialidade.

Ao mesmo tempo, muitas das obras escritas em francês e em outras línguas das antigas culturas hegemônicas da Europa carregam consigo certa renovação da escrita literária, sobretudo em tempos de crise dessas hegemônias. Revisitando mais

¹¹⁰ Je crois que les continents s’archipelisent par-delà les frontières nationales.

uma vez o já clássico texto “Aula”, de Roland Barthes, percebemos com o autor que “esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda a eternidade humana, é: a linguagem – ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória, a língua” (BARTHES, 1989, p. 11). Em seguida, o semiólogo afirma peremptoriamente que “assim que ela é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço dum poder” (BARTHES, 1989, p. 14). E ainda, “[...] a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista. Pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”. (BARTHES, 1989, p. 14). O autor então nos oferece então a noção de “trapaça”, por meio da qual esse sistema é implodido em seu próprio interior, fazendo surgir a literatura:

(...) só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*. (BARTHES, 1989, p. 16, grifo do autor)

Pensando então na perenidade do texto barthesiano, essa “trapaça” se perpetua na criação literária, e hoje vemos que as novas formas de espacialização da literatura lançam igualmente mão desse potente caráter subversivo. Portanto, esse caráter não é peculiar à literatura argelina, mas da própria literatura que se desfaz e se refaz dentro dos sistemas. O francês na Argélia se reflete então duplamente: ele seria o que é diacronicamente visto pela ótica da imposição, desde as primeiras colônias a partir do século XIV e aquele que se realiza pela floração de sua beleza que atrai povos que o escolhem como via de libertação de certo sistema político e/ou religioso. Nesses aspectos, vemo-lo, sobretudo, por sua literatura.

Sobre o primeiro lado dessa via de mão dupla, ou seja, dos processos de imposição, consideramos que as grandes navegações da língua de Molière traçaram em suas empreitadas caminhos distintos em várias culturas, geralmente acompanhadas de massacres, considerando que esses povos viviam tanto em regimes tradicionais, no caso da África do Oeste, ou em sua cultura já estabelecida, tal como na África do Norte.

3.9 A França conquistadora, a França invasora.

A modernidade parece ter morrido de indigestão. Mas essa morte não será aqui novamente anunciada, por não se tratar do nosso principal assunto. Sendo assim, o que nos interessa prioritariamente é a força do sujeito em plena efervescência da Modernidade, força esta que o conduziu às mais ousadas empreitadas de conquista e, para o que nos interessa mais, com todas as armas coloniais dadas pelo espírito de superioridade do homem moderno. O paradigma do sujeito forte entre os séculos XIX e XX, como resultado do mito do homem moderno, levou a uma espécie de descentramento total dos modelos que até então representavam a necessidade da experiência absoluta com o mundo. Assim, o que era da ordem do sonho do sujeito em busca do absoluto, ou seja, do mito fáustico, dá lugar a um sujeito em busca dos pedaços que se perderam de sua experiência, de sua existência.

Mas antes mesmo de concebermos esses estilhaços perdidos, podemos, a partir de Pedro Eiras (2006), contrapor o mito à (re) criação de Fausto no poeta alemão Goethe: no mito, Fausto é “personagem condenado, arrependido, busca o arrependimento na religião”, ao passo em que, em Goethe, teríamos um “individualista impenitente, modelo das aspirações do homem romântico”. (EIRAS, 2006, p. 14). Essa identidade quase patente e essa inclemência é o retrato que fazemos do colono. A morte do sujeito forte não estaria necessariamente ligada ao nascimento dum sujeito fragmentado, já que o sentimento de incompletude, na angústia modernista de Fausto, o teria levado a desejar uma totalidade (EIRAS, 2006). Nessa angústia, vislumbramos um modelo de ilusão, de romantismo e de sacrifício em nome de revoluções e dum capitalismo que pretende tudo superar.

Da mesma maneira, Stuart Hall, embora discorrendo sobre o frágil e incerto conceito ligado ao problema identitário, esclarece que “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto

como um sujeito unificado”. (HALL, 2006, p. 07). Nas linhas do autor, podemos ainda sugerir que a crise de identidade desloca as estruturas e abala os quadros de referência. O autor ainda exprime com certa eficácia que “como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas” (HALL, 2006, p. 08-09). Tal abordagem, que para nós se restringe a uma via facilitadora para um breve resumo do nascimento e morte do sujeito moderno, encontra no texto do autor o próprio limite, já tentado por muitos, de insistir na tentativa de mapeamento da história da noção de sujeito moderno. Assim, não acreditamos numa fragmentação recentemente descoberta e nem numa tentativa de totalidade única na história. Assim, de acordo com Hall, não significa afirmar que nos tempos pré-modernos não houvesse indivíduos, mas que a individualidade era tanto vivida quanto conceptualizada de forma diferente. As transformações associadas à modernidade teriam antes libertado esse indivíduo dos seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas, pois até então a crença se alicerçava no estabelecimento dum sujeito definido divinamente, e por isso mesmo não estava sujeita a mudanças fundamentais. A soberania do indivíduo, entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, teria representado uma ruptura importante com o passado. Acreditamos, portanto, que esse momento histórico-social foi o que teria moldado um sistema moderno em movimento (HALL, 2006).

No mais, não poderíamos negar, a Reforma Protestante foi de certa maneira o que libertou a consciência individual das instituições religiosas da Igreja, expondo-as diante de Deus, e posteriormente colocando o homem no centro do pensamento e, finalmente, dando lugar a um novo sujeito, pleno de suas faculdades intelectuais, e por isso mesmo mais localizado e cada vez mais consciente da organização do seu próprio território. Mais tarde, porém, pensadores, tais como Freud, teriam descentrado o sujeito de sua localidade erigida por mais de dois séculos de busca incessante por uma suposta ordem.

Mas se temos aqui a experiência dum produto, interessa-nos mais precisamente as sangrentas conquistas do período colonial, em plena efervescência da

modernidade. Debruçamo-nos mais uma vez então sobre o texto de Boudjedra (1992), que afirma certa hostilidade pelo ocidente sob a ótica de guerras jamais esquecidas, afirmando que sente “desprezo sim pelo ocidente, desde muitos séculos, de certo Ocidente oficial, orgulhoso de si próprio, que esquece as guerras coloniais aterrorizantes, genocídios perpetrados, etnocídios reivindicados, tortura erigida como sistema de Estado”. (BOUDJEDRA, 1992, p. 73).¹¹¹ Autor controverso, que repudia o sistema em seu engajamento, Boudjedra parece apontar peremptoriamente para o que o historiador Benjamin Stora chamou num dos seus ensaios que deu nome ao seu livro *Les Guerres sans fin: Un historien, la France et l'Algérie*¹¹² (2008). Nesse livro, igualmente controverso por sua característica autobiográfica que passa ao texto ensaístico, Stora relata uma manhã em que teria recebido pelos correios um pequeno caixão de madeira, ocasião precedida de mensagem na secretária eletrônica cuja voz não fora identificada, recitando versos do Corão. O autor, em sua narração, publica então os anos passados em exílio no Vietnã, pela interrupção obrigatória de continuidade de trabalho na universidade de Paris XIII e os perigos que conheceu em sua profissão, sob a afirmação que “a incerteza sobre as possíveis origens desse risco demonstra de fato a dificuldade de se analisar, enquanto historiador, o futuro da sociedade argelina, sua complexidade, com distanciamento crítico das ideias cristalizadas, dos preconceitos, assim como dos poderes estabelecidos”.¹¹³ (STORA, 2008, p. 11). O historiador chegara a se perguntar se essas ameaças teriam vindo do seu percurso intelectual laico e de judeu de esquerda. O mais importante, nesse contexto, estaria então em afirmar que

¹¹¹ Mépris de l'Occident, certes, depuis plusieurs siècles déjà d'un certain Occident officiel, infatué de lui-même, oublieux des guerres coloniales terrifiantes, des génocides perpétrés, des ethnocides revendiqués, de la torture érigée en système d'Etat. (p. 11)

¹¹² Proposta de tradução do título: As Guerras sem fim: Um historiador, a França e a Argélia.

¹¹³ L'incertitude sur les origines possibles de ce péril dit bien la difficulté d'analyser en histoire le devenir de la société algérienne, sa complexité, à distance critique des idées reçues, des préjugés comme des pouvoirs établis.

“toda essa história de ameaças diz também como na França a memória da guerra da Argélia permanece sempre presente, insistente”. (STORA, 2008, p. 11) ¹¹⁴

Nossa intenção, nesse jogo histórico, seria a de quebrar parte da importância que é dada à construção, ou ainda ao artefato do sujeito moderno (cujos aparelhos de estado ainda o imaginam, tanto quanto as suas nações), para então nos inclinarmos mais atentamente às perdas que se estenderam ao próprio humano que, contraditoriamente, lançava-se no perigoso jogo do fim da modernidade como ganhador de todas as empreitadas possíveis: científicas, industriais e políticas. Não consideraríamos, portanto, que este seria um mergulho em torno dos paradigmas do sujeito moderno, mas sim um sobrevoo pelas intenções dum mundo que, em nome do progresso, acreditava que ir ao encontro do outro era mostrar-lhe que a sua herança o fazia sobremaneira superior, fazendo surgir impérios coloniais territorializadores e aterrorizantes.

A força criadora do homem é capaz de superar a perda e transformá-la em algo que permaneça na memória. Se a literatura europeia fez o seu papel enquanto modelo de nações vencedoras no cenário mundial, a literatura magrebina faz do seu próprio holocausto um mote. Afinal, ela subsiste à tragédia e a transforma esteticamente. Assim, nos capítulos que se seguem, analisamos como a tragédia argelina é representada pela literatura, e como a literatura representa o espaço que lhe é dado para escrever, registrar e sonhar, não com uma nação que garanta a sua soberania torne os seus indivíduos sem opacidade, mas com um mundo em relação.

¹¹⁴ Toute cette histoire de menaces dit aussi combien en France la mémoire de la guerre d'Algérie est toujours présente, insistante. (p.11)

4 TRÊS ABORDAGENS DA ESPACIALIDADE NA LITERATURA ARGELINA

Écrivant en français, je savais que je n'écrivais pas en français.
Il y avait cette singulière greffe d'une langue sur l'autre,
ma langue maternelle l'arabe, ce feu intérieur.¹¹⁵

Edmond Amran El Maleh , « le Magazine littéraire », março de 1999

4.1. Abordagem geográfica. Terra tomada: nação bastarda?

Ao escrever o seu romance, *Nedjma*, em 1956, Kateb Yacine (1929-1989) deixa-nos uma obra cujo caráter espacial é pouco revelável à primeira vista e é aliado a um tempo que não se organiza cronologicamente. Fragmentado como tentativa de superação do modelo romanesco ocidental, a espacialidade existente faz cair por terra quaisquer tentativas de pensá-la em suas categorias geográficas tradicionais, a menos que considerássemos os elementos semânticos e a análise estrutural dos semas presentes no texto, o que não faremos neste capítulo. A fim de demonstrar elementos narrativos de representação do espaço nessa que foi a primeira obra da literatura argelina moderna, demonstraremos por meio duma análise imanente como se dão as primeiras representações dum espaço argelino, tornado espaço francês. Nesta análise, aliás, não consideraremos o todo da obra, mas uma passagem por um momento em que a terra começa a ser questionada na literatura argelina, para demonstrar que o escritor passa a uma tomada de consciência sobre o próprio espaço. Diante disso, o nosso limite sobre uma topografia do romance não ultrapassará alguma informação dada pelos

¹¹⁵ Escrevendo em francês, eu sabia que eu não escrevia em francês. Havia este transplante singular duma língua sobre outras, minha língua materna árabe, esse fogo interior.

elementos textuais da obra, pois a narrativa se passa em quatro lugares-chave: em Sétif, que foi a cidade na qual o nacionalismo fracassou, em Bona, que traz na obra a paixão dos personagens, no canteiro de obras, representando a situação colonial e, mais adiante, na peregrinação a Meca. O referente é antes uma busca de retorno a alguma origem perdida e aos seus mitos fundadores, o que conseqüentemente alimenta alguma razão de viver no espaço que é mais uma vez tomado. Temos então uma espacialidade conturbada, já que o processo de colonização toma do nativo o próprio espaço, não tendo conhecido modernização fora das construções do colono. Ela se limita, portanto, à obra do colono na sua expansão territorial ultramarina. O romance retoma as figuras de Abdelkader e de Jugurta como heróis da população árabe e cabila, o primeiro no século XIX e o segundo milênios antes.

Não havendo a linearidade do tempo, resta-nos, apesar de seu caráter pouco evidenciado, buscar esse resto de referente que aponta para uma Argélia mais uma vez em formação que, depois de milênios de existência, aponta para a situação incondicional mediante o choque de dois mundos: a antiga civilização árabe e berbere e o mundo moderno ocidental francês.

A primeira reflexão que fomenta o nosso estudo sobre Kateb Yacine é que o seu conjunto de obras estaria, portanto, baseado em paradoxos, tornando mais flexíveis as possibilidades de análise de um dos dois livros que consideramos centrais no percurso do escritor, *Nedjma* (1956). Essa obra revela um autor sobremaneira sensível ao enxergar e (d) escrever uma Argélia pouco percebida até então - sobretudo pelo leitor distante - e assume o caráter migrante também vivido por Kateb em seu percurso de escritor e intelectual. Nesses aspectos, Charles Bonn chama a atenção para a estrutura da obra, pois

o leitor estrangeiro à realidade magrebina, que abre pela primeira vez um romance argelino, procura frequentemente nele um documento sobre a sociedade que ele não conhece. E quando esse romance foi como *Nedjma*, publicado durante a guerra da Argélia, em 1956, busca um testemunho sobre essa guerra da qual as feridas, de ambos os lados, não estão ainda cicatrizadas, e sobre a história da qual pesa, todavia, como uma capa de silêncio. Nos dois casos, ele pode esperar por uma narrativa linear,

cronológica e por descrições saborosas ou cruéis, mas realistas.¹¹⁶ (BONN, 1990, p. 09)

Além disso, e pelas mesmas razões que repousam sobre um leitor distante, chama-nos a atenção o fato de não encontrarmos no autor uma escrita que se aproxime do documento histórico, uma vez que somos invariavelmente tentados a buscar no romance em geral pelo menos algum retrato da sociedade que o precede, ou alguma pista que nos desvele, na literatura argelina, por exemplo, uma África do Norte que fantasiemos já que, por via de regra, muitos focalizam nesse lugar o período colonial e as guerras de descolonização. Isso sem contar com a paisagem fantasmática da Argélia enquanto país árabe, propensa às manifestações típicas de culturas como a música e a dança. Ao contrário, as linhas do romance são preenchidas por situações ásperas, permeadas do sentimento de amor intenso alimentado pela “estrela” da obra, Nedjma.

Considerando então a extrema complexidade da escrita desse autor, desenvolveremos a seguir uma análise que leve em conta, primeiramente, a crítica sobre o seu processo de escrita, num diálogo com a obra “Os condenados da terra”, de Franz Fanon (2005), identificando os elementos que ligam as figuras alegóricas da sua escrita à ideia duma nação em devir apesar do processo colonial, para em seguida identificar esse espaço conturbado na obra.

Gilles Carpentier, no prefácio de *Nedjma*, aponta para o contexto político-cultural que define a Argélia, fato relevante para que se compreenda o engajamento político de Kateb, que soube entender o seu próprio país em constante

¹¹⁶ Le lecteur étranger à la réalité maghrébine qui ouvre pour la première fois un roman algérien y cherche le plus souvent un document sur une société qu'il ne connaît pas. Et quand ce roman a été comme *Nedjma* publié pendant la guerre d'Algérie, en 1956, il y cherche aussi un témoignage sur cette guerre dont les blessures de part et d'autre ne sont pas encore tout à fait refermées, et sur l'histoire de laquelle pèse cependant comme une chape de silence. Dans les deux cas il peut s'attendre à un récit linéaire, chronologique, et à des descriptions savoureuses ou cruelles, mais réalistes.

gestação para exprimi-lo dalgum modo em seus romances. Para ele então, a Argélia seria

(...) múltipla e contraditória, agitada pelas convulsões de sua longa e violenta história, uma Argélia jovem e idosa, muçulmana e pagã, sábia e selvagem. Pela imagem dum mundo real que a imagética da guerra fria possui um tempo ocultado e que admiramos por encontrar hoje a fogo e a sangue, como nele mesmo. (CARPENTIER, 1996, p. 09).¹¹⁷

Kateb Yacine é sem dúvida um dos maiores expoentes e o primeiro escritor moderno da literatura argelina de língua francesa. É a partir dele que levantamos as primeiras hipóteses para a abordagem dessa literatura que de certo modo reflete o seu povo migrante, como andorinhas costeiras que se aquecem dos dois lados do Mediterrâneo. De dupla cultura herdada do pai - francesa e muçulmana - Kateb pode ser considerado um janusiano por excelência, pois viveu as facetas do homem migrante, transmitindo-as nas suas obras. Sua frase, pronunciada em 1966, em que o escritor afirma: “Eu escrevo em francês para dizer aos franceses que eu não sou francês”¹¹⁸, revela o caráter dum escritor que reivindica não exatamente a sua identidade, mas o seu lugar, embora esse lugar, a Argélia, onde nasceu, tenha lhe proporcionado uma cultura e um olhar crítico, fazendo-o também questionar o integrismo político que emergia.

Nascido na cidade de Constantina, no dia 2 de Agosto de 1929, esse escritor, poeta e dramaturgo recebeu a educação corânica por seus pais, Mohammad e Jasminah Kateb, antes de ser inscrito no liceu francês, na cidade de Sétif, por decisão do pai que queria que o seu filho falasse a “língua dominante”. Na escola, donde viria a ser expulso, começava a se interessar por Gérard de Nerval e pelo poeta Rimbaud. Como

¹¹⁷ (...) multiple et contradictoire, agitée des soubresauts de sa longue et violente histoire, une Algérie jeune et âgée, musulmane et païenne, savante et sauvage. À l’image d’un monde réel que l’imagerie de la guerre froide a un temps occulté et qu’on s’étonne de retrouver aujourd’hui à feu et à sang, tel qu’en lui-même.

¹¹⁸ J’écris aux français pour dire aux français que je ne suis pas français.

vemos pelo nome paterno, Kateb é o seu nome de família, adotado pelo escritor como primeiro nome, e Yacine, o seu primeiro nome.

Em sua cidade natal, com apenas 15 anos de idade, participou na manifestação de protesto de 8 de Maio de 1945, cujas mortes levaram 14 dos seus familiares. Acabaria por ser preso e sem direito a julgamento. Este período, que coincide ainda com a demência da mãe, marcaria para sempre a sua juventude.

Ao fim de três meses, libertado da prisão, começou uma série de viagens: o autor se deslocou primeiramente para Bona e, mais tarde, impossibilitado de permanecer no seu país, acaba migrando para França, onde é recebido por Albert Béguin e Albert Camus. A sua primeira obra, “Solilóquios”, é publicada em 1946 quando o autor tinha apenas 17 anos de idade, demonstra o caráter desse que viria a ser o primeiro escritor duma Argélia que oscilava entre a modernização e o integrismo local. Um ano depois, a convite de Elsa Triolet, Louis Aragon e Paul Éluar, Kateb proferiu uma conferência, em Paris, sobre o herói argelino Abd El-Kader. Em 1948, regressou à Argélia e iniciou a sua ligação com o jornal *Alger Républicain*, onde conheceu o poeta Malek Haddad. Com esse escritor e amigo, em 1950, Kateb deixou o seu país novamente e, desta vez, acabou indo para a Itália, depois para a Tunísia, em seguida a Bélgica, a Alemanha, posteriormente para a Arábia Saudita e o Sudão, tendo passado novamente pela Ásia Central e retornando finalmente à França.

Para Kateb, a língua francesa é a última herança deixada aos que viriam participar das lutas por uma Argélia livre e aberta ao mundo, sonho que alimentam francófonos até os dias atuais, deixando de ser um instrumento de alienação, mas uma pilhagem, usada para dizer ao colono as suas aspirações em torno duma liberdade roubada. Por isso, os 123 anos de colonização e os 53 anos de independência ainda não foram suficientes para que Argélia encerre os debates no plano geopolítico e geo-histórico.

Na elaboração de *Nedjma*, o bilinguismo de Kateb o insere na categoria do *Nouveau Roman*, segundo Magny (1958), pois eles superam a ideia naturalista do romance tradicional. Segundo Carmen Garcia Cela, “não é, portanto, enquanto romancista exótico ou estrangeiro que Kateb Yacine foi incorporado ao grupo,

mas enquanto criador de linguagem”.¹¹⁹ (CELA *et al*, 2014, p. 229). Da mesma maneira, em relação ao período de escrita do romance, Gilles Carpentier aponta o mesmo fenômeno quando diz que

o “momento” de *Nedjma* é menos o período entre-guerras onde se situa a narrativa, é menos ainda a guerra de Independência na qual são anunciados os primeiros grandes eventos do que o momento de todas as guerras passadas que não cessam de ressurgir sob os nossos passos.¹²⁰ (CARPENTIER, 1996, p. 08)

A escrita de Kateb Yacine se processa, nesses moldes, por um imaginário poético (GLISSANT, 2010) fora, portanto, dos padrões genésicos. Afirmar que escreve em francês para ratificar o seu não pertencimento à França não seria uma atitude política nos padrões tradicionais, em que a nação é reverenciada pelos seus elementos e símbolos, dentre os quais se encontra a referência vernácula? O seu processo de escrita seria, neste sentido, uma problemática ligada a essa *bâtardise*, por meio da qual o autor escreve fora dum simulacro, duma modernidade especificamente ocidental, mas, ao contrário, promove uma abertura que passa por certo engajamento e se dilui na produção pouco ortodoxa para o próprio ocidente. Trata-se, portanto, duma obra atravessada pela lógica oriental, escrita no francês pilhado de Kateb. Em face disso, consideramos no escritor a primazia do “lugar” e não do “território”, introduzindo a ideia que começa a questionar, desde o início das tentativas de descolonização, essa terra que agora que surgia como Estado, pois a Argélia já tinha perdido toda a sua gênese, todo o seu mito fundador, o que se torna, aliás, uma busca ao longo da obra, não para retornar a um passado, mas para demonstrar que as “tribos” das quais o argelino se constitui por herança faz dessas terras um lugar. As querelas em torno duma

¹¹⁹ Ce n'est donc pas en tant que romancier exotique ou étranger que Kateb Yacine a été incorporé au groupe, mais en tant que créateur de langage.

¹²⁰ le “moment” de *Nedjma*, c'est moins l'entre deux guerres ou se situe le récit, c'est moins encore la guerre d'Indépendance dont s'annoncent les premiers coups de tonnerre que le moment de toutes les guerres passées qui ne cessent de ressurgir sous nos pas.

desposseção das mãos do colono apontam na obra uma esperança: a de reconstituir-se enquanto um povo, fora dos muros espirituais pelos quais foram cercados durante séculos. Por isso, concordamos com Glissant que expressa em sua “Introdução à poética da diversidade” que:

O lugar donde se transmite a palavra, donde se transmite o texto, donde se transmite a voz, donde se transmite o grito, pode-se constituir em território, ou seja, fechá-lo por muros, muralhas espirituais, ideológicas, etc. Ela deixa de ser “lugar”. O importante hoje é precisamente saber discutir sobre uma poética da Relação para que se possa, sem desfazer o lugar, sem diluí-lo, abri-lo. (GLISSANT, 1996, p. 29-30).¹²¹

Essa tentativa de abertura duma espécie de arquivo do seu povo é o que faz da escrita katebiana, a um só tempo, árabe, pela própria cultura do vivido do escritor, berbere, pelos ancestrais a que pertence, e ainda francófona, pelo implante dessa cultura no plano linguístico. Não se limitando unicamente à relação binária entre colonizador e colonizado, a escrita de Kateb Yacine vai além, estampando de certo modo uma Argélia violada desde as suas origens, invadida pelos diversos povos e poderes que puderam dela se apropriar, e bastarda, à medida que é filha também da colonização francesa, nessa relação ilegal e adúltera com o seu povo. O escritor levanta um questionamento pelo qual somos atravessados, a saber, sobre o uso da língua do outro para afirmar-se enquanto sujeito que escreve e, na mesma medida, enquanto vetor de modernização da literatura. No caso de Kateb, não é necessariamente o diálogo que está em jogo, mas um “mostrar-se” diante do outro num fluxo em que é jorrada a palavra que quer se fazer ouvir. Há em sua obra a textualização da violência colonial, permeada pelo amor, único sentimento que liga os protagonistas. Para nós, esse fluxo

¹²¹ Le lieu d'où on émet la parole, d'où on émet le texte, d'où on émet la voix, d'où on émet le cri, on peut constituer en territoire, c'est à dire la fermer par des murs, des murailles spirituelles, idéologiques, etc. Elle cesse d'être "aire". L'important aujourd'hui est précisément de savoir discuter d'une poétique de la Relation telle qu'on puisse, sans défaire le lieu, sans diluer le lieu, l'ouvrir.

seria a própria cultura, o lugar donde nasce a palavra e a história, que agora se alia ao espaço, constituindo-se como geo-história.

4.1.1 Nedjma, a estrela em várias dimensões.

Este capítulo toma por objeto a obra *Nedjma* (1956) de Kateb Yacine, mais por seu caráter historiográfico, trazendo um pouco da dimensão espacial da escrita e alguns elementos das personagens principais do romance. O nosso objetivo, portanto, é trazer um pouco da crítica em torno da escrita desse livro, a fim de proporcionar uma visão um pouco mais ampla da dispersão necessária à sobrevivência da própria literatura magrebina na Argélia.

Nedjma é um romance escrito seis anos antes da independência da Argélia. Nesse período, o escritor permanecia intimamente ligado aos movimentos de libertação da colônia francesa, e por isso mesmo pôde ver com proximidade o processo de lutas para a independência do seu país. Ao mesmo tempo, o romance não revela os elementos das guerras. A jovem Nedjma não é necessariamente protagonista do romance, mas o centro de desejo dos homens que representam o cenário da Argélia colonial. Esse nome, em árabe, significando “estrela”, será depois retomado na obra *Le polygone étoilé*¹²², obra em que as personagens reaparecem. Aliás, a crítica aponta para o desejo que teve Kateb Yacine de publicar um só romance. Mas a edição teria sido recusada, alegando que a obra seria demasiadamente longa. Assim, Kateb teria recortado a sua escrita para então publicar dois livros, primeiramente *Nedjma* e em seguida *Le polygone étoilé*. Eis aqui, novamente, um problema relacionado diretamente ao espaço editorial, trazendo desta vez a relação entre a valorização da obra e a recepção do leitor naquele período. Significa então que as duas obras se constituem como um só texto.

¹²² Proposta de tradução do título: “O polígono estrelado”.

O romance *Nedjma* narra a história de Mourad, Mustafa e Rachid, três jovens operários, que se juntam a uma quarta personagem, Lakhdar, recém-saído da prisão. Suas histórias nos conduzem ao universo do cenário da Argélia francesa, cujo cotidiano é marcado pela exploração no trabalho, por golpes, violações e violência psicológica. Há na obra um enigma que se tece durante o percurso narrativo, pois não se compreende bem a origem das personagens e o que as teria levado a dividir num quarto um único colchão depois duma jornada de trabalho pontuada pelo racismo e a suspeição do colono. Nesses termos, Fanon aposta na existência duma domesticação bem sucedida, apesar do estranhamento do colonizado que continua vendo no colono uma figura distante. (FANON, 2005, p. 57). Defendendo com isso a violenta situação que persistiu durante a colonização, anulando os corpos dos nativos e negando o seu valor enquanto homens da terra, o autor esclarece que essas massas são, por isso mesmo, a querer explodir o sistema a partir dum ápice que chamamos de descolonização.

A violência que presidiu ao arranjo do mundo colonial, que ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais indígenas, demoliu sem restrições os sistemas de referências da economia, os modos de aparência, de indumentária, será reivindicada e assumida pelo colonizado no momento em que, decidindo ser a história em atos, a massa colonial irromperá nas cidades proibidas. (FANON, 2005, p. 57)

Destacamos então que a prisão de Lakhdar, da qual escapa, originando as primeiras palavras da narrativa: “Lakhdar escapou da sua célula”¹²³ (p. 11) é uma situação metonímica que demonstra o desejo de libertação do colono. Não poderíamos, portanto, deixar de comparar, assim como outros pesquisadores, que o início da sua obra se assemelha ao início da obra camusiana, *L'étranger* (1942), dado que nos fornece a medida do estrangeiro que Kateb Yacine também era dalgum modo. Quanto a esse aspecto, recorreremos novamente ao texto de Carpentier que afirma que “com o recuo do tempo, *Nedjma* aparece como uma resposta da... Estrangeira ao

¹²³ Lakhdar s'est échappé de sa cellule.

Estrangeiro”¹²⁴ (CARPENTIER, 1996, p 8). Essa análise parte da identificação do autor com Albert Camus (1913-1960) pelo estrangeirismo que os marcava, pois não mais se identificavam com nações, mas com lugares. Mas a escrita katebiana demonstra a sua singularidade, pois o argelino nunca deixou de ser um mote nas suas obras:

Kateb Yacine sempre repreendeu Camus por ter considerado unicamente as posições morais, tanto no que diz respeito aos indígenas quanto à guerra. Mas é sobretudo a ausência do povo argelino nos seus romances que permanece para ele incompreensível.¹²⁵ (CELA, 2014, p. 228)

Segundo a autora, Kateb Yacine compara a situação de Camus, na Argélia, como a de Faulkner, em relação ao sul dos Estados Unidos, pois como afirmara o próprio Kateb, esse autor, diferentemente de Camus, buscava ao menos compreender os negros, falava a sua língua e conhecia os seus costumes, ainda que isso não o impedisse de adotar uma postura racista. Camus, ao contrário, nunca teve a mínima curiosidade, nem pelo povo e nem por sua língua, contentando-se com uma Argélia francesa. (CELA, 2014, p. 228) ou ainda, como acreditamos, uma Argélia que mantivesse o diálogo com o Ocidente pela ligação com o Estado, como o são os departamentos ultramarinos, por exemplo, das Antilhas. É bem certo que essa é uma análise do homem e não do escritor puramente, já que Camus continua dividindo opiniões até os dias atuais, como afirma Arezki Metref (2006). O autor escreve num momento em que o jogo da memória da colonização divide pensamentos e opiniões em torno da postura do escritor existencialista, questão que ainda suscita debates em torno não só do pensamento camusiano, mas também, numa segunda camada, das agitações entre argelinos e franceses até os dias atuais.

¹²⁴ Avec le recul du temps, Nedjma apparaît comme la réponse de... L'Étrangère à L'Étranger.

¹²⁵ Kateb Yacine a toujours reproché à Camus de s'en tenir uniquement à des positions morales aussi bien en ce qui concerne les indigènes que la guerre. Mais c'est surtout l'absence du peuple algérien dans ses romans qui reste pour lui incompréhensible

Esse retorno de Camus coincide também com o início das violências na Argélia, revelando contradições políticas internas e externas que iam ser logo apreendidas como as consequências à distância duma descolonização de pouco êxito sobre o mundo: se vocês tivessem ouvido Camus, vocês não estariam lá!¹²⁶ (METREF, 2006)

Para Metref, essa divisão de águas entre o homem e o autor é o que divide as opiniões, ao mesmo tempo em que não anula a condição do escritor de *L'étranger*, que permanece como uma das obras mais lidas e traduzidas no mundo.

Numa conhecida carta de Kateb a Camus, fica claro que havia a tentativa de ligação entre esses escritores, mais provavelmente por iniciativa de Kateb, já que Albert Camus jamais respondera a essa carta. Com isso, perceber a condição de estrangeiro em Kateb Yacine é algo que se diferencia do modo pelo qual Camus o realizava. Ora, o engajamento de Kateb está relacionado ao seu percurso, que se distingue do de Camus pelas condições vividas por cada um, Camus se contentando com uma Argélia ligada por laços oficiais à França e Kateb em sua visão que parte de dentro da própria Argélia. Camus, ainda que estrangeiro, o é também para a Argélia. Kateb, diferentemente, via-se dos dois lados do Mediterrâneo, enxergava o seu amálgama linguístico a partir da visão do despojo deixado pelo colono e, por isso mesmo, é uma andorinha costeira. Transcrevemos abaixo a carta jamais respondida, mas que permanece instigante enquanto documento que retrata esses dois vetores dum mesmo desejo de liberdade.

¹²⁶ Ce retour de Camus coïncide aussi avec le début des violences en Algérie, révélant des contradictions politiques internes et externes que l'on allait assez vite appréhender comme les conséquences à distance d'une décolonisation mal réussie sur le mode : si vous aviez écouté Camus, vous n'en seriez pas là !
Endereço eletrônico: <http://www.lesoirdalgerie.com/articles/2013/10/06/article.php?sid=155051&cid=8>.
Acessado em 15/08/2014

Meu caro compatriota :

Exilados do mesmo reino, eis-nos aqui como dois irmãos inimigos, cobertos em nosso orgulho da possessão renunciante, tendo soberbamente rejeitado a herança para não ter de dividi-la. Mas essa bela herança se torna o lugar assombrado em que são assassinados até as sombras da Família ou da Tribo, segundo duas pontas do nosso verbo, no entanto, único. Gritam nas ruínas de Tipasa e do Nadhor. Iremos nós juntos acalmar o espectro da discórdia, ou é muito tarde? Veremos nós em Tipasa e no Nadhor os coveiros da ONU fantasiados de Juízes, e depois de Comissários leiloeiros? Eu não espero resposta precisa e não desejo, sobretudo, que a publicidade faça de nossa hipotética coexistência ecos esperados nos quotidianos. Se fosse necessário se reunir em Conselho de Família, seria certamente sem nós. Mas é (talvez) urgente recolocar em movimentos as ondas da 11 228 Comunicação, com o ar de não tocar nela quem caracteriza os órfãos diante da mãe nunca totalmente morta.

Fraternalmente.

Kateb Yacine (Yacine, 1994: 33, tradução nossa) ¹²⁷

No romance, Rachid e Mourad são cidadãos e Lakhdar e Mustapha camponeses. Os protagonistas possuem a função narrativa, assim como o próprio narrador, o que faz com que obra assuma um caráter polifônico. No meio, encontra-se Nedjma, personagem incerta, filha duma francesa de Marselha com um argelino, como centro da trama de paixões e que abalará a única possibilidade de retorno às fontes tribais, pela linhagem de Keblout. Essa antiga tribo passa a ser a busca dos que, invadidos pelo colono, sentiam-se sem origem, sem lugar, sem a própria terra, pois são, de acordo com o título da obra fanoniana, “condenados da terra”.

¹²⁷ Mon cher compatriote : Exilés du même royaume, nous voici comme deux frères ennemis, drapés dans l'orgueil de la possession renonçante, ayant superbement rejeté l'héritage pour ne pas avoir à le partager. Mais voici que ce bel héritage devient le lieu hanté où sont assassinés jusqu'aux ombres de la Famille ou de la Tribu, selon deux tranchants de notre verbe pourtant unique. On crie dans les ruines de Tipasa et du Nadhor. Irons-nous ensemble apaiser le spectre de la discorde, ou bien est-il trop tard ? Verrons-nous à Tipasa et au Nadhor les fossoyeurs de l'ONU déguisés en Juges, puis en Commissaires priseurs ? Je n'attends pas de réponse précise et ne désire surtout pas que la publicité fasse de notre hypothétique coexistence des échos attendus dans les quotidiens. S'il devait un jour se réunir en Conseil de Famille, ce serait certainement sans nous. Mais il est (peut-être) urgent de remettre en mouvement les ondes de la 11 228 Communication, avec l'air de ne pas y toucher qui caractérise les orphelins devant la mère jamais tout à fait morte. Fraternellement. Kateb Yacine (Yacine, 1994: 33)

O romance possui um movimento de evasões das personagens em direção à liberdade que buscam. A metáfora da saída de Lakhdar da prisão, “Lakhdar escapou da sua cela”¹²⁸ (p. 11). parece demonstrar os limites da passividade que mantém o colonizado como refém do colono. A terra, pertencente aos nativos, é tomada pelo colono e por isso a tribo de Keblout se torna primordial na trama, como única possibilidade de origem do seu povo. Além disso, percebemos duas figuras da violência que se apresentam na obra: a primeira seria a do fechamento, com a prisão de Lakhdar, e a segunda a da dispersão ou o descolamento, com a sua escapatória. Noutra momento, a própria Nedjma, imagem dessa Argélia impura, tornará prisioneiros esses quatro homens, pelo amor que nutrem por ela, ao mesmo tempo em que, bastarda, demonstra a impureza desse povo, libertando-o das supostas tradições. O romance parece então demonstrar o pêndulo entre as origens perdidas e os novos enxertos surgidos pela mistura, entre o amor a essa mulher e o ódio pelo colono.

Apesar da situação de violência e humilhação por que passa o colonizado, o romance não é escuro, mas iluminado, como rasgos de luz que apontam para alguma esperança diante a condição colonial: “Nas brechas de sol, os corpos se reanimam, os membros estalam, os olhos novos ultrapassam o canteiro”¹²⁹ (p. 17), embora essa mesma luz seja a que ilumina os episódios de sofrimento do colonizado, pois ela “clareia o canteiro como um cenário de teatro surgido da mais penosa brutalidade.”¹³⁰ (p. 57).

Quanto à questão espaço-temporal, um dado se torna, ao mesmo tempo, relevante e complexo. A certa altura, no início do romance, o narrador aponta que “A ausência de itinerário abole a noção de tempo.”¹³¹ (p. 38). Por isso, o romance parece negar quaisquer noções de tempo e dum espaço limitado, uma vez que elas são

¹²⁸ Lakhdar s'est échappé de sa cellule.

¹²⁹ Dans les trouées de soleil, les corps se raniment, les membres craquent, les yeux neufs balayent le chantier

¹³⁰ éclaire le chantier ainsi qu'un décor de théâtre surgi de la plus navrante brutalité.

¹³¹ L'absence d'itinéraire abolit la notion de temps.

próprias ao modelo do romance ocidental. Rachid, por exemplo, ao tentar dizer ao escritor, solicita severamente: “Não escreva. Ouça a minha história.”¹³² (p. 202), pois ela não pode ser relatada de modo cristalizado em poucas palavras, mas é antes uma narrativa longa, dentro do modelo oriental. O espaço do texto não seria exatamente ausente, mas seria uma elipse da oralidade pensada de modo oriental. Nesse caso, questionamos como pensar numa geografia do romance. A ausência de linearidade do tempo é mais evidente para o leitor de *Nedjma*. Mas subverter o espaço é a difícil tarefa empreendida por Kateb Yacine. O que percebemos então é o aspecto de estagnação do espaço, que se limita ao canteiro de obras ou às idas e vindas das personagens, como numa busca pelo próprio lugar perdido, tomado pelo colono. Aliás, a quase ausência dos elementos espaciais confere à narrativa o espaço tornado francês e, portanto, ocultado da história, uma vez que é pela negação do espaço que Kateb preserva a própria terra. Nesse caso, ela é transformada num tipo de *não-lugar*, sobretudo no canteiro de obras. Assim, o referente, ainda que existindo, torna-se uma espécie de “elo perdido”, um espaço que, amalgamado pelo colono, deixa de ser o lugar e a terra do homem argelino. Mas a questão ainda vai mais longe, pois o romance questiona também por que, ao cabo de tantas invasões, a colonização francesa teria se apropriado não somente do espaço geográfico, mas também dos corpos dos seus homens, fazendo-lhes escravos. Por isso percebemos a insurgência do recurso à memória, que busca outras invasões para que se compreenda a que ponto chegou o seu povo pois, nessa memória, o passado distante deve ser retomado para que o nativo compreenda como foi, até a chegada dos franceses, a determinação do povo para sobreviver, já que o invasor não se preocupa com a vida, mas com a terra conquistada. A espacialidade permanece então latente, sem uma realização concreta, pois, ao contrário, seria uma espacialidade que apontaria para as noções óbvias. Além disso, o espaço é também uma das características do romance ocidental, que o prioriza na sua descrição como preocupação em delineá-lo dentro duma suposta identidade, tomando, portanto, como base, os seus muros e as suas fronteiras.

¹³² N'écris pas. Écoute mon histoire.

Uma Argélia, tomada, não se via nem na sua condição tribal e nem como uma terra livre do inimigo maior, o colono. Ou seja, nesse trabalho memorial, somente os franceses se apropriaram da terra em nome da nação propriamente francesa. Já o argelino só se reconhece enquanto povo duma tribo, a de Keblout. E isso é recorrente na voz Si Mokhtar, que apela a Rachid para que dê continuidade à tribo como única possibilidade de identificar o seu povo:

Deves considerar no destino deste país donde nós vimos, que não é nem uma província francesa, e que não possui nem bey nem sultão ; tu pensas, talvez, na Argélia sempre invadida, ao seu inextricável passado, pois nós não somos uma nação, não ainda, saiba-o : somos somente tribos dizimadas. Honrar a nossa tribo não é voltar atrás, pois é o único bem que nos resta para nos reunirmos e nos encontramos. ...¹³³ (p. 139).

É preciso lembrar que a tribo fundadora sobreviveu às invasões dos gregos, romanos árabes e turcos. De todas elas, somente a França não estava disposta a poupá-la, apontando para o descaso com a cultura local em nome da Modernidade que expandia o seu domínio para outras terras, ignorando a história desses povos.

No entanto, Nedjma é fruto duma francesa que, ao ter se relacionado com um dos 232 membros da tribo, traz para sempre uma bastarda, que transtornará de vez o futuro do seu povo, da sua tribo. Nesse caso, essa mulher, apesar de bastarda, é desejada pelos protagonistas e funciona como o símbolo desse amálgama linguístico-cultural, uma brecha que se abre para sempre, já que o espaço argelino - ainda que ferido pela colonização - se apropria desse botim para fazer nascer uma literatura que permanece na língua do colono, recriada a cada etapa de maturidade dos seus escritores. Curiosamente, não se sabe ao certo sobre a paternidade de Nedjma, o que permanecerá sem resposta, significando que a tessitura dessa nova nação que surgirá depois da

¹³³ Tu dois songer à la destinée de ce pays d'où nous venons, qui n'est pas une province française, et qui n'a ni bey ni sultan ; tu penses peut-être à l'Algérie toujours envahie, à son inextricable passé, car nous ne sommes pas une nation, pas encore, sache-le : nous ne sommes que des tribus décimées. Ce n'est pas revenir en arrière que d'honorer notre tribu, le seul bien qui nous reste pour nous réunir et nous retrouver...

independência não mais buscará resposta para esse implante em sua cultura, mas seguirá com os seus escritores até o encontro com o mundo.

Como dissemos, o nosso objetivo na obra katebiana não é o de trazer para a análise a grande complexidade, pois reconhecemos que todos os estudos sobre Kateb Yacine devem partir da complexidade que as suas obras merecem. No entanto, uma primeira reflexão sobre o espaço argelino e a consciência da sua impureza é bem representado pela figura de Nedjma. Portanto, a obra parece revelar que o caráter espacial começa a tomar “forma” e será explorado por todos os escritores expatriados que se seguiram desde essa “abertura”, ou pelo menos dessa “fissura” sobre a condição do argelino diante da própria terra, diante do próprio espaço. É o que poderemos observar na expatriação dos escritores que, temendo a “morte” da literatura recém nascida, buscam noutras terras a sua sobrevivência.

4.2 Abordagem geocrítica: das expatriações

4.2.1 Introdução

Ao proferir o seu discurso na Academia Francesa em 22 de junho de 2006 (tradução em anexo), Assia Djebar não esconde em momento algum o repertório que a protege e enriquece todo o seu discurso de mulher, argelina, historiadora, amante da língua francesa e de profunda conhecedora da sua literatura, intelectual crítica em relação ao colonialismo francês e às sangrentas guerras que precederam à libertação da Argélia das mãos dos gauleses, que tentaram no início convencer os seus novos filhos adotivos da mesma paternidade.

Podemos então inferir sobre a existência de identidades múltiplas no estilo e na escrita djebariana, o que primeiramente indicaria a condição de estrangeira vivida desde criança, com traços que permanecerão na sua escrita e que a definirão como uma espécie de “estrangeira de si mesma” (ASHOLT et al, 2010). Por isso, é por meio de Julia Kristeva que nos apegamos nalgum alicerce que nos incitou a pensar

.

teoricamente as suas obras nesse sentido já que, “estranhamente, o estrangeiro nos habita: ele é a face escondida de nossa identidade, o espaço que arruína nossa morada”¹³⁴ (KRISTEVA, 1988, p. 9). Esse espaço é um investimento. As moradas ou habitações da escritora se realizam por camadas ou por vozes textuais que analisaremos sob o ponto de vista da mulher magrebina, da memória recorrente e das línguas que fazem dessa estrangeira de si mesma uma harmonizadora de projetos de escrita bem pontuados que pendulam duma obra à outra, criando um movimento textual que a identifica pelo estilo muito bem demarcado ou, ainda, por um estilo que constrói, ele próprio, o espaço das suas narrativas. Nesse espaço pendular, a autora se permite ser convocada, e a sua escrita como projeto, sendo este inédito, parece ir um pouco mais além da autobiografia, constituindo-se como um novo espaço explorado pelo criador crítico como projeto de vida ao mesmo tempo pessoal e coletiva, e também como incômodo do próprio escritor que se permite adentrar a sua obra de arte, como Michelangelo que diz à sua própria criação: *parla!* A diferença entre esses dois criadores está, no entanto, na convicção do perfeito pelo primeiro e na consciência do inacabado pelo segundo: o sopro de vida da escrita é apresentado pela própria Djébar, que divide o espaço com suas narradoras, criadas, e o da autora, criadora. Essas aparições seriam, também rastros, e as vozes textuais se confundem e se harmonizam numa incessante busca, tanto da escritora quanto da voz autoral.¹³⁵ Por essa razão, ela será nomeada nalguns pontos deste capítulo como “autora-narradora”: apesar dos muitos textos críticos sobre essa relação, apresentamos a escrita de Djébar por um viés que contribui não só para mostrar o percurso caracterizado por essa mistura entre o autor e o escritor, mas também o trajeto dessa andorinha costeira que sobrevive dentro e fora da sua própria escrita. Essa escrita é então um abrigo. Suas narrativas, segundo ela

¹³⁴ Étrangement, l'étranger nous habite : il est la face cachée de notre identité, l'espace qui ruine notre demeure [...].

¹³⁵ É preciso considerar que a nossa pesquisa não teve como objetivo investigar teorias sobre autoficção, tão bem desenvolvidas por Pierre Lejeune, na França, e por Jovita Gerheim no Brasil, embora as consideremos absolutamente pertinente para os estudos djebarianos. Acreditamos, inclusive, que a autoficção em Assia Djébar mereceria uma pesquisa ampla e consistente, já que a escrita djebariana é um terreno fértil para esses estudos.

mesma, são atravessadas pela escuta, que por sua vez se tornam histórias contadas, donde finalmente nasce a palavra.

Observaremos como a espacialidade se apresenta nas suas obras, buscando caminhar por esse movimento pendular entre o histórico, o político e o estético pelo viés da geografia literária.

Desde a sua primeira obra escrita, *La Soif*, em 1957, Djébar escreveu quinze romances, um livro consagrado à poesia, duas peças de teatro, três prefácios de obras e dois roteiros cinematográficos. Nosso estudo contempla a sua obra romanesca, das quais selecionamos algumas que pontuam elementos do nosso estudo.

Fatma Zohra Imalhayene (1936-2015) da qual o *nom de plume* a fez conhecida por seus romances, apesar das nuances que se transmitem nesse gênero, é uma profícua escritora argelina de origens árabo-berbere, foi consagrada como membro da Academia Francesa em 2005, aliás, como a primeira magrebina a ocupar uma cadeira na referida instituição. Desde a Argélia, o seu país natal, até o espaço que mais explorou, a França, teve na fortuna crítica e no testemunho do próprio vivido o elo que a liga à sua criação. A Argélia onde nascera, na cidade de Cherchell, vivia sob o regime colonial, e ainda menina frequentou a escola francesa, tendo sido, nas palavras da própria autora, a única muçulmana além, é claro, de colonizada. Suas obras são traduzidas em mais de vinte e três idiomas e sua escrita busca incessantemente desvelar a sutileza da feminidade, focalizar a dificuldade da mulher magrebina, vivida sob a égide do masculino - e, por que não dizer, oprimida por uma política no masculino e pela política *tout court* - mas também transformações da realidade pela única via que lhe fora possível: suas narrativas cobertas de personagens dignas por sua própria complexidade.

Assia Djébar faleceu poucos meses antes do término desta pesquisa, ou seja, em 07 de fevereiro deste ano. Felizmente, a literatura nos permite percorrer o escritor que não nos deixa órfãos, pois as obras de Djébar se tornam perenes e de grande valia para a apresentação duma literatura argelina que se desenvolve pelos seus aspectos espaciais inerentes ao nosso estudo, acima de tudo porque caminha em direção a uma escrita que se desenrola do novo nacionalista e encontra, aos poucos, o mundo.

4.2.2 Da expatiação à escrita expatriada.

O discurso dominante da literatura escrita no Magrebe foi edificado como um monolítico ideológico, tanto no período colonial quanto no pós-colonial, pela necessidade de afirmação do discurso nacionalista desses povos, relacionados intimamente aos movimentos de liberação e da criação dos estados magrebinos, dos quais encontramos a Argélia (GAFÁITI, 2005). Por isso, uma forte ligação aos referentes da nação era o leitmotiv dos primeiros escritores argelinos. Nesses aspectos, fora preciso dizer adeus a uma escrita que ainda mantinha raízes fortemente plantadas, e sobre a qual alguns aspectos locais permaneceram por um tempo. O atravessamento pela própria história, sobretudo pela sangrenta história desde fim do período colonial e ao início da era pós-colonial era uma necessidade dos escritores que se engajavam numa causa política. Mas alguns outros, como Assia Djébar, logo perceberam a necessidade de ganhar mundo, já que a ideologia local parecia começar a girar em torno de si mesma. Em face disso, o integrismo que tomava conta da Argélia era mais forte do que o grito do escritor. A partir dos anos 1970 e 1980, houve a necessidade do desenganço desse monolítico visando a própria continuidade das revoluções e o surgimento de escritores que não mais se limitassem ao Magrebe como centro, para que o diálogo pudesse agora percorrer não só as preocupações próprias dessas sociedades, mas também as suas relações com a França e com o Ocidente dum modo geral. De qualquer maneira, percebemos que Assia Djébar, desde as suas primeiras publicações, já não cria que a crítica externa fosse suficiente, que o discurso ideológico devesse permanecer hermético e que a representação do outro tivesse de se manter como alteridade absoluta. Já desde as suas primeiras obras, a escritora já transitava pelo diálogo entre a Argélia e a França, apesar dos sangrentos anos de guerras, como a de 1956, como vemos na narrativa de *Les enfants du nouveau monde* (1962): nesse romance, a personagem Lilla oscila pelas características das mulheres tanto orientais quanto ocidentais, fundindo-as numa só entidade: “ela tinha o hábito desse tipo de réplicas; sua falta de agressividade então, apenas uma ironia fria,

confundia aqueles que, por causa da sua aparência, de sua tez, tomavam-na por uma Europeia [...]. (p. 34) ¹³⁶

Sem abandonar o local mas, ao contrário, trazendo-o para o diálogo, não deixa de apresentar a Argélia constantemente ameaçada pelas lutas internas entre colono e colonizador. Entretanto, busca captar o leitor doutros lugares, já que as lutas não vistas pelas lentes do narrador onisciente como um espetáculo, ou seja, está aberto ao grande público: “[...] no fundo do seu quarto, cada mãe com sua ninhada, ali sentada, sobre os ladrilhos ou sobre os colchões [...] a contemplar com calma o espetáculo que havia anunciado a guarda e que começa: a montanha nos fogos da luta.” ¹³⁷

Dessa maneira, a representação do espaço local, esgotando-se aos poucos em si mesma, faz emergir escritores que iniciaram uma busca que estivesse para além dessa probabilidade de esgotamento, pelo que chamaríamos num primeiro momento de exílio, mas que observaremos com sendo uma expatriação, pois o exílio fecha o indivíduo no imaginário da terra perdida, ao passo que a expatriação o abre para novos mundos. Nessa etapa, Djebbar e outros escritores tiveram justamente na França uma espécie de recurso e de abrigo o que é, inevitavelmente, um paradoxo, graças ao amálgama linguístico que esse “novo ex-colonizado”, o escritor, possui como um vetor que o coloca diante do novo mundo que se configura. Os seus novos leitores, não necessariamente franceses ou argelinos, podem agora perceber e compreender o imaginário das “línguas-abrigo” do escritor magrebino. Diferenciamos, com esse subsídio, os espaços do leitor, da edição e da escrita. Nesse caso, nem mesmo a língua de escrita parece ser um impedimento para compreendermos o

¹³⁶ Elle avait l’habitude de ce genre de répliques; son manque d’agressivité alors, à peine une ironie froide, déroutait ceux ou celles qui, à cause de son allure, de son teint, l’avaient prise pour une Européenne [...]

¹³⁷ [...] au fond de leur chambre, chaque mère avec sa couvée, assise là, à même le carrelage ou sur un matelas [...] de contempler avec calme le spectacle qu’avait annoncé la garde et qui commence: la montagne dans les feux de la lutte.

fenômeno literário da Argélia, pois a tradução, seja ela editada para o público em geral ou estando presente dentro duma pesquisa, permite que atravessemos essas fronteiras para que se promova esse diálogo. Essas questões são bem demarcadas no texto de Michel Collot, que nos faz pensar que a multiplicidade dos espaços devem ser pensadas em seu conjunto, para que a noção de geografia literária se amplie, para além do horizonte espacial físico, constituindo-se como humana e mesmo como projeto de expansão da literatura ao contexto mundial, sobretudo porque tratamos de escritores cuja espacialidade da produção literária pretende transpor a barreira do “eu exótico”, para que o rizoma deixe que os encontros se estabeleçam tanto por meio do projeto do próprio escritor quanto pelas tecnologias que permitem que a escrita cumpra essa função. Por isso mesmo é que Michel Collot nos indica que “assim como uma história, a literatura possui uma geografia: lugares de inspiração, de produção, de edição, de recepção, de tradução”. (COLLOT, 2014, p. 59) ¹³⁸. Se a França se torna um novo espaço habitado pela escrita djebariana, a Argélia é revista e sua cultura, ameaçada, é posta em cena. Sua narrativa apela para a construção duma Argélia não como um Estado-Nação, mas como um espaço (re) inventado, assim como o são todas as comunidades que nascem do imaginário que, neste caso, é trabalho da literatura, e a escrita djebariana, por essa vertente, possui grande peso. Essa reinvenção é buscada pelo investimento da ficção que dialoga com a realidade. As personagens femininas em Djebbar desconstroem os seus próprios estereótipos e os da França colonizadora, inserindo-se como entidades que dalgum modo ganham reconhecimento pelo mérito, e não pelo exótico, como o fora o Oriente para os orientistas, pois não podemos nos esquecer de que “a literatura argelina – da qual alguns romances foram premonitórios quanto à crise atual – parece sob uma ameaça de confisco, com sua recente herança que derrete, que escorrega e se perde, e se rompe” ¹³⁹. (DJEJAR, 1999, p. 246). Por

¹³⁸ Tout autant qu'une histoire, la littérature a une géographie : des lieux d'inspiration, de production, d'édition, de réception, de traduction. Leur étude a été d'ailleurs souvent intégrée à l'histoire littéraire elle-même.

¹³⁹ La littérature algérienne – dont quelques romans ont été prémonitoires quant à la crise actuelle – me semble sous menace d'une déshérence, avec son héritage qui fond, qui glisse et se perd, et se brouille.

isso, essa ameaça dialoga com a necessidade de mostrar a condição da mulher diante dos eventos que afetaram a Argélia desde o surgimento da literatura em língua francesa na região, já que a mulher também se identifica com a escrita enquanto fundação ontológica (GAFÄITI, 2005).

Essa espécie de condenação e consequente mudança de leitorado é a mesma que fará surgir uma “escrita da expatriação” (*écriture de l’expatriation*), que supera a noção de exílio, tanto no sentido literário quanto social. Por séculos, o exílio fez surgir escritores que escreviam na terra alheia. Mas a escrita expatriada estaria mais próxima da realidade do argelino, que teve nessa partida obrigatória a saída para fazer perpetuar a sua literatura, pois escrever a partir da década de 1970 no próprio país teria sido um risco para a permanência da própria literatura. E é por essa mesma via que podemos notar as transformações estéticas advindas das próprias mudanças no percurso da sociedade argelina pós-independência. O distanciamento é algo do qual Djebbar se nutre até o momento em que conseguirá escrever tendo por testemunha a ótica feminina (GAFÄITI, 2005). O desencaixe da totalidade do local, até então subjacente à realidade magrebina, constroem-se na contingência, à medida que novas possibilidades se apresentam na sua escrita. Enquanto sujeitos condenados à expatriação, enquanto condenação salutar, passaram a se tornar escritores cujos textos se destacam por apresentarem marcas do fenômeno migratório.

Em *Ces voix qui m’assiègent* (1999), livro oriundo duma tese de doutoramento defendida pela autora, Djebbar escreve um capítulo intitulado justamente *Écriture de l’expatriation*, pelo viés do qual critica severamente a transformação do seu mundo, um “mundo político que tende a se instalar como Islã político”¹⁴⁰ (p. 142). Nele, o trabalho do escritor, sobretudo quando se nasce para sê-lo para exercer a vontade de compreender, de interpretar, de buscar no esforço e no movimento do pensamento, para deixar rastros como virtudes, é uma tarefa da expatriação. Nesse texto, a autora afirma que ser escritor já era, “há dez anos pelo menos e por mais

¹⁴⁰ Un monde politique qui tend à s’installer comme Islam politique.

cinquenta anos, era ser condenado à expatriação”, pois, “o mais verossímil futuro para muitos será escrever na expatriação”¹⁴¹ (DJEBAR, 1999, p. 216).

Por esse prisma, escrever se daria, para Djébar, na dificuldade, como aponta Glissant. Por isso, ela ainda assevera que o escritor, tal como Tahar Djaout, morto numa emboscada por militantes extremistas, “não será nunca mais porta-voz numa comunidade, mas muito mais o remorso – vivo ou morto – dum mundo velejando nas trevas”¹⁴² (DJEBAR, 1999, p. 216). Isso também aponta para um caminho que dialoga com os escritores deslocados e diaspóricos.

Tanto a problemática da mulher árabo-muçulmana e outra, de ordem linguístico-cultural são, nas obras de Djébar, bem acentuadas e recorrentes. O diálogo entre as línguas seria então significativo para se compreender que, para escritora e para muitos argelinos, o processo de apropriação da língua do outro é o mesmo que leva à expatriação de sua própria literatura. E como essas marcas são recorrentes, de maneira quase obsessiva, criando também um espaço entre línguas, reservamos um capítulo que aborda de modo mais específico essa questão.

Nessa mesma medida, a autora contribui também para uma superação da lógica binária, da concepção maniqueísta e do antagonismo que de certo modo ainda existia dos dois lados do Mediterrâneo, seja no Oriente ou no Ocidente, paradigmas que separam os indivíduos, os povos e as culturas. O diálogo entre a Argélia a França se estabelece como espaços, ora franqueados, ora guardados, por vezes criticados e, noutras ocasiões, contemplados.

Poderíamos também pensar na escrita de Assia Djébar a partir da ideia de *dépaysement*, essa palavra que em francês daria tão bem conta do viajante, daquele que busca a experiência fora do seu lugar de origem, como percebemos tão bem na literatura de viagem. Mas ao pesquisarmos o termo, percebemos que a palavra estaria

¹⁴¹ [...] était, depuis dix ans au moins, et pour cinquante ans encore, être voué à l’expatriation ; le plus vraisemblable avenir pour beaucoup sera d’écrire dans l’expatriation.

¹⁴² (...) ne sera jamais plus porte-parole dans sa communauté, mais davantage le remords – vivant ou mort - dans un monde voguant dans les ténèbres.

voltada para uma “mudança de cenário”, ou seja, é um ato voluntário do sujeito. Já o encontro com o outro e consigo mesmo é um dinamismo necessário que só se realizaria pela expatriação, que é “um movimento de morte em que o luto contribui para a perpetuação da vida”¹⁴³ (GAFAÏTI, 2005, p. 144-145). Para a autora de *Ces voix qui m’assiègent*, a questão se intensifica quando afirma que “o presente da expatriação, sua experiência crua, vivida com vários ou solitariamente, não pode quase nunca, ou raramente, tornar-se propício à escrita”.¹⁴⁴ (DJEBAR, 1999, p. 203). Ou seja, não se trata de partida programada, mas obrigatória. Isso porque, segundo ela, “a expatriação no presente não pode ser objeto de escrita, nem de apoio: ela é o seu contrário; seu movimento cego, seus ímpetos contrariados e múltiplos solidificam o interior do ser, ao passo que o coração trabalha, que o olhar busca, que as costas se curvam ou se endireitam...”¹⁴⁵ (DJEBAR, 1999, p. 203). Ela afirma que esse trabalho vem das “(...) mãos, as mãos dos fugitivos que se juntam ao lado da estrada, que se sentem a todo instante sob o vento, ou mesmo o teto, uma noite ou algumas noites, os abriga...”¹⁴⁶. Assim, uma escrita expatriada é também aquela que deixa “um resíduo amargo” (GLISSANT, 1996. P. 18) porque, passando também por um processo de criouliização, no potente sentido deixado nos textos desse autor, abandona o lugar político para repensar a sua política, o lugar histórico para reconstruir a história e, o mais importante, já que a expatriação não é aqui considerada necessariamente como um movimento físico, mas textual, embora o sujeito faça parte do processo, abandona o próprio texto para reconstruí-lo fora da lógica da nação, fazendo-lhe potencialmente literatura-mundo, para o mundo.

¹⁴³ Un mouvement de mort où le deuil de l’expression perpétue la vie.

¹⁴⁴ Le présent de l’expatriation, son expérience à vif, vécue à plusieurs ou solitairement, ne peut presque jamais, ou si rarement, devenir propice à l’écriture.

¹⁴⁵ L’expatriation au présent ne peut être objet d’écriture, ni point d’appui : elle est son contraire ; son mouvement aveugle, ses élans contrariés et multiples figent l’intérieur de l’être alors que le cœur marche, que le regard, quête, que le dos se courbe ou se redresse...

¹⁴⁶ Les mains, les mais des fugitifs qui se rassemblent sur le versant de lar oute, qui se sentent à tout instant sous le vent, alors même que le toit, une nuit ou quelques nuits, les abrite...

4.2.3 O espaço feminino da mulher árabo-muçulmana na Argélia

Um dos aspectos que revelam elementos espaciais por uma abordagem voltada para a geografia literária, diz respeito ao espaço de edições e, neste caso, de edições femininas. Esse campo nos faz perceber, no Magrebe, como se desenvolveu a produção literária de mulheres. Para realizarmos esse percurso, recorreremos primeiramente a um estudo que contempla esse espaço dado ou não à escritora magrebina, buscando enriquecer o nosso estudo que, neste capítulo, busca pensar no caráter espacial feminino na Argélia.

Consultamos na obra de Jean Déjeux, *La littérature féminine de langue française au Maghreb*¹⁴⁷ (1994) o espaço geográfico da produção de escritoras. O autor afirma que as mulheres nunca estiveram ausentes na história do Magrebe. No entanto, ele assegura que elas não eram necessariamente reconhecidas como tais (DÉJEUX, 1994). Por outro lado, o autor nos fornece alguns dados de mulheres francesas que teriam publicado livros sobre a mulher magrebina, mesmo antes da conquista da Argélia, em 1830 ampliando a plêiade de escritoras que tiveram essa preocupação. Apesar da delimitação do espaço geográfico argelino como razão da nossa pesquisa, mais uma vez nos encontramos diante das relações entre a Argélia e a França. É bem verdade que no início, ou seja, quando a Argélia se tornou conhecida da sociedade ocidental moderna, algumas escritoras defendiam a assimilação do país em todos os âmbitos, como foi o caso de Joséphine de Voisins d'Ambre, que ironicamente assinava Pierre Coeur, tendo publicado quatro romances na França, dos quais *L'Avenir Algérien* (1890). Na esteira do feminismo, Hubertine Auclerc publicou em 1900 o seu ensaio *Les femmes arabes en Algérie*, após uma viagem realizada à Argélia (DÉJEUX, 1994, p. 09). Como vimos no capítulo dedicado aos irmãos Goncourt, percebemos que

¹⁴⁷ Proposta de tradução do título: “A literatura de feminina de língua francesa no Magrebe”.

algumas mulheres também empreenderam viagens ao então “exótico” lugar para conhecer de perto esse povo, seus hábitos, sua cultura. No caso de Auclerc, ao contrário de Joséphine d’Ambre, a questão estava baseada, finalmente, na necessidade que a escritora expunha de emancipação dessas mulheres. Assim, entre 1919 e 1939, os romances feministas escritos por francesas no período da colônia chegaram ao seu apogeu. No total, contamos com mais de treze escritoras que se dedicaram, nos seus romances e ensaios, à causa feminina na Argélia. De acordo com Déjeux, os conflitos e dramas escritos eram mais ou menos os mesmos: escrevia-se sobre e para as mulheres chamadas indígenas, mas esquecendo-se que o impacto colonial não era visto por essas escritoras (DÉJEUX, 1994, p. 11).

Como dissemos, a palavra que é tomada pela escrita era o único meio de se fazer entender, de fazer conhecer a mulher, da qual a própria existência era negada. Quanto à língua de escrita, percebemos nesses dados que o francês não era ainda a única referência, mas também o árabe. Em relação direta com a Argélia, somente em 1947 é que surgiu a primeira publicação duma romancista argelina em língua francesa, ao passo que outras mulheres argelinas judias já haviam publicado algumas de suas obras. Tal foi o caso de Louise Amrouche, irmã de Jean Amrouche, ambos cabilas católicos da região de Ighil Ali e moradores da capital tunisiana. Dez anos depois, ou seja, em 1957, Assia Djebar, aos vinte anos, teria publicado o seu primeiro romance, *La soif*. No geral, Déjeux, por sua exaustiva pesquisa, traz-nos estatísticas que revelam o crescimento progressivo de escritoras argelinas: de 1947 a 1991 foram publicadas 130 obras, dentre as quais romances e outras narrativas, fragmentos de novelas, teatro e narrativas de testemunho: surgiram 37 romancistas e 42 poetisas; das casas de publicação, 39 obras foram editadas na França e 18 obras na Argélia (DÉJEUX, 1994, p. 57). Como o espaço de edição de obras é algo que nos interessa para pensarmos a espacialidade da literatura argelina, conhecer esses dados nos remete a essa mesma espacialização pelo viés da produção de mulheres que, enquanto categoria, teve um aumento muito considerável desde as primeiras décadas do século XX, embora as lutas de emancipação tenham sido muito difíceis e continuem sendo na Argélia dos dias atuais.

Por isso, uma saída para essas mulheres há décadas está num duplo investimento: assim como muitos escritores do continente africano em geral e das Antilhas, os muitos escritores do Magrebe investem no espaço crítico, voltando-se para a sua própria atividade criadora para nela desembaraçar as apostas linguísticas, genealógicas, por algumas vezes, ou políticas. Nesse sentido, Assia Djébar evoca um duplo espaço, o do imaginário poético e, posteriormente, o da crítica, o que aponta para uma dupla necessidade: a de escrever e a de escrever o Texto, mais uma vez considerando o conceito barthesiano. Além disso, o espaço que lhe é dado, considerando a sua “condição feminina”, parece ter sido conquistado levando em conta essa parceria entre o intelectual e o ficcional. A despeito do que muito se vê em críticos e pesquisadores que se tornaram escritores, o processo em Assia Djébar ocorreu de modo inverso, pois sua primeira obra, *La soif*, data justamente de 1957 como mencionamos, ao passo que a sua vida de intelectual foi sendo exercida concomitantemente, levando-a a uma tese de doutorado sobre a sua própria escrita alguns anos depois. De acordo com Françoise Lionnet (LIONNET et al, 2010), essa parceria revela que as apostas intelectuais da própria autora se misturam com o espaço ficcional que cria, gerando a cada obra essa paixão pelo prazer do bilinguismo (aposta linguística), por alguma origem, o que é típico da “contadora de histórias” (aposta genealógica conturbada) ou pela política, que parece ser muito mais cultural e menos engajada (aposta política). A sua tese, na Université Paul Valéry-Montpellier III, cujo título, “O Romance magrebin francófono: entre línguas e culturas: quarenta anos dum percurso: Assia Djébar 1957-1997”¹⁴⁸, defendida em 1999, ocorreu no período em que a autora partira como professora na *Louisiana State University*¹⁴⁹, o que lhe confere certa insistência, tanto em relatar e difundir intelectualmente o percurso da escritora quanto em refletir sobre a sua escrita por si mesma, trabalho que consideramos como sendo o

¹⁴⁸ Le Roman maghrébin francophone: entre langues et cultures: quarante ans de parcours: Assia Djébar 1957-1997”.

¹⁴⁹ Dentre as poucas fontes que fazem referência à sua tese, encontramos, *post mortem*, o artigo on-line do jornal *Le monde/culture*, datando de 07 de fevereiro de 2005.

da “mulher de letras”, incansável labor de quem busca por todos os meios mostrar-se intelectual e poeticamente. Notamos então que, enquanto intelectual, o título do seu trabalho se manteve à altura duma pesquisa acadêmica. Enquanto escritora, sua intenção seria, para alguns, irônica, como “um piscar de olhos no espelho do autorretrato intelectual” ¹⁵⁰ (LIONNET et al, 2010, p. 23), que perfura o próprio caminho para desvendar e desvelar o espaço duma escrita, de escritas. Tendo em vista o seu passado de conquistas, enquanto mulher, árabe e muçulmana, adentrar o mundo francófono não foi tarefa tão fácil. Consideramos com isso que a intelectual, ao escrever uma tese sobre o seu próprio percurso, já que ela já era neste momento uma escritora consagrada, transpõe o próprio nome sobre uma pesquisa que a faz, de modo pendular, retornar à condição de escritora, transformando pela crítica o próprio espaço dedicado à escrita crítica num espaço donde ecoa a escrita da mulher magrebina. O fato é que esse trabalho foi posteriormente transformado no livro *ces voix qui m'assiègent... en marge de ma francophonie* (1999), e nele a autora-escritora redesenha as questões que envolvem tanto o ato de escrever, desenvolve o contexto político e sustenta a sua escrita expatriada. Noutras palavras,

Assia Djebar faz parte desse grupo cada vez maior de escritores da África, das Antilhas e do Magrebe que investem no espaço crítico, voltando-se para a sua própria atividade criativa para desemaranhar as apostas linguísticas, genealógicas ou políticas ¹⁵¹ (LIONNET et al, 2010, p. 23).

Isso nos fornece a textura das suas narrativas, que ora invocam mulheres, motivando-nos a pensar num espaço franqueado pela interseção entre as línguas da infância e a língua adotada, pela a memória e pelo desejo de emancipação, este último realizando-se pelos constantes deslocamentos das personagens femininas. Percebemos então que os rastros do autor que, para além do intencional, parecem deixar

¹⁵⁰ Un clin d’œil dans le miroir de l’autoportrait intellectuel.

¹⁵¹ Djebar fait partie de ce groupe de plus en plus large d’écrivains d’Afrique, des Antilles et du Maghreb qui investissent l’espace critique, se retournant sur leur propre activité créatrice pour en démêler les enjeux linguistiques, généalogiques ou politiques.

tanto um profundo desejo de participar da sua criação juntamente com o seu leitor, num jogo em que oscilam aparições e invisibilidade, quanto um incômodo do criador que não se desvencilha do crítico.

Esse desejo e esse incômodo são encontrados em sua obra *Femmes d'Alger dans leur appartement*¹⁵² (2001). A referida edição traz a inclusão da novela inédita, *La nuit du récit de Fatima*¹⁵³, que nos interessa sobremaneira e à qual dedicamos parte da nossa análise pois, tendo sido escrita no estágio de maturidade da escritora, revela o quanto o espaço que lhe dado pela escrita é explorado como o de desejo de emancipação da mulher magrebina. De modo geral, o livro se destaca por uma seleção de textos que guardam uma relação dialógica com a pintura, uma vez que toma emprestado o título das obras de Eugène Delacroix e Pablo Picasso: Delacroix expõe a sua versão do quadro em 1834, e Pablo Picasso, no inverno de 1954, que é também o período de início da guerra pela descolonização da Argélia. O pintor, nesse período, revisita o quadro de Delacroix e produz quinze versões em pintura e duas litografias. A todas essas obras o autor dá o título "Mulheres de Argel" (*Femmes d'Alger*). O percurso narrativo dos contos e novelas em Djébar, inspirando-se nos pintores, traz como tentativa de escrita o "contar" histórias de mulheres argelinas, o que procede da busca de reflexão sobre a mulher no contexto da cultura que busca o seu renascimento, incluindo a tentativa de emancipação. Todos os textos guardam entre si dois espaços diegéticos: o da memória e o do sonho, como saída do estado de privação da mulher argelina.

No prefácio da obra, notamos que a perda que gera conquistas e reconstruções é então recriada pelo imaginário das línguas que se fazem presentes nas suas obras, como no qual, referindo-se à língua de origem da sua escrita, a autora assinala que "poderia dizer 'novelas traduzidas de... mas de qual língua? Do árabe?'

¹⁵² Proposta de tradução do título da obra: "Mulheres de Argel em seu aposento".

¹⁵³ Em língua portuguesa, hesitamos na tradução da novela como "A noite da narrativa de Fátima" ou "A noite do relato de Fátima", por razões que esclarecemos na sequência.

Dum árabe popular, ou dum árabe no feminino; noutras palavras, dum árabe subterrâneo”¹⁵⁴ (p. 07), ao passo que a língua de escrita permanece, obviamente, o francês, irrompendo na escritora uma “francografia”, que seria a camada em que o francês se torna um projeto de escrita, questão que desenvolveremos ainda neste capítulo.

Colocar a dúvida, suspender uma primeira afirmação pela qual as suas novelas teriam sido traduzidas, apontam ainda para dois aspectos relevantes: o primeiro seria a origem, a gênese perdida da linguagem, e o segundo a dúvida sobre a própria perda, já que alguma origem cultural sempre permanecerá em suas obras. O subterrâneo da linguagem, outro aspecto que consideramos relevante, é o lugar de habitação da língua que se institui e se inscreve em sua narrativa. Diante, portanto, da criouliização, nos termos glissantianos, essa origem abala a gênese, pois Djébar adota uma língua de escrita, ao mesmo tempo em que convoca outras línguas para compor a sua obra. Assim como “as línguas crioulas provêm do choque, do consumo, da consumação recíproca de elementos linguísticos absolutamente heterogêneos uns aos outros em seu início, com uma resultante imprevisível” (GLISSANT, 1996, p. 21),¹⁵⁵ a escrita argelina em língua francesa é também fruto do choque de duas culturas e de duas línguas principais, o árabe e o francês e, num terceiro momento, o berbere. Por isso, o produto, a escrita, jamais será totalmente o francês do antigo colono. Nesses aspectos, Glissant então afirma que: “Chamo de língua crioula uma comunidade pela qual os elementos de constituição são heterogêneos uns aos outros”¹⁵⁶ (GLISSANT, 1996, p. 20). Em seu raciocínio, ele elabora as noções de culturas atávicas, cuja língua seria criada a partir dum mito fundador, dum gênese e dum filiação (GLISSANT, 1996, p. 58, 59, 62) e culturas compósitas, mediadas pela própria criouliização (GLISSANT, 1996, p. 22). Ao

¹⁵⁴ Je pourrais dire “nouvelle traduites de...”, mais de quelle langue ? De l’arabe ? D’un arabe populaire, ou d’un arabe au féminin ; autant dire d’un arabe souterrain.

¹⁵⁵ Les créoles proviennent du heurt, de la consommation, de la consommation réciproque d’éléments linguistiques absolument hétérogènes au départ les uns aux autres, avec une résultante imprévisible.

¹⁵⁶ J’appelle langue créole une communauté dont les éléments de constitution sont hétérogènes les uns aux autres.

mesmo tempo, ele afirma que toda cultura compósita teria a tendência em se tornar atávica, na medida em que buscaram a perdurabilidade, o reconhecimento e a autoafirmação. (GLISSANT, 1996, p. 22). Esse impasse, para Glissant, seria resolvido pela Relação, como uma saída para o que ele considera um “fechamento” nas sociedades, e aqui acrescentamos, nas sociedades em tempos de globalização. Aliás, a partir desse fechamento, a identidade-raiz única daria lugar ao rizoma e, portanto, a uma identidade rizomática, sendo a raiz única “aquela que mata ao seu redor”¹⁵⁷, ao passo que o rizoma é a raiz que vai ao encontro doutras raízes (GLISSANT, 1996, p. 58).

Ainda no prefácio, outra questão nos interpela: a autora-narradora se diz primordialmente “contadora de histórias”, utilizando termos como *diseuse* - aquela que diz – e *scripteuse* - a partir do radical latino *scriptura* - e aquela que carrega línguas, relatos da história e se diz porta-voz de mulheres sem alfabeto, e afirma ainda que escreve “relatos fictícios ou beirando a realidade – doutras mulheres ou da minha.”¹⁵⁸ É nesse sentido que então caminharemos, buscando nessa contadora de histórias uma narrativa que tenta reposicionar a mulher sob a dura condição em que vivia.

La nuit du récit de Fatima contempla o fluxo migratório que começa no próprio sujeito feminino para, em seguida, levá-lo às consequências desejadas, que seriam os deslocamentos físicos. O texto navega no próprio referente, num ir e vir da tradição e da história, justificando essa necessidade desses saltos e desses deslocamentos. Mas é importante observar que esse referente, embora dilatado por sua fluidez, tendo em vista o processo migratório, não se dissolve totalmente. Uma espécie de conflito se manifesta na sua escrita, considerando que suas narrativas oscilam entre duas necessidades: a de trazer de volta a sua cultura por meio da escrita expatriada e de manter alguma fidelidade à estrutura romanesca. Poderíamos questionar essa segunda necessidade, já que a estruturas dos seus romances trazem certa alternância que busca

¹⁵⁷ Celle qui tue autour d'elle.

¹⁵⁸ Récits fictifs ou frôlant la réalité – des autres ou de la mienne. (p. 07)

incomodar o gênero textual. Portanto, sobre a questão do referente, trazemos alguma contribuição de Gafaïti, que considera escritores como Assia Djebar como aqueles que “dão conta das lutas interiores para fazer emergir uma literatura a meio caminho, entre a afirmação nacional e a inscrição numa *mondialité*”¹⁵⁹ (GAFÄITI, 2005, p. 138). Essa marca inicial teria levado a aspectos que analisamos nas obras djebarianas, considerando as noções em torno da espacialidade: a primeira seria uma forte preocupação com o espaço da mulher árabo-muçulmana, tanto no âmbito individual quanto coletivo, já que o cerco se mantinha fechado à mulher mesmo depois da independência do país em 1962 e, sobretudo, depois dos acordos de 1980, levando-a a revisitar o passado colonial, invocando a memória e a verdade sobre a tradição oral, e a segunda seria da ordem do cuidado com a língua francesa, que se torna quase uma obsessão pela própria autora, por meio das suas personagens e do estilo, sobretudo o das suas últimas produções romanescas. Esse vai-e-vem pendular constitui-se como uma espécie de peregrinação, num balanço entre o diálogo com o mundo e o retorno constante às fontes, concedendo às suas obras aspectos emancipatórios no sentido espacial-geográfico. Em suma, o caráter exploratório histórico das primeiras obras da escritora discorre no seu novo destino, criando com isso um novo estatuto de idas e vindas percebidas nas camadas textuais das suas obras.

Pelo título da novela, percebemos que o termo *récit* pode propor uma ambiguidade se o traduzimos para a língua portuguesa, levando em conta o contexto da narrativa, pois essa palavra, em língua francesa, possui maior flexibilidade, podendo significar “relato”, no caso dum relato oral, por exemplo, e “narrativa”, termo que se limitaria à narrativa literária ou duma história em geral e que também é um gênero literário em francês bem próximo do romance. Tomando então o termo para a nossa análise, poderíamos afirmar que *La nuit du récit de Fatima* poderia ser traduzido como “A noite do relato de Fatima” ou “A noite da narrativa de Fatima”. Se considerarmos a ideia dum relato, mais próximo da oralidade, poderíamos afirmar que o relato principal

¹⁵⁹ [...] rendent compte des luttes intérieures pour faire émerger une littérature à mi-chemin entre l'affirmation nationale et l'inscription dans la mondialité. (p. 138)

pertence a uma mulher de nome Fatima, que o transfere à sua nora, Anissa. Permanece, portanto, evidente no texto, que o relato é tomado por mais de uma geração de mulheres, pois tanto aquele que relata, o narrador, ou que ouve, o narratário, requererá nalgum momento o direito à propriedade do *récit*, confirmando os aspectos da pluralidade das vozes femininas que se cruzam na narrativa djebariana. A única personagem que permanece longe da retransmissão é a bisavó, Magdouda, pois parece representar o que é da ordem do antigo, talvez a Argélia antes do processo de colonização e, conseqüentemente, de certa ocidentalização. No entanto, a complexidade é maior diante da pluralidade dos narratários: há aquele que ouve do início ao fim, existe a nora que se torna narratário, narrador e a própria contadora de histórias que, por seu turno, transfere-se ao lugar do narratário. Essa percepção nos é dada quando o narrador/narratário, Anissa, toma o seu lugar no relato: “Mas é a minha vez de mergulhar, não na narrativa, antes numa confissão ordinária”.¹⁶⁰ Notamos então que “narrativa” e “relato” (confissão ordinária) se confundem, apontando para o diálogo entre a escrita e a tradição oral.

Nessa novela, as questões feministas são, portanto, marcas textuais, mesmo ela não nos deixe indiferentes no que diz respeito às camadas que trazem uma forte carga política que busca desvelar o papel da mulher magrebina e o seu desejo de sobrevivência numa sociedade ditada pelo homem. A novela explora um jogo entre narrador e narratário (s), numa espécie de “trança” entre mulheres: a bisavó, a avó, a mãe, a filha e a nora. Na narrativa, essas cinco vozes de mulheres promovem - cada uma a sua maneira - movimentos que evocam espaços múltiplos como metáfora de lutas de emancipação. As vozes textuais contam, são narradas e/ou ouvem uma longa história marcada, dialeticamente, tanto por dores quanto por alegrias e, sobretudo, por tentativas de libertação. Para elas, a ação que nasce do desejo de deslocamento seria a única possibilidade de emancipação. Aliás, devemos primeiramente considerar que o texto não se inicia com um narrador tradicional, mas com um elemento contador de histórias, a personagem Fatima, segunda geração de mulheres, que se dirige ao narratário, num

¹⁶⁰ Mais c'est à mon tour de plonger, non dans le récit, plutôt dans une confession ordinaire... (p. 44)

tom hesitante: “O que te dizer, olhos da minha alma, por onde começar os meus infortúnios, talvez desnudar o primeiro fio antes mesmo do meu nascimento, falar, portanto, daquela que me deu à luz (que Deus a tenha, neste momento, em sua salvação!)”? ¹⁶¹ (p. 15) Assim, um dos narratários, Anissa, assume o papel de narrador na ocasião em que a contadora de histórias faz uma breve pausa no momento do seu nascimento: “O sorriso de Fatima se levanta no silêncio, flui como água da fonte numa cascata, com seus respingos, e mesmo assim num jato contínuo... ‘você adivinha, termina ela por dizer. Eu sou filha única. A filha sou eu, naturalmente!’” ¹⁶² (p. 21) Percebemos aqui a existência em Djebbar da pluralidade da narrativa pela superposição dessas vozes, quando se trata de mulheres, como num ato solidário que sustenta o desejo, que é plural.

Considerando o espaço diegético da memória no texto, a personagem Arbia parece ter deixado às suas gerações fortes marcas do dia em que foi raptada pelo marido - Toumi. Por isso, o texto se inicia com o que o narrador chama de “infortúnios” à sua filha, que é a terceira geração de mulheres. Neste caso, a memória atravessa gerações, e o jogo entre a narrativa (da avó), a narração (da mãe) e a escuta dos narratários (a filha e a nora) é esclarecido não somente pelo início do texto, mas novamente pelo próprio título, que sugere que a história duma vida só começa nos bastidores do episódio que dá nome ao outro capítulo da novela.

Assim, o “rpto” como um novo capítulo, seria então um signo: ele explicaria toda uma história, cujo futuro inesperado de migrações jamais poderia ter acontecido doutro modo. Fora preciso que o homem intervisse, pois de qualquer maneira ele é também coautor da vida. Com isso, o masculino como ordem e determinação é também aquele que dá a vida a mulheres que agora desejam se colocar

¹⁶¹ Que te dire, yeux de mon âme, par quoi commencer de mes malheurs, peut-être dénouer le premier fil avant même ma naissance, parler donc de celle qui me donna le jour (que Dieu l’ait, à présent, dans son salut!)?

¹⁶² Le rire de Fatima s’élève dans le silence, s’écoule, comme eau de source dans un ravin, avec des élaboussures et tout de même, en dessous, un jet continu..”Tu devines? Finit-elle par dire. Je suis fille unique: la fille, c’est moi, naturellement!

em cena. Como não podemos de deixar de considerar na escrita djebariana o palimpsesto, percebemos ainda que esse episódio apontaria para a metáfora da relação colonizador/colonizado, já que o rapto também poderia se relacionar à própria tomada de Argel em 1930 e, tanto a narrativa quanto o fato histórico-geográfico apontam não só para a mulher violada, Argel, como também a sua necessidade de conciliação com o homem, ou seja, o colonizador e, ainda, para a reconciliação do sujeito consigo. De qualquer maneira, o “rapto colonial” teria desencadeado novas percepções e modos de ver o mundo em Relação. Os infortúnios e os traumas duma história são também, portanto, o início de todo um percurso não menos promissor, nesse diálogo entre a textualidade da obra e a própria geo-história da Argélia colonial.

Quanto ao nascimento de Fatima, percebemos nesse contexto que ele é descrito de forma a deixar transparecer a poesia que celebra a vida. Transpondo-o para a escrita, em cada história há um novo nascimento que, neste caso, incluiria o nascimento da própria escrita, que se desvencilha aos poucos do local, cujas barreiras são sorratamente suplantadas à medida que os novos nascimentos levam à migrações. O rapto, por fim, terá sido também o (re) nascimento de Arbia e o início da possibilidade de emancipação da mulher. Damo-nos então conta de que a imbricação entre narração, narrador e narratários confirma em Djébar que a necessidade de predominância feminina parte da necessidade de criação e de enunciação.

Vejamos, por exemplo, que numa espécie de contraponto, a narradora agora evoca o pai e, ao contrário da mãe, apela para o sagrado o perdão pelos erros que teria cometido desde o rapto daquela que deixaria gerações de mulheres: “Eu devo, portanto, evocar o meu pai – ele também, infelizmente, retornado sob a proteção de Deus (que o Altíssimo lhe faça remissão dos seus pecados!).”¹⁶³ Desse modo, a voz feminina busca alguma superioridade que somente a metalinguagem torna possível e, portanto, a inscrição pela palavra e pela poética é que questiona esse jogo hierarquizante, uma vez que a cultura magrebina - árabe ou cabila - é gerida, sobretudo,

¹⁶³ Je dois donc évoquer mon père – lui aussi, hélas, retourné sous la protection de Dieu (que le Très Haut lui fasse rémission de ses péchés! (p. 15)

pela voz e autoridade do homem. A morte do homem contribui para a perenidade da mulher, que de certo modo aponta para a perenidade do “ser-no-mundo”.

Para refletirmos sobre o espaço da mulher magrebina ou, se quisermos assim compreender, da mulher árabo-muçulmana na Argélia, é necessário reconhecermos o seu inverso, ou seja, o espaço masculino, que prevaleceu por muitos séculos no Magrebe e na cultura árabe e cabila em geral, e isso abordaremos com maior detalhe, sobretudo no que diz respeito à cultura cabila. No entanto, podemos ir além, compreendendo que a supremacia do masculino sobre o feminino não é uma questão meramente oriental. Aliás, a transposição da ótica masculina do oriente ao ocidente foi dada como herança, primeiramente aos povos do Mediterrâneo.

Acreditamos então que foi pela escrita, e mais ainda pela literatura, que a mulher magrebina franqueia um espaço cultural e geográfico, contribuindo para a emancipação da mulher, de qualquer modo magrebina, ou pelo menos duma emancipação que se reflete na escrita, sendo este o único meio possível de inserção duma outra realidade até então velada e sem voz.

Nesses aspectos, recorremos à obra de Pierre Bourdieu, *La domination masculine* (1988) a fim de desenvolvermos os aspectos feministas da obra djebariana que se manifestam pelo seu contrário: a sociedade argelina é representada pelo masculino, enquanto a representação do feminino é atravessada pela inferioridade, apesar do paradoxo que estabeleceremos em seguida, que se encontra na desmistificação do trabalho da mulher camponesa, que se realizava até certo momento do século XX numa quase igualdade com o homem, que por consequência teria levado muitas delas à participação nas próprias guerras que antecederam à independência do país.

Assim, a análise de Bourdieu nos leva a compreender que a insistência sobre a voz feminina em Djebar se faz pela ausência dessa mesma voz na realidade sociocultural argelina. Em seu trabalho, o autor demonstra o sistema de ancoragem no qual se encontram as sociedades mediterrâneas e, por consequência, os povos herdeiros dessas sociedades. Mas o que nos chamou a atenção foi a descrição etnográfica que o autor realizou analisando as estruturas objetivas e as formas cognitivas justamente da sociedade berbere da Cabília, que o autor chama de particular, pois sua história, “a um

só tempo exótica e íntima, estrangeira e familiar” funciona “como o instrumento dum trabalho de socioanálise do inconsciente androcêntrico capaz de operar a objetivação das categorias desse inconsciente” ¹⁶⁴ (BOURDIEU, 1998, p. 17). À medida que sua análise se desenvolve, caminha nesse sentido, o da existência duma sociedade androcêntrica e falocêntrica, de modo exemplificar que essa sociedade é também conservadora do que viria a se transformar mais tarde no que ele chama de “inconsciente mediterrâneo”. Sua análise esclarece muito bem que comunidades, tal como a dos berberes da Cabília, teriam conservado estruturas protegidas pela coerência prática, quase inalteradas, em que condutas e discursos lhes foram de certa maneira arrancados pela estéreo-tipificação e que, por isso mesmo, “representam uma forma paradigmática da visão ‘falo-narcísica’ e da cosmologia androcêntrica que são as comuns a todas as sociedades mediterrâneas e que sobrevivem, ainda hoje, mas no estado parcial e como rompida, nas nossas estruturas cognitivas e nas nossas estruturas sociais” ¹⁶⁵ (BOURDIEU, 1998, p. 18). Essa situação metonímica nos serve de modelo tanto para compreendermos a sociedade mediterrânea quanto a própria parte, a Cabília, primeiramente porque deixou como herança boa parte dos escritores magrebinos homens, desde Amrouche, que aliás é uma verdade parcial, e também para que possamos pensar que a ótica duma sociedade regida pelo masculino, do lado do Oriente, não se limita somente aos árabes de língua árabe como comumente ouvimos falar.

A primeira parte da sua análise diz respeito à construção social dos corpos, cujas diferenças sexuais se assemelham a um jogo de oposições que organizariam tanto o cosmos como um todo, e os atos sexuais seriam supercarregados de determinações, tanto antropológicas quanto cosmológicas. A sexualidade é então determinada por uma topologia sexual do corpo, determinada por signos estabelecidos, sempre a partir duma lógica arbitrária e binária. Desse modo, a oposição entre os sexos

¹⁶⁴ (...) à la fois exotique et familière [...] comme instrument d’un travail de socioanalyse de l’inconscient androcentrique capable d’opérer l’objectivation des catégories de cet inconscient.

¹⁶⁵ (...) représentent une forme paradigmatique de la vision “phallonnarcissique” et de la cosmologie androcentrique qui sont communes à toutes les sociétés méditerranéennes et qui survivent, encore aujourd’hui, mais à l’état partiel et comme éclaté, dans nos structures cognitives et nos structures sociales.

é feita por jogos de oposição desses signos, como alto/baixo, reto/torto, seco/húmido e outros que determinam a ordem de todas as coisas, ou seja, constitui-se como normal e natural, permitindo categorizar a diferenciação entre homem e mulher. No que diz respeito à força dessa ordem, não haveria quaisquer justificativas para o estabelecimento dessa visão androcêntrica, ratificando a dominação masculina sobre a qual a sociedade é fundamentada como uma espécie de máquina simbólica. É nesse aspecto que a divisão sexual do trabalho e a distribuição das atividades são extremamente estritas e determinadas, como por exemplo, a limitação do espaço feminino a uma parte da casa, enquanto outra é reservada ao homem, assim como, logicamente, os lugares públicos nas assembleias e no comércio, que se restringem também ao homem. Sendo assim constituída, a sociedade berbere da Cabília é determinante nas relações sexuais pelo par dominante/dominada, sendo que toda a relação com o erótico é atributo do homem, e a mulher, subordinada a essa relação, só pode reconhecer o erotismo como atributo do homem-dominador. Por isso, o autor chama de violência simbólica o ponto a que chega a mulher que, ao contrário da beleza fálica do homem, vê a própria genitália como algo feio e deficiente, funcionando como o lugar de entrada e posse do falo (BOURDIEU, 1998). Com isso, percebemos o que poderíamos chamar de “natureza criada”, ou ainda de “natureza institucionalizada” ou ainda de “naturalização dos hábitos”. Ao mesmo tempo, como a natureza não pode ser criação, temos então o sentido mais potente, no autor, do que chamaríamos de cultura.

Na esteira de Bourdieu, encontramos a obra de Djamilia Amrane, *Les femmes algériennes dans la guerre* (1991) cujo trabalho de pesquisa é exaustivamente consagrado à realidade da mulher argelina, desconstruindo verdades até então tidas como oficiais pela história da Argélia, e em seguida à militância dessas mulheres durante as guerras. A autora esclarece em seu trabalho que, desde o início dos combates, em 1954, mulheres argelinas se engajam e investem nos setores que até então só eram reservados aos homens, ou seja, a política e a guerra, cujos nomes aparecerão nos jornais a partir de 1955 (AMRANE, 1991, p. 15). Segundo a autora, o engajamento dessas militantes pode ser compreendido com o mais extraordinário fenômeno e uma das razões pelas quais os combates foram decisivos no contexto das guerras de liberação

da Argélia. Mas os bastidores do Mediterrâneo e a cultura berbere, assim como explica Bourdieu, é igualmente considerado pela autora como algo redutível, devido ao patriarcado muito rigoroso que dá à mulher magrebina um estatuto de subalterna (AMRANE, 1991, p. 18). Isso se explica, dentre outras razões, o duro trabalho da mulher nos campos de agricultura, trabalhos penosos pouco valorizados e mal pagos. A mulher então se submetia a ritos agrários, ao mesmo tempo de plena atividade e mágico, uma vez que era a fonte da fecundidade, o que era indispensável para a atividade e vida agrícolas (AMRANE, 1991, p. 19). Esse modo ritualístico é também explicado pelo alto índice de analfabetismo, do qual somente um pouco mais de quatro por cento das mulheres receberam alguma instrução. Chama-nos também a atenção os tipos de instituição que eram disponibilizados aos argelinos: o ensino público, inteiramente em francês, e o árabe, que não tinha nenhuma preocupação em se instalar na esfera pública, restringindo-se às instituições privadas. Para as meninas muçulmanas, a escolaridade era obrigatória até os quatorze anos (AMRANE, 1991, p. 27). Por outro lado, a existência das escolas corânicas que, ao contrário, foram instaladas num número considerável de cidades e vilas do país e, ainda que se restringisse ao setor privado, era pago segundo condições da família (AMRANE, 1991, p. 28). Obviamente, esse fenômeno aponta para a atitude confessional em educar pessoas no árabe literário ou corânico. Dessas instituições, surgem então as *medersas*, escolas em fim lucrativo, funcionando com uma espécie de faculdade teológica, cujo objetivo era a preservação do árabe.

Clifford Geertz, em “A interpretação das culturas” (1989), traça outra via de possibilidades por meio da dimensão antropológico-social da análise que, em resumo, é também a etnografia. Todavia o autor, dedicando-se à compreensão do fenômeno cultural das sociedades, percebemos a existência da imbricação inerente ao texto literário em relação à interpretação do fenômeno cultural. Para esse autor, a análise etnográfica no âmbito cultural dispensaria quaisquer tentativas de reificação do fenômeno ou o seu contrário, o desprezo pelo conceito de cultura. Por isso, ao analisarmos criticamente a escrita de Djébar, consideramos necessário perceber, além da lógica regida pelo masculino, o que seria da ordem cultural enquanto fenômeno analisável e meio de reflexão dessas sociedades. Nesse caso, a cultura é tratada como

um fato, ou um “documento de atuação”, que por sua vez é “pública” (GEERTZ, 1989, p, 20). Desse modo, a ação simbólica do comportamento humano não se limitaria à ontologia do sujeito e seria visto como um fenômeno que se apresenta. Fato é que o autor, não reduzindo outros olhares sobre o texto literário como menos importante, defende, a partir do princípio da etnografia, que as sociedades são interpretáveis segundo o seu próprio âmbito.

Isso parece ser uma verdade óbvia, mas há inúmeras formas de obscurecê-la. Uma delas é imaginar que a cultura é uma realidade “superorgânica” autocontida, com forças e propósitos em si mesma, isto é, reificá-la. Outra é alegar que ela consiste no padrão bruto de acontecimentos comportamentais que de fato observamos ocorrer em uma outra comunidade identificável – isso significa reduzi-la. (GEERTZ, 1989, P. 21).

Nesse caso, o espaço narrado é também um espaço cultural e, conseqüentemente, é um espaço que dialoga também com o “efeito de real” no sentido barthesiano (BARTHES, 1968). No referido texto, o semiólogo lança um olhar sobre o monumento literário a partir da “ilusão de real”, produzida pela escrita literária. Ou seja, esse diálogo preconiza sobre o trabalho do escritor que, além da sua própria demanda – o feminismo e o desejo de emancipação do espaço local em Assia Djebar – segue em direção a uma relação de contigüidade. Assim, Barthes não reduz o texto literário ao fenômeno social, mas defende um diálogo entre os dois. A “ilusão de real” sobre a qual escreve, atribui valor ao princípio da criação literária, que por sua vez (re) nasce das cinzas do vivido dos sujeitos e, no caso do nosso estudo, do fenômeno cultural magrebino e, conseqüentemente, das relações migratório-culturais de âmbitos ao mesmo tempo diversos e entrelaçados, como o são as relações entre Ocidente e Oriente, a França e a Argélia.

Ao nos inclinarmos sobre o contexto cultural árabe, o narrador parece querer justificar a atitude do pai pela sua própria história, marcada por desvios da sua própria existência, por infortúnios da vida que definiriam o caráter desse homem, que teria visto no casamento a única saída para a superação das suas fraquezas. Outra marca

deixada pelo texto é a força dos signos representados pelo exército e a habilidade na cavalaria. Com isso, a mulher aqui é mais uma vez subjugada a uma condição, no sentido de alimentar as frustrações do homem magrebino, que deve, no entanto, manter-se forte e viril:

Em árabe, com o conhecimento do santo Corão, ele teria sido um letrado: pobre, certamente, mas considerado! Órfão de pai, jovem e sem nem um irmão mais velho ou um tio paterno como apoio, o que lhe restaria senão engajar-se no exército da França? Engajar-se... para comer! Ele era bom cavaleiro: isso bastava.¹⁶⁶

O termo “isso bastava” funcionaria então como um significante que confere à narrativa certa ironia, pela qual o homem passa a ter um papel inferior até a sua morte, ainda que o jogo entre homem e mulher permaneça. A partir desses elementos textuais e das vozes narrativas dessa obra, podemos perceber o quanto o espaço da própria narrativa é elástico, conferindo à escrita djebariana um aspecto textual que se desvencilha da tradição pelo estilo feminista na construção dos seus personagens.

Podemos com isso inferir que a narrativa se nutre da transgressão, lembrando que o ato de transgredir, na escrita djebariana, encontra também alicerce no questionamento duma narrativa tradicional cuja lógica é a nação e, portanto, nação masculina. A narrativa refaz, reconstrói e recria um mundo em que a ótica feminina passa a ter um valor qualitativo, enquanto o homem permanece em seu paradigma quantitativo. Por isso, concordamos com Kian quando afirma que existiria na narrativa djebariana questionamentos que se realizam como uma transgressão, já que a sociedade, predominantemente masculina, jamais aceitaria que a voz da mulher se tornasse relevante e, por isso, a escrita se torna uma arma de defesa. Sua escuta e sua escrita não fornecem a voz a essas mulheres magrebínas, até porque “dar a voz” não é necessariamente um atributo literário. Mas dalgum modo elas ecoam e, pelo imaginário

¹⁶⁶ En arabe, avec la connaissance du Saint Coran, il aurait été un lettré. Pauvre, certes, mais considéré! Orphelin de père, jeune et sans même un frère aîné ou un oncle paternel comme soutien, que lui restait-il sinon de s’engager dans l’armée de la France? De s’engager... pour manger! Il était bon cavalier: cela suffisait. (p. 16)

poético, faz-nos ver mais de perto esse outro. Aqui a literatura toma a via das possibilidades, e não necessariamente das soluções, já que as soluções são de ordem política, e aqui lidamos com a ordem poética.

Nesse procedimento as narrativas que questionam as concepções duma nação homogênea contestam não somente as normas sexuais, mas também o patriarcado e os tabus, contaminando as narrativas nacionais com transgressões culturais, sexuais e linguísticas. (KIAN, 2009, p. 11)¹⁶⁷

Por outro lado, segundo a autora, os espaços da narrativa djebariana “se opõem às prescrições essencialistas dos discursos nacionalistas, não desenraizando e negando as origens, mas opondo-lhe raízes outras. A proliferação das raízes abre um espaço heterogêneo em que o indivíduo marginalizado pode também plantar as suas raízes”¹⁶⁸ (KIAN, 2009, p. 11)

Esses “espaços femininos” são, portanto, menos fixados, pela própria necessidade de emancipação e de posterior migração. Neles, a heterogeneidade se relaciona tanto com a expressão no feminino, na qual cultura e corpo estão intimamente imbricados e, conseqüentemente, reconstroem pelo imaginário poético o espaço que agora se coloca para além da lógica do Estado soberano.

Essas narrativas reivindicam assim uma identidade e um espaço heterogêneos que estão em relação com as línguas, as etnicidades, as sexualidades e as religiões diferentes. Quando os autores incorporam as transgressões e os tabus em seus textos, eles revelam o que é considerado vergonhoso e destroem assim a imagem fixa que o discurso originário quis projetar da nação. (KIAN, 2009, p. 11/12)

¹⁶⁷ Dans ce procédé les récits qui questionnent les conceptions d’une nation homogène contestent non seulement les normes sexuelles, mais aussi le patriarcat et les tabous en contaminant les récits nationaux avec des transgressions culturelles, sexuelles et linguistiques

¹⁶⁸ [...] s’opposent aux prescriptions essentialistes des discours nationalistes, non pas en déracinant et niant les origines, mais en leur opposant des racines autres. La prolifération des racines ouvre un espace hétérogène où l’individu marginalité peut aussi planter ses racines.

Apesar da dificuldade do vivido da mulher magrebina, a utilização do relato no feminino, misturando-se às marcas do masculino, revela que é a virilidade que salvaria o homem. Ou seja, parece haver uma dialética que pontua a necessidade de sobrevivência do homem pela força física, apontando para uma diferença, já que a força da mulher está na criação, tanto a que dá a vida ao próprio homem quanto à palavra, ao texto, à letra e, numa segunda camada, à sua própria liberdade. Por outro lado, não se pode negar o processo dialético da escrita djebariana, pois no episódio em que aparece a personagem Toumi, no início do percurso, percebemos que, uma vez recompensado, a pelo exército francês, tornou-se brigadeiro e propiciou maior fluxo migratório à vida das personagens. A narrativa nos fornece então uma espécie de êxito pelo feito do homem: “há um Deus para os muçulmanos” – pois se a emancipação da mulher argelina estaria longe de ocorrer de fato, pelo menos o homem mudaria a história dalgumas mulheres. “Ele salvou o oficial francês (há um Deus para os muçulmanos! Digo-o a mim mesma às vezes). Toumi foi recompensado: promoveram-no a brigadeiro”.¹⁶⁹

O fenômeno migratório, que busca outros espaços, torna-se, a partir dos próximos episódios, o ponto central da narrativa que, na sequência, traz maior movimento pela iniciativa das suas personagens. Primeiramente, a novela lança mão dum cruzamento intertextual, convocando o conto Cinderela, que funciona como sinédoque da condição feminina que busca no *Eros* o amor recíproco, e cujo olhar entre o homem e a mulher assinala uma esperança de conjugação entre os sexos. Cinderela é então a mulher magrebina que, diante da luta, espera que a sua pena termine com um amor que não sabe donde virá, pois conhece a sociedade em que vive. Assim, o feminismo não abre mão do amor entre a mulher, órfã, e o homem, o príncipe, que viria resgatá-la da orfandade. Além disso, uma primeira marca textual de descolamento do espaço argelino é a descoberta de Cinderela nas histórias francesas.

¹⁶⁹ Donc, mon père, certainement à Verdun, veillait sur son commandant sous les balles et dans le bruit du canon : son supérieur blessé, Toumi le porta sur ses larges épaules malgré les grenades et les bombes. Il sauva l’officier français (il y a un Dieu pour le musulmans ! je me le dis parfois). Toumi fut récompensé : on le fit brigadier. (p. 17)

Cinderela, minha querida, Arbia não sabia, como eu antes de aprender a ler, que Cinderela existia nas histórias francesas: ela, ela se nomeava, ela mesma (sua mãe, então, colocava-se a chorar em silêncio): “*Itma*, eu sou *Itma*!” – “Órfã, eu sou a órfã!”... enquanto ela assim se lamentava, doravante, o olhar de Toumi, encontrando-a no caminho da fonte, parava-a e eles se fixavam por longo tempo.¹⁷⁰

Se pensarmos que no conto *Cendrillon* é aquela que carrega as cinzas (*cendres*), carrega-as não só pelo labor da sujeira da cozinha, das cinzas do fogo, mas é também a vida cinzenta, sendo o colorido algo que se esconde por trás do seu vivido. Com isso, a relação entre a *Itma* e o homem ultrapassa qualquer lógica romântica, pois o resgate da mulher pelo homem é também o resgate de si mesma, da sua dignidade, da condição desfavorecida em que normalmente vivia a mulher magrebina. Mas a tentativa, mais uma vez frustrada, será finalmente a força que as moverá e transformará para sempre os seus destinos: “após a partida de minha mãe, em circunstâncias que eu já lhe trouxe, oh minha pequena rainha, é normal, os seus irmãos a renegaram publicamente.”¹⁷¹ A força feminina da criação a faz então suplantar outros infortúnios do homem, primeiramente pela chegada do irmão de Arbia, Hassan, esse fruto que, sendo mais novo, poderá ter o caráter transformado pela mulher. Por isso, não é por acaso que a narradora traz ao texto a Bisavó, matriarca duma geração anterior às outras três mulheres mais mencionadas na trança narrativa. Mais ainda, entre duas mulheres, Magdouda e Arbia, o destino dum outro homem será transformado: trata-se de Ali, o bebê dado a Arbia mediante a viuvez de Hassan, potencializando a força feminina. Sendo este o único homem que será educado por mulheres, parece simbolizar o triunfo da mulher sobre o homem mesmo que a morte desse irmão adotivo já seja anunciada no início do capítulo "A escola" (*L'école*). A personagem Ali é, portanto, o indício do

¹⁷⁰Cendrillon, ma chérie, Arbia ne savait pas, comme moi avant d’apprendre à lire, que Cendrillon existait dans les histoires françaises : elle, elle se nommait elle-même (sa mère, alors, se mettait à pleurer en silence): « *Itma*, je suis *Itma*! » - « Orpheline, je suis l’orpheline ! »... Tandis qu’elle soupirait ainsi, désormais, le regard de Toumi, la rencontrant sur le chemin de la fontaine, l’arrêtait et ils se fixaient longuement. (p. 19)

¹⁷¹Après le départ de ma mère, dans les circonstances que je t’ai rapportées, ô ma petite reine, c’est normal, ses frères renièrent Arbia publiquement. (p. 23)

processo de desenraizamento de parte duma cultura local e conseqüente migração para a França, fazendo com que o espaço local seja ampliado, transposto: “E é isso, no ano passado ele [Ali] morreu lá, em Louvenciennes, na França!”¹⁷² Com isso, o tom irônico da frase, que termina pela exclamação laudatória, traz a glória feminina e feminista de ter podido levar a sua geração para outros espaços e, mesmo diante da morte, a migração ao espaço francês é motivo de alegria para a mulher. Em seguida, o texto nos conduz finalmente, com o retorno do narrador, a um momento em que o encontro entre narração e narrador coincide com o primeiro deslocamento daquela geração para a cidade, onde a educação francesa será o ponto de partida para a emancipação das personagens envolvidas na narrativa. “Assim, por desvio, e não somente de conveniência, para enrolar sobre si próprio o relato (ou a narrativa), virá-lo, revirá-lo sobre a sua cabeça – a contadora se coloca no próprio centro da história: “Fatima, que conta, vai enfim ousar a contar sobre si”!¹⁷³

Como centro da história, a personagem inicia uma série de conquistas, que culmina com a entrada na escola francesa, sendo ela a única muçulmana a frequentar o espaço escolar. Isso então nos motiva a dizer agora que o êxito da personagem estaria muito mais no franquear das fronteiras do que na superação do feminino sobre o masculino no “espaço local”. Ao mesmo tempo, o irmão adotivo também começara a frequentar a escola. No entanto, o destino de sua mãe parece ter batido à sua porta, pois ao terminar a escola, ao treze anos, tendo vivido anos de felicidade a personagem parece repetir a história da mãe, foi dada pelo pai em casamento aos quatorze anos. Este ciclo, narrado no final do texto, parece demonstrar que as lágrimas do vivido da mulher argelina é misturada às vitórias que obtém ao longo do seu percurso, numa espécie de lei de compensação que persegue a cultura feminina deste país. Com isso, o fluxo de migrações entre cidades e países dá ao texto, como

¹⁷² Et voilà que l’an dernier, il est mort, là-bas, à Louvenciennes, en France!... (p. 29)

¹⁷³ Ainsi, par détour, et pas seulement de convenance, pour enroler sur lui-même le récit, le tourner, le retourner sur sa tête – la conteuse se place au coeur même de l’histoire: Fatima qui raconte, va enfin oser à se raconter! (p. 30)

afirmamos, maior movimento das personagens femininas e, portanto, o início da emancipação do contexto oriental argelino, ainda que este seja um destino recorrente de idas e vindas das personagens: “Fatima, alguns meses mais tarde, nos encontra em Argel.”¹⁷⁴ E a nova narradora, Anissa, também segue os passos da mulher livre e, com medo de repetir o infortúnio da sogra, o de ter dado o filho para a mãe, não hesita em fugir enquanto há tempo, com sua filha, Mériem, “De Marselha, pegamos o barco para Palma (...) – Viajantes sem bagagem, disse eu melancólica”.¹⁷⁵ Já a narradora do relato de Fatima, Anissa, tempos antes na narrativa, deixa suspenso ao seu narratário e, pelo riso que canta algumas vitórias pelo (en) canto do equilíbrio entre vitórias e derrotas, “Fatima ri, um riso por sacadas breves do qual não se percebe nem a amargura nem a ironia negra. E também não a submissão, é claro... o tempo passou, por que a revolta, ou mesmo a sua sombra meio desgastada?”¹⁷⁶ Como a história das culturas se faz em movimento, a narradora da história de Fatima, antes mesmo de “tomar” a narração, conclui afirmando: “mas o relato (ou a narrativa?) é exigente. É mesmo o que resta, somente esse fio de prata ou de negro ébano, iluminando na longa noite...”¹⁷⁷

A voz da mulher que deseja transpor espaços em Assia Djebar não é expressa somente pela migração, pelo desejo de emancipação da terra, enfim, pelo movimento transnacional, mas é também colocada sob a pluma da autora na relação com a própria terra, dentro da própria cultura magrebina. Nesses aspectos, é necessário que diferenciemos o fenômeno da expatriação dos sujeitos escritores que deixaram de fato a própria terra, fazendo com que a sua escrita adentre essa dinâmica, e a necessidade de revisitar a cultura local. Em Assia Djebar, essa preocupação se mantém

¹⁷⁴ Fatima, quelques mois plus tard, descend de Médéa et nous rejoint à Alger. (página 48)

¹⁷⁵ De Marseille, nous prenons le bateau pour Palma (...) – Voyageuses sans bagages! Dis-je mélancolique. (p. 57)

¹⁷⁶ Fatima rit, un rire par saccades brèves dont on ne perçoit ni l’amertume ni l’ironie noire. Et pas la soumission, bien sûr.. le temps est passé, à quoi bon la révolte, ou même son ombre à demi usée. (p. 37)

¹⁷⁷ Mais Le récit est exigeant. C’est même ce qui reste, seulement ce fil d’argent ou de noir ébène, luisant dans la longue nuit... (p. 37)

pela insistência em manter a mulher no primeiro plano da sua escrita. Conhecedora do espaço limitado da mulher magrebina, da sua história e da realidade social que permanecia vigente, a escritora parece manter o diálogo entre a sua realidade duplamente expatriada – de mulher e de escritora – o que se reflete, conseqüentemente, dentro dos aspectos estéticos da sua escrita.

Nesse não estar totalmente, a personagem Zoulikha, do romance *La femme sans sépulture* (2002), demonstra exatamente esses aspectos. Personagem histórica e reinventada pela narrativa, é considerada por Djébar como figura emblemática, predicada pela autora-narradora como “heroína da minha cidade da infância, durante a guerra de independência da Argélia”¹⁷⁸ (p. 13). Tendo existido historicamente, Zoulikha Oudai não é, todavia, lançada na escrita como personagem dum romance histórico, pois o romance não é necessariamente histórico como poderíamos num primeiro momento imaginar, nem como figura humana de qualquer ensaio literário ou de escrita testemunhal, mas como personagem romanesca. Ao mesmo tempo, tratando-se da Assia Djébar romancista, essas mesmas características estão presentes nessa obra: o histórico, o ensaístico e o testemunho estão imbricados, e a relação entre a personagem principal e as mulheres que participam da narrativa propõe a abertura do espaço da mulher como resistente, cuja dupla condição, magrebina e muçulmana, deve ser mais bem esclarecida para compreendermos como a literatura contribuiu e serviu de grito numa sociedade androcêntrica. Podemos notar que o livro é organizado de maneira a nos fazer caminhar primeiramente pelo espaço da própria escrita, para em seguida compreendermos o espaço da mulher árabo-muçulmana no contexto argelino.

O livro se inicia com uma espécie de preâmbulo que a autora nomeia como “Advertência” (*Avertissement*). Nele, ela nos faz caminhar por um romance em que “todos os fatos e detalhes da vida e da morte de Zoulikha (...) são trazidos com uma

¹⁷⁸ (...) héroïne de ma ville d’enfance.

preocupação de fidelidade histórica, ou (...) com uma abordagem documental”.¹⁷⁹ Em seguida, o marcador de oposição deixa claro, num primeiro momento, que o leitor está diante duma ficção, e por isso mesmo Djebbar o põe à prova para que, enquanto receptor da obra, o leitor perceba que se trata da ótica feminina e subjetiva, duma escrita, portanto, romanesca: “Todavia, certas personagens, ao lado da heroína, em particular os apresentados como os da sua família, são tratados aqui como a imaginação e as variações que a ficção permite. (p. 09)”¹⁸⁰ Mas, fazendo jus ao jogo da sua poética, Djebbar então fornece no texto uma espécie de dialética, entre a (in) verdade histórica e a verdade da sua personagem feminina em forma de mosaico, misturando-se e dando o caráter típico da sua escrita: “Eu gastei à vontade a minha liberdade romanesca, justamente para que a verdade de Zoulikha seja mais bem clareada, no centro dum largo afresco feminino – segundo o modelo dos mosaicos tão antigos de Cesárea de Mauritània (Cherchell)”¹⁸¹ (p. 09).

Numa digressão pela história, temos na figura da mulher e mãe de família Zoulikha Oudai uma resistente (*maquisarde*)¹⁸² nascida em Cherchell, assim como Djebbar. Aos quarenta e seis anos de idade, essa mulher refugiou-se como militante da insurreição durante a guerra, após a morte do marido que também fora um dos milhares de resistentes durante a guerra de independência (*guerre de libération nationale*). Prisioneira dos franceses, fora certamente torturada e morta, e seu corpo

¹⁷⁹ (...) tous les faits et détails de la vie et de la mort de Zoulikha (...) sont rapportés avec un souci de fidélité historique, ou (...) avec une approche documentaire.

¹⁸⁰ Toutefois, certains personnages, aux côtés de l’héroïne, en particulier ceux présentés comme de sa famille, sont traités ici avec l’imagination et les variations que permet la fiction.

¹⁸¹ J’ai usé à volonté de ma liberté romanesque, justement pour que la vérité de Zoulikha soit éclairée davantage, au centre même d’une large fresque féminine – selon le modèle des mosaïques si anciennes de Césarée de Mauritanie (Cherchell).

¹⁸² O termo *maquis*, designando num primeiro momento certo tipo de vegetação, como “mato” (*mauvaises herbes*), é no contexto sinônimo de resistência ou insurreição, cujo espaço é um local no meio da vegetação, de difícil acesso. Assim como na Argélia, esses lugares de resistência nos fazem lembrar os locais em que permaneciam os sertanejos durante a Guerra de Canudos no Brasil de 1902. Enfim, do termo *maquis* derivam os adjetivos *maquisard* (masc.) e *maquisarde* (fem.), cujo sentido mais próximo na língua portuguesa é “resistente”.

jamais fora encontrado (DONADEY et al, 2010, p. 67), o que originou o título do romance. O título parece também sugerir a metáfora da ausência de lugar da mulher magrebina, cuja carga semântica ainda apontaria para essa ausência diante da própria morte. Ou seja, o corpo feminino, explorado, feito objeto pela ação do homem, é também objeto de exploração da escrita que o potencializa. Ele é ausente nas sociedades árabo-muçulmanas e se faz presente pela própria ausência na escrita de Djébar.

O capítulo que parece fazer a transferência entre a autora e a narradora se intitula “Prelúdio” (*Prélude*), funcionando como uma espécie de reconstituição do lugar onde nascera a autora, agora também narradora, a cidade de Cherchell, outrora chamada Cesárea de Mauritânia como lemos na citação anterior, lugar também onde a heroína embarcou na resistência (*maquis*) durante a guerra de descolonização: “seus dois anos de alarme, de riscos, de retornos clandestinos em sua cidade (...) sua vida de combate, interrompida aos 42 anos, permaneceu como suspensa no espaço da antiga cidade” (p. 16).¹⁸³ Percebemos então que a relação com a espacialidade é confirmada pelo estado de confinamento, mesmo após a morte dessa personagem. Não por acaso, a narrativa de ambas, personagem e autora, são oriundas da cidade que remonta aos tempos romanos e que fora sede do helenismo na África do Norte: “Encontro-me na casa da filha da heroína, da cidade. Da minha cidade, ‘Cesárea’, é o nome do passado, Cesárea para mim e para sempre...”¹⁸⁴ (p. 13). O lugar fizera parte da formação da historiadora Djébar, e por ter vivido na “cidade outrora capital da província romana”¹⁸⁵, foi onde teve também a oportunidade de estudar latim e grego. Mas há ainda uma outra camada histórica, pois antes de se tornar província do Império Romano, chamara-se Iol, cidade natal de Juba II, rei berbere da antiga Numídia, atual cidade de Constantina, na Argélia. Juba II viveu no ano 52 a.C e fora também um grande intelectual, tendo escrito

¹⁸³ Ses deux années d’alarmes, de risques, de retours clandestins dans sa ville (...) est restée comme suspendue dans l’espace de la cité ancienne.

¹⁸⁴ Je me trouve chez la fille de l’héroïne de la ville. De ma ville, « Césarée », c’est son nom du passé, Césarée pour moi et à jamais...

¹⁸⁵ (...) la cité autrefois capitale de la province romaine (DJEBAR, A. *Les alouettes naïves*, 1967, p. 100).

a maior parte das suas obras em grego, e por isso mesmo é lembrado até os dias atuais pelos argelinos.

Notamos então que essas camadas históricas, algumas como “não-ditos” textualmente, mas trazendo referências ao espaço geográfico, realizam-se como palimpsesto e vão se construindo como repertório para que se chegue à tônica da estrutura romanesca da escritora. Quanto ao termo que utilizamos - o palimpsesto - consideremos a pergunta de Erntpeter Ruhe, já que ele será trazido algumas vezes: “Palimpsesto, esse conceito relevante à crítica djebariana, como não ver na sua aparição paratextual um piscar de olhos cúmplice enviado aos fiéis leitoras e leitores de Assia Djebar?”¹⁸⁶ (RUHE et al, 2010, p. 38).

Por isso, esse mesmo capítulo ainda carrega a intervenção da autora, que faz referência ao filme que Djebar cineasta lançou em 1978, *La Nouba des femmes du Mont Chenoua* pela RTA (*Radio-Télévision Algérienne*), produção dedicada à própria Zoulikha Oudai e ao compositor Bela Bartok : “Sim, foi na primavera de 1976. Eu estava mergulhada nas trilhas dum filme longa-metragem”.¹⁸⁷ (p. 14). Noutro momento da narrativa, no episódio do encontro com a sua própria ideia de encontrar a casa de Zoulikha, “Duas ou três semanas depois de tantas confabulações, eis-me em Cesárea, enfim na casa de Zoulikha, donde ela partiu na primavera de 1956 para o seu destino”¹⁸⁸ (p. 15), a narração prossegue com o encontro com Mina, uma das personagens, filha de Zoulikha, que será também uma das vozes que se cruzarão durante toda a narrativa: “Instalo-me em frente à sua última filha, Mina. [...] Ela me interpela de novo, mas em árabe dialetal. Sua frase, com palavras amargas, salta, todavia duma secreta doçura, temida, pronta a escorrer em lágrimas” (p. 15).¹⁸⁹ Neste momento a

¹⁸⁶ “Palimpseste”, ce concept cher à la critique djebarienne, comment ne pas voir dans son apparition paratextuelle un clin d’oeil complice envoyé aux fidèles lectrices et lecteur d’Assia Djebar ?

¹⁸⁷ Oui, c’était au printemps de 1976. J’étais plongée dans les repérages d’un film long-métrage.

¹⁸⁸ Deux ou trois semaines après tant de conciliabules, me voici à Césarée, enfin dans la maison de Zoulikha, d’où elle est partie au printemps de 1956 pour son destin.

transferência da autora para a narradora, entre a realidade histórica e a ficção se torna mais clara. Mas no pêndulo entre narradora e autora, a segunda parte do prelúdio se inicia com a retomada do fim da produção do filme, dois anos depois, ou seja, em 1978: “De novo na primavera. Dois anos mais tarde. Termino a montagem desse filme dedicado à Zoulikha, a heroína”. E então, um novo dado se apresenta: “Dedicado também à Bela Bartok”¹⁹⁰ (p. 16).

Essas diferentes molduras temporais como vimos acima, realizam-se *après-coup*, conferindo à obra o estatuto de inquietude em relação à biografia dessa “heroína” que dialoga com a biografia da autora. Percebe-se que as datas de produção e de lançamento do longa-metragem conferem tanto no plano real da autora quanto no do imaginário poético-romanesco da escritora ao convocar a personagem Mina na ocasião do primeiro encontro na casa da *maquisarde*. Essas camadas ainda têm prosseguimento na terceira parte do prelúdio, quando a autora-narradora apresenta um pouco da biografia da heroína de guerra: “Zoulikha nasceu em 1916 em Marengo (atual Hadjout), no Sahel de Argel. O guia Hachette daqueles anos registra que se trata duma ‘grande e bela vila, sede do município’”.¹⁹¹ (p. 17-18). A sequência da narrativa segue apontando detalhes biográficos dessa personagem e figura histórica, misturando-se à narrativa ficcional, inclusive com detalhes que nalgum momento serão apontados por Hania, segunda personagem feminina que autora-narradora convoca nessa espécie de romance-registro, tanto no plano da narração ficcional quanto no discurso direto da personagem: “Hania prossegue na evocação da juventude da sua mãe: fazendo exceção dentre as mulheres da sua sociedade, Zoulikha circulava na vila como uma Europeia: sem véu

¹⁸⁹ Elle m’interpelle à nouveau, mais em arabe dialectal. Sa phrase, avec ces mots amers, sursaute toutefois d’une secrète douceur, tremblée, prête à couler en larmes.

¹⁹⁰ De nouveau le printemps. Deux ans plus tard. Je finis le montage de ce film dédié à Zoulikha, l’héroïne. [...] Dédié aussi à Bela Bartok.

¹⁹¹ Zoulikha est née em 1916 à Marengo (Hadjout, aujourd’hui), dans le Sahel d’alger. Le guide Hachette de ces années-là note qu’il s’agit d’un « grand et beau village, chef-lieu de commune ».

nem droga nenhuma! – Ela devia, é claro, esse privilégio ao seu pai, seguramente!”¹⁹² (p. 19-20).

Como pudemos perceber, o estilo pendular que Assia Djebar desenvolve, convocando ora a narradora, ora a sua própria voz autoral, faz com que a metamorfose seja lançada como um desafio ao leitor, que certamente se inquieta com a clareza dessa voz autoral, que se transporta facilmente à voz narrativa. Mas essa facilidade nem sempre é evidente. No romance *Nulle part dans la Maison de mon père* (2007) em que a autora se lança pela primeira vez numa narrativa autobiográfica, esta classificação quase unânime da crítica sobre a autora, há uma espécie de cuidado para que a história da menina que se lança na vida de escritora, história permeada pela presença da cidade, do pai e da mãe, não perca o fio condutor da escrita romanesca: “minha infância é móvel, mas sob controle, plena duma responsabilidade ambígua e que está além de mim”¹⁹³ (p. 16). Esse balanço entre personagem e vida autoral prossegue até o momento em que a escritora aparece nas linhas da autora. Porém, para que ela exista, é necessário que uma parte do “eu” faleça:

A mão *scripteuse* da mulher de hoje ressuscita uma garotinha lançada na sua primeira tristeza frenética. O inscrito, com um sorriso de indulgência, não diante do seu reflexo, antes diante duma outra: garotinha de Cesárea que seria o esboço dum eu apagado, que mesmo escrito, parece-me de repente como um fantasma¹⁹⁴ (p. 30).

Por isso, Ruhe considera que os termos metatextuais utilizados na escrita de Djebar criam um movimento, cujo caráter circular é o mesmo que a torna

¹⁹² Hania poursuit l'évocation de la jeunesse de sa mère: faisant exception parmi les femmes de sa société, Zoulikha circulait au village comme une Européenne: sans voile ni le moindre fichu! – Elle devait, certes, ce privilège à son père, sûrement!

¹⁹³ Mon enfance est mobile, mais sous contrôle, encombrée d'une responsabilité ambiguë qui me dépasse.

¹⁹⁴ La main *scripteuse* de la femme d'aujourd'hui ressuscite une fillette livrée à son premier chagrin échevelé. L'inscrit, avec un sourire d'indulgence no devant son reflet, plutôt devant celui d'une autre: fillette de Césarée qui serait l'esquisse d'un moi effacé, quoique écrit, qui me semble soudain fantôme.

cercada, e considera que se trata de “método criativo”. Em sua pesquisa crítica, Ruhe então convoca o conceito de “ecograma” ou de “ecografia”, pelo qual a autobiografia e a ficção se tramam juntas. O termo médico, para o autor, seria pertinente à medida que a reflexão dos ultrassons pelas estruturas orgânicas fazem visualizar os órgãos observados (RUHE et al, 2010, p. 39).

Na esteira do crítico, lançamos então uma aposta que identifica esse método criativo: sua escrita é consubstanciada, e o espaço que a escritora encarna não se limita à autobiografia, mas se mistura à ficção, como se as duas vozes, quase obsessivamente, se entremeassem numa só estrutura, a do romance. É bem verdade que as recentes teorias sobre as relações entre o autor e a obra continuam instigando descobertas, pelo viés da autoficção e da escrita de si. No entanto, a própria imbricação de camadas textuais em Assia Djebar, as vozes que se harmonizam na sua escrita e a obsessão pela causa feminina, pela memória e pela língua, fazem com que as possibilidades de análise se ampliem. Por isso, convocamos esse elemento sagrado tentando perceber a carga semântica que ele pode nos fornecer para compreendermos pelo menos o sopro de vida que é dado ao conjunto de obras de Djebar.

Existe uma distância, no campo do sagrado, entre a transubstanciação e consubstanciação. A primeira, de tradição católica, aceita a ideia que, ao serem abençoados, o pão e o vinho passam a ter a presença literal de Deus. Na consubstanciação, termo mais recente na tradição cristã, protestante, a presença divina nos elementos que simbolizam o corpo e o sangue seriam de ordem espiritual e não literal. Ou seja, Deus não se faz presente nesses rituais, mas o simbolismo seria apenas um memorial da morte do Cristo: “Isto é o meu corpo, que por vós é dado. Fazei isso em *memória* de mim” (Lucas 22:19, grifo nosso)¹⁹⁵. O espírito aqui, por sua vez, é um termo de origem grega (*pneuma*) e, como em francês, *l’Esprit* é um estado de ideias, do pensamento, o sopro de vida no sujeito que respira. A escrita de Djebar seria então consubstanciada, e a sua escrita, enquanto ritual, manteria somente o “espírito” como o

¹⁹⁵ Bíblia Sagrada, Edição corrigida e revisada. Fiel ao texto original, 2007.

sopro de vida do escritor, como traços, marcas, a presença elaborada e não necessariamente uma presença autobiográfica. Com isso, confirmamos que todas as suas obras são de ficção em que prevalece o romance pouco tradicional, e o cerco do autor é método criativo, a presença das mãos que esculpem a palavra, subvertendo o gênero romanesco tradicional e aproximando o criador crítico da escrita criativa. Quando não, tratam-se de ensaios literários, ponto que diferencia o gênero, como é o caso de *Le blanc d'Algérie* (1995) cujo início do texto evoca a necessidade de nutrir a memória e convocar a morte dos amigos que passaram pela vida da autora: “Eu quis, nesta narrativa, responder a uma exigência de memória imediata: a morte de amigos próximos” ¹⁹⁶(p. 11). Uma escrita consubstanciada, ou ainda, a consubstanciação na escrita de Djébar, já que a sua escrita é um projeto inédito, e cuja metatextualidade a aproxima da criação poética, lança mão de narrativas que se tornam habitações. Entretanto, à medida que a escritora adentra os portais de cada história que quer contar, liberta-se da impossibilidade imposta pela realidade e deixa que a poética assumo o seu papel. Assim como afirma Lise Gauvin (2010), o movimento de escuta, de audição em Assia Djébar era motivado pelas histórias individuais. Mas certa alquimia faz um movimento onde se instaura a ficção. Cabe-nos investigar, assim como Gauvin, em que momento e com que alquimia secreta tais histórias se tornam personagens ou, ainda, motivos duma nova narrativa (GAUVIN et al. 2010, p. 55).

Aos poucos, as vozes são cedidas a essas personagens e à própria Zoulikha numa espécie de monólogo que traz de volta, pelo sopro de vida da escrita literária, a morta que revive para contar a sua própria história, fazendo com que a urdidura textual literária tome forma e cumpra a sua função, embora se mantenha o diálogo entre o espaço da mulher magrebina e o espaço da própria escrita.

Outro aspecto que consideramos relevante na obra diz respeito à condição de subalterna da mulher magrebina. Porém, mais uma vez, o homem é trazido inicialmente pelo narrador onisciente como aquele que é responsável pelo êxito da

¹⁹⁶ J'ai voulu, dans ce récit, répondre à une exigence de mémoire immédiate : la mort d'amis proches.

mulher: “O pai de Zoulikha se chama Chaieb; ele parece ter sido um agricultor bastante próspero. [...] Ele foi considerado com um ‘bom árabe’ pelos seus vizinhos colonos da vila.¹⁹⁷” (p. 18). Em seguida, a personagem Hania complementa no mesmo episódio: “A senhora imagina!... Minha mãe, em 1930, pouco antes dos seus quatorze anos, obtivera o certificado de estudos! Ela, a primeira moça muçulmana diplomada da região...”¹⁹⁸ Com o êxito da mulher, mais uma vez o homem precisa morrer na narrativa, para que haja a continuidade do percurso feminino: “Hania nem sabe, para dizer a verdade, se este deu sinal de vida ou se ele morreu numa sequência de acidentes, como o pretende a sua família”.¹⁹⁹ De qualquer maneira, a ideia de expatriação reaparece no episódio, mas desta vez como física, e por isso passa a ser função do homem e não necessariamente da mulher, até mesmo porque a ideia de expatriação está no plano da escrita, pela necessidade de libertação pelo imaginário poético. O homem, neste caso, não é o escritor, mas o masculino da lógica cultural da Argélia: “Zoulikha, no nascimento da sua primeira filha, alguns meses mais tarde, se recusa, parece, de se expatriar para encontrar o seu marido”.²⁰⁰

Noutro episódio, o contraponto entre o dominante e o subalterno se realiza entre a mulher magrebina e a europeia, ou seja, entre mulheres, pois há a necessidade superação pelo próprio lugar de cultura

Zoulikha, com o seu véu e indo a uma festa, esbarrou na rua, atrás da igreja, com uma senhora europeia, e esta gritou: ‘Muito bem, Fátima!’ E Zoulikha replicou-lhe: ‘Muito bem Maria!’ Ela falou, parece, num tom quase inocente.

¹⁹⁷ Le père de Zoulikha s’appelle Chaieb; il semble avoir été un cultivateur assez aisé. (...) Il fut considéré comme un ‘bon arabe’ par ses voisins, colons du village.

¹⁹⁸ Vous pensez!... Ma mère, em 1930, peu avant ses quatorze ans, avait obtenu le certificat d’études! Elle, la première fille musulmane diplômée de la région...

¹⁹⁹ Hania ne sait même pas, à vrai dire, si celui-ci a donné signe de vie ou si comme le prétend sa famille, il est mort des suites d’un accident

²⁰⁰ Zoulikha, à la naissance de sa première fille, quelques mois plus tard, a refuse, semble-t-il, de s’expatrier pour rejoindre son mari.

Você sabe aliás que ela fala tão bem francês. A europeia, talvez não tão bem, já que ela veio de Malta” (p. 23).²⁰¹

A europeia, sendo supostamente mais próxima da tradição francesa treplica: “Você me chama de Maria? Que topete!” Mas Zoulikha conhece bem o jogo e então conclui como quem ensina a lição: “A senhora não me conhece! E me chama de ‘você’... e. além do mais, eu não me chamo Fátima!... A senhora poderia ter-me dito ‘Madame’, não?”²⁰² Tendo ganhado o jogo, a narradora então conclui: “Todos logo reconheceram a senhora Oudai”²⁰³. Ao mesmo tempo, a abordagem da língua não se limita ao francês, mas se contrapõe ao árabe e ao berbere, todas se entrecruzando na narrativa ainda que de modo subterrâneo, segundo a própria Assia Djebar: “Nessa época, Zoulikha permanecia frequentemente comigo no *refuge*. Essa palavra ‘refuge’ é pronunciada à francesa, palavra estranha no meio desse falar em árabe popular, deformado por um acento particular das pessoas dessas montanhas, antes de tudo falantes de berbere”.²⁰⁴

Ao longo de todo o romance, percebe-se, no entanto, que esse trânsito entre línguas é reservado a Zoulikha, embora outras mulheres participem da narrativa e passem duma a outra parte do relato da personagem principal. Isso nos levaria a afirmar que Zoulikha é uma espécie de emblema da mulher argelina subalterna, que lutou incessantemente não só pelo seu povo de modo geral durante a guerra de libertação do seu país, mas da mulher que, além de colonizada, é apagada pela supremacia do homem.

²⁰¹ Zoulikha, voilée et allant à une fête, a heurté dans la rue, derrière l’église, une dame européenne, et celle-ci a crié : « Eh bien Marie ! » Elle a pris, paraît-il, un ton presque innocent. Tu sais aussi qu’elle parle si bien français. L’Européenne, peut-être pas aussi bien, puisqu’elle vient de Malte. (p. 23)

²⁰² Vous ne me connaissez pas! Vous me tutoyez... et, en outre, je ne m’appelle pas Fatma!... Vous auriez pu me dire “Madame”, non ?.

²⁰³ Tous ont vite reconnu ‘Madame Oudai.

²⁰⁴ A cette époque-là, Zoulikha restait solvable avec moi au refuge. Ce mot “refuge” est prononcé à la française au milieu de ce parler en arabe populaire, gauchi par un accent particulier aux gens de ces montagnes plutôt berberphones.

Ou seja, é duas vezes subalterna, como afirma Spivak: “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010 p. 85). Essa afirmação se aplica à realidade da mulher magrebina, pois segundo a autora, “No contexto do itinerário obliterado do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado”, pois “a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina” (SPIVAK, 2010 p. 85).

Zoulikha, enquanto personagem histórica, fora capturada pelo exército francês em plena floresta onde geralmente se concentravam os resistentes da guerra. Desaparecida durante muito tempo, permaneceu uma “mulher sem sepultura”, lugar reivindicado por uma de suas filhas ao longo da narrativa. Mas a ausência de sepultura é para o texto de Djébar mais do que a ausência do corpo, mas antes a viagem sem fim, que atravessa a fronteira da morte, como afirma a autora ao retornar à narrativa para o que chama de “epílogo”:

Eu ouço, em minha cidade natal, suas palavras e seu silêncio, as etapas de sua estratégia com suas esperas e seus furores... Eu o ouço, e eu me encontro quase na situação de Ulisses, o viajante que não entupiu as orelhas com cera, sem no entanto arriscar a atravessar a fronteira da morte por isso, mas entender, nunca mais esquecer-se do canto das sereias! ²⁰⁵ (p. 236)

E prossegue: “Ela sorriria, ela zombaria, Zoulikha, se lhe tivéssemos comparado às sereias do grande poema de Homero”. (p. 236). Mais do que morta, a mulher sem sepultura é para a narradora uma “mulher- pássaro”. Desaparecida, sim, mas da qual o “canto permanece”. (p. 236). Ao mesmo tempo, a escrita se perpetua num lugar não existente para a mulher enquanto sujeito da sociedade, pois para Spivak, “o

²⁰⁵ J’entends, dans ma ville natale, ses mots et son silence, les étapes de sa stratégie avec ses attentes, ses fureurs... Je l’entends, et je me trouve dans la situation d’Ulysse, le voyageur qui ne s’est pas bouclé les oreilles de cire, sans toutefois risquer de traverser la frontière de la mort pour cela, mais entendre, ne plus oublier le chant des sirènes.

subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à ‘mulher’ como item respeitoso nas listas de prioridades globais”. (SPIVAK, 2010, p. 165).

Afirmando que “[a literatura] provém dum lugar”, sendo que a cada surgimento dum escrita “há um lugar incontornável da emissão da obra literária”, Glissant complementa que “hoje, a obra literária convém tanto melhor ao lugar que ela estabelece uma relação entre esse lugar e a totalidade-mundo”²⁰⁶ (GLISSANT, 1996, p. 34). Significa então corroborar com uma noção segundo a qual o lugar donde se emite a palavra é, numa primeira instância, um lugar estabelecido por uma língua cultural ou nacional. Já que demonstramos que o Estado-Nação tem perdido parte da sua soberania (pelo menos o percebemos pela via poética e por um imaginário que, embora nem sempre se realize, idealiza), o lugar de emissão dessa palavra e, nesse aspecto, da criação literária, acompanha as apostas de novas espacialidades, em que uma língua não é mais, necessariamente, nacional, e nalguns momentos nem mesmo a tradicional língua materna, e esse foi, como vimos, um grande investimento das mulheres escritoras no Magrebe. Percorreremos então, daqui até o fim do nosso trabalho, uma via que põe em cheque o estatuto da língua nacional e materna: num primeiro momento, ela pode ser uma língua de adoção que, dentre outros usos, está a serviço da “francografia”. Em seguida, ela pode permanecer (quase) estrangeira, mas se torna veicular para a criação poética. Perceberemos com isso que da mesma maneira que a língua se desprende da sua gênese, desprende-se mais e mais do imaginário poético nacionalista e encontra no mundo o seu novo habitat e o seu resto de história.

4.2.4. O espaço entre línguas: Literatura encarnada

Acreditamos que seja perceptível, mesmo antes de abirmos a reflexão sobre o espaço dedicado às línguas – perdidas, adotadas, reencontradas - em Djébar, que

²⁰⁶ [la littérature] provient d’un lieu (...) il y a un lieu incontournable de l’émission de l’œuvre littéraire. (...) aujourd’hui l’œuvre littéraire convient d’autant mieux qu’elle établit une relation entre le lieu et la totalité-monde.

a espacialidade linguística é algo incontornável nas suas obras e desvela uma valiosa via de análise por duas razões que se complementam: a primeira diz respeito à questão colonial, que abre um novo espaço para a entrada da literatura argelina na modernidade já tardia, gerando em seguida um diálogo com o Ocidente e, por último, com a própria literatura-mundo para a qual as suas obras tentam caminhar. A segunda seria mais voltada para as próprias questões levantadas pela escritora, que identificamos como existenciais, tendo em vista certa obsessão pela língua francesa, fato que a levou a mencioná-la no próprio discurso de posse na Academia Francesa (ver anexo). Ao mesmo tempo, esse caráter está sempre em contraponto com as línguas que a habitam. Portanto, consideramos em Djébar uma escrita cuja espacialidade se estabelece também pela inspiração linguístico-geográfica, constituindo-se como um espaço entre línguas. Ela é, portanto, atravessada pelas questões linguísticas, assim como o era Djébar escritora: enquanto estrangeira, escrever na língua do outro estava situado entre o rastro do magrebino que não podia ser perdido e uma atitude de reconciliação com a França. Esse magrebino é, nesse caso, portador de duas línguas que o identificam: o árabe e o berbere. Com um francês que se anexa, são necessárias, portanto, pelo menos três línguas para que muitas obras de Djébar se realizem.

No flerte entre teoria, crítica e literatura, e pelas cores dessas parcerias, Collot demonstra que o interesse da crítica pela representação do espaço encontra na própria prática literária vastos lugares de inspiração geográfica (COLLOT, 2014, p. 24). Ou seja, a virada espacial terminou por fazer com que o escritor repensasse a espacialidade, tanto da própria escrita tanto pela inspiração geográfica das narrativas ou pela espacialização do próprio texto poético. Essa virada espacial superou, portanto, o formalismo e o textualismo que dominavam na França entre os anos 1960 e 1970 e, a partir dos anos 1980, foi necessário que a literatura se “reabrisse ao mundo” (COLLOT, 2014, p. 24). Podemos então perceber desde já que caminhamos para essa abertura que, para nós, é apresentada tanto pelo romance, que não mais se preocupa em repetir a estrutura tradicional, e por isso mesmo se torna um gênero perturbado, sobretudo pela poesia e em seguida pela própria poesia, gênero que não se prende à forma e que, portanto, permite maior deslocamento, tanto no nível da palavra quanto do discurso.

Segundo o autor, uma das razões que levariam a essa espacialização a partir do lugar, seria uma iniciativa de resistência das nossas sociedades à globalização uniformizadora “que coloca em perigo as identidades locais, e ela constitui uma aposta socioeconômica não negligenciável. [...]”²⁰⁷ (COLLOT, 2014, p. 26).

Assim, essas línguas encarnadas em sua escrita já apontam de certa maneira para essa abertura ao mundo e se torna, aos poucos, veicular. Ou seja, não se realiza nem como a língua duma literatura francesa, fato incontornável e já argumentado e, aos poucos, nem como língua literária duma literatura argelina, já que o processo de expatriação leva a uma diáspora da própria criação literária. Entretanto, não deixamos de lançar olhares sobre questões peculiares à sua escrita, como a história que é convocada, a memória sempre presente e a espacialidade que se manifesta entre os dois lados do Mediterrâneo.

Por isso, a sua escrita se apresenta como “terrenos”, sobre os quais se constroem cada vez mais novas escritas no mundo dito globalizado. Vejamos, portanto, como abordar uma questão que faz com que o espaço conquistado das línguas em Djébar propõe uma literatura não legitimada como instituição, mas como dimensão societal. Djébar, nesse caso, não desiste de vez da instituição literária, mas a deixa pendente, uma vez que a escritora legitima a sua escrita, em parte, graças ao seu percurso enquanto intelectual, membro da academia, e até mesmo pela sua reconciliação com a França. Ou seja, o amor que nutre pela língua aproxima-a dessa prática que se torna obsessiva: o amor à língua, aproximando-se duma paixão, faz com que as “notas de fundo” dessa obsessão não deixem morrer nem mesmo algum romantismo, quando a vemos em seu conjunto de obras, quase todas fazendo referência a esse “amor” pela língua francesa, que se assemelha a um amor não correspondido, já que Djébar nem sempre considera o francês como a sua própria língua (ver anexo).

²⁰⁷ Qui met en péril les identités locales, et elle constitue un enjeu socio-économique non négligeable. [...]

Xavier Garnier, em seu artigo *Texte/terrain: la littérature incarnée comme perspective critique* ²⁰⁸ (GARNIER, 2011), fornece-nos uma reflexão que perseguimos para demonstrar que a vida social de determinado texto se relaciona a certo engajamento crítico. O autor, percorrendo as pesquisas de Alain Ricard ²⁰⁹, ratifica a necessidade e a pertinência da crítica literária desde que esta integrasse uma dimensão societal ao trabalho sobre os textos *[literários]*. (GARNIER, 2011, p. 01). O autor aponta para a necessidade de articulação do texto literário com a noção de sociedade africana desde a era colonial. A lógica percorrida por ele demonstra que seria desnecessário, no caso da África, pensar numa instituição literária ou, ainda, na ideia de campo literário, pois o que se institui fora do centro é legitimado por um número reduzido de juízos sobre o valor estético da obra (ou do texto que será legitimado como obra), tal como realizaram a França e a Bélgica no período colonial. (GARNIER, 2011, p. 02). Ele acrescenta ainda que “o controle institucional da emergência duma literatura é um fato societal que pode ir de encontro à literatura. Podemos então antecipar a hipótese que ela foi de encontro à recepção das literaturas africanas no resto do mundo” ²¹⁰ (GARNIER, 2011, p. 03). Isso se explica pelo fato segundo o qual o foco do institucional que sustenta a legitimação das obras literárias faz com que se perca de vista a dimensão aleatória e evenemencial da literatura, já que os novos escritores são lançados no mercado. O autor então retoma a frase do escritor costa-marfiniano Kourouma (1927-2003), que afirmara que uma instituição é “analfabeta como o rabo dum asno” ²¹¹. O único perigo que vemos, ao embarcar nessa problemática, seria questionar a própria autoridade que legitima o escritor em contexto pós-colonial, o que seria um paradoxo, ou, pelo menos, um impasse. Mas o fato é que chegamos ao

²⁰⁸ Tradução proposta em língua portuguesa: Texto/terreno: a literatura encarnada como perspectiva crítica.

²⁰⁹ Diretor emérito de pesquisas no CNRS.

²¹⁰ L’encadrement institutionnel de l’émergence d’une littérature est un fait sociétal qui peut jouer contre la littérature. On peut même avancer l’hypothèse qu’elle a joué contre la réception des littératures africaines dans le reste du monde.

²¹¹ Une institution est “analphabète comme la queue d’un âne » (1985).

momento em que se torna necessário repensar os Estudos Culturais no sentido de legitimá-lo de vez nos estudos literários. Aliás, a Europa, enquanto suposto centro de visibilidade nesse diálogo, acaba excluindo outras racionalidades sobre a preexistência duma realidade colonial trazida para os Estudos Pós-coloniais como em relação aos escritores magrebinos. França, por exemplo, ainda alimenta o pedestal das “Grandes Literaturas” o que, conseqüentemente, leva à comparação do texto do escritor, sujeito pós-colonial com o suposto escritor, “sujeito-centro” francês. Nesse caso, é necessária maior descentralização desses estudos, não limitando o referencial teórico a uma “abordagem francesa”, como se a França fosse o único e protegido espaço qualificado para se pensar a realidade pós-colonial dos escritores francófonos.

No contexto recortado, Garnier indica o porquê do continente africano e sua paisagem cultural constituírem um “terreno” ideal para a atividade crítica (GARNIER, 2011, p. 06). O escritor aqui é visto como um “fato social que é o texto” e, portanto, não está nem do lado da expressão instintiva, bruta, nem do da construção institucional (GARNIER, 2011, p. 07). O autor então aponta para a dinâmica das línguas na sua relação direta com a dinâmica dos textos, já que consideramos, como ele, uma grande afinidade entre os textos e as línguas. Conseqüentemente, manifesta-se nessa relação dinâmicas espaciais, linguísticas e literárias. Essas relações seriam então um “ponto cego” do controle institucional sobre a literatura (GARNIER, 2011, p. 11). Nesse caso, é a literatura que institui uma língua, e por isso Ricard é apontado pelo autor pelo que ele chamou de “nova filologia”²¹². Por esse caminho, torna-se então necessário dar conta dos espaços sociais, dos lugares e dos territórios que se manifestam na própria escrita. Certamente, isso não faz do crítico um simples geógrafo e nem o contrário, como já apontamos em Michel Collot. Mas, assim como Collot, Garnier também encontra no geógrafo aquele que “lê” o lugar como texto e o crítico, que “lê” o texto como lugar. Em suma, Garnier afirma que “a categoria de espaço literário supõe o reconhecimento de lugares literários, que são talvez, na mesma medida, lugares

²¹² “Nouvelle Philologie”

geográficos" ²¹³ (GARNIER, 2011, p. 13). Com isso, perceberemos que é nesses “lugares” textuais que são habitadas as línguas, que se tornam línguas de escrita ou culturais, ligadas ao pensamento, à memória do lugar ao qual se recorre para a emissão da palavra.

Para Assia Djebar, o francês é uma língua de adoção, uma espécie de língua literalmente paterna, pela própria história de vida da escritora, e também um vetor apontando para uma escrita que se dialoga com o local e que tenta ver mais de perto o mundo. Mas essa equação não é tão evidente para a nossa escritora, e por isso levantamos a seguinte questão: haveria um lugar real e concreto, social e politicamente (re) construído, inicialmente pela tentativa de permanência do regime colonial, ou seja, por forças exógenas, ou um lugar imaginário, em que reina a poética e, portanto, tem na França um espaço que se evoca como lugar de libertação duma cultura? De qualquer modo, a própria língua francesa na Argélia passa por uma reinvenção, pois o argelino jamais será francês. Por isso, o estilo de Assia Djebar tenta, na medida do possível, desvencilhar-se do modelo romanesco ocidental, até mesmo por uma espacialização do discurso poético que apresentamos a partir duma dialética: se a sua língua de escrita provém dum lugar, e esse lugar num primeiro momento é a Argélia, que papel a França exerceria nas suas narrativas? A resposta poderia até estar contida no princípio pelo qual o imaginário poético daria conta de quaisquer outros lugares narrados por qualquer escritor, e portanto, a França ocuparia esse lugar imaginado. Mas tendo a sua escrita se tornado, num determinado momento, expatriada, o lugar de emissão das suas narrativas poderia ter se tornado a própria França, já que, além da expatriação da escrita, houve também, em seu percurso de escritora, uma expatriação real e física. Entretanto, a problemática não se limita a essa lógica, à medida que Argélia e França seriam pares opostos e, sem alguma potência, levadas a polos positivos e negativos. Em suma, se a Argélia é para Djebar um lugar de origem e espaço temático até certo limite, a França também o é, e na mesma medida. Ou seja, se a França é imaginada na Argélia e a

²¹³ La catégorie d'espace littéraire, suppose la reconnaissance de lieux littéraires, qui sont peut-être tout aussi bien des lieux géographes.

Argélia é imaginada na França adotada. Tal fato se apresenta numa primeira instância como um impasse, mas se justifica por outras razões que explicariam que a espacialidade da (s) língua (s) em Assia Djebar estaria longe de quaisquer afirmações peremptórias, mas situam-se entre duas culturas. Por isso, a invenção do lugar em suas narrativas é incomodada pela própria língua de escrita que, neste caso, limita-se unicamente ao francês ²¹⁴. De qualquer maneira, consideramos que esse incômodo constrói em Djebar uma escrita desterritorializada.

Ainda no livro *Ces voix qui m'assiègent*, a escritora nos fornece elementos resultantes de sua condição atravessada pela língua que as suas narrativas espacializam por meio dum poema escrito após o massacre de Bentalha, um dos mais sangrentos do período de guerra civil da chamada “década negra” (LAGARDE, 2011). Na ocasião, famílias inteiras foram enforcadas, seus corpos fatiados por armas rústicas, como o machado e muitos outros queimados.

Eu escrevo a língua dos mortos ou a minha que importa
 Eu escrevo uma língua ofendida
 fuzilada
 uma língua de laranjeira
 Eu escrevo em francês
 língua viva
 sons esfolados
 Eu escrevo vossas vozes para não sufocar
 vossas vozes na minha mão eretas
 Raïs, Bentalha, eu escrevo o após.

O poema parece desvelar que nem mesmo a escrita é útil para expressar a inutilidade de qualquer gesto diante da morte. Sendo a dor uma constante em cada verso do poema, a língua é aqui colocada como estando para além do nacional, mas é antes uma construção do sujeito: “Eu escrevo a língua dos mortos ou a minha (...)”. Ao mesmo tempo, essa “língua ofendida” pode ser a língua dos falantes mortos, que não mais falam qualquer língua, já que essa língua foi “fuzilada”. Por outro lado, o

²¹⁴ Alguns escritores, como Rachid Boudjedra se propuseram a escrever enquanto bilíngues, ora produzindo em francês, ora em árabe. Mas esse nunca foi o caso de Assia Djebar.

francês é “língua viva”, tanto no próprio sentido linguístico como no dos seus próprios falantes, também vivos, enquanto morrem as vítimas dum massacre que, bem ou mal, tem parte de sua gênese no processo colonial.

Portanto, escrever na língua do outro e escrever na dificuldade, parte do princípio que nem sempre a temática possui esplendor. Assim, os “sons esfolados” que a língua produz, são sons de dores, de perdas e golpes. Enfim, pelo menos, para não “sufocar” essas vozes, a escrita permanece a única fonte de resgate desse passado que não quer retornar no futuro. Djebbar e outros escritores nos interpelam, portanto, porque promovem, sem acusação, esse diálogo com a França. Isso talvez demonstre o caráter dum povo conciliador em meio a tantos extremismos a que presenciamos. Por isso, a literatura argelina demonstra pela própria escrita esse caráter, embora não economize na crítica. O espaço representado é, por essas mesmas razões, rico em elementos, já que o magrebino é um “espacializador” por excelência.

4.2.5 O desaparecimento da língua francesa: o aflorar das línguas e o flerte com a França.

Tendo então estabelecido o diálogo entre a escritora e sua preocupação, cuidado e insistência em se colocar diante dessa condição bilíngue, ou ainda plurilíngue, escolhemos como análise a obra *La disparition de la langue française*²¹⁵ (2003), por termos constatado nela o grau a que chegou a escritora ao convocar a língua como um forte referente, aliando-a aos referentes culturais, mediados pela história e pela memória espacializadas. Ou seja, ainda que a questão da espacialidade linguística seja recorrente em praticamente todas as suas obras, o referido livro nos traz um conjunto de elementos que se juntam, formando esse mosaico que apresenta a própria vida como metalinguagem. Além disso, não tratamos aqui do referente geográfico real, mas o da imaginação do escritor que se mostra capaz de

²¹⁵ Proposta de tradução do título: “O desaparecimento da língua francesa”.

apresentar uma espacialização linguística, questão que demonstra certa peculiaridade e confere às suas obras um caráter criativo sobre a língua que, como vimos, pode ser um instrumento de poder.

Em *La disparition de la langue française*, temos pela primeira vez, no conjunto de obras da autora, o narrador masculino: Berkane, que retorna à Argélia depois dum longuíssimo percurso de vida na França, faz-nos lembrar do expatriado que, retornando à terra natal, encarna um desejo de escrita. Essa escrita surge no romance como metalinguagem. O desejo vai então ganhando vida, e a *mise-en-abyme* ainda dá conta desse referente linguístico. Nesse caso, convocar a memória é também se servir das línguas que se fizeram presentes na formação da personagem e, neste caso, pelo escritor que se permite transmutar culturalmente (e linguisticamente). Por isso, a ideia duma “autora-narradora” retorna, pois a própria obra aponta para essa causa e essa missão.

No início da narração, Berkane chega a Argel e encontra o que ele chama de *Home*. Mas também o menciona como *Homeland*, palavra inglesa que evoca o seu modo de (re) ver a Argélia, sua “terra natal”. Paradoxalmente, Berkane parece lá encontrar uma espécie de vazio existencial, já que o seu exílio em Paris durou vinte anos (p. 13). Desde as primeiras impressões, a personagem evoca a memória, que se mistura às línguas que o constroem enquanto sujeito: “Assim voa a minha imaginação pelas ruas dessa Casbah, justo antes do ‘eventos’, como diziam os franceses então, meu pai possuía um café, perto do impasse dos terraços.”²¹⁶ (p. 14). O que notamos com esses retornos da memória é a existência duma tentativa de reprodução do lugar ao qual retorna a personagem, auxiliando na construção dalgum referente que resta. E ainda, os “eventos” (guerras e conflitos) de que se lembra, misturam história pessoal e social, convocando o francês como coparticipante da constituição da nova Argélia que surgirá tempos depois. Como cidade de paisagem imponente por sua história, a Casbah é um lugar à parte dentro da Argélia, como já pudemos analisar, e facilmente propensa a se

²¹⁶ Ainsi s’envole mon imagination vers les rues de cette Casbah, juste avant les «événements » comme disaient les Français alors, mon père tenait un café, près de l’impasse des terrasses.

registrar na memória, pois é também o lugar de vida cultural do Argelino da capital desde a infância:

Nosso universo de criança se limitava a esse velho coração da capital. E nós chamávamos Imazighen, os Ancestrais – não os do meu pai (ele sentia orgulho de ser Chaoui), nem os da minha mãe (nascida na Casbah, mas de parentes oriundos do Djurdjura, ela não falava Cabila e se considerava uma cidadina, até pelo seu árabe refinado)”²¹⁷.

Imazighen, como plural de *Imazigh*, qualifica o berbere. Neste caso, os Cabilas argelinos. Porém, a língua de referência parece também ser mais fértil, já que esse berbere é também, pela palavra, um “homem livre”. Pelo investimento na memória, começam a surgir, na narrativa, referências linguísticas que, como vimos, poderiam ser, num primeiro momento, genealógicas. Visto doutro modo, essas primeiras referências poderiam ainda apontar para uma reconstrução do passado vivido numa língua e escrito noutra.

Por suas características de homem deslocado, viajante, Berkane é um Ulisses e, como bem marca a escrita djebariana, um expatriado. Porém, aqui a personagem se encontra de retorno (p. 83-90). Nessa “viagem de volta”, ela convoca na narrativa alguns monólogos, alguns deles até muito dolorosos, com as personagens Rachid, Hamid, Amar e Nadjia. Para Berkane, a profunda memória se realiza tanto no plano pessoal e coletivo quanto entre amigos e amantes. E, é claro, a todo momento, é a língua que fornece a tenacidade do discurso e da narrativa, e até mesmo a “alma” da história que se escreve dentro do próprio romance.

Nesse jogo, o passado traz o fundo da história da Argélia durante o período de tentativa de libertação da condição colonial. No espaço narrado, as línguas da infância podem se sobrepor à língua de escrita do romance.

²¹⁷ Notre univers d'enfant restait limité à ce vieux cœur de la capitale. Et nous appelions « Imazighen », les ancêtres - non ceux de mon père (il se sentait fier d'être Chaoui), ni ceux de ma mère (née de parents descendus du Djurdjura, elle ne parlait point le Kabyle et se voulait une citadine, jusque dans son arabe raffiné

Assim, no capítulo intitulado *La visiteuse*,²¹⁸ integrante duma segunda parte do livro intitulada chama de *L'amour, l'écriture*,²¹⁹ o diálogo entre Berkane e Nadjia faz com que o retorno do expatriado o permita “comungar” duma das suas línguas de origem, pois elas parecem dar o teor de que ele necessita, aliando o amor à terra ao amor à língua. Ele então solicita à mulher: “conte-me a sua história, mas em árabe!” e em seguida, o narrador-personagem completa: “Em meu dialeto, usamos o tu, nem ternamente, nem familiarmente; dizemos ‘tu’, é tudo! Uma língua de proximidade, diria eu, sem necessidade de hábitos de cerimônia”²²⁰ (p. 113). Com isso, o narrador-personagem parece indicar uma medida de conforto que só se estabeleceria pelas línguas maternas, pelo menos nesse momento de “retorno”, retomando alguma origem, até o momento recalcada pelo exílio em Paris. Esse fenômeno dialoga com a realidade bilíngue do expatriado ou, ainda, do deslocado.

O discurso dessa personagem também relaciona o amor à língua ao amor à infância e, não por acaso, diante duma nova mulher que se descortina no romance, não deixa ileso essa memória que registra os horrores da guerra colonial na Argélia francesa, ainda que com imagens difusas da sociedade dos anos de luta de libertação da colônia: “Nesse minuto de contemplação, meu espírito é habitado por uma memória, como dizer, coletiva? Imaginar o dia em que nossa cidade dita inexpugnável foi violada: o exército francês de Charles X lá entrou com grande aparato”.²²¹ (p. 77-78). Nessa camada, a escrita dá a ocasião de conhecermos esse intenso trabalho de escrita. Nele, história nacional e lembranças pessoais se misturam.

Esse trabalho de escrita não poupa os momentos mais íntimos entre as personagens, pois os horrores vividos na Argélia, embora tenham relevância na

²¹⁸ Proposta de tradução do título: “A visitante”.

²¹⁹ Proposta de tradução da parte do livro: “O amor, a escrita”.

²²⁰ Raconte-la-moi, ton histoire, mais em árabe! Dans mon dialecte, en effet, on tutoie, ni tendrement ni familièrement; on tutoie, c'est tout! Une langue de proximité, dirais-je, sans besoin d'habits de cérémonie.

²²¹ Dans cette minute de contemplation, mon esprit est habité par une mémoire, comment dire, collective? Imaginer le jour où notre cité dite l'Imprenable fut violée: l'armée française de Charles X y entre en grand appareil.

narrativa, não faz desse romance uma obra histórica. Berkane então se permite lançar em confissões que demonstram certo erotismo que se desenvolverá nalgum momento da narrativa. Podemos percebê-lo na primeira parte do livro de título *Le retour*²²² “O tempo passa; as manifestações de dezembro de 60 explodem, e essa outra iniciação à violência coletiva, eu a vivi como uma embriaguez escura, não como a outra, a secreta: olhar, e mãos, e pele de mulher bem perto [...]”²²³ (p. 208)

Esse narrador intradieético parece então saber como utilizar a História para dela participar. Como emblemas, portanto, Berkane evoca algumas lembranças, dentre as quais algumas são horrores que não deixam de ecoar na História, indo mais além na lembrança da Argélia, como foi o caso do açougueiro francês que fora assassinado em plena praça pública, em Argel, na ocasião dos motins pró-independência: “Sempre, no espaço, as pernas se agitam uma, duas vezes, com desespero, o homem suspenso está vivo, ou meio vivo, ou morrendo!”²²⁴ (p. 41). Nessa abordagem dos eventos, de qualquer modo ligados à luta anticolonial do FLN, a autora-narradora parece nos fornecer uma dupla medida: a da leitura dos fatos históricos e o lugar da escrita em francês, que se unem numa só obra, contrapondo-se, já que os executores estão dos dois lados do Mediterrâneo, ou seja, são franceses e argelinos. Por isso, quaisquer julgamentos devem considerar esses axiomas, como bem afirma a personagem Amar: “Não julgue o ontem com a lógica de hoje!”²²⁵ (p. 79). É percebido então que os elementos “Língua” e “História” esboçam dois vetores numa intensa e profunda interrogação identitária. Elas nos fazem pensar que o sujeito reconstrói a sua própria história pelo viés numa língua que lhe é dada.

²²² Proposta de tradução da parte do livro: “O retorno”.

²²³ Le temps passe ; les manifestations de décembre 60 éclatent, et cette autre initiation à la violence collective, je l’ai vécue comme une ivresse sombre, pas comme l’autre, la secrète : regard, et mains, et peau de femme tout près (...)

²²⁴ Toujours, dans l’espace, les jambes s’agitent une, deux fois, avec désespoir, l’homme suspendu est vivant, ou à demi vivant, ou en train de mourir !

²²⁵ Ne juge pas hier avec la logique d’aujourd’hui.

Por isso, apresentamos a ideia de francografia na escrita de Djébar. Essa necessidade provém da história e da memória que a autora organiza em torno duma língua de escrita. No entanto, para que essa francografia se concretize, outras línguas são convocadas, para que a memória se mantenha consubstanciada, e sem as quais não existiria memória, passado, história.

O romance, apresentando-se em *myse en abyme*, lança mão da personagem como o escritor e cuja escrita será reunida no fim da narrativa. Dentro desse aspecto, Berkane revela que o centro editorial continua, apesar de tudo, sendo Paris, já que uma das propostas de saída do suposto exílio seria a de escrever em seu *homeland*, como aponta o narrador: “Ele organizara os seus manuscritos recusados sucessivamente pelos editores de Paris, e até mesmo, noutra ocasião, por um renomado editor do interior.”²²⁶ Nesse caso, uma crítica ao centro é uma espécie camada que aponta para essa espécie de literatura que investe no espaço crítico.

É então nesses aspectos que consideramos uma primeira visão dum romance que encarna o desejo de publicação na Metrópole pelo desejo de escrita em língua francesa, no plano ficcional, assim como também o é no plano da realidade editorial. Mas devemos também considerar o desejo de Djébar de manutenção do diálogo com a própria língua que escolhe para escrever e, por isso, não vai além nessa crítica. Ao mesmo tempo, essa língua é perturbada pelos outros códigos que não ficaram obscuros, como o árabe e o berbere, pela própria necessidade de retomada da sua própria cultura.

Em relação à estrutura romanesca, *La disparition de la langue française*, dá conta, portanto, dessa espacialidade que se manifesta por essa paisagem linguística que atravessa o todo da obra. Fato curioso, Djébar fora eleita para a academia francesa três anos depois: a escrita de *La disparition de la langue française* é menos complexa, pelo menos para os moldes ocidentais, o que seduz o leitorado francês, ao mesmo tempo em que faz um contraponto com a literatura institucionalizada pelos

²²⁶ Il avait rangé ses manuscrits refusés successivement par les éditeurs de Paris, et même, une autre fois, par un éditeur renommé de province.

elementos heterogêneos, sobretudo porque questiona o próprio signo linguístico pela via histórica da personagem principal, num jogo identitário: o francês, como língua vivida, é a vocação de Berkane mas, como uma andorinha costeira, o outro lado do Mediterrâneo é também o lugar do seu vivido, onde também permaneceram rastros das línguas que teve de abandonar em detrimento da França. Mais uma vez, há aqui uma camada que, como já mencionamos, é consubstanciada, pois a autora não se limita ao jogo autobiográfico, mas deixa presente o seu “espírito”, e aposta no consórcio entre pulsões que evocam a vida e a morte das línguas que funcionam como sopro de vida do sujeito que aqui se realiza como sujeito textual.

A narrativa, em camadas textuais, realiza também uma espécie de enquete sobre o desaparecimento da personagem, Berkane, em 1993 na Cabília durante, como afirma o narrador, *les années de plomb*. (p. 23). A população teria vivido nesses anos as rachaduras que permaneceram pela intolerância islamista, período durante o qual, também, foram mortos militantes por uma Argélia democrática: “Driss explicou a história do retorno de Berkane. Este escolhera retornar, retirar-se, nessa vila à beiramar: solteiro e hospedado numa habitação familiar, beneficiou-se dum pequeno pecúlio graças a uma pré-aposentadoria francesa, escrevia ele.”²²⁷ (p. 250).

Por outro lado, notamos nalguns momentos da narração em primeira pessoa da personagem, uma espécie de missão que o levava a retornar à Argélia, como as expressões “escrever um romance”²²⁸ e, a que consideramos de maior teor, a missão de “escrever em francês.”²²⁹ (p. 14) Porém, ele só redige cartas não postadas, como um projeto maior de escrita literária, da qual Marise será uma leitora que o narrador destaca. Ao final da narrativa, será então Driss que as encontrará: “Nas gavetas, continuava ele, organizei tudo o que eu escrevera desde o meu retorno... É a única coisa de valor que eu

²²⁷ Driss explica l’histoire du retour de Berkane. Celui-ci avait choisi de revenir vivre, retiré, dans ce village au bord de la mer : resté célibataire et logeant dans la demeure familiale, bénéficiant d’un petit pécule grâce à une préretraite française, il écrivait.

²²⁸ Écrire un roman.

²²⁹ Écrire em français.

tenho, terminou ele virando as costas para o seu jovem irmão”²³⁰ (p. 257). Dessa maneira, Marise, essa leitora fidelizada das suas cartas, ouve da parte de Driss o que lhe foi confiado, reforçando o caráter de importância que foi dado pelo próprio Berkane: “o que eu tenho de mais precioso!, disse-me o meu irmão, na última vez em que eu fui passar um fim de semana com ele!”²³¹ (p. 259-60). Essa leitora, como num ritual, recebe essas missivas do irmão, dando um primeiro passo para que a língua, francografada, se torne perene: “Isso representa, eu creio, tudo o que Berkane pôde conservar... Ele mesmo classificou tudo. Neste primeiro pacote, é muito simples e é por isso que eu o coloquei à parte: são cartas; no envelope, por todo lugar há o seu nome, Marise.”²³² (p. 260) Berkane, inexplicavelmente desaparecido, levanta questionamentos que trazem esclarecimentos de modo retroativo, justamente no fim da narrativa. Trata-se dum maneira de trazer a circularidade narratológica em torno da própria ideia de retorno, já que é nesse círculo que o autor aparece, desaparece e reaparece na narrativa. Percebemos com isso que essa oscilação é a que traz a ideia da própria língua, que se apresenta da mesma maneira, ou seja, não institucionalizada.

Além disso, percebemos esse recurso à tradução de quem vive entre duas culturas: é preciso, por vezes, que a língua francesa sirva para escrever, ao mesmo tempo em que a escrita não seria possível sem a memória que se libera pelas línguas do passado da personagem. Essa camada linguística, podemos então afirmar, realizam-se tanto no âmbito da personagem criada quanto da própria autora-narradora. Nesses termos, percebemos na obra a alternância entre a terceira e a primeira pessoas do singular, que focalizam duplamente Berkane, sempre como personagem principal, pois é narrador-personagem e escritor do romance. O narrador intradieético deve então

²³⁰ Dans les tiroirs, continua-t-il, j’ai rangé tout ce que j’ai écrit depuis mon retour... C’est la seule chose de valeur que j’ai, termina-t-il en tournant le dos à son frère.

²³¹ “Ce que j’ai de plus précieux ! » m’a dit mon frère, la dernière fois où je suis allé passer une fin de semaine avec lui !

²³² Cela représente, je crois, tout ce que Berkane a pu écrire et vouloir conserver... Il a lui-même tout classé. Dans ce premier paquet, c’est très simple et c’est pourquoi j’ai mis cela à part : ce sont des lettres ; sur l’enveloppe, il y a partout votre prénom, Marise.

dividir esse espaço, realizando-se como duas entidades, justamente para que o lugar de Berkane, da autora-narradora e da escrita sejam definidos polifonicamente: “Tudo se movendo, vozes que se levantam da minha mãe falecida, mas viva em mim, mas realizada em meu coração, eu adormeço num início de bem-estar: verdade, eu vivo, eu revivo com vocês!” e, logo em seguida, o narrador: “Berkane está de retorno após vinte anos de emigração na periferia parisiense. Ele se aproxima dos cinquenta anos”.²³³ (p. 15). O que é da ordem da narrativa se torna central para a escrita do romance de Berkane desde o início, como num episódio em que se encontravam o seu tio com outros amigos em conversas girando em torno das guerras e atentados como um fundo de História. Assim, Berkane, mais ouvindo do que participando, afirma num pequeno monólogo interior: “Eu me calei, eu me ausentei: foi muito necessário contar”.²³⁴ (p. 101).

O procedimento narrativo que aqui se manifesta faz com que as personagens se tornem contadoras de histórias, como já vimos noutras análises dos romances de Assia Djebar. Nadja seria um dos casos, cuja história pessoal encontra a do próprio Berkane e, por consequência, a da autora: “Ela retoma o fôlego, a contadora: desde 55, contou-me a avó, Baba Sidi pôs-se a cotizar para os nacionalistas. [...]” (p. 119). Ou seja, ainda que Berkane escreva para si próprio, outras vozes também reclamam a palavra. Desse modo, a questão da língua que escolhemos no nível da espacialidade é algo peculiar em Assia Djebar, não se realizando de modo fortuito como principal tema do romance. A narrativa se desenvolve nesses aspectos a partir de possibilidades, uma vez que certas tonalidades linguísticas são as que asseguram a complexidade da obra. Francografada, esse processo de escrita é crucial para que permaneça claro que o jogo se realiza em torno duma língua, o francês: “eu escrevo em língua francesa, eu que sou esquecido, por muito tempo, na França. O amor, a escrita:

²³³ Tout bruissant, des éclats de voix de ma mère disparuem mais vivante en moim mais épanouie dans mon coeur, je m’assoupis dans un début de bien-être : vrai, je vis, je revis chez vous./ Berkane est de retour après vingt ans d’émigration en banlieue parisienne. Il s’approche de la cinquantaine.

²³⁴ Je me suis tu, je me suis absenté : il a bien fallu raconter.

eu os experimento a cada noite.”²³⁵ (p. 181). O francês, como código, começa então a evidenciar-se como veículo, que funciona juntamente com as outras línguas que o narrador é obrigado a convocar, para que o consórcio entre línguas possa dar mais amplitude aos seus anseios. A língua francesa perde então toda a sua pureza, ao mesmo tempo em que não perde a sua riqueza enquanto mediadora da narrativa de Berkane. A exegese perde o seu papel principal, dando lugar a uma prática plural dos sentimentos dessa personagem: “eu apreendo, eu circulo a sua narrativa, sua memória desenrolada, em palavras árabes que eu inscrevo, eu, em palavras francesas, sobre a minha mesa”.²³⁶ (p. 124).

Ao mesmo tempo, o discurso integrista da Argélia, nos anos 1990, é aqui questionado, já que sua tendência é rejeitar o bilinguismo. O contexto é narrado no episódio cujo lamento sobre o desaparecimento de Berkane leva o narrador a comparar a situação dada a outros momentos históricos: “final de novembro de 93, os francófonos dos dois sexos e das diversas profissões (jornalistas, professores, sindicalistas, médicos ...) fugiram em desordem do seu país para a França, o Quebec [...]”²³⁷ (p. 271), e compara o evento ao dos Mouriscos e Judeus espanhóis após 1492, que teriam feito o trajeto ao inverso, no que diz respeito à língua árabe, “primeiramente em Tetuan, em Fez, em Tlemcen e ao longo da costa magrebina”.²³⁸ (p. 271). Nesse contexto, o narrador então compara: “Assim, como o árabe desaparecera em seguida na Espanha dos Reis muito Católicos – estes ajudados vigorosamente pela Inquisição, de repente é a língua francesa que ia desaparecer lá?”²³⁹ (p. 271). O narrador, de modo crítico,

²³⁵ J'écris en langue française, moi que me suis oublié moi-même, trop longtemps en France.

²³⁶ Je saisis, j'encercle son récit, sa mémoire dévidée, en mots arabes que j'inscris, moi, en mots français, sur ma table (...)

²³⁷ Fin novembre 93, les francophones des deux sexes et des diverses professions (journalistes, professeurs, syndicalistes, médecins...) furent en désordre leur pays pour la France, le Québec (...).

²³⁸ D'abord à Tétouan, à Fes, à Tlemcen et tout le long du rivage maghrébin.

²³⁹ Ainsi, comme l'arabe avait ensuite disparu dans l'Espagne des Rois très Catholiques – ceux-ci aidés vigoureusement par l'Inquisition, est-ce que soudain c'était la langue française que allait disparaître "là-bas".

desenvolve um raciocínio a partir do qual o mesmo extremismo ocorrera noutros momentos da história. Acostar noutros lados, entre mares e oceanos, não é o limite para aqueles que precisam recorrer ao lugar em que a língua possa sobreviver, juntamente com o sujeito que a utiliza. Por isso, uma política que recusa o bilinguismo, como foi a da Argélia e de quaisquer outros momentos da História, é perversa e fascista, pois buscam separar discursos e culturas que são naturalmente diferentes.

Por isso, o narrador, pelo uso da memória, retoma aqui e ali as línguas que o constituem, remetendo-se à infância, para que fique marcado o lugar do sujeito que requer o seu lugar de humanidade. Ele então deixa inscrito no romance póstumo algumas palavras árabes: “[...] mas também minhas palavras infantis, as da minha mãe, você não compreende nada desse balbúcio árabe que eu ofereço à tua pele”.²⁴⁰ (p. 29). Ou, “as palavras árabes que eu inscrevo em palavras francesas, sobre a minha mesa [...]”²⁴¹ (p. 24). Noutro momento, o narrador convoca a língua de fato materna, um árabe dialetal, pois não poderia deixar de passar pela língua que lhe fora dada desde o nascimento: “de retorno, suspirei na língua da minha mãe (no lugar do berbere, o dialeto árabe de el Djazira”.²⁴² (p. 15) Sua capacidade de atenção aos detalhes da língua materna se misturam aos elementos linguístico-culturais internos, como se o sentimento filial fosse também um referente: “palavras refinadas, com consonâncias andaluzas [...]”²⁴³ (p. 20) O que torna a narrativa ainda mais complexa seriam esses pontos em que variam língua de escrita e línguas orais. E ainda, se afirmamos certa obsessão pela língua francesa, tanto dessa personagem que quer escrever, e para a própria autora, podemos ir além, afirmando que esse caráter obsessivo se faz de modo circular, com idas e vindas entre línguas, como se todas elas criassem um universo

²⁴⁰ Mais aussi mes mots d'enfant, ceux de ma mère, tu ne comprends rien à ce babillage arabe que j'adresse à ta peau.

²⁴¹ Les mots arabes que j'inscris en mots français, sur ma table.

²⁴² De retour, soupiré-je dans la langue de ma mère (au lieu du Berbère, le dialecte arabe d'El Djazira.

²⁴³ mots raffinés, à consonances andalouses [...]

peçoal, uma instituição que chamaríamos de existencial, uma vez que, pela língua, o narrador reencontra o seu passado e, ainda, faz encontrar passado e presente. Assim, atento às minúcias dessas línguas, afirma ele noutra lugar : “tais árabes não possuem duração, mais amor dobrado, mas violento, apelando à cumplicidade desoladora, ardente”. ²⁴⁴ (p. 145) Entre Berkane e Nadja, é nessa língua que se dará a relação amorosa.

Percebemos assim que, mais do que efeito de real, essa retomada à infância seria ponto de referência, para compreendermos, até mesmo criticamente, o valor da espacialidade da língua, que parte do materno, passa pelo nacional até atingir o francês, tanto como língua de escrita como língua de desejo. A narrativa propõe com isso uma espécie de meios discursivos de forma triangular que inclui o árabe e suas diferentes tonalidades, o berbere e o francês. No caso da língua francesa, da qual o desaparecimento iminente surge como um perigo provocado pela influência do FIS: “a caça aos francófonos se deflagrara”; ²⁴⁵ “Ela não sabia mais, ela chorou de novo, pensando de repente que era por causa da sua língua francesa que Berkane desaparecera”. ²⁴⁶ (p. 272).

O francês aqui, ao mesmo tempo, é uma língua política de arbitragem e de mediação, para que inclusive fossem introduzidos conceitos importantes aos políticos pós-independência como é o caso do termo “laicidade”: “Eu adivinhava, confusamente, que essa palavra ‘laico’ tinha um sentido moderno que, discutindo-o, ter-nos-ia permitido progredir, nós que sonhávamos com a independência...” ²⁴⁷ (p. 272) Todavia, os fanatismos de todos os lados rejeitaram essa língua no início dos anos 1990.

²⁴⁴ De tels mots arabes ne sont pas de dureté, mais d’amour fléchissant, mais violent, appelant la complicité déchirante, brûlante.

²⁴⁵ la chasse aux francophones avait repris de plus belle.

²⁴⁶ Elle ne savait plus, elle pleura à nouveau, songeant soudain que c’était à cause de sa langue française que Berkane avait disparu.

²⁴⁷ Je devinais, confusément, que ce mot de ‘laïc’ avait un sens moderne, qu’en le discutant, cela nous aurait permis de progresser, nous qui ne rêvions que de l’indépendance...

Dessa personagem, notamos que todas essas camadas permanecem no presente, pelo menos por meio das cartas, apontam para uma “publicação”. A organização de todas as cartas será chamada, ao final, de “romance”.

Assia Djebar parece ter levado às suas últimas consequências a ligação, muito forte, com a sua identificação com a língua francesa. Isso demonstra que o elo que a une à língua que ela chama “do outro” promova alguma reconciliação, ou a propõe. Seu romance pode ser visto como um apelo ao imaginário das línguas, como um convite ao diálogo com o aquele que, tendo saído do status de colonizador, tem agora essa ligação afetiva com o seu ex-colonizado pela língua que deixou como herança, que fez surgir uma literatura que põe em jogo o fechamento da identidade nacional do sujeito. Não é por acaso que a própria estrutura desse romance se assemelhe mais à estrutura ocidental, pois é uma via de acesso facilitado à compreensão das questões tanto internas quanto da necessidade e do desejo que o argelino agora tem pela expressão linguística de quem o dominou por décadas.

4.3. Abordagem geopoética: da Argélia para o mundo, a voz da poesia (ou do poeta?)

4.3.1 Introdução: Esquecer as nações é possível? Por uma literatura-mundo.

Diante da evolução da escrita, é a própria poesia que parece demonstrar que o descolamento da terra de origem leva à perda da gênese que encontra agora o mundo. Esse encontro parece se dar pela consciência das suas mazelas. A língua já não é mais um empecilho, e pode ser marginal, marginalizada, tornando-se veicular, à qual se une agora escritores que adotaram-na pela urgência em face de situações políticas, como numa espécie de “asilo linguístico” que ao mesmo tempo o liberta. É um paradoxo incontornável, já que nas relações de poder entre as nações torna-se necessário um veículo que continue a preservar o caráter humanizador da produção literária. No caso dos escritores que optaram pelo francês, a carga semântica que essa

língua proporciona é agora um vetor, apontando para questões que dizem respeito ao devir-mundo em questão.

Essa problemática pode ser encontrada no manifesto *Pour une littérature-monde*, organizado por Michel Le Bris (2007). A obra conta com 28 autores que se debruçam sobre as novas perspectivas de abordagem da escrita literária, que por sua vez abandonaria para sempre a lógica do Estado-Nação para se debruçar sobre as questões humanas sem vínculo identitário nacional. Desta vez, todas as questões discutidas ganham outra roupagem, atualizam-se, retomam a potência e criam outras possibilidades de se pensar a literatura no planeta, considerando que este se mobiliza em torno dum ideário globalizador. É bem certo que a poesia que analisamos é mais inclinada sobre o que discutiremos neste capítulo. Mas não podemos negar que muitos escritores, oriundos das antigas colônias, permanecem nesse grupo, só que na tentativa de superação dos antigos regimes para chamar a atenção dos povos para os novos regimes coloniais, cuja amplitude se estende ao planeta. Em suma, o mundo retoma a sua força fora dos muros identitários e dentro do imaginário poético.

O primeiro trabalho do livro é desenvolvido por Jean Rouaud (1952). O caminho feito por Rouaud passa pela leitura da obra do escritor alemão Ernest Wiechert (1887-1950), intitulada *Grund und Blut*²⁴⁸. Esse autor, segundo Rouaud, foi levado ao campo de Buchenwald, durante o período da Alemanha nazista, após divulgação dessa obra em Monique, em 1935. Rouaud menciona que desde os quinze anos de idade já tinha a impressão de que a obra não tratava, desde a época de sua publicação, de qualquer propaganda nazista e, neste caso, qualquer tipo de apelo à resistência (ROUAUD, et al., 2007, p. 07). Neste caso, ela não tratava também de quaisquer apelos à nação que tentava se erigir sob o regime nazista. Para além desse limite, a obra de Wiechert, apela a quaisquer povos que se sintam, segundo Rouaud, “eleitos”. O teor bíblico, litúrgico da sua escrita era, segundo o crítico, “uma folha solta do grande livro do mundo”, e não uma inscrição nacional da Alemanha daquele período.

²⁴⁸ Essa obra poderia ser traduzida, do alemão ao português como “Da terra e do sangue”.

Rouaud, refletindo sobre a sua própria língua materna, o francês, acabou mudando o seu pensamento sobre o qual concebia até então uma língua francesa em vias de morrer (ROUAUD et al., 2007, p. 11). Com isso, o autor demonstra muito bem que

A literatura e a nação ligaram tão intimamente o seu destino e por muito tempo, encenando ao longo dos séculos essa curiosa organização do poder e da poesia, cada qual se prevalecendo como porta-voz do outro, o Século das Luzes abrindo a via aos exércitos da República, que era evidente que, como dois amarrados, arrastavam-se para sua queda.²⁴⁹

Assim como afirmam outros escritores, a nação cumprira o seu papel pelos grandes romances, suas grandes narrativas, espelhos que se quebraram com o tempo gasto e com o fim do sonho da Modernidade que se fragmentava. Assim afirma Rouaud, que defende a ideia segundo a qual “a literatura é mais forte do que os seus pensadores. Na sua pluma, ela registra os abalos sísmicos do tempo, e deles mesmo se beneficia das novas regras da sua poética”. (ROUAUD, et al., p. 07)²⁵⁰ Em face disso, o romancista é comparado ao a um “agrimensor do espaço”²⁵¹, que será posteriormente levado a fazer o papel de “administrador” (ROUAUD, 2007, p. 19), o que corrobora com as questões levantadas por Garnier no capítulo anterior. É dessa maneira que vemos igualmente a literatura, que caminha para a superação dos obstáculos na nação, já que esses escritores hoje são os que desejam o mundo, olham para ele e veem, no meio da crise, uma poética que não pode se calar: “Que libertação, também. Do mesmo modo nos livrávamos dum patriotismo chauvinista debilitante e desse veneno do espírito que é o nacionalismo”.²⁵²

²⁴⁹ La littérature et la nation avaient si intimement leur destin, et depuis si longtemps, mettant en scène tout au long des siècles ce curieux ménage du pouvoir et de la poésie, l'un se prévalant d'être le porte-parole de l'autre, les Lumières ouvrant la voie aux armées de la République, qu'il était évident que comme deux encordés ils s'entraînaient dans leur chute.

²⁵⁰ La littérature est plus forte que ses penseurs. Dans sa ponte fine elle enregistre les séismes du temps, et en tire pour elle-même les nouvelles règles de sa poétique.

²⁵¹ Arpenteur d'espace.

No texto escrito por Le Bris, outro dado, dialogando com as questões levantadas por Rouaud nos interessa igualmente, que é o fato da não existência duma literatura que prime pela pureza, por mais que o escritor tente fazê-lo:

Nenhuma escola, nenhuma forma obrigatória, e certamente nenhuma pretensão de reduzir nenhuma literatura possível a um "gênero" qualquer, mas a convicção afirmada que não é a 'literatura pura', mas somente a prova do outro, do de fora, do mundo que pode impedir a literatura de se esclerosar em 'literatura'" ²⁵³ (LE BRIS et al., 2007, p. 29).

Le Bris aponta então para as formas vazias e o pretexto para se criar literaturas que ele considera como ruins, já que o espaço de edições tem aumentado o número de supostos escritores. Esses aspectos negativos fecharia novamente o homem nas suas próprias fronteiras. O que caracterizaria um escritor-mundo seria então a palavra do poeta que designa o mundo, dando-nos a vê-lo, ao mesmo tempo em que o revivifica e nos impede que nos fechemos em nossas prisões. (LE BRIS, 2007, p. 29). Na categoria espacial das publicações, o autor demonstra que, segundo ela, “essa 'concepção reducionista' da literatura é também abundantemente representada entre os jornalistas ou até mesmo os próprios escritores que classificam os livros” ²⁵⁴ (LE BRIS, et al., 2007, p. 31).

Desse mesmo diálogo participa também o escritor e crítico Alain Mabanckou, que aponta para o espaço francófono como uma condição de todos os filhos da “literatura-mundo em francês” (MABANCKOU, 2007, p. 57). Vemos então que o espaço continua sendo uma categoria crucial para que se estabeleçam novos parâmetros e para que se amplie a dimensão dos que escrevem nessa língua, sem no

²⁵² Quelle libération, aussi. Du même coup on se débarrassait d'un patriotisme cocardier débilisant et ce poison de l'esprit qu'est le nationalisme.

²⁵³ Nulle école, nulle forme obligée, et certainement pas la prétension de réduire toute littérature possible à un quelcoque "genre", mais la conviction affirmée qu'il n'est pas de "littérature pure", que c'est l'épreuve de l'autre, de l'ailleurs, du monde, que seule, peut empêcher la littérature de se scléroser en "littérature".

²⁵⁴ Cette conception réductrice de la littérature est aussi abondamment représentée parmi les journalistes qui recensent les livres, voire parmi les écrivains eux-mêmes.

entanto curvar-se à origem. Prova disso seria a reflexão do autor sobre os novos espaços de edição que, ainda que se expandindo na Bélgica ou no Canadá francófono, Paris continua sendo o centro da maior parte das edições em literatura de língua francesa ou, ainda, uma “unidade de medida”²⁵⁵ (MABANCKOU, 2007, p. 57). Por essa condição, segundo o autor, o próprio escritor da província não é visto menos marginalizado do que o escritor francófono de modo geral. Ou seja, a existência do escritor do espaço francófono ainda é legitimado pelo microespaço parisiense, que funcionaria como uma espécie de agente deliberador do passaporte para o reconhecimento de determinado escritor. Infelizmente, não entraremos no âmbito do prêmio Goncourt de 2015, cujo ganhador, o argelino Kamel Daoud (1970) por seu livro *Meursault contre-enquête* (2014) parece ter vindo à cena aos 44 anos como escritor para questionar, dentre outras coisas, o estatuto do leitor diante do espaço editorial, já que o prêmio não faz, pelo menos para o momento, deixar de questionar a supremacia do império editorial francês que, ironicamente oferece a um argelino morador em Oran e jornalista e supostamente polêmico um prêmio que nos faz retornar às suas origens, ou seja, a dos irmãos Goncourt que descobriram a literatura pela descoberta da Argélia.

Mabanckou também nos oferece, dentro da configuração editorial, uma crítica às abordagens do escritor francófono, que seria enxergado a partir da comparação com os grandes nomes da literatura e da filosofia francesas:

Quem não leu um dia “elogios” do tipo: “um dos autores francófonos mais importantes”, “um dos autores mais importantes do continente africano que manuseia nossa língua com brio”, [...] “o Voltaire africano”, “O Céline tropical”, “que têm um sotaque’ enriquecedor” e salvam “nossa língua francesa” [...]?²⁵⁶.

²⁵⁵ Unité de mesure.

²⁵⁶ Qui n'a pas lu un jour des "compliments" du genre: “un des auteurs francophones les plus importants, “un des auteurs les plus importants du continent africain qui manie notre langue avec brio”, [...] “le Voltaire africain” “le Céline tropical”, [...] ‘qui ont un accent’ e sauvent notre langue française [...]”?

Ora, segundo o próprio autor, e com ele concordamos, afirmar que um autor francófono é aquele que enriquece ou que “salva” a língua não é nenhum elogio mas, ao contrário, uma tentativa de subordinação (MABANCKOU, 2007, p. 59).

Dentre os que participaram desse manifesto, cada um levantando um novo estandarte diante da humanidade e em prol dela, a escritora iraniana Chadortt Djavann (1967) demonstra o seu desejo pela escrita pela qual é atravessada depois de muita tentativa e sofrimento. Tendo deixado o país pelo regime fundamentalista no Irã, exilou-se em Paris, cidade em que vive desde os vinte e cinco anos. Além da total estranheza diante da língua, Djavann sempre morou em Paris desde a sua saída do Irã, e a considera como a cidade das relações difíceis, do distanciamento entre pessoas, segundo afirma a própria autora: “Nessa cidade, era impossível de estabelecer relações entre as pessoas, impossível de compreender quem era quem, quem dizia o quê e quem fazia o quê”.²⁵⁷ (DJAVANN, 2007, p. 288).

Diante disso, a autora contribui com um artigo para o livro que transgredir as regras do texto crítico tradicional, narrando na terceira pessoa a história de Roxane, iraniana que, tendo desembarcado em Paris para lá viver, foi preciso passar por um trabalho de dura aprendizagem do francês, ao mesmo tempo em que deveria esquecer o Persa, sua língua materna. Dentre as tentativas de aquisição da língua estrangeira dessa que se tornaria mais tarde uma escritora, a autora, em sua metatextualidade, narrando o nascimento e a morte de Roxane em Paris, relata a passagem pela tentativa de falar sozinha, do diário íntimo, dos cadernos de anotações de palavras, do contato com a universidade, do dicionário, da gramática e outras ferramentas que jamais tiveram o efeito desejado, já que a luta interna a fazia enxergar que ela jamais teria a língua francesa tal como o desejara, sobretudo após os vinte e cinco anos de existência.

As angústias “articulares” não deixavam jamais Roxane, Ela se tornou obcecada pelo sexo das palavras, como os fanáticos religiosos o eram pelo

²⁵⁷ Dans celle ville, il était impossible de nouer des liens avec les gens, impossible de comprendre qui était qui, qui disait quoi e qui faisait quoi.

sexo das mulheres. Ela se esbarrava o tempo todo no “la” ou no “le” das palavras, estava sem saída. Antes de cada palavra pairava a dúvida: era “le” ou era “la”? Entre a língua e Roxane foi criado um vazio vertiginoso. (DJAVANN, 2007, p. 291)²⁵⁸

Para isso, fora necessário tornar-se outra, já que ela desejava a língua francesa, não por tê-la apreciado anteriormente, fato que jamais ocorrera em sua existência até a sua chegada em Paris, mais por uma questão de sobrevivência e, portanto, dum novo amor, criado e nutrido após a idade adulta. Assim, a fase de maturidade da autora começa quando ela decide escrever cartas a Montesquieu, filósofo com o qual se identificava, e cujos excertos foram posteriormente publicados num dos seus primeiros livros, *Comment peut-on être français?*²⁵⁹ (2006). Por isso a autora, tendo passado por várias sessões de psicanálise em francês, assume o lugar da autora que desejou a aquisição da língua francesa para além da ferramenta de comunicação, mas como um “implante” na própria alma, o que a faria mais tarde tornar-se escritora, desejo que guardou desde a sua chegada em Paris em 1993: “Desde a minha primeira noite em Paris, enquanto eu passeava pelo *Pont des Arts* (Ponte das Artes), eu soube que eu seria escritora. Eu já me via escrevendo o meu primeiro romance. No entanto, na manhã seguinte, na padaria, eu não tinha as palavras nem para pedir um pão”.²⁶⁰ (DJAVANN, 2007, p. 301)

Com isso, as últimas palavras dessa autora que adotou e foi adotada pela nova língua, corrobora com as novas aberturas espaciais do mundo, que faz superar a origem de cada cultura nacional, a gênese da identidade do indivíduo pela identidade da nação:

²⁵⁸ Les angoisses “articulaires” ne quittaient jamais Roxane. Elle devint obsédée du sexe des mots, comme les fanatiques religieux l'étaient du sexe des femmes. Elle se heurtait sans cesse au “la” ou au “le” des mots: c'était le ou c'était la? Entre la langue et Roxane se créa un vide vertigineux.

²⁵⁹ Proposta de tradução do título: “Como podemos ser franceses?”

²⁶⁰ Dès ma première nuit à Paris, alors que je me promenais sur le pont des Arts j'ai su que je serais écrivain; je me voyais déjà écrire mon premier roman. Seulement, le lendemain matin, à la boulangerie, je n'avais pas les mots pour demander une baguette.

Tornar-se escritor numa língua da qual não se conhece uma só palavra pode se assemelhar à loucura. Mas é preciso acreditar que há loucuras mais sábias do que a própria sabedoria. Eu queria muito, para agradar aos Franceses, dizer que eu decidira escrever em francês porque eu amava essa língua, mas isso seria uma mentira. Como se poder amar Mozart quando nunca se ouviu Mozart?²⁶¹ (DJAVANN, 2007, p. 302).

Parece que aos poucos essa questão do “implante linguístico” vai se tornando uma realidade quase incontornável para alguns, e ela se torna um fato cada vez mais presente entre os escritores-mundo. Como veremos na seção seguinte, ainda que o domínio da língua tenha se dado algum tempo antes, ela permanece uma adoção. E quando a percebemos no nível da poesia, a questão se torna ainda mais interessante, já que a manipulação da língua na poesia é um dos mais complexos trabalhos do escritor. Assim, despedimo-nos para sempre duma literatura que um dia se atrelava ao seu falante de língua materna e, conseqüentemente, à nação a qual era ligado por forte laço umbilical.

4.3.2 Anissa Mohammedi: da adoção da língua à adoção do mundo.

Trazemos então a poesia de Anissa Mohammedi (1967), nascida em Argel, de expressão bilíngue - francês e berbere, sendo esta última, ao lado do árabe, suas línguas maternas. O francês, no entanto, tendo sido aprendido, é então um artefato, uma pilhagem, uma língua veicular e apresenta na forma poética toda a potência da francografia, pois Mohammedi a adotou como língua de escrita, como língua da sua poética, em suma, como língua também implantada. Tendo deixado a Argélia para morar na França desde 1999, primeiramente na região parisiense e em seguida no sul do país, pode ser considerada também como uma autora expatriada, que volta à casa do

²⁶¹ Devenir écrivain dans une langue dont on ne connaît pas un seul mot peut s'apparenter à de la folie. Mais il faut croire qu'il y a des folies plus sages que la sagesse elle-même. Je voudrais bien, pour faire plaisir au Français, dire que j'avais décidé d'écrire en français parce que j'aurais cette langue, mais ce serait un mensonge. Comment peut-on aimer Mozart quand on n'a jamais écouté du Mozart?

antigo colono, paradoxo que se torna realidade para alguns escritores, Mohammedi, ao mesmo tempo, não possui um percurso tão semelhante ao de Assia Djebar, que por sua vez vestia-se da língua francesa que ornamentava com a cultura árabo-muçulmana, nem o dos chamados escritores da *littérature beur* pois, além de não ser árabe, mas cabila, não possui raízes na França. Por outro lado, superou o desejo pela terra de origem para buscar no grande centro a audição da sua palavra poética.

Quanto ao espaço de edições, Anissa Mohammedi, até o momento, não se insere oficialmente na categoria dos autores reconhecidos pelo centro editorial parisiense. Sua primeira edição, do livro *Soupirs* (1996), foi publicado pela própria autora na Argélia, alguns anos antes de deixar o país para viver na França. Seu segundo livro de poesia, já esgotado, *La voix du silence* (2000), foi publicado pelas *Éditions Racine*, uma editora belga que divulga obras em língua francesa. Em seguida, o livro *Au nom de ma parole* (2003), tem sua publicação pelos *Écrits de forges* situada no Québec e em coedição com a editora *Autres temps*, com sede em Marselha, o que não passa pelo acaso, já que Marselha, como a segunda maior cidade da França, continua sendo o berço da imigração argelina, mantendo-se mais aberta às questões migratórias. Por fim, o seu livro *De terre et de chair* (2009), foi novamente publicado pela editora quebequense e, dado interessante, em coedição com a editora *Le temps de CeRISES* que, ainda que situada na região parisiense, é uma casa de edição, poderíamos dizer, “alternativa”, já que fora criada por 33 escritores que visavam justamente divulgar obras pouco reconhecidas, não legitimadas e deliberadas pelo pequeno júri francês, ou ainda, escritores ocultados pela grande mídia. Aliás, o próprio nome da editora evoca o tempo que se renova depois do inverno, *Le temps des cerises* (O tempo das cerejas), sem deixar de revelar que esse mesmo tempo é um *Temps de crises* (tempo de crises), pois a marca da editora não esconde o “e” minúsculo que aponta para essas duas realidades: *Le temps des CeRISES*.

A fortuna crítica em torno de Anissa Mohammedi ainda não é uma realidade no mundo literário. Apesar de ter recebido prêmios de poesia, suas obras ainda são pouquíssimo conhecidas pelo público leitor, e quase absolutamente desconhecidas do leitor brasileiro. Por isso, além das teorias que julgamos pertinentes para a análise da

sua poesia, lançaremos vez ou outra alguma reflexão baseada nas poucas entrevistas fornecidas informalmente pela poetisa na rede pesquisado na rede, além de algumas trocas de correspondência com a própria autora, únicas ferramentas, para o momento, que temos, visando um pouco mais de acesso às informações que confirmam as nossas hipóteses e leituras. Aliás, o seu primeiro livro, *La voix du silence*, foi-nos cedido pela própria poetisa por e-mail, já que o lote de edição dessa obra foi esgotado desde o momento em que a buscamos para realizar a primeira leitura dos seus poemas. Ou seja, as primeiras leituras das suas obras foram iniciadas pela permissão do próprio escritor, que tem o desejo de ver os seus escritos publicados noutras terras.

Dentre as obras de poesia de Mohammedi, encontra-se o seu primeiro livro, *Soupirs* (1996), pelo qual a autora foi premiada em concurso literário na Argélia no mesmo ano. Em seguida, Mohammedi publica *La voix du silence* (2001), *Au nom de ma parole* (2003) e finalmente *De terre et de chair* (2009). Traremos para análise duas das suas obras, buscando contemplar por sua poesia não só a evolução da sua criação poética que se desliga das questões argelinas, embora estas sejam suavemente tocadas, até o diálogo entre a terra e o mundo. Como veremos adiante, esses três livros evoluem desde o suspiro, passando pela palavra e finalmente retorna à terra, como num ciclo em que se renova a vida, apesar das tensões que a tornam cada vez mais vulnerável.

Em seus poemas, Mohammedi se envereda pelo mundo povoado por espectros, fantasmas e outros elementos que ativam a memória contida, que por sua vez se faz verbo, trazendo à superfície do poema uma espécie de angústia existencial, ao mesmo tempo em que se insere dentro dum mundo e numa poesia cujo caráter de contemporaneidade se estabelece pela visão subjacente ao mundo da realidade. Resta-lhe então, por meio da performance da palavra, sob a qual se desencadeia a evolução da criação poética, envolver-se no repertório dum passado que parece permanecer sempre presente, a fim de mostrar que o cérebro goza, e por isso mesmo ama, vive e dá vida. Mas essa vida não é um dom de que se descuida, mas se busca pela insistência sobre a força da criação. Desse modo, analisaremos como se dão esses fluxos e refluxos da palavra que diz e que se cala diante dos holofotes do atual fascismo.

A poesia Mohammedi não tem a intenção de revelar lugares. Nesse caso, a página é a que leva à espacialidade do poema, constituindo-se a cada vez como um metapoema. Com uma formação inicial em Biologia, em sua terra natal, afirma que, assim como as coisas invisíveis são vistas pela ciência da vida, a biologia, a “ciência da alma”, a poesia, também se ocuparia daquilo que não se vê e não surgiriam, portanto, do exterior.

Qual é então a relação entre a biologia e a escrita na obra dum artista com o percurso tão atípico? Anissa Mohammedi consegue conjugar a ciência da vida com a da alma, o olhar do poeta que leva à análise microscópica do científico. Pois nos fundo as duas coisas são invisíveis, que existem sem necessariamente surgir no exterior. Aliás, as três coletâneas de poemas refletem uma evolução pictórica da criação poética. Esta num primeiro momento só se exprime por "suspiros", depois pela "voz do silêncio" e finalmente por uma “palavra”.²⁶²

O que podemos ver em sua poesia é, neste sentido, uma conjugação entre esses saberes, possuindo, cada um, a sua própria lente ou, ainda, a sua própria microscopia. Remetendo-se regularmente ao escritor Kateb Yacine, afirma que se sente possuída pela poesia, sem a qual não poderia viver. Aliás, a evocação da vida se torna um ofício maior na poesia de Mohammedi, uma vez que, abandonando o mundo nacional imaginado pela Argélia pós-colonial e se lançando noutra cultura linguística, a da França, inscreve a sua poesia pelas marcas dum olhar muito peculiar sobre o mundo e sobre a vida.

²⁶² Quel est donc le rapport entre la biologie et l'écriture dans l'œuvre d'une artiste au parcours aussi atypique ? Anissa Mohammedi arrive à conjuguer la science de la vie avec celle de l'âme, le regard du poète qui renvoie à l'analyse microscopique du scientifique. Car au fond les deux connaissances ne sont pas trop éloignées l'une de l'autre car elles s'intéressent toutes deux aux choses invisibles, qui existent sans nécessairement surgir à l'extérieur. D'ailleurs les trois recueils de poèmes reflètent une évolution imagée de la création poétique. Celle-ci dans un premier temps ne s'exprime que par des " soupirs ", puis par la " voix du silence " et finalement par une " parole ". Página disponível em <http://www.africultures.com>. Acessado em 05/05/2012

Mohammedi, ao adotar a França contemporânea, busca desde o início a ideia de expatriação para poder escrever na língua do outro. A agonia do vivido, quando existe, não é o resultado dessa condição. Mas o mundo é a própria condição, que se transforma pela voz do poeta que, logicamente, não pode se abandonar, pois o exercício da criação poética é resultado da mão do homem. Aquele que cria, portanto, labuta, pensa e então trabalha e nutre a palavra que (se) forma, embora a própria forma assuma a total elasticidade e, por isso, a criação poética se torna um discurso poético. Poesia e discurso se misturam e, como é o estatuto da própria poesia, é sempre uma metapoesia, já que o verdadeiro espaço da poesia é ela mesma.

Refletindo ainda sobre a escolha do francês, consideremos a ideia de artefato: essa língua maior, não abandonada por esses escritores, permaneceu menor dentro do próprio sistema, como afirmam Gilles Deleuze e Claire Parnet, ao pensarem numa “linha de fuga” (DELEUZE e PARNET, 1998). De acordo com os autores, não se trata aqui de qualquer jogo entre significante e significado, mas da “núpcia” entre a experiência na língua materna e a fuga na língua do outro. De todas as maneiras, Deleuze e Parnet, referindo-se a Proust, vão ao encontro do nosso labor quando se lembram de que: “os belos livros são escritos numa espécie de língua estrangeira. Sob cada palavra cada um coloca o seu sentido ou, pelo menos, sua imagem que, no mais das vezes, é um contrassenso”. (Proust, apud, Deleuze, *Contre Sainte-Beuve*. Paris, Gallimard, p. 303).

Se existe alguma angústia existencial diante do mundo contemporâneo disciplinar e disciplinado, resta-lhe trabalhar a palavra como uma performance, a fim de mostrar que o cérebro goza, e por isso mesmo ama e então vive e dá vida, embora esse “gozo cerebral” traga à tona o mundo abandonado ao holocausto. É uma hemorragia que sai do crepúsculo e do exílio e jorra sobre aquele que vê nas palavras do poema um pedaço de história. Não seria esse um exercício indisciplinado de desvelar e ser desvelado pela a vida?

Buscando então atender a uma análise que privilegie o diálogo com a “palavra” (*parole*) que se faz caos dentro do rigor poético de Mohammedi e, portanto, enquanto performance, seguiremos pela análise de duas das suas obras, a saber, *La voix*

du silence, por ter sido a primeira que (des) cobrimos desde o nosso primeiro contato com a busca das obras selecionadas para este trabalho e *Au nom de ma parole*, por considerarmos os seus poemas de extrema avidez e que já transpõe a barreira da sua prisão, no sentido que nos fornece Le Bris. Os dois livros, tal como afirma Foucault em seu texto “Arqueologia do saber” (1972), traz algo que permite a superação metafísica e questiona o discurso dominante. Além disso, o teórico ainda nos faz perceber na poesia de Anissa Mohammedi o *a priori* histórico, já que a poetisa parece fazer transparecer o jogo de continuidades e de descontinuidades dos fatos que evoca. Esse *a priori* é então um exercício, que rigorosamente (in) disciplinado, evoca a vida e a sua complexidade ainda existente, em tempos de falsa facilitação da vida pelos meios digitais. Assim, os elementos que se formam nas linhas de sua poesia surgem pelo jogo de relações, que é o nível discursivo e nascem pela regularidade, ou seja, forma-se nelas um sistema de discursividade, como afirma Foucault:

O domínio dos enunciados assim articulado segundo *a priori* históricos, assim caracterizado por diferentes tipos de positividade e escandido por formações discursivas distintas, não tem mais o aspecto de planície monótona e indefinidamente prolongada, [...] deixa igualmente de aparecer como elemento inerte, liso e neutro em que vêm aflorar, cada um segundo seu próprio movimento, ou empurrados por algum dinamismo obscuro, temas, ideias, conceitos, conhecimentos. Trata-se agora de um volume complexo, em que se diferenciam regiões heterogêneas, e em que se desenrolam, segundo regras específicas, práticas que não podem superpor. (FOUCAULT, 1972)

A poesia contida no livro *La voix du silence* traz, a começar pelo próprio título, o paradoxo da voz poética que fala ao mesmo tempo em que se cala. Ela parece então não esquecer o *a priori* histórico enquanto historicidade intrínseca, pois por trás dum discurso poético sempre está o repertório daquele que escreve.

No conjunto de poemas, o poeta apela para a voz, que é o subsídio da palavra: Essa “voz estranha” supera a ideia do estrangeiro que habita o poeta, pois apela ao mundo, “no mais distante/ dos horizontes órfãos” (p. 02). Essa mesma voz perfura tocando na ferida, pois a poesia não pode permanecer no silêncio. Talvez o silêncio seja

a própria palavra que se escreve e que se inscreve. Assim, portanto, o poeta inicia o seu livro:

Ouçam esta voz estranha
 Na respiração tumultuosa
 Ela perfura um istmo
 No nada
 como um espinho que perfura
 a ferida na pele
 ela vos chama
 essa voz vibrante
 como os frissons
 duma febre fulminante
 ela vos chama no mais longe
 dos horizontes órfãos
 ela vos chama
 A voz do silêncio ²⁶³ (p. 02)

O segundo poema do livro evoca a mulher. Mas a voz poética está no próprio poema e a mulher, neste caso, é o sujeito que toma a pluma e, ao contrário de possuir a escrita, é por ela possuída: “Escreve mulher/ faz jorrar abundantemente/ a cólera das palavras/ faz tremer o eco” ²⁶⁴ (p. 02). Nesse poema, a mulher é então colocada em sua condição marginalizada diante do mundo e da vida, e podemos então inferir que algo ligado à tradição árabo-berbere ainda se conecta à voz poética, como vemos na quarta estrofe do referido poema: “Escreve mulher/ tuas esperanças oprimidas/ teu universo despedaçado/ tua existência proibida”.²⁶⁵ (p. 02). Prova disso seria a última estrofe do poema, contendo somente três estrofes em vez de quatro, como ao longo do poema, pela qual vemos a Argélia exposta, como um final que não quer deixar de revelar a identidade dessa mulher, já que ela possui um passado que é revisto

²⁶³ Ecoutez cette voix étrange/ Au souffle tumultueux/ Elle perce un pertuis/ dans le néant/ comme une écharde qui creuse/ la plaie dans la peau/ elle vous appelle/ cette voix vibrante/ comme les frissons/ d’une fièvre fulminante/ elle vous appelle au plus loin/ des horizons orphelins/ elle vous appelle/ La voix du silence.

²⁶⁴ Ecris femme/ fais couler à flots/ la colère des mots/ fais frémir l’écho

²⁶⁵ Ecris femme/ tes espoirs opprimés/ ton univers déchiqueté/ ton existence prohibée

pelo presente da poesia: “Escreve mulher/ Para a Argélia/ Teu furor de existir”.²⁶⁶ (p. 03).

Em seguida, o que podemos perceber é a alternância entre poemas que trazem em sua superfície a obscuridade e, noutros, pequenas luzes que se acendem, como no quarto poema: “Eis que os mortos se recolhem/ sobre o túmulo dos vivos/ Eis que os vivos se recolhem/ sobre o seu próprio túmulo/ Eis que os túmulos se fartam de recolhidas”.²⁶⁷ (p. 04). Na sequência, a poesia traz o homem: de verdade, de revolução, de cultura, de sabedoria, de ciência e de história. Em cada uma dessas categorias, a voz poética conclama esse homem que se diz algo, mas que por vezes não consegue ver que suas qualidades demandam um olhar mais longe do que o senso-comum poderia fazer enxergar. Dentre eles, destacamos os homens de cultura, pois lhes é solicitado: “Escreveis o que suas línguas/ Mutiladas cuspiram/ Escreveis com a tinta/ Dos vossos olhos cegados/ Escreveis com o sangue/ Dos vossos corpos massacrados”.²⁶⁸ E na última estrofe, quanto aos homens de história, “Contai e gravai nas memórias/ Os vestígios dos anos negros”.²⁶⁹ Esses “anos negros” (*années noires*) podem evocar dois contextos: o primeiro diz respeito ao período compreendido entre 1940-1945, durante a Segunda Guerra Mundial, mas também a década de 1990, período de guerras civis e de islamização da Argélia. De qualquer modo, esses vestígios trazem o homem como centro, não importando se se trata da Argélia ou de todos os que atravessaram o período da Grande Guerra, já que o foco sobre a Argélia não é linear e nem reducionista.

Em se tratando de metapoesia, encontramos o seguinte poema:

²⁶⁶ Ecris femme/ Pour l’Algérie/ Ta fureur d’exister

²⁶⁷ Voici que les morts se recueillent/ Sur les tombes des vivants/ Voici que les vivants se recueillent/ Sur leur propre tombe/ Voici que les tombes se lassent des recueils.

²⁶⁸ Ecrivez ce que vos langues/ Mutilés ont craché/ Ecrivez à l’encre/ De vos yeux aveuglés/ Ecrivez au sang/ De vos corps étripés.

²⁶⁹ Racontez et gravez dans les mémoires/ Les vestiges des années noires.

Eis-me aqui vento
 Tão leve
 quanto as oscilações
 das minhas pálpebras
 a revestir os dissabores
 de fragmentos de esperança

Eis-me aqui silêncio
 tão pesado
 quanto o peso da ausência
 a pesar sobre a noite
 para que jorre o vosso grito

Eis-me aqui poema
 tão livre
 quanto uma vida de boêmio
 a mitificar as injúrias
 sobre o altar da censura

Eis-me mulher...²⁷⁰

Nesse poema, percebemos que a construção da poética atinge o seu ápice, apontando para o vento que se liga às pálpebras, como metonímia dos olhos que veem longe, apesar dos dissabores do sujeito, já que a esperança se dá em fragmentos. Significa então que essa “voz do silêncio” esconde, pois não pode dizer tudo, as muitas verdades que ainda permeiam o fim da Modernidade e o mundo atual. Por isso surge o próprio “silêncio”, que é pesado e, sobre a noite (escuridão), faz com que o grito surja da palavra, tanto da poesia quanto daquele que com ela compartilha as angústias existenciais que não poderiam ser ditas por outra forma ou outra via. Por fim, surge o poema da própria construção poética que é como o vento soprando sobre os olhos daquele que quer ver o mundo e a vida com maior vantagem, passando por esse silêncio que, enfim, liberta-se como o boêmio, apesar da censura que se coloca sempre em posição de superioridade, ou ainda, sobre o altar, pois é sagrada e perene, por mais que

²⁷⁰ Me voici vent/ aussi légère/ que les vacillements/ de mes paupières/ à revêtir les déboires/ de fragments d'espoirs/ Me voici silence/ aussi lourd/ que le poids de l'absence/ à peser sur la nuit/ pour que jaillisse votre cri/ Me voici poème/ aussi libre/ qu'une vie de bohème/ à mythifier les injures/ sur l'autel de la censure/ Me voici Femme...

o mundo caminhe para uma total sensação de liberdade. A mulher, nesse caso, é o símbolo da própria criação, aquela que dá vida, como o poema que se faz vida por si próprio, é leve como o vento, pesada como o silêncio e livre como o poema, com as mesmas limitações que esses três elementos carregam.

Colocamos então, no centro da análise o poema que nos impulsionou a pesquisar a obra de Anissa Mohammadi, mesmo que no período inicial não soubéssemos ainda que a sua poesia seria pensada a partir duma literatura-mundo neste trabalho. Talvez, por algum engajamento, este poema, num primeiro momento perdido na Internet tornou-se o primeiro duma busca que supera o objetável e permanece como elemento a pensar: conhecemos verdadeiramente o mundo em que vivemos?

Há olhos
que não choram
e olhares
que não enganam

Há histórias
que não se contam
e memórias
que não se esquecem

Há palavras
que não falam
E males
que não se calam
E depois há eu
que não compreendo...²⁷¹

Entra agora em jogo a voz que deve silenciar, mas que se faz como poesia. Central para compreendermos certo engajamento do poeta, os “olhos que não choram” existem na mesma medida que certos olhares que não enganam. Da mesma maneira, assim como algumas histórias não são contadas, a memória continua existindo,

²⁷¹ Il y a des yeux/ qui ne pleurent pas/ et des regards / qui ne trompent pas/ Il y a des histoires/ qui ne se racontent pas/ et des mémoires/ qui n'oublient pas/ Il y a des mots / qui ne parlent pas/ Et des maux / qui ne se taisent pas/ Et puis il y a moi / qui ne comprends pas...

revelando aos poucos essa história que o mundo não quer contar, seja ela uma história de guerra ou de morte, muitas vezes em surdina num mundo que, contrariamente, está aberto à informação. As palavras, seguindo o mesmo raciocínio, não são suficientes para calar o que os males, as dores do sujeito, insistem em dar algum sinal, ainda que este sinal seja a própria poesia. Por último, esse “eu” que nada compreende, estaria relacionado à incompreensão diante de tantas incompreensões do mundo que se ilumina pelo excesso de superficialidade. Ora, com tanta história, diante das muitas viradas espaciais que experimentamos, percebemos que a liberdade para se compreender o mundo e a vida tão instável é cegada pelos holofotes da mídia que alimenta o fascismo contemporâneo. Como a poesia de Mohammedi aponta, a cada fim da sua obra, para alguma esperança, veremos como ela é manifesta nas obras que se seguem.

Os poemas que se congregam no livro *Au nom de ma parole* não estão organizados tradicionalmente, com início, meio e fim. O peso dado pelo poeta a esse título, que evoca a palavra criadora, parece apontar para uma voz que recria a própria vida. Não sendo o próprio poeta, humano e agente criador da poesia, é a própria palavra, ou seja, a própria poesia que se encarrega mais uma vez de se manter viva.

Desse modo, a poetisa abre o conjunto de poemas sugerindo que as “fibras do seu verbo” capturem o leitor, se ele assim o permitir: Pelo risco/ e a despossessão/ Pela exaltação/ e impulsão/ Atem-se/ às fibras do meu verbo.²⁷² Em seguida, o poeta chama de “discursos narcísicos” como os que “incham” o “gozo cerebral”. Estes estariam inseridos nas linhas da poesia de Anissa Mohammedi para lá da soma de textos e da informação institucionalizada. Eis então a liberdade duma poesia que se pretende vital pelo exercício da (in) disciplina. Apresentando-se, o poeta permite então que sua faceta narcísica exploda pelo gozo cerebral, que por seu turno quebraria a linha da continuidade, fazendo aparecer um novo olhar sobre o mundo que tentará fazer ver em seus poemas: Quando os discursos narcísicos/incham o gozo cerebral/ seus

²⁷² Par le risque/ et la dépossession/ Par l'exaltation/ e l'impulsion/ agrippez-vous/ aux fibres de mon verbe.

corpos leves tremem/ sob pesadas sensações genésicas.²⁷³ A gênese da vida como sensação, a busca duma origem, é aqui um peso, que pesa sobre os corpos leves, e que por serem leves são frágeis, e por isso mesmo tremem. Surge então a confirmação no poema que se segue, como o limite da vida, pelo limite da própria palavra: Quando o meu verbo/ não mais suportar/ o orgasmo extremo/ os meus olhos lhe dirão/ sem permissão/ o *não* da minha palavra (grifo nosso).²⁷⁴

Na sequência, os poemas poderiam ser divididos por temas. Teríamos assim um único poema, cuja expressão inicial “sabor afônico”, parece nos mostrar, pelo paralelismo entre o “sabor” e a “voz que não fala”, que é a porta de entrada para a manutenção da vida é a boca, onde se sente o sabor, combina-se com a voz que não pode falar, pois foi privada de liberdade. Neste caso, o “fogo”, que seria a própria poesia, tornar-se-ia a própria fonte de expressão e de desejo: Sabor afônico/ envernizo (ou decoro) a palavra proibida/ O fogo então se torna fonte/ em minha boca.²⁷⁵

Os poemas que se seguem tratam então da overdose “das palavras”, “do silêncio” e “do absurdo”, dos “nervos à flor da pele” e finalmente da “Terra imortal”. Esses poemas constituiriam uma parte do todo do livro, que seguirá explorando outras possibilidades ainda tão complexas, e onde permanece um incômodo: Os textos de Anissa Mohammedi, que parece ter escolhido a poesia, enquanto a língua francesa permanece em crise nesse gênero (pelo menos uma crise de indisciplina pela poesia), poderiam ser considerados como de fato “contemporâneos”? E o que seria de fato contemporâneo?

Trazemos então, a guisa de reflexão, o que Giorgio Agamben traz como aporte a partir dum primeiro questionamento em seu ensaio “O que é contemporâneo” (2009) que poderia incomodar sobremaneira: “de quem e do que

²⁷³ Lorsque les discours narcissiques/ gonflent la jouissance cérébrale/ vos corps légers tremblent/ sous les Lourdes sensations génésiques

²⁷⁴ Lorsque mon verbe/ ne supportera plus/ l’orgasme extrême/ mes yeux vous diront/ sans permission/ lo non de ma parole

²⁷⁵ Saveur aphone/ je mastique la parole prohibée/ Le feu devient alors source/ dans ma bouche.

somos contemporâneos?”, questiona Agamben. Neste caso, analisamos poemas da escritora que se “descola” do contexto argelino pós-colonial e embarca em excursões mais amplas, muitas vezes incursões, questionando o próprio fazer poético pelo questionamento do fazer humano. Poderíamos então afirmar que se trata aqui da poetisa em seu estatuto verdadeiramente contemporâneo e que escreve para um público contemporâneo? Seria a poesia de Anissa Mohammedi intempestiva, nas palavras de Roland Barthes, mencionado por Agamben no início de seu ensaio? Sabemos que as “considerações intempestivas” de Nietzsche foram amplamente estudadas por Barthes, como uma diferença ou uma defasagem, faz com que o escritor contemporâneo possa captar o seu tempo, porque com ele não se identifica, e é na mesma esteira que Agamben se coloca, pois o contemporâneo percebe o escuro do seu próprio tempo.

Assim, percebemos em Anissa Mohammedi que a “overdose das palavras” chega às “cavernas”, lugar de trevas: A overdose das palavras/ a endireitar o sorriso das cavernas/ tu ouvirás o sopro da indiferença/ gemer sob a pressão do lamento/ em forma de lixo.²⁷⁶ O olhar da poetisa se fixa em seu próprio tempo. Nele, a palavra que sofre de overdose é a própria poesia, que parece atingir lugares dados como cavernas que sorriem. A metonímia aqui parece contrapor a escuridão das cavernas com os que nela habitam, talvez ofuscados pelos holofotes dum fascismo sempre reinante sobre o mundo e sobre a vida, e por isso, mundo contemporâneo. Em seguida prossegue: A overdose do silêncio/ a exorcizar a frenesi/ tu verás a noite/ culpada do sonho/ abandonar suas estrelas/ em forma de fluxo.²⁷⁷ Mais uma vez, os termos “noite”, “sonho” e “estrelas” evocariam a escuridão necessária para se enxergar mais longe a poesia, e, portanto o próprio mundo. Agamben afirma que “o escuro não é [...] um conceito privativo, a simples ausência de luz, algo como uma não-visão, mas o resultado da atividade das *off-cells*, um produto da nossa retina” (AGAMBEN, 2009 p.

²⁷⁶ L’overdose des mots/ à redresser le sourire des cavernes/ tu entendas le souffle de l’indifférence/ gémir sous l’étreinte de la plainte en forme de dépotoir.

²⁷⁷ L’overdose du silence/ à exorciser la frénésie/ tu verras la nuit/ coupable du rêve/ abandonner ses étoiles/ en forme de flots.

64, grifo do autor). Ele ainda afirma que seria para isso necessário perceber as trevas que provêm da nossa época, e não exatamente as luzes, uma vez que estas são produtos do fascismo que engana, que nos cega, que não impede de enxergar o que estaria fora dessa superfície. Aqui, o termo superfície retoma o seu sentido de “superficial”, pois é uma camada que busca atingir um mundo que já não pode ver mais longe. Para o autor, o escuro seria uma experiência anônima que, por definição, seria um lugar impenetrável. Em face disso, esse escuro, num primeiro momento, não nos diria respeito, pois não está direcionado a nós. Porém, o contemporâneo, para o autor, está naquele que percebe o escuro do seu próprio tempo dirigindo-se a ele mais do que a essa grande luz que, acreditamos, não é mais do que uma falsa luz, e por ela somos embevecidos. Desse modo, Agamben infere que “contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provêm do seu tempo”. (AGAMBEN, 2009, p. 64).

Todavia, o contemporâneo só teria valor se compartilhado, pelo diálogo, com aquele que lê. Por isso Barthes, mais uma vez por meio do seu texto “Jovens pesquisadores” (BARTHES, 1998, p. 99) defenderia a renovação da leitura, que seria fazê-la circular. Ou seja, não se trata de escrever sobre novos textos, mas escrever o novo em qualquer texto. Esse seria também o conceito de “liberdade”, como liberdade do significante e não do significado. Por isso, consideramos em Mohammedi a tentativa de libertar o significante, transgredir a difícil tarefa que a poesia poderia nos impor, a de decodificá-la, compreendê-la e fazer com que sirva para a vida, mais do que para o homem, que é parte e não essência da vida. Por tais razões, embora nos ajude a pensar no contemporâneo, pelo enxergar das trevas nos holofotes das grandes luzes, Agamben faria mais sentido se pensado na liberdade de que tão bem fala Barthes.

Nem palavra, nem silêncio. A overdose que lhe resta é a do absurdo, o que estaria mais próximo da poesia, uma vez que a palavra não dá conta de expressar, nem tampouco o silêncio, como teria sido uma possível resposta: A overdose do absurdo/ a incomodar o sentido/ tu serás a aposta/ das palavras e do silêncio/ depois

aprenderás/ a tornar-se o voo/ dum instante inédito.²⁷⁸ Por isso podemos afirmar que as palavras ou o seu contrário, o silêncio, limitam a vida, e por isso o sobrevém absurdo, com algo contrário à razão ou ainda ao senso-comum, e por isso mesmo resta-nos o voo (*l'essor*), ou seja, é preciso que nos libertemos do regime da disciplina para praticarmos o exercício da vida, no instante que doravante se faz inédito. O absurdo é paradoxo, e por isso mesmo, supera a Lei da escrita e exalta a lei da vida.

Os poemas que consideramos com um primeiro grupo, terminam com a evocação da “Terra”: aqui se constrói o maior número de poemas, cinco, fazendo justamente da “Terra”, o nosso habitat maior, o centro de sua obra. Imortal, a terra se move em seu próprio sentido, o de mundo, país ou território, pouco importa, promovendo assim a quebra dos paradigmas modernos de divisão política e deixando ao leitor a escolha da parte que lhe cabe no poema: Terra imortal/ teu rosto escondido/ libera faíscas sob o céu.²⁷⁹ Que dimensão territorial estaria evocando tais versos? Limitar-se-ia ao todo, ao mundo? Ou à Argélia e todo o Magrebe também poderiam ser reflexos na memória do poeta? Assim, a Terra é a página principal duma longa introdução promovida pelo gozo cerebral e pela palavra que se cala, silencia e aposta no absurdo. No entanto, questionaríamos ainda: por que o “rosto” da terra que é imortal permaneceria “escondido” e, velado, liberaria “faíscas”? Mais adiante, no mesmo poema lemos: Tu propulsas o ultraje/ para proteger o sermão/ mas a promessa traiu/ e tu juras somente/ pela alma ancestral/ a força do tempo/ atravessa-te/ como o curso da água/ para abreviar a tua memória/ que tem a falta de algo/ a forte cólera arrotada/ trevas dos fiéis.²⁸⁰ Percebe-se então, no segundo poema, que a Terra imortal não seria somente o planeta em sua constituição química, mas se realizaria enquanto movimento humano que tudo decide, que impulsiona ao ultraje, que abrevia a própria memória.

²⁷⁸ L'overdose de l'absurde/ à basculer le sens/ tu seras l'enjeu/ des mots et du silence/ puis tu apprendras/ à devenir l'essor/ d'un instant inédit.

²⁷⁹ Terre immortelle/ ton visage ombré/ pétille sous le ciel nuageux.

²⁸⁰ Tu propulses l'outrage/ pour protéger le serment/ mais la promesse a trahi/ et tu ne jures/ que par l'âme ancestrale/ la force du temps/ te traverse/ comme un cours d'eau/ Pour abreuver ta mémoire/ qui fait défaut/ le courroux éructe/ des ténèbres des fidèles.

Essa abreviação da memória parece ser justamente o que o poema tenta trazer à superfície.

Essa terra, no poema seguinte, amedronta como o canto da coruja. Essa ave, cristalizada pela superstição, faz do seu ulular a representação do pavor diante do mundo. Assim a poetisa descreve a Terra imortal, que agora se relaciona com o corpo que treme e a carne que provoca os frissons do desejo, numa espécie mistura entre o terror e o imenso prazer de estar no mundo: Terra imortal/ teu silêncio me amedronta/ tanto quanto o ulular das corujas [...] espero a aurora que virá/ dar o seu beijo/ sobre o meu corpo que treme/ o silêncio se cala/ nos frissons da minha carne...²⁸¹

No terceiro dos cinco poemas sobre a Terra imortal a poetisa convoca pela primeira vez a criança, que chama de “filho perdido”. Terra imortal/ eu tomo o seu filho perdido/ pela mão/ fixo o seu olhar/ e entendo por que/ minhas palavras são amargas.²⁸² O filho da Terra, o deslocado em sua condição pouco satisfatória em relação ao poder mundial da Terra imortal é contemplado pelo poeta e lhe dá os motivos pelos quais a ética, a estética e a política de sua escrita, neste caso de sua poesia, possui uma carga semântica tão pesada, com palavras tão escuras e viscerais. Escuras, mas não *cinzentas*. No entanto, como aquele que reflete sobre o universal, parece, nos versos que se seguem, que se sugere uma moral, a da participação para a mudança de certo sistema, a responsabilidade do indivíduo sobre outrem: mostro-lhe o caminho/ do éden dos filhos do mundo/ seu sorriso escancarado/ com os brotos da primavera/ solto a sua mão/ e suplico por minhas palavras.²⁸³ De qualquer maneira, de posse dos brotos que crescerão depois do inverno, o poeta parece querer firmar um acordo com o mundo pela imortalidade da Terra, trazendo a esperança mais do que o pavor e o desespero.

²⁸¹ Terre immortelle/ ton silence m’effraye autant/ que le hululement des chouettes [...] j’attends l’aurore qui viendra/ poser son baiser/ sur mon corps tremblant/ le silence se tait/ dans les frissons de ma chair...

²⁸² Terre immortelle/ je prends ton enfant perdu/ par la main/ je fixe son regard/ et je comprends pourquoi/ mes mots son amers.

²⁸³ je lui montre le chemin/ de l’éden des enfants du monde/ son sourire éclôt/ avec les bourgeons du printemps/ je lâche la main/ et je conjure mes mots.

No quarto poema sobre a Terra imortal, surge a recriação, ainda sobre a responsabilidade do poeta, ou ainda, do sujeito. Ao desenhar outro rosto que ultrapassa a promessa, o poeta vomita amargamente com palavras a sua denúncia diante de todos os enganos, todas as promessas e todo o imaginário alimentado, e isso pouco importa, que não passariam de violência ao sujeito (*morsures*) ou sujeira (*crasse*): Terra imortal/ eu te desenho outro rosto/ mais belo que a promessa/ meu olhar não cruzará mais a miragem/ minhas mãos não acariciarão mais/ os traços das mordidas/ minhas palavras não mais cuspirão/ sobre a sujeira da mentira/ meus passos não conhecerão mais/ o caminho do exílio.²⁸⁴

Finalmente, no quinto poema, o poeta contempla enfim o fruto do seu trabalho, o novo rosto da Terra que permanece imortal. Uma vez realizado, o novo desenho também se immortaliza. O juramento, que pelo mundo era feito em nome dos ancestrais, dos mortos pela violência do mundo em várias instâncias (políticas? sociais? religiosas?) é agora realizado em nome do sorriso da criança, em lugar do já vencido “sorriso das cavernas” como a covardia do sujeito, ou o ulular da coruja, que causa medo e pavor. Terra imortal/ contemplo o teu novo rosto/ não preciso mais redesenhá-lo/ e juro somente/ pelo sorriso da criança.²⁸⁵

Anissa Mohammedi parece nos fazer contemplar a complexidade da memória-mundo que abre, na descontinuidade dos acontecimentos desse mundo. Parece-nos que a sua poesia encontra em Nietzsche, em seu texto *Ecce Homo* uma “filosofia” (...) como “a busca de tudo o que é estranho e questionável no existir” (p. 40). E por essa razão escrever, para Deleuze, em “A literatura e a vida”, “não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida”, pois “a literatura está antes do lado do informe, ou do inacabamento” (p. 11), ou seja, é puro devir. E no

²⁸⁴ Terre immortelle/ je te dessine un autre visage/ plus beau que la promesse/ mon regard ne croisera plus le mirage/ mes mains ne caresseront plus/ les traces des morsures/ me mots ne cracheront plus/ sur la crasse du mensonge/ mes pas ne connaîtront plus/ le chemin de l'exil.

²⁸⁵ Terre immortelle/ je contemple ton nouveau visage/ je n'ai plus besoin de le redessiner/ et je ne jure/ que par le sourire de l'enfant.

devir-mundo, expresso por Mohammedi, não se quer a criação dum novo mundo, mas um olhar diferente sobre o velho habitat de vidas humanas e não humanas. O exílio tanto exposto parece sinalizar a necessidade de observar que estaríamos todos diante do exílio no próprio mundo, sobre o qual a poesia consegue pelo menos lançar fochos de luzes intermitentes, que apontariam, talvez, para uma esperança ou para uma nova luz, diferente daquela que nos obstrui a memória, que nos limita o pensamento e que ofusca a nossa frágil visão.

Essa esperança é apontada pela própria (re) criação, como observamos nos dois poemas da sexta sequência, sempre como um *incipit* como ocorre nalguns poemas do conjunto que, neste caso, inicia-se com "Partir". Podemos perceber, portanto, que esses dois poemas formam no conjunto o início duma peregrinação que terão sequência nas outras seções de poemas, cujo movimento é dado pela palavra que movimenta os objetos evocados, o corpo que se mobiliza para alcançar algum êxito e a própria palavra, que por vezes se pergunta, questiona o sujeito que é dono da palavra, mas que põe o leitor com cúmplice das demandas do indivíduo.

Partir

para acender os mil fogos
do horizonte invisível
desfazer os mil elos
do distúrbio que eu teço
entre minhas mãos
como as sílabas do poema
quando a noite e o dia
não contêm mais o enigma
o céu e a terra
não contêm mais o sopro
eu respondo ao chamado do exílio
o sentido se serpenteia
nos fragmentos das minhas palavras
o medo se veste
da cor da minha pele.²⁸⁶

²⁸⁶ Partir/ pour allumer les mille feux/ de l'horizon invisible/ dénouer les mille maillons/ du trouble que je tisse/ entre mes mains/ comme les syllabes du poème/ lorsque la nuit et le jour/ ne contiennent plus l'énigme/ le ciel et la terre/ ne contiennent plus le souffle/ je réponds à l'appel de l'exil/ le sens se serpente/ dans les fragments de mes mots/ la peur se vêt/ de la couleur de ma peau.

Vemos então que a partida do sujeito tem como proposta “acender” o próprio apagamento diante da condição do mundo. Por isso, os “elos” devem primeiramente ser desfeitos, esses elos que são construções do próprio sujeito que se angustia diante do mundo que se lhe apresenta. O que se tece, recai sobre a poesia, pois é a palavra que se faz poema, como vemos nos sexto e sétimo versos: “entre minhas mãos/ como silabas do poema”. Aqui a metalinguagem que cria a metapoesia é capaz de transformar a palavra em forma e a forma em vida, uma vida que se faz poesia e uma poesia que aponta para a vida. Assim, o chamado ao exílio é a primeira maneira de fugir dos holofotes do mundo, pois é na solidão que se cria. Dessa maneira, o exílio não é aqui o nível menor da expatriação, como vimos noutras análises, mas o momento em que o sujeito se fecha, obrigatoriamente, no seu labor criativo. Por isso o poeta afirma que “o sentido se serpenteia/ nos fragmentos das minhas palavras”. Ou seja, vai ganhando forma, pelas curvas da letra que se faz verso e que constrói a própria poesia, assim como, num lento processo, construímos a vida. Quando o medo se veste da cor da pele, aponta para certa ordem da insegurança, do corpo que titubeia, pois é um corpo que escreve. Portanto, é preciso para o poeta colocar-se diante desse medo para que essa busca se torne um processo, como vemos no segundo poema da seção que diz:

Partir
atrás de mim
eu serro as sombras
uma a uma
eu guardo à margem a desordem
para poder me lembrar
diante de mim
eu teço as imagens
uma a uma
eu guardo na margem a desmedida

para poder recomeçar.²⁸⁷

No poema acima, podemos perceber que a partida, não necessariamente literal, envolve as sombras do passado que, embora jamais sejam esquecidas, são reorganizadas. Sendo da ordem desse passado, expresso pelo “atrás de mim”, o poeta, ao guardar a “desordem”, reorganiza tudo, já que a reorganização do passado reorganiza, desorganiza o presente e faz pelo menos com que o sujeito se coloque como centro, não exatamente do mundo, mas da sua própria história: “eu guardo à margem a desordem/ para poder me lembrar”. Em seguida, vemos novamente o desejo de recriação: “diante de mim/ eu teço as imagens/ uma a uma”. Ou seja, assim como as sombras do passado são cortadas, tornando-se “sobras” desse transato, as novas imagens são construídas para que haja um novo recomeço: “eu guardo à margem a desmedida/ para poder recomeçar”.

²⁸⁷ Partir/ derrière moi/ je scie les ombres/ une à une/ je garde en marge le désordre/ pour pouvoir me rappeler/ devant moi/ je tisse les images/ une à une/ je garde en marge la démesure/ pour pouvoir recommencer.

O FIM NECESSÁRIO: CONCLUSÃO

O espaço veio à baila, penetra a vida humana para transformar as pessoas em sujeitos mais dinâmicos pelo próprio aspecto que a espacialidade pode conferir ao homem, que agora pode se alimentar dos afluxos fornecidos à humanidade que se comunica, migra, viaja. Alguns se deslocam mais por escolha do que pelo velho sonho, migram, transformam-se num outro, deixando cair por terra as velhas identidades conservadas desde o nascimento. No entanto, muitos ainda sofrem o descaso, buscam pela travessia dos mares um pouco da parcela que os lugares mais abastados construíram com a riqueza das terras desses ex-colonizados, como o vemos entre o continente africano e a costa europeia, que tentam levantar muros invisíveis para aqueles que um dia, pelo chamado Atlântico Negro, foram forçados ao trabalho escravo. Muitos morriam pelo deslocamento forçado, e hoje morrem pelo desespero do deslocamento. O caráter migrante do sujeito, hoje, foi elevado ao seu mais alto grau, já que a dinâmica de vida no planeta parece perturbar as fronteiras do ser nos seus aspectos físicos, psíquicos e morais, este último sem muita razão de estampar uma primeira personalidade à frente doutra, pois hoje se vive fora de qualquer condição que aprisione o sujeito que já deixa para trás e esquece a Modernidade constituída pelos seus ascendentes, seja por escolha ou pela falta dela.

Em nossa moldura contextual, percebemos que se não houver hoje um recuo do microespaço que o francês divide com o mundo, cujo argelino se torna um protagonista dessa longa história da espacialidade francesa, o futuro poderá ser de esquecimento dessa nova configuração ou, ao contrário, de guerra pelo reconhecimento do “vizinho invisível”. Do outro lado daquele mar, a nova espacialidade do argelino encontra na sua própria história as razões para continuar a querer sobreviver na superpopulação mundial, e conta ainda com o aspecto religioso que, pela via da fé, produz frentes de resistência integrista, embora não estejam tão distantes das grandes massas religiosas que especializam a vida alheia no Ocidente, globalizando a fé do

inocente que se apraz nos novos espaços que lhe são dados e que, ao mesmo tempo, é levado ao esquecimento por uma ausência de preocupação com o conhecimento das fronteiras invisíveis que o controlam e o cercam. Não precisamos ir tão longe, ao olharmos para trás para repensar nos trinta ou cinquenta milhões de mortos durante as perseguições da Igreja Católica, em nome dum poder territorializador, que hoje se reveste de agente da paz, ao lado dos Estados Unidos da América, como agentes escolhidos por Deus para trazer o controle do mundo.

Globalizados, sim, todos parecemos viver essa realidade. Mas é bem verdade que os modos de vivê-la permanecem distintos a cada grupo, mais ou menos detentor das maravilhas da globalização, e por isso nos lembramos do que Bauman nos fornece como argumento:

Todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis: a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança. E, no entanto, os efeitos dessa nova condição são radicalmente desiguais. (BAUMAN, 1999, p. 08)

Em seu estudo sobre o tema, o autor afirma que alguns se tornam verdadeiramente “globais” e outros se fixam na sua “localidade”, o que chama a atenção para o nosso estudo. Para ele isso seria insuportável para os “localizados”, pois o mundo funciona em torno da mobilidade. Ser local num mundo globalizado seria então um sinal de privação e degradação social. [...] com os espaços públicos removidos para além do alcance da vida localizada. As localidades, perdendo a capacidade de gerar e negociar sentido, tornam-se cada vez mais dependentes de ações não controladas por essa situação de localidade chega dos sonhos e consolos comunitaristas dos intelectuais globalizados. Assim, uma parte integrante dos processos de globalização acaba sendo a progressiva segregação espacial, a separação e a exclusão (BAUMAN, 1999, p. 09)

Em face disso, parece que começamos a entrar numa era dita global por meio dos eventos políticos, sociais, ambientais e religiosos, que têm o planeta com espectador que, ainda que na base da pirâmide dos privilégios dados pelo espaço acima

citados, presença do próprio lugar pela rede mundial de computadores os eventos que vão dos mais efêmeros aos mais assustadores: se não é possível globalizar todos os habitantes da terra, pelo menos a maioria participa da grande festa pelos telões, de fora das cerimônias, sentados nas cadeiras das próprias casas, estas, tendo se tornado micro-organismos que não revelam mais do que uma escravidão passiva. Imobilizando o sujeito que não pode entrar na esfera, fornecem-lhe pelo menos uma “visão global do mundo”. Já nos recônditos mais pobres do planeta, a pacificação retorna com os antigos apelos que fazem do mais pobre mais assistido na mídia, e de maneira alguma menos pobre.

Encontramo-nos, portanto, no limiar, entre espaços invadidos, conquistados e violentados. Encontramo-nos também diante de fronteiras erigidas por um mundo em que a política e os integristas se desnudam em duelos, fazendo ressurgir como num ciclo os apelos a um suposto comunitarismo e suas tentativas de superar o cinzento que desbotam o colorido com falsos matizes vestidos de esperança diante da miséria na qual mergulha a humanidade.

Em 2014, mais precisamente no dia 29 de junho, vimos surgir oficialmente o Estado Islâmico depois de alguns anos de marcha em torno de grupos que reivindicam o estatuto de soberania: como nomeado - *dawla al-islâmîyya* – o grupo islâmico deixa no registro alguma intenção em exercer a sua força mortífera como um Estado soberano (*dawla*) sem fronteiras bem definidas, ao mesmo tempo em que reivindica territórios no Oriente-Médio. O que tinha então sido uma ramificação na Síria, o Estado Islâmico (EI) é também um fenômeno de grupos surgido no Iraque: não podemos negar o aspecto terrorista desse grupo constituído durante o regime de Sadan Hussein que, apesar de reivindicações civis, não abandona os seus interesses em torno de guerras confessionais e de uma identidade religiosa entre xiitas, sunitas e curdos, tendo tido início entre 2004 e 2001, período de guerras na Síria. Assim esses “djihadistas”, como são chamados, iniciaram uma resistência contra o governo Bachar al Assad, mas se espalharam enquanto exército armado. Financiados por outros países do Oriente Médio, como o Qatar e a Arábia Saudita, embora este último não permita a instalação do grupo em seu país, o EI, armado, territorializa e se proclama como um “califado”,

trazendo de volta o poder hierarquizante do antigo regime árabe, misturado a concepções modernas de Estado. Vemo-nos então diante de guerras planetárias iminentes, não somente pela formação do grupo no Oriente, como por sua própria instabilidade que, segundo Hamid Madjid Moussa, chefe do partido comunista iraquiano, beneficiam os Estados Unidos, uma vez que essas divisões permitiriam controlar facilmente a oposição iraquiana. Assim, Washington encontra um terreno fértil para continuar a cultivar as divisões confessionais e regionais, a fim de promover alguma ameaça de explosão do sistema.²⁸⁸ Interessantemente, os fenômenos a que assistimos vão diretamente de encontro à nossa abordagem, pois acreditamos que a espacialização dos lugares pode promover o diálogo sem a ameaça da autodeterminação de cada grupamento. Ao mesmo tempo, essas relações de poder se realizam como estratégia de controle. Atualmente, o grupo está também presente na Argélia. Mas o que se torna ainda mais interessante nesses jogos entre inimigos, é que a própria Organização das Nações Unidas também se torna um estado invisível, sem as linhas imaginárias dos antigos Estados-Nação, pois a cada dia ganha mais força diante de todos os governos do mundo, julgando os crimes contra a humanidade, ao mesmo tempo em que permanece como expectadora diante de guerras que matam milhares de civis. Ou seja, por mais que tentemos, a mesma visão maniqueísta que oferece o “bem” e extermina o “mal” permanece como a lei da vida sobre os habitantes da terra. Ora, se a fórmula dum estado invisível pretende promover uma suposta paz mundial sob o controle de poucos, o Islã, ainda que se constituindo antes como terroristas capazes de eliminar vidas inocentes, como foram os dois ataques em Paris em janeiro e em novembro de 2015, dizimando a vida de centenas de pessoas, traz de volta a lógica bipolar em escala global.

²⁸⁸ Fonte: www.humanité.fr Acessado em 15/06/2015

É o que percebemos a partir de Pierre Conesa em seu livro *La fabrication de l'ennemi, ou comment tuer avec la conscience pour soi*²⁸⁹ (2011), pelo qual o autor tece algumas considerações sobre o papel dos Estados Unidos da América como formadores do que ele chama de “inimigo conceitual”: a partir da diplomacia unilateral de Georges Bush, entre 2000 e 2008, Conesa identifica uma espécie de “particularismo sacralizado”, cujas bases apontam para “o caráter político-religioso do nacionalismo americano [que] lhe dá uma vocação missionária” (CONESA, 2011, p. 241)²⁹⁰. Com isso, somente esse país poderia ser classificado fora dos conflitos, uma vez que seria desde o ex-presidente reiterado como a única nação que discerne entre o Bem e o Mal. Por isso, “a guerra ‘global e conceitual’ (contra o terrorismo e a proliferação) reconstitui o paradigma planetário único, indispensável para a identificação do inimigo” (CONESA, 2011, p. 245)²⁹¹. Enquanto hiperpotência, eles determinam arbitrariamente as crises que atingem os seus interesses que eles consideram como fazendo parte da segurança nacional. Mesmo os estados conhecidos como terroristas podem, nesse caso, serem considerados “bons”, como é o caso do Paquistão, já que o que praticam, o fazem como aliados estadunidenses (CONESA, 2011, p. 246).

Nesse campo de guerra, o autor ainda diferencia o que seria da ordem do terrorismo, que seria invisível e tendo se espalhado por toda a terra, e a competição, como guerra econômica, como é o caso da França e da Grã-Bretanha. Dessas que são consideradas velhas potências, surgiu na França em 2003, a partir dos Estados Unidos, certa “francofobia” (*French Bashing*), justamente pela ligação do país com Berlim, Moscou e Pequim, o que discorreu na declaração da então ministra Condoleeza Rice, que teria dito: “nós vamos punir a França, ignorar a Alemanha e perdoar a Rússia por

²⁸⁹ Proposta de tradução do título: “A fabricação do inimigo, ou como matar com a consciência por si próprio”.

²⁹⁰ Le caractère politico-religieux du nationalisme américain lui donne une vocation missionnaire.

²⁹¹ La guerre “globale et conceptuelle” (contre le terrorisme et la prolifération) reconstitue le paradigme planétaire unique indispensable à l’identification de l’ennemi.

suas posturas indóceis”.²⁹² Dentre os países “punidos”, a França é considerada como aquela que permaneceu como atriz dos anos 1940, que mantém a aparência por seu próprio visual (CONESA, 2011, p. 249-50).

Por esse prisma, vemos então que o pensamento imperial retorna, como sempre, travestido de fé e de recurso ao religioso no mundo político, como numa nova “Santa Aliança”, muito mais abrangente que o pequeno projeto oitocentista europeu.

Por outro lado, a literatura tem nos mostrado que a espacialidade é a que busca maior elasticidade e tolerância entre povos, apresentando ainda que é possível viver no campo do diálogo, uma vez que a própria literatura é portadora de diálogos pertinentes e aponta pela poética aquilo que o mundo político não pode enxergar. Por isso, os poucos anos de existência da literatura magrebina são suficientes para o estabelecimento duma estética que já nasce à margem das questões ontológicas, compreendendo-as como aquelas a partir das quais o sujeito se debruçava sobre explicações do mundo. Por outro lado, há um “mundo” na escrita magrebina, mas que é da ordem duma recriação, até mesmo pela condição de orfandade do seu povo. Ela não abre mão da memória e da história. Entretanto, existe pouca preocupação em recontar a história duma nação, pelo menos nos moldes dentro dos quais o escritor moderno se mantinha, trazendo na urdidura um sonho de totalidade. Existe ainda a necessidade de conhecimento desse mundo recriado por meio dessa língua que, como vimos, é pilhada do próprio colono, apesar de todas as tentativas de supressão - mesmo nos tempos atuais - do francês como língua de comunicação. O histórico, da mesma maneira, alinha muitas das questões pelas quais o povo argelino foi atravessado, constituindo-se em nossa pesquisa como uma geo-história, já que a dilatação dos espaços permitiu que essa história fosse colocada à prova pelos seus escritores a partir das novas noções em torno da espacialidade: o romancista e o poeta magrebins manipulam essa língua diante da própria realidade histórico-cultural e novos espaços, múltiplos pela própria noção que

²⁹² Nous allons punir la France, ignorer l’Allemagne, et pardonner à la Russie pour leurs postures rétives.

abordamos, são-lhes dados pela mutação geopolítica em plenos séculos XX e XXI. Há, portanto, os novos espaços de edições, apesar da permanência do centro editorial que continua sendo a capital francesa, os novos leitores que surgem, apesar da dificuldade de divulgação das obras argelinas, sobretudo na própria casa do colono, e uma nova língua que agora se torna perenemente a língua de expressão literária do argelino.

A virada espacial, desde os anos 1980, trouxe, portanto, dupla contribuição, para que chegássemos ao atual momento. Temos assim novos aportes que evidenciam a perspectiva do espaço no campo epistemológico dos estudos literários como uma nova categoria. Esse subsídio constitui-se como objeto duma geográfica literária que até agora estudamos. Assim, essa literatura pós-colonial contemporânea institui-se a partir do descolamento duma língua em detrimento doutra, fundando-se no lugar de origem e, paradoxalmente, espacializando-se pela via textual no lugar do outro, apesar da distopia arabizante pós-independência e, conseqüentemente, das oligarquias do poder árabe-islâmico, sobretudo desde os anos 1990 como pudemos rever pelo fio condutor da história recente dessa jovem literatura. É desse modo que a escrita literária que até agora chamamos de argelina foi espacializada.

Assim, o fenômeno não se cristaliza, e a abordagem geopoética de autores que nem sempre não são conhecidos pela academia ou pelos leitores, fornece-nos a tônica do processo de desligamento necessário das nações para que as novas apostas encontrem o homem, que agora vive diante de dois vetores duma mesma mudança: o das nações que parecem, mesmo no plano geopolítico, atravessarem a crise da suas supostas identidades, criadas artificialmente para sustentar a sua soberania e o mundo, que avança noutras crises que desafiam a segurança de vida da humanidade.

Dessa maneira, só podemos dar espaço ao fim do espaço deste trabalho, por meio duma escrita que corrobore com o aspecto reflexivo de ver o mundo: quando se segue um caminho, procura-se, apesar dos arbustos que escondem a visão, das pedras que machucam, dos buracos e das subidas e descidas que eventualmente possam surgir, chegar a um fim, ou pelo menos a um abrigo onde se possa esconder por um tempo, pelo cansaço. O fim do percurso é sempre a linha morta do dia, da semana, do mês, do ano, ou dos anos de labor. Ele é também o momento do descanso merecido,

não pelo que se fez, para pelo que se tentou construir. Se produzirmos para sermos diferentes, certamente teremos sucesso se o talento, a dedicação e a persistência colaborarem para que o sonho obtenha êxito. Mas se o fazemos para apontarmos alguma diferença, o talento e a dedicação jamais bastarão, pois juntamente com esse pequeno pedaço no processo, surgirão pelo caminho mais pedras, mais arbustos, mais buracos, mais subidas e descidas, alguns espinhos que nos ferem e muitos empecilhos que nos desencorajam. A única maneira de propor o fim desta pesquisa é demonstrando o quanto ela ainda ecoa, pois a espacialidade é ampla, e as vozes esfoladas ainda gritam, num mundo que nos atravessa de modo tão voraz e cada vez mais violentamente. Como em Sherazade, a história já recomeça ou, como no livro de areia borgesiano, tudo parece escorrer pelas mãos de todos nós que desejamos enxergar alguma luz na literatura, que teve de ser inicialmente pintada com o sangue de homens e mulheres para que o valor estético sobreviesse à superfície do texto, pela pluma do escritor, talvez um dos mais importantes contadores de história e exploradores do espaço magrebino, espaço num primeiro momento *en friche*, pelo menos no nosso limitado conhecimento e doravante cheio do colorido da obra que se harmoniza com a teoria.

O caráter de infinitude aponta não só para a impossibilidade de esgotamento do tema que propusemos, mas para uma esperança: a literatura precisa sobreviver dentro e, sobretudo, fora da academia. A academia é o vetor que deveria apontar para novas leituras, sem, é claro, abandonar a tradição de séculos de história literária que nos alimentou e que nos fez chegar, juntamente com o mundo, à crise, ao caos. Essa crise e esse caos são vividos sem a escrita, pois a humanidade apela para quaisquer saídas que tragam de volta o colorido da vida. Mas sabemos que o escritor pode exercer o papel de agente, para que o imaginário traga alguma força, e para que a imaginação continue a divagar. Por isso, a ciência não deveria ser a vilã do poeta, mas um contraponto, para que haja o diálogo entre ambos, para que nesse contraponto, à moda de Bach, termine nalguma cadência que traga uma dose de êxtase para que em seguida sejam iniciados outros contrapontos, sem divisões e nem partilhas.

Chegamos ao momento em que a literatura se faz pelo mundo. Ou ainda, por uma poética-mundo, necessária à sobrevivência de povos e de culturas. A

história da Argélia nos demonstra que o caminho é tortuoso, uma vez que o surgimento da sua literatura é fruto do trauma. Como se já não fosse suficiente, as forças que tentam separar ou, pelo menos, fragmentar a história desse povo, insistem no caráter de culpabilidade necessário à proteção dos velhos Estados nacionais. Foi preciso que o pós-colonial trouxesse, ou pelo menos apontasse, para as falhas das relações entre dominantes e dominados e, sobretudo, para a ânsia do dominante, administrador da sua própria identidade, que negava e, às vezes nega, o outro e a possibilidade plural do ser-no-mundo. Não se trata aqui, portanto, de apelar para o desespero do mundo velejando nas trevas: ao mesmo tempo em que se navega à deriva, esquece-se de que ainda há histórias para se contar, espaços a descobrir e desencobrir. Enquanto há mundo. Enquanto há vida na terra.

Tentamos investigar que a espacialidade é fruto da virada espacial no século XX. Perguntamo-nos agora o que nos aguarda, já que o obscurantismo deixa as suas nuvens no futuro que se dissipa debaixo dos nossos olhos. Será que a experiência do magrebino e sua literatura nos fornecem subsídios que nos fazem pensar que a poética ainda existe fora da massificação de textos, de leituras e de leitores? Por sua literatura, vimos que o questionamento sobre a própria terra habitada já levantava razões para não acreditarmos em quaisquer propostas do (s) colono (s), que hoje retorna (m) com mais força do que nunca, assim como o definimos em nossa introdução.

Ao perguntarmo-nos sobre a espacialidade da mulher, pudemos perceber que o seu perfil delicado a torna forte e corajosa, transpondo os espaços locais para resistir às guerras existenciais e para emancipar-se das prisões conceituais. E por fim, apesar da escuridão em que mergulha a humanidade, ou pelo menos que navega à deriva, há pelo menos uma gota de esperança na (re) criação do próprio ser por uma poética que, no fim das contas, não podemos dizer se é simplesmente poética. Mas podemos inferir que o corpo ainda vive, pulsa, espera, observa e, por fim, toma a cada dia decisões que talvez faça florescer um novo sendo.

Por fim, podemos dizer que este trabalho aponta para uma nova esperança. Essa esperança não encontra diálogos nos movimentos que esgotam a potência da vida do sujeito, como vemos pelas iniciativas do mundo político, pela

ameaça do mundo econômico, pelo controle do mundo religioso ou pelo pavor, como o canto da coruja de Mohammedi, dos movimentos em torno duma necessidade de reverter a insegurança abalada pelas catástrofes mundiais. Ao contrário, os novos espaços habitados pelo escritor argelino ou outros escritores em torno do globo preconizam a necessidade de parar para rever o mundo, vivê-lo enquanto há vida na terra que, imortal, poderá, quem sabe um dia, atracar nalgum porto, e assim sair da deriva nas trevas. Para isso, será preciso, como bem disse Agamben, conhecer essas trevas para que ressurja outra luz que não seja o fascismo em que nos encontramos. Apresentamos o trabalho duma poética que tenta fazer com que vejamos algo. Mas como a poética também não salva, restar-nos-á, talvez, buscar nos pedaços que ficaram para trás, pelo chão, a fim de reconstruirmos um novo sentido para o mundo e, sobretudo, para a vida.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

AGAMBEN, Giorgio, *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

AMRANE, Djamila, *Les femmes algériennes dans la guerre*. Paris : PLON, 1991.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASHOLT, Wolfgang, CALLE-GRUBER, Mireille, COMBE, Dominique (org.). *Assia Djebar: littérature et transmission*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2010.

BACHELARD, Gaston. *La poétique de l'espace*. Paris : Presses universitaires de France, 1957.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leila Perrone Moisés. São Paulo : Cultrix, 1989.

_____. “Jovens Pesquisadores”. In: *O Rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1998, p. 96-102.

_____. “L’effet de réel”. In: *Communications*, 11, 1968. *Recherches sémiologiques le vraisemblable*. pp. 84-89.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Tempo/Espaço*. In.: *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire*. Paris : Gallimard, 1955.

BONN, Charles. *Nedjma*. 1^{ère} édition. Paris : PUF, 1990.

BOUDJEDRA, Rachid, *FIS de la haine*. Saint-Armand, Denöel, 1992.

BOUGUERRA, Mohamed Rhida, BOUGUERRA, Sabiha. *Histoire de la littérature du Maghreb*. Paris: Elipses, 2010.

COLLOT, Michel. *Pour une géographie littéraire*. Paris : Corti, 2014.

CONESA, Pierre. *La fabrication de l'ennemie, ou comment tuer avec la conscience pour soi*. Paris : Éditions Robert Laffond, 2011.

BOUGUERRA, Mohamed Rhida, Sabiha. *Histoire de la littérature du Maghreb*. Paris : Elipses, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *La domination masculine*. Paris : Ed. du Seuil, 1998.

DELEUZE, Gilles. “A literatura e a vida”. In: *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 11-16.

_____ & GUATTARI, Gilles, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie*. Paris : Éditions de Minuit, 1991.

DÉJEUX, Jean. *La littérature féminine de langue française au Maghreb*. Paris : Khartala, 1994.

_____ “Carta a um crítico severo”, In: *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editor 34, 1992. Páginas 11-21.

_____ e PARNET, Claire. “Uma conversa, o que é, para que serve? In: *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998, p. 9 45.

DJEBAR, Assia. *L'Amour, la fantasia*. Paris: Albin Michel, 1995.

_____, *Ces voix qui m'assiègent*. Paris : Albin Michel, 1999.

_____. *Femmes d'Alger dans leur appartement*. Paris: Albin Michel, 2002.

_____. *La disparition de la langue française*. Paris: Albin Michel, 2003.

_____. *Ombre sultane*. Paris: Albin Michel, 1997.

_____. *Oran, langue morte*. Paris: Babel, 1997.

_____. *Vaste Est la prison*. Paris: Albin Michel, 2002.

EIRAS, Pedro. *Esquecer Fausto – A fragmentação do sujeito em Raul Brandao, Fernando Pessoa, Herberto Helder e Maria Gabriela Llansol*. Lisboa: Campo das Letras, 2006.

FANON. Franz. *L'an V de la révolution algérienne*. Paris: Découverte, 2011.

_____. *Os condenados da Terra*. Trad. Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. 374 p. (Coleção Cultura, v. 2)

FOUCAULT, Michel, *Arqueologia do saber*. Lisboa: Vozes: 1972.

GAFÄITI, Hafid. *La diasporisation de la littérature postcoloniale: Assia Djebar, Rachid Mimouni*. Paris, Harmattan, 2005.

FLUSSER, Vilém. *A escrita : há futuro para a escrita ?* Trad. Murilo Jardelino da Costa. Rio de Janeiro : Annablume, 2010.

GARNIER, Xavier, *Texte/terrain : la littérature incarnée comme perspective critique*, dans V. Coulon et X. Garnier, *Les littératures africaines. Textes et terrain*, Paris, Karthala, 2011, p. 369-380.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris, Gallimard, 1996.

_____. *L'imaginaire des langues : Entretiens avec Lise Gauvin (1991-2009)*. Paris : Gallimard, 2010.

_____, CHAMOISEAU, Patrick. *Quand les murs tombent: identité nationale hors-la-loi?* Paris: Galaade, 2009.

HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro DP&A Editora, 11ª edição, 2006.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KAVWAHIREHI, Kasereka *L'écriture de l'immigration dans une perspective postcoloniale, @nalyses* [En ligne], Comptes rendus, Francophonie, mis à jour le: 01/09/2009, URL: <http://www.revue-analyses.org/index.php?id=103>

KIAN, Soheila. *Écritures et transgressions d'Assia Djebar et de Leïla Sebbar: la traversée des frontières*. Paris: Harmattan, 2009.

KRISTEVA, Julia. *Étrangers à nous-mêmes*. Paris: Fayard, 1988.

LÂAIBI, apud, BOUGUERRA. *Histoire de la littérature du Maghreb*. Paris: Elipses, 2010.

LAGARDE, Dominique. *Algérie : la désillusion*. Paris, Express Routala Éditions, 2011.

- LARONDE, Michel. *Autour du roman beur : immigration et identité*. Paris : l'Harmattan, 1993.
- LACOSTE, Yves. *La question postcoloniale : une analyse géopolitique*. Paris : Fayard, 2010.
- LE BRIS & ROUAUD (org.), Michel, Jean. *Pour une littérature-monde*. Paris : Gallimard, 2007.
- MÉDIÈNE, Mohamed, *Couleur locale*, In : *Alger : Notes au crayon et autres textes*. Paris : Magellan & Cie, 2011.
- MOHAMMEDI, Anissa. *Au nom de ma Parole*. Québec: Écrits de Forges, 2003.
- _____. *La voix du silence*. Paris: Librairie-Galerie RACINE, 2001.
- MONCHOACHI & LAKOUZÉMI. *Le monde tel qu'il est : Entretiens à propos de Quand les mur tombent : l'identité nationale hors-la-loi ? de Édouard Glissant et Patrick Chamoiseau*. Coulounieix-Chamiers : Chanlac, 2009.
- MORIN, Georges. *L'Algérie au coeur des passions*. Lassay-les-Châteaux : La Cavalier Bleu, 2012.
- SPIVAK, Guaytari, *Pode o subalterno falar ?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, André Pereira Feitosa, Marcos Pereira Feitosa. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2010.
- PUCHEU, Alberto. "Pelo colorido, para além do cinzento (quase um manifesto)". In: *Pelo colorido, para além do cinzento (A literatura e seus entornos interventivos)*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007, p. 11-26.
- SAÏD, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANTOS, Ana Clara e ALMEIDA, José Domingues de. *L'étranger tels qu'il (s) écrit*, In : *Les étrangers d'Algérie : Albert Camus, Kateb Yacine, Yasmina Khadra*. Porto : UPORTO, 2014.
- SAVARESE, Éric. *La rencontre postcoloniale*. Broissieux, Croquant, 2014.
- SMOUTHS, Marie-Claude (org.), *La situation postcoloniale*. Paris : Sciences-Po Les Presses, 2007.
- STORA, Benjamin. *De Gaulle et la guerre d'Algérie*. Paris : Robert Lafond, 2011.
- _____. *Les immigrés algériens en France: Une histoire politique, 1912,1962*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 2009.

YAYA ALI, Rachid. *Sur la question nationale en Algérie*. Tizi-Ouzou : Éditions Achab, 2011.

ANEXO

TRADUÇÃO DO DISCURSO DE ENTRADA DE ASSIA DJEBAR NA ACADEMIA FRANCESA.

Senhoras, Senhores da Academia,

Eu queria primeiramente citar o poeta Jean Cocteau, aqui recebido em outubro de 1955, nesta mesma data em que eu entrava na Escola normal Superior em Paris, da qual se lembram dois ou três dos meus condiscípulos e amigas, presentes hoje entre nós,. Jean Cocteau, portanto, com a graça e o charme desenvolvido que os seus escritos e suas imagens conservam dizia, na introdução do seu discurso: “Será necessário que eu evite 'ornamentar-me' em palavras, o que nos leva inconscientemente a um lugar histórico”.

“Ornamentar-me”, para ele? O risco para mim é maior: eu não tenho nem o charme nem o brio de Jean Cocteau, festejado durante toda a sua vida nas sociedades mais distintas e pelos mais diversos públicos. Pelo menos, essas primeiras palavras do poeta de *Plaint-Chant*, pronunciadas nesta mesma sala, me vêm à mente para exprimir-vos os meus agradecimentos por terem me aceitado em vossa Companhia. Essa voz de Cocteau, intervindo como a dum *souffleur* de teatro, permite-me dominar um pouco a rigidez do meu modo tímido diante de vós.

Pois esses lugares são assombrados pela presença impalpável daqueles que, durante quase quatro séculos, sucederam-se num labor contínuo sobre a língua francesa, levados por sua obra de natureza científica, imaginativa, poética ou jurídica. Dentre os presentes/ausentes, que chamamos, pois, de “imortais”, eu escolho, como segundo anjo guardião, Denis Diderot, que não foi, como Voltaire, academicista, mais

.

do qual o fantasma será para mim, eu o sinto, sombra guardiã. “Pareceu-me”, escreve o filósofo em 1751, “que era preciso estar ao mesmo tempo por fora e por dentro”. Diderot define assim a sua abordagem quando termina a sua *Carta sobre os surdos-mudos*.

Tomo-lhe em prestado essa perspectiva de abordagem, colocando-me “ao mesmo tempo por fora e por dentro” para fazer o elogio, segundo o uso, do meu predecessor na poltrona número 5, o decano Georges Vedel.

Retornemos à carreira do professor Georges Vedel.

Esse homem do Sudoeste, nascido em 1910 à Auch, mas originário de Mazamet, é neto, do lado paterno, dum policial que não teve muito avanço porque, segundo o decano, ele era bom demais para combater; entretanto, do lado materno, o avô circulava entre os dois departamentos de Aude e de Tarn, como contrabandista, fazendo passar os odres de vinho, sem pagar os direitos de pedágio, isso sob o reino de Louis-Philippe! Eis aqui essa criança colocada, quase simbolicamente, desde a origem, de ambos os lados do Direito. Diderot diria “ao mesmo tempo por dentro e por fora!” Com raízes tão autenticamente populares, que implicam também no duplo falar - a língua do grande poeta Frédéric Mistral, “langue d’oc” (dizia-se “o patois”), ainda palpitante sob o francês aprendido na escola da III República - a ascensão social se seguia sobre três gerações: o pai de Georges Vedel entrou na escola dos suboficiais e fez carreira; ele participará da guerra de 1914-18 e terminará como coronel.

O filho será criado, após a Grande Guerra, ao sabor das proteções paternas. Ele fará sérios estudos secundários, mas suportando mal a vida de internato, após o vestibular, apesar de ter se inclinado por um momento à filosofia: para evitar encontrar justamente a pensão, ele escolheu se inscrever em Direito em Toulouse, sem renunciar, pelo menos no início, à filosofia.

Finalmente, o Direito será para ele uma vocação, talvez graças à qualidade da tradição jurídica, em Toulouse, tradição esta dominada pela “figura tutelar do decano Hariou”, com o qual Georges Vedel fez os últimos cursos.

O professor Didier Maus, presidente da Associação francesa dos constitucionalistas, para sublinhar as origens familiares do Senhor Decano,

caracterizadas, dizia ele, pelo “gosto de independência dos homens e das mulheres dessas regiões”, completava: “esse passado occitano ancora Georges Vedel na continuidade.” Ele terminou o elogio fúnebre do Mestre nestes termos: “Os mais jovens dos que nos ouvem poderão dizer: sim, em 2002, havia alguém – entendam ‘Senhor Vedel’ que conheceu o decano Hariou”! É assim, concluía ele, que nossas memórias se constroem e se transmitem.

Quanto ao professor Pierre Delvolvé, sem dúvida o mais próximo discípulo, após ter insistido sobre todas as partes do Direito em que Georges Vedel se destacou - Direito Público Francês, Direito Civil, Direito Internacional Público e para terminar, o direito comunitário para a redação dos tratados de Roma, da Europa de hoje - Pierre Delvolvé, portanto, resumiu a riqueza dessa biografia pela seguinte fórmula: “Georges Vedel assim fez subir a Paris a escola de Toulouse”.

Eu não saberia, infelizmente, por causa de minha incompetência jurídica, retrair o aporte decisivo de Georges Vedel em todas as matérias do Direito. Certamente, os manuais do decano Vedel alimentaram e alimentam ainda a memória de gerações de estudantes e futuros juristas. Seria-me difícil entrar nos mistérios desse saber, eu que, de fato, só guardo dos conhecimentos nesse domínio traços de minhas leituras *De l'esprit des lois* de Montesquieu e *Du contrat Social* de Jean-Jacques Rousseau, textos que revelam antes a Filosofia do Direito, ou simplesmente a Literatura. Mas, percorrendo os encontros aos quais Georges Vedel aceitara participar, pouco a pouco eu comecei a ouvir a sua voz, a sentir a sua presença.

Já que, autor de narrações, eu tenho o único pequeno poder - eu ia dizer “o métier” no sentido artesanal de tentar tornar próximo - eu não ousou dizer “ressuscitar”, o ser que não é mais; Eu escolho, através dalgumas cenas da sua vida, colocar-me por detrás da sua sombra, escorregar-me bem perto, tentar leva-lo até vós, perdoai-me, como “personagem” como *character*, diríamos em inglês.

O esposo, o pai, o avô, evocados por seus muito próximos, a Senhora Vedel em primeiro lugar, assim como uma e suas filhas: eu os escutei longamente e silenciosa, pois, insensivelmente, a própria vibração dessa palavra dos muito próximos, dolorosas, no entanto, pelo vivo da perda, girando e se retornando na lembrança, vos

leva pouco a pouco o ausente, talvez mais intimamente, que as homenagens públicas e os testemunhos de eloquência admirativa.

Pois se trata aqui, senão de tornar presente um ser caro aos seus próximos, aos seus discípulos, pelo menos de me aproximar o mais perto possível do ausente, fazer aflorar sua imagem que poderia, por raios furtivos, nos emocionar, retornam a mim algumas palavras, um só verso do poema, sem nenhuma dúvida o mais clássico da Idade Média europeia, quero dizer, *A Divina Comédia*, e essas palavras extraídas do canto 21 do Paraíso aconselham-nos em como nos ajudar a criar, mesmo por um segundo, a ilusão da presença amada, sim, algumas palavras de Dante:

Coloque a tua mente onde estão os seus olhos.

Ficca di retro a li occhi tuoi la mente.

Suspendamos nosso sopro: é a própria voz de Béatrice, da qual não se pôde jamais se consolar o poeta exilado em Florença, Béatrice da qual ele fala, a cada etapa da viagem astral dessa embarcação imaginária, já que estamos no Paraíso. Lembremo-nos da ligação poética dessa extraordinária aventura: Dante, tal um astronauta do nosso tempo, por três vezes, aborda um céu de lua, depois sucessivamente, dezessete céus de astros diferentes, assim até o canto XXI, em que ele se beneficia da última aparição de Béatrice.

Repito o verso, pronunciado por ela, a amada que vai desaparecer para sempre, justo após ter anunciado:

Nós chegamos ao sétimo esplendor

Donde esse conselho endereçado ao poeta. Essas palavras, entre esplendor e ausência serena, ela as murmura em imagem de intercessão benfeitora e de ternura: “Coloque a tua mente onde estão os teus olhos”.

Na visão de Dante, o milagre de poder tornar presente, num raio dum segundo, tudo o que desapareceu sobrevém quando este último – e voltemos, apesar desse desvio, ao meu faltoso predecessor – parece mais precioso aos seus do que o

próprio sol. Nessa irreversibilidade da perda, é o único poder de poesia, sua magia da emoção comunicativa: *Ficca di retro a li occhi tuoi la mente* (verso 16-canto XXI).

Palavra que transtorna porque é transtornada, que tenta superar o passado que não passa.

Nesse esforço de liturgia, o desaparecido, num vestígio de luz, retorna-nos: louvado seja o esforço destes que ele amou, que chegam até vós, até nós, cuidadosamente, sem poupar sua própria tristeza que, com efeito, se reaviva.

Sim, o Senhor Decano nos retorna, então, graças à afeição dos seus que buscam consolação, dos seus discípulos que, na ausência, guardam a memória do seu rigor, da sutileza dos seus comentários, da sua influência que lhes permanecida intensa! E para mim que os escutava, a vivacidade de suas lembranças o reaproxima de nós: essa filialidade e essa fidelidade, uma e outra operantes, restituem-nos!

Até a sua voz que eu poderia ouvir, eu, que jamais me aproximei dele, eu, que me perguntei se essa voz tinha um sotaque, eu quero dizer, um sotaque do Sudoeste natal! O concreto, finalmente, da tradição: sua oralidade.

Também me perguntava, segundo qual o rito arcaico do meu país poderia eu lançar na minha vez alguns grãos de areia ou de trigo, algumas folhas de louro, ou pétalas de jasmim na água revigorante da memória dos alunos dos amigos de combate?

Quanto a essa palavra “combate”, evocar antes o labor de paciente escala que representou para Georges Vedel, por exemplo, durante longos anos, a elaboração da Carta da Europa, da qual ele foi um dos artesãos.

Da mesma maneira, eu escutava a narrativa feita por um dos seus companheiros, a propósito duma viagem na América central: o professor Guy Carcassonne me narrando, explicando-me, depois, repentinamente sorrindo rememorando uma escala noturna... Em Cuba. Porque Cuba, você adivinharam, para visitar, mesmo tarde, uma das fazendas, a mais famosa, onde o Senhor Decano pôde fazer uma provisão dos melhores charutos do mundo, esse pecado do mestre, sendo conhecido por seus próximos...

Descendente do Concorde que eles tinham tomado, os dois, em março de 1998, para se renderem primeiramente na Costa Rica, onde Georges Vedel recebia um doutorado honoris causa, no retorno, graças a uma escala de noite improvisada, foi-lhes possível, pela sorte, visitar uma ou duas plantações de tabaco de Cuba. “Eis-nos aqui em Havana, lembra-se Guy Carcassonne, em plena noite, não muito longe do aeroporto, penetrando na plantação mais importante em que o mestre dos lugares nos recebe, um velho senhor muito simpático”. Nosso guia, ele mesmo impressionado, murmura-me que se trata duma glória para todos os fumantes de charutos. Don Gendro de Robaina, em pessoa, aquele dos qual os charutos são os mais renomados do mundo.

... Nosso anfitrião é cortês. Ele me pede a identidade do meu companheiro. Enquanto isso, a degustação começa.

“Bem, meu amigo e confrade que aqui está, afirmava-lhe eu, seguro de dizer a verdade, é o ‘Robaina’ do Direito”!

Eles conversaram longamente, curiosos um do outro, e o Senhor Decano retoma o avião, revigorado pelo encontro e por sua provisão de charutos, logicamente.

Essa cena noturna evocada, eis-me aqui imaginando esses dois mestres da mesma idade, o Francês e o Cubano, no topo, cada um, com sua respectiva arte, degustando de concerto os charutos mais famosos do mundo. Nessa ocasião, Georges Vedel dialogava em espanhol com Don Gendro de Robaina, o mestre dos lugares...

... E, espanhol, já que Georges Vedel, prisioneiro de guerra a partir de 1939 durante seus cinco anos de cativo, tinha, entre outras atividades, aprendido a língua espanhola.

Recuemos no passado do Senhor Decano. Eu tento fixar no voo as imagens que o próprio Decano fez levantar em mim por suas respostas ao jornalista Marc Riglet.

- “Aos dez anos, eu ocupo a Alemanha!”, diz ele, rapidamente e com humor.

Compreenda que, em 1920, o pai do nosso herói fez parte do corpo do exército francês que ocupava, com efeito, a Alemanha vencida. Seu filho de dez anos seguia a sua escolaridade no liceu francês de Mayence.

“Muitos anos depois”, rememora-se o Senhor Decano, “eu me lembrei duma cena que, no momento em que a ocupação da Ruhr me tinha abatido sem que eu a compreendesse”.

Com efeito, em janeiro de 1923, as tropas francesas e belgas, com o acordo dos outros Aliados, ocupam, sobre o lado direito do Rhin, as usinas metalúrgicas de Krupp e de Thyssen que tardavam a pagar a dívida de guerra muito pesada. Decisão catastrófica que vai retornar à classe operária alemã – no entanto uma das mais politizadas então – para uma reação de solidariedade nacionalista com os seus patrões.

Imponente manifestação então, em Mayence, sede da ocupação dos Aliados de 1918, que fixa, por um detalhe inesquecível, a memória do garotinho Vedel: “Imaginem, lembra-se ele, o choque duma criança de doze ou treze anos que, de sua sacada, ouve os alemães cantar”... *La Marseillaise* como canto revolucionário. E nisso, como desafio aos Franceses.

O garoto de Mayence, do alto de sua sacada, como testemunha ocular, acrescenta que até *spahis* marroquinos receberam ordem de dispersar a manifestação dos operários alemães que vinham ao socorro dos seus patrões!

Georges Vedel então, longo tempo após fará esse comentário um tanto quanto amargo: Pura obra-prima política que o Ubu não teria renegado!

Eu ouço a voz do Decano se entristecer; como nós, ele se lembrava que a essa ocasião ouviu-se falar dum certo Hitler, com seu movimento de extrema direita nascendo, mesmo se, pouco tempo após, o sinistro agitador tivesse sido detido por um curto momento. Eu noto esse instante em que o rapazinho de doze ou treze anos era testemunha a partir de sua sacada - a imagem aqui não é de modo algum metafórica - sim, verdadeiramente, na sacada, precisamente, da história, pois esse dia se torna premissa da tragédia europeia que se seguirá.

Mas, repentinamente, eu lidava com as datas dessa vida exemplar? Saltamos por um instante o curso escolar do rapaz tornado aluno no liceu em Toulouse, depois estudante de direito, depois professor *agregé*.

Saltamos até mesmo o segundo dia do nosso herói na Alemanha; os cinco anos de cativo em Oflag 18, sobre o qual, seguramente, eu retornarei.

Avancemos mais longe ainda no tempo vindouro do rapazinho de 1923... Chegamos, não hesitemos... Em 1957, ou seja, trinta e quatro anos mais tarde! Em Bruxelas, encontramos-nos, quando, na delegação francesa presidida pelo Ministro Maurice Faure, Georges Vedel foi, aos quarenta e sete anos, o jurista encarregado de redigir os rascunhos do “Tratado do Euratom”, tratado que, numa Europa que se deseja nova, e solidária, permitiria garantir-lhe uma independência da Energia em relação aos EUA.

Seis artigos são escritos dum modo tão técnico que eles poderiam, no último momento, causar uma recusa do Chanceler Adenauer. Ora, era importante, até mesmo urgente, pelo menos para o governo francês de então, que esse tratado fosse ratificado.

Ocorre em secreto uma cena que terá sua importância para o tratado de Roma que se seguirá. O suspense começa no momento em que o próprio Guy Mollet, então chefe de governo “força” (é a expressão daquele que evoca esse passado), sim força Georges Vedel, o jurista redator dos artigos diante do chanceler Adenauer que hesita em assinar.

Guy Mollet apresenta ao velho Adenauer o jurista Vedel que redigiu os seis artigos dos quais ninguém compreende nada, salvo os juristas. Georges Vedel em alemão, resume o seu texto dum maneira tão convincente que o velho Chanceler encontra confiança...

Nessas idas e vindas da memória, Georges Vedel comentará, desta vez, na véspera de ser eleito na Academia em 1997: “eu pensava que era mais precioso fazer a Comunidade Econômica Europeia e esse Euratom ao qual eu me atara porque ele era rico em problemas jurídicos”!

O Senhor Decano, que é uma mina de lembranças da mesma importância que negociador e testemunha para a história – acrescenta, aliás, essa observação tão preciosa para nós: “Maurice Faure tem frequentemente dito que se essa negociação (do Euratom) pôde ser realizada, era em parte porque a guerra da Argélia ocupava muito as mentes”.

Mas façamos reviver Georges Vedel, apenas quadragenário, nesses anos de 1950 ao passo que, pela sua capacidade em encontrar forma nesse novo aspecto internacional, goza da confiança dos chefes de estado de primeiro plano. Seu papel foi então decisivo na aproximação franco-alemã que se constrói nessa década. Lembrando-se talvez o pequeno rapaz de 1923, ele lamentará: “a interminável partida França-Alemanha” não podia se perpetuar para sempre de guerra em guerra!

E ainda em 1997, quase no anoitecer da sua vida, ele concluirá: “A ideia de repetir as burrices que tinham provocado o rasgamento da Europa era para nós estrangeira”. Nós pensamos, inclusive, o contrário.



Desculpem-me, Senhoras e Senhores, por esse desvio na vida do Senhor Decano: minha viagem “vedeliana” iniciada em 1923 saltou trinta e quatro anos numa só vez, até 1957, e eu não pude em seguida impedir-me de citar os seus julgamentos mais tarde, na véspera de sua eleição na Academia...

Essas idas e vindas que eu opero, numa aparente desordem, me fazem sentir o quanto durante o seu percurso de vida (a infância, os estudos, a experiência de guerra e dos campos), o professor permaneceu sensível ao equilíbrio tão frágil entre o passado coletivo que resiste e as formas novas, algumas vezes informes, mais prefigurando o porvir da Europa.

Quando, por exemplo, ele animou, com amigos, em 1967, o clube Jean Moulin, seu instinto de jurista sem par era sustentado por uma inteligência aguda de renovos da mudança que, mesmo com atraso, advém...

Da minha parte, é verdade, assustou-me a sua obra de jurista, eu diria de Grande Sábio, no nascimento numa nova Europa.

Seu pensamento sobre o Direito, experimentado por décadas, fê-lo entender, o mais próximo possível, os movimentos dum secreto pêndulo que tenta equilibrar estabilidade e progresso numa Europa cicatrizada, da qual ele me parece ser um dos relojoeiros invisíveis.

Tocou-me a sua experiência desse problema tão tenaz, lâmina de fundo e de longa duração, digamos, “de longa paciência”, ou mesmo de “longo sofrimento” do que o Senhor Vedel chama de “a interminável partida entre a França e a Alemanha”.

Retornarei também à sua detenção de 1939, depois à experiência do cativo que ele viveu durante cinco anos.

“A guerra?” Lembra-se ele, sempre diante de Marc Riglet, “é difícil de dar conta do estado de estupor no qual a derrota nos mergulhou!” Ele destaca, “o que nós quase esquecemos totalmente”, diz ele, “os 100.000 mortos franceses da campanha de 39”. Ele lembra “esses dias de desespero e de desgosto”, sua expressão foi sacudida por uma cólera estupefata do homem ainda jovem, pois, em 1939, ele ficou indignado: “isso, vinte e um anos somente após a vitória, tão arduamente adquirida, dos Aliados de 1918”!

Em 1939, enquanto tenente no Leste da França, ele se encontra cercado com o estado maior do V exército.

A ordem é transmitida aos oficiais para tentar ganhar, em ordem dispersa, a fronteira suíça. Três dentre eles avançam ao acaso, na floresta de Vosges, em plena noite. O primeiro, Vedel, esbarra num obstáculo e cai, é um soldado alemão: “Fui capturado”, lembra-se ele, “pela unidade alemã da qual eu sou o primeiro prisioneiro enquanto oficial! Fui enviado num Oflag onde, devo dizer, é respeitada a convenção de Genebra... No terceiro desses campos, nos sofreremos, logicamente, pelo frio, pela comida ruim, mas nós poderemos receber encomendas uma vez por mês, e até livro, em seguida”.

Em Agosto de 1940, ele foi transferido para a Áustria, em Oflag 18, onde estão agarrados vários outros professores de Direito, de História, de Letras etc. Todos juntos organizam uma universidade. Ele então se tornou novamente professor de

Direito, durante os cinco anos que se seguirão, mas também estudante, pois ele aprendeu o espanhol, assim como a teologia se São Paulo. Georges Vedel julga esses anos como prisioneiro, “extremamente fecundos”, apesar das condições mais que ascéticas do cotidiano. Ele se enche de amizades novas e duráveis.

Em 45, quando os Russos libertaram esse campo não longe de Viena, os oficiais franceses foram colocados à disposição dos Americanos, no aeródromo de Linz. Lá, ocorreu-lhe um choque; um horror indizível toma os Franceses libertos quando eles encontram outros deportados, mas em que estado: seres esqueléticos saem ou, antes, titubeiam fora do campo de Mauthausen que se encontravam somente a sessenta quilômetros do seu: “Oh”, exclama o Senhor Vedel, “um rebanho de torturados, de quase mortos, aparece-nos”.

Esse foi um transtorno do seu todo inteiro ser. Nem ele, nem seus camaradas de cativo, enquanto eles encaram essa visão de pesadelo, não teriam podido imaginar, e perto deles, “um tal inferno de tortura, de fome, de morte: um mundo sem direito, diz ele, em que o homem é tratado pior do que um animal”.

Sua reação, no trem que o levava para Paris, foi duma força de que ela jamais esquecerá: “Parece-me”, lembra-se ele, “que eu comecei a crer verdadeiramente no Direito nesse momento”.

O horror que ele ressentiu, nos dias seguintes, se prolongará. Pois nesse trem do retorno, os deportados de Mauthausen continuavam a morrer.

Por essa visão, do que podia ter sido também a guerra, ele permanecerá marcado, assombrado pela proximidade dum “mundo sem direito”, uma Barbárie no próprio coração da Europa. “Eu compreendi”, conclui ele, “que o Direito, mesmo rudimentar, mesmo rugoso, é uma das fronteiras entre o homem e o animal”!

Antes, ele era um brilhante agregado de Direito, em vias de “obter êxito” em sua vida de professor de universidade. Após 1945, o Direito não é mais somente uma “carreira”, um métier, mas uma vocação que o habita, dos quais os questionamentos não deixarão nunca mais a sua mente em repouso.

Georges Vedel, portanto, grande mestre do Direito.

Atuou como professor desde 1936, quase ao longo do século passado, na Faculdade de Direito, nas Ciências Políticas e das múltiplas universidades estrangeiras, inclusive as dos países do Magrebe. Suas aulas, dizem-nos, eram um modelo de clareza e de rigor, sempre com notas de humor.

Como autor, é sobretudo em Direito Constitucional e Direito Administrativo que ele inovou, como por exemplo, o seu manual datando de 1949, reimpresso e, 1994, que permanecia indispensável para compreender as transições constitucionais da III à V República.

No Conselho Constitucional, enfim, sua entrada em 1980 foi a sua consagração. Acontecia que, nos nove anos seguintes, a França teve dois presidentes da República e três eleições legislativas. “A alternância engendrará uma atividade intensa”, diz-nos Robert Balandier, que encontrou o Decano nessa alta instância. E o Senhor Batinter conclui: “uma visão de conjunto guiava o projeto do Decano. Ela dava aos seus escritos e aos seus propósitos uma unidade e uma densidade incomparáveis”.

Da minha parte, tendo muito rapidamente sobrevoado essa vida de trajeto exemplar, permito-me de voltar ao choque do homem Georges Vedel recebido no aeródromo de Linz, e que abalou definitivamente a sua inteligência e sensibilidade, o que deu mais profundidade à sua consciência de cidadão.

É verdade que pelo acaso da vida, ele foi ligado pela amizade com Maurice Faure, jovem parlamentar. Este, ministro em 1956, encarregado da negociação europeia, chamou o Senhor Decano como conselheiro jurídico para os acordos a elaborar, que será necessário submeter aos diferentes parceiros duma Europa reconciliada.

Talvez, todas as proporções guardadas, poderíamos retornar à origem da primeira Europa dos célebres *Serments de Strasbourg*, em 842, quando os netos de Charlemagne e seus irmãos mais novos fazem as pazes (cada um, na língua do outro): eles dividem a herança paterna, certo, para se reforçar também contra o irmão primogênito, o terceiro herdeiro...

Esse esquema, poderíamos dizer, funcionava novamente nos meados dos anos 1950. Vencidos e vencedores da Europa surgindo, uma nova vez, as suas

ruínas, elaboraram fundações outras para uma Europa a se regenerar. Eles se reconciliaram, é bem certo, mais para contrabalancear o bloco dos “países do Leste” e isso, até a queda do muro de Berlim, em 1989.

Nesse contexto, um pouco como um expert em mecânica europeia, Georges Vedel teve um papel decisivo em Bruxelas.

A força que o habitará, eu a chamarei de sua ética do Direito, contra o domínio do não-direito. Ela lhe vem também por sua confrontação vivida com as fissuras trágicas duma recente história europeia.



Há uma outra história, Senhoras e Senhores, e consecutiva à esta aqui... Permitam-me evocar neste momento: a França, sobre mais de meio século, afrontou o movimento irreversível mundial de descolonização dos povos. Ele foi vivido, em minha terra natal, em pesada passividade de vidas humanas massacradas, de sacrifícios privados e públicos inumeráveis e dolorosos, isso sobre as duas vertentes dessa laceração.

Tratava-se, também, duma confrontação mais larga da Europa com todo o Terceiro Mundo. Cabe aos filósofos da História medir por que as duas guerras mundiais se enraizaram sem dúvida pelo fato que a Alemanha, potência reunificada em 1870, foi afastada do retalhamento colonial da África no Século XIX.

A África do Norte, no tempo do Império francês - como o resto da África da parte dos seus colonizadores ingleses, portugueses ou belgas - sofreu durante um século e meio, a usurpação de suas riquezas naturais, destruturação de seus assentos sociais, e, na Argélia, exclusão no ensino das suas línguas identitárias, o berbere secular, e a língua árabe da qual a qualidade poética só podia então, para mim, ser percebida nos versos corânicos que permanecem para mim preciosos.

Senhoras e Senhores, o colonialismo vivido dia a dia por nossos ancestrais, sobre quatro gerações pelo menos, foi uma imensa ferida! Uma ferida da qual alguns reabriram recentemente a memória, muito levemente e por derrisório cálculo eleitoral. Já em 1950, em seu “Discurso sobre o Colonialismo”, o grande poeta Aimé Césaire mostrara, com o sopro potente da sua palavra, como as guerras

.

coloniais na África e na Ásia têm, de fato, “descivilizado” e “tornado selvagem”, diz ele, a Europa.

Em plena guerra da Argélia, da minha parte, ao contrário, eu me beneficiei de calorosos diálogos com grandes mestres dos anos cinquenta: Louis Massignon, islamólogo de rara qualidade, para as minhas pesquisas de então, sobre a mística feminina, da Idade Média, o historiador Charles André Julien, que foi o meu Decano na Universidade de Rabat por volta dos anos 1960, enfim o sociólogo e arabizante Jacques Berque que me reconfortava, lamentavelmente, justamente antes da sua morte, em plena violência islamista na década passada contra os intelectuais, na Argélia.

Eu acrescentarei nesta lista o discreto amigo de outrora, Gaston Bounoure que, do Egito, vindo terminar sua carreira de professor no Marrocos, era um dos raros a me encorajar no meu início de romancista; igualmente, um pouco mais tarde, o poeta Pierre Emmanuel que teve assento entre vocês.

Eu terminarei sobretudo com duas mulheres que me comunicaram anteriormente a força de ser o que eu sou, ou seja, uma autora de escrita francesa: a primeira, a Senhora Blasi, no colégio de Blida, por sua simples leitura dos poemas de Baudelaire - eu tinha onze anos - a outra em Paris, a professora Dina Dreyfus, da qual o ensino de Descartes e de Kant me transmitiu um pouco de rigor, eu tinha dezenove anos...

Eu queria acrescentar, desejando aos tão numerosos Argelinos que se batem hoje pelos seus direitos de cidadãos, o meu reconhecimento por Germaine Tillion, predecessora de nós todos, por seus trabalhos nos Aurès, desde os anos trinta, por sua ação de diálogo em plena batalha de Argel em 1957, igualmente por seu livro “O Harém e as primas” que, desde os anos sessenta, tornou-nos “livro-farol”, obra de lucidez mais do que polêmica.



Como Georges Vedel, eu me destinava à filosofia. Apaixonada, estava eu há vinte anos, pela estatura de Averroes, esse Ibn Rochd andaluz de gênio do qual a audácia do pensamento revivificou a herança ocidental, mas ao passo que eu aprendera

no colégio o inglês, o latim e o grego. Como eu pedia em vão para aperfeiçoar o meu árabe clássico, tive de restringir minha ambição me resignando a tornar-me historiadora. Nesse sentido, o monolinguismo francês, instituído na Argélia colonial, tendendo a desvalorizar nossas línguas maternas, levou-nos ainda mais à nossa busca pelas origens.

Assim, diria eu, avivava-se o meu “desejo ardente pela língua”, uma língua em movimento, uma língua ritmada por mim para me dizer ou para dizer que eu não sabia me dizer, senão, que pena, às vezes na ferida... Senão na fresta entre duas, não, entre três línguas, e nesse triângulo irregular, sobre níveis de intensidade ou de precisão diferentes, encontrar o meu centro de equilíbrio ou de oscilação para pousar a minha escrita, estabilizá-la, sim, arriscar ao contrário o seu voo.

A língua francesa, a de vocês, Senhoras e Senhores, tornou-se a minha, pelo menos pela escrita. O francês, portanto, é lugar, eu até diria, da minha utopia; *tempo* da minha respiração a cada dia: o que eu queria esboçar, neste instante em que eu permaneço silhueta, em pé diante de vossa porta.

Eu me lembro, no ano passado, em Junho de 2005, no dia em que os senhores me elegeram em sua Academia, dos jornalistas que buscavam a minha reação, e eu respondera que “eu estava contente pela francofonia do Magrebe”. A sobriedade se impunha, pois fui tomada pela sensação quase física que as suas portas não se abriam somente para mim, nem somente para os meus livros, mas para as sombras ainda vivas dos meus confrades - escritores, jornalistas, intelectuais, mulheres e homens da Argélia que, na década de 1990 pagaram com a sua vida o fato de escrever, de expor suas ideias ou, simplesmente, de ensinar... Em língua francesa.

Desde então, graças a Deus, o meu país cauteriza pouco a pouco as suas feridas.



Seria útil talvez lembrar que, na minha infância na Argélia colonial (diziam-me “Argélia francesa muçulmana”) enquanto nos ensinavam sobre os “nossos ancestrais, os Gauleses”, nessa época, justamente, Gauleses, a África do Norte, (chamavam-na também Numídia), minha terra ancestral já tinha uma literatura escrita de alta qualidade, em língua latina...

Eu evocarei três grandes nomes: Apuleio, nascido em 125 d.C. em Madaure, no leste argelino, estudante em Cartago e depois em Atenas, escritor em latim, conferencista brilhante em grego, autor duma obra literária abundante, da qual a obra-prima *L'Âne d'or ou les Métamorphoses*, é um romance picaresco do qual o entusiasmo, a liberdade e o riso iconoclasta conservam uma modernidade surpreendente... Que revolução, seria, de traduzi-lo em árabe popular ou literário, pouco importa, certamente como vacina salutar para inocular os integristas de todos os lados de hoje em dia.

Quanto a Tertuliano, nascido pagão em Cartago em 155 d.C. que se converteu ao cristianismo, é autor dumas trinta obras, das quais, a sua *Apologética*, de rigor totalmente puritano. Basta citar duas ou três de suas frases que, surgidas desse II Século cristão e latino, pareceriam repentinamente palavra dalgum tribuno misógino e intolerante da África. Por exemplo, extraída do seu opus *Du voile des vierges*, esta afirmação: “Toda virgem que se mostra, escreve Tertuliano, submete-se a uma espécie de prostituição!” e mais longe, “Desde que descobristes a cabeça desta moça, ela não é mais inteiramente virgem aos seus próprios olhos”.

Sim, traduzamo-lo rapidamente em língua árabe, para provar a nós mesmos, pelo menos, que a obsessão misógina que sempre escolhe o corpo feminino como aposta não é especialidade somente “islamista”!

Em pleno Século IV, novamente no leste argelino, nasce o maior Africano dessa Antiguidade, e sem dúvida, de toda a literatura: Agostinho, nascido de pais berberes latinizados... Inútil detalhar o trajeto tão conhecido desse Pai da Igreja: a influência de sua mãe Monique que o acompanha de Cartago até Milão, seus sucessos intelectuais e mundanos, depois a cena do jardim que condiz à sua conversão, seu retorno à casa paterna de Thagaste, seus inícios do bispado em Hipona, enfim seu longo combate de pelo menos duas décadas, contra os Donatistas, esses Berberes cristianizados, mas duramente rígidos na sua dissidência.

Após vinte anos de lutas contra estes últimos, eles que seriam os “integristas cristãos” de seu tempo, estando mais em contato com os seus Seguidores falando berbere, Agostinho crê tê-los vencido: Justamente, ele se imaginava triunfar em 418, em Cesárea de Mauritània (a cidade da minha família e duma parte da minha

infância). Ele se enganou. Treze anos mais tarde, ele morre, em 431 em Hipona, sitiada pelos Vândalos vindos da Espanha e que, sobre essas costas, acabaram, num ano somente, por quase tudo destruir.

Assim, esses grandes autores fazem parte no nosso patrimônio. Eles deveriam ser estudados nos liceus do Magrebe: em língua original ou em tradução francesa e árabe.



Lembramos que, durante séculos, a língua árabe acompanhou a circulação do latim e do grego, no Ocidente; até o fim da Idade Média.

Depois de 711 e até a queda de Granada em 1492, o árabe dos naturais da Andaluzia produziram obras-primas das quais os autores, Ibn Battouta o viajante nascido em Tanger; Ibn Rochd o filósofo comentando Aristóteles para recusar El Ghazzali, enfim o maior místico do ocidente muçulmano, Ibn Arabi, viajando de Bougie até Túnis e de lá, retornando a Cordue e depois a Fés. A língua árabe era então veículo igualmente do saber científico (medicina, astronomia, matemática etc.). Assim, é novamente na língua do outro (os Beduínos da Arábia islamizando os Berberes para conquistar com eles a Espanha) que meus ancestrais africanos vão escrever, inventar. O último dentre eles, figura de modernidade marcando a ruptura, Ibn Khaldoun, nascido em Túnis, escreveu sua História dos Berberes na Argélia; no meio do Século XIV. Ele terminará sua vida em 1406 no Oriente; como Ibn Arabi quase dois séculos antes.

Para esses dois gênios, o místico andaluz, o cético inventor da sociologia, a língua de escrita parece movê-los, eles, como cidadãos do mundo que preferem exilar-se da sua terra mais do que da sua escrita.

Para que me serve hoje a minha língua francesa? Eu me pergunto quase ingenuamente. Desde a idade de vinte anos, eu escolhera ensinar na universidade a história do Magrebe.

Como o Decano Vedel, eu gosto nessa profissão a independência intelectual que ela me assegura, assim como nos contatos com as jovens mentes; comunicar-lhes sobre o que gostamos, ficar alerta com eles que os aguilhoam enquanto se avança na idade. Depois de tudo, eu só mergulhei na atividade do meu país que,

professor nos anos trinta, em plena montanha argelina, único numa escola em que não chegava nem a estrada, escolarizava em francês, rapazinho, e dava algumas aulas aos adultos, montanhese de sua idade, aos quais ele garantia uma formação acelerada em francês, preparando-os assim aos pequenos trabalhos de administração para que as suas famílias tivessem recursos regulares.



Desde a idade dos meus quinze anos, eu aderi a uma concepção fervente da literatura: “Eu escrevo para me percorrer” dizia o poeta Henri Michaux. Eu adotei, em silêncio esse lema.

A escrita se tornou para mim atividade frequentemente noturna, em todo caso permanente, uma busca a fazer quase perder o sopro... Eu escrevo por paixão de *ijtihad*, quer dizer, de busca tensa em direção ao o quê, em direção a si primeiramente. Eu me interrogo, como quem, talvez, depois de tudo, como o herói metamorfoseado de Apuleio que viaja em Tessália: só que eu não quero reter, dessa pretensiosa aproximação que a mobilidade das vagabundagens deste Lucius, duplo do autor, meu compatriota de dezenove séculos antes...

Por acaso, me dirão vós, escreves, tu também, metamorfoseada, mascarada, e essa máscara que, no entanto, tu não procuras arrancar, seria a língua francesa?

Há décadas, essa língua não é mais para mim língua do Outro - quase uma segunda pele, ou uma língua infiltrada em vocês próprios, sua batida contra o vosso pulso ou muito perto de vossa artéria aorta, talvez também cernindo o vosso calcanhar um nó, ritmando vosso andar (pois eu escrevo e ando, quase todos os dias, no Soho ou sobre a ponte de Brooklyn)... Eu só sinto então o olhar na imensidão dum nascimento no mundo. Meu francês se torna a energia que me resta para beber o espaço azul cinza, todo o céu.

Eu poderia ter sido, no fim nos anos 1970, ao mesmo tempo cineasta de língua árabe e romancista francófona. Apesar dos meus dois longas-metragens, saudados em Veneza e em Berlim, se eu tivesse persistido em me bater contra a misoginia dos defensores do cinema de estado do meu país, com sua caricatura

são-sulpicianas do passado, ou suas imagens dum populismo entristecedor, eu teria sido asfixiada como o foram vários cineastas seriamente formados anteriormente. Essa esterilidade das estruturas anunciava, de fato, na Argélia, a lâmina de fundo da intolerância e da violência da década de 1990. Eu teria, portanto, arriscado viver surda e cega dalgum modo, porque teria sido proibida da criação audiovisual.

Mas, das minhas observações para buscar a memória das camponesas nas montanhas do Dahra, em língua árabe ou por vezes berbere fundindo na lembrança das dores esfoladas, eu recebi uma comoção definitiva. Um enriquecimento; Eu diria até mesmo uma lição ética e estética, da parte das mulheres de todas as idades da minha tribo materna: lembrando-se do seu passado vivido pela guerra da Argélia, mas também evocando o seu cotidiano. Sua palavra se libertava com imagens surpreendentes, de pequenas narrativas amargas ou engraçadas, deixando sempre afluir uma fé amarga ou serena, como uma fonte que lava e apaga os rancores. Reaprendendo a ver, desejando transmitir numa forma quase virgiliana, esse real, eu encontrei uma unidade interior, graças a essa palavra preservada de minhas irmãs, ao seu pudor de que não se sabe, se bem que o som de origem começou a fermentar dentro do coração do francês da minha escrita. Assim armada ou reconciliada, eu aprendi totalmente a amplitude.

Ora, lá, sobre essa costa sul que eu deixei, quem olha doravante senão cada mulher que não tinha outrora direito de olhar, apenas de andar abaixando os olhos, envelopando face, fronte e corpo inteiro de panos diversos, de lãs, de sedas e de catfans? Corpo móvel que, ao mesmo tempo em que a escolarização das meninas de todas as idades se impõe nas vilas mais pequenas, parece ainda sobre controle?

A jovem mulher arquiteta em *La Nouba des femmes du Mont Chenoua* retorna à sua região de infância. Seu olhar pousado sobre as camponesas busca a troca de palavras; suas conversações se entrelaçam.

É por acaso que a maior parte das obras de mulheres, no cinema, traz ao som, à música, ao timbre das vozes presas e surpresas, um relevo tão predominante quanto a própria imagem? Como se fosse necessário aproximar-se lentamente da tela,

povoá-la, mas levado por uma voz plena, dura como uma pedra, frágil e rica como um coração humano.

Assim, eu fui, no trabalho de imagens-sons. Porque eu me aproximava duma língua materna que eu só queria perceber no espaço, tentar fazer-lhe tomar um ar, definitivamente! Uma língua de insolação que ritmaria por fora dos corpos de mulheres circulando, dançando, sempre por fora, desafio essencial.

Quanto à língua francesa, ao fim de que transumância, trançar essa língua ilusoriamente clara na trama das vozes das minhas irmãs? As palavras de qualquer língua se apalpam, soletram-se, voam como uma andorinha que revoa, sim, as palavras podem se exalar, mas seus arabescos não excluem mais nossos corpos portadores de memória.

Dizer, sem grandiloquência, que minha escrita em francês é semeada pelos sons e os ritmos da origem, como as músicas que Bela Bartok veio escutar em 1913, até nos Aurès. Sim, minha língua de escrita se abre ao diferente, desaparece dos interditos paroxísticos, estica-se para não parecer somente uma simples trança fora, perfilada de silêncio e de plenitude.



Meu francês iluminou-se, assim, desde os vinte anos, na noite das mulheres do Monte Chenoua. Parece-me que estas dançam ainda para mim nas grotas secretas, ao passo que o Mediterrâneo deixa centelhas aos seus pés. Elas me saúdam, protegem-me. Eu levo além do Atlântico os seus sorrisos, imagens de “shefa’ ”, ou seja, de cura. Pois meu francês, dobrado pelo veludo, mas também de espinhos das línguas outrora ocultadas, cicatrizará talvez as minhas feridas memoriais.

Senhoras e Senhores, é meu voto final de “shefa’ ” para nós todos, abramos escancaradamente esse Kitab el Shefa’ ” ou Livro da cura (da alma) de Avicenne/Ibn Sina, esse muçulmano de Espahan do qual a precocidade e a variedade prodigiosa do saber, quatro séculos antes do Pic da Mirândola, admirou letrados e cientistas que o seguiram...

Eu não posso, para concluir, impedir-me de me voltar para François Rabelais, “o grande atravessador das vias periclitantes”. Como o chama François Bon,

Rabelais, portanto, que em Montpellier, para os seus estudos de medicina, teve de mergulhar nesse *Livro da cura*. Em sua carta de Gargantua a Pantagruel, em 1532, ou seja um século antes da criação da Academia pelo cardeal de Richelieu, já havia dado o conselho de aprender “primeiramente o grego, em segundo lugar o latim, depois o hebraico para as cartas santas, e o árabe igualmente”. Gargantua acrescentava tão logo ao programa: “do Direito Civil, eu quero que saiba de cor todos os belos textos”.

É por isso, Senhoras e Senhores, que eu imagino que neste momento, por cima das nossas cabeças, François Rabelais dialoga no Firmamento com Avicenne, enquanto eu sorrio aqui para o Decano Vedel ao qual, graças a vós, hoje, eu sucedo.